astral **cultural**



LUCINDA BERRY

Autora de *A filha perfeita*

MENTIRAS SUBMERSAS

MENTIRAS SUBMERSAS

LUCINDA
BERRY

Tradução Marcia Blasques

MENTIRAS SUBMERSAS

astral cultural

Copyright © 2023 Heather Berry Esta edição foi feita sob um acordo de licença originário da Amazon Publishing, www.apub.com, em colaboração com Sandra Bruna Agência Literária. Tradução para Língua Portuguesa © 2026 Marcia Blasques Todos os direitos reservados à Cultural Livros e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057

B453m
Berry, Lucinda
Mentiras submersas [livro eletrônico] / Lucinda Berry ; tradução de Marcia Blasques. — São Paulo, SP : Astral Cultural, 2026.
1 Mb ; ePUB

ISBN 978-65-5566-663-2 (e-book) Título original: Keep Your Friends Close 1. Ficção norte-americana 2. Suspense I. Título II. Blasques, Marcia
25-4758CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Editora

Natália Ortega

Editora de arte Tâmizi Ribeiro

Coordenação editorial Brendha Rodrigues

Produção editorial Gabriella Alcântara e Thais Taldivo Preparação de Texto Wélida Muniz

Revisão de texto Alexandre Magalhães e Mariá Moritz Tomazoni Design de capa Thais Taldivo

Livro digital Lucas Camargo

Foto da autora Jocelyn Snowdown, 2025

Foto de capa Magdalena Russocka / Trevillion Images BAURU
Rua Joaquim Anacleto Bueno 1-42
Jardim Contorno
Telefone: (14) 3879-3877
CEP: 17047-281

SÃO PAULO
Rua Augusta, 101 Sala 1812, 18º andar Consolação Telefone: (11) 3048-2900
CEP: 01305-000

contato@astralcultural.com.br
www.astralcultural.com.br

Para o grupo de pessoas mais solidário que já conheci.
Este livro é para vocês, #BookTok.

Mulheres criam laços por meio de segredos. É disto que amizades femininas são feitas: segredos compartilhados. Não importa se são seus ou de outra pessoa. Quer saber as partes ocultas da vida de uma mulher? As coisas que ela mantém escondidas do mundo? Pergunte à melhor amiga dela. Ela sabe todos os segredos.

1

BROOKE

Agora

— Como uma mulher se afoga no próprio quintal, em uma casa cheia de gente? — perguntou o policial, olhando para mim.

Estremeci na beira da cama e tentei manter os olhos fixos nos dele. Os soluços de Whitney atravessavam as paredes da casa de hóspedes. Ela não havia parado de chorar desde que tiraram o corpo de Kiersten da piscina. O vômito de Kiersten manchava meus lábios como se alguém tivesse vomitado em meu rosto. Não importava se eu respirasse pelo nariz ou pela boca, o cheiro pútrido me invadia. Fui seu último beijo.

Os paramédicos não colocaram os lábios nos dela. Os lábios de Kiersten já estavam azuis quando chegaram. Eles me empurraram para longe dela e não perderam tempo, enfiaram um tubo em sua garganta e bombearam ar para seus pulmões.

As roupas molhadas grudavam em mim como se estivessem podres, e eu queria arrancá-las, mas a polícia não deixou eu me trocar. Eles me deram uma toalha e mais nada. Não permitiram que ninguém saísse da casa de hóspedes depois de nos encurralarem ali, dez minutos

antes. A casa principal era oficialmente uma cena de crime, e nenhum de nós tinha permissão para tocá-la.

Veículos de emergência cercavam a propriedade. Suas luzes dançavam e brilhavam como lâmpadas de Natal nas janelas. Mas não era Natal, e não havia emergência. Não mais. Eles tinham chegado tarde demais.

— Talvez possa nos ajudar a entender essa confusão, sra. Lyons? — continuou o policial depois de alguns instantes terem passado sem que eu falasse.

Encarei o distintivo em seu peito estufado: DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE BEVERLY HILLS. Meus dentes batiam quando enfim falei pela primeira vez desde que ele me levara para o quarto.

— Nada disso faz sentido para mim também. Nada.

— Bem, temos que começar de algum lugar, e a senhora é um ponto de partida lógico, já que era quem tentava salvá-la quando chegamos. — Enrijeci com a escolha de palavras dele. Eu não queria aquela responsabilidade. Nunca quis. Ele percebeu minha reação, e logo prosseguiu: — E também pelo fato de ser a única por aqui que não está perdendo a cabeça.

Ele sorriu e deu uma risadinha, tentando aliviar o clima, mas não era engraçado.

De repente, uma mulher invadiu o quarto e o empurrou para o lado, como se estivesse irritada com a abordagem dele. O homem vestia o uniforme policial padrão, mas ela estava com roupas sociais normais. Bem caras. Um ar de chefe megera emanava dela. A mulher cruzou os braços e apoiou a perna na cama. Doc Martens surgiam por debaixo de sua calça.

— Ethan está certo, sabe. — Ela fez um gesto por cima do ombro na direção do policial, e ele me deu um aceno cúmplice. — A senhora é a única mantendo a calma por aqui. Tem formação médica?

Balancei a cabeça em uma negativa e lutei contra o impulso de me desviar de seus olhos penetrantes. Dez anos de escola católica me treinaram bem para ficar parada e não desviar o olhar.

— Humpf… — Fez ela, como se estivesse genuinamente surpresa, mas eu não ia cair naquela encenação. Assim como ela não cairia na minha. — Em geral, pessoas com histórico de trabalho na área médica são as que ficam calmas perto de cadáveres.

— Só tem um — falei, sem pensar.

Ela inclinou a cabeça como se estivesse confusa. Seu longo rabo de cavalo caiu para o outro lado.

— Como é?

— Você disse cadáveres. — Corei, me sentindo subitamente envergonhada. — No plural.

— Tem razão, eu disse. — Um sorriso surgiu no canto de seus lábios. Eu não sabia dizer se ela estava brincando comigo ou se estava achando graça. De qualquer forma, conseguiu me deixar desconfortável. — Sua resposta a toda essa situação é bem interessante, sra. Lyons.

— Talvez eu esteja em choque — sugeri, embora não estivesse, mas ela não sabia disso. Ela não sabia nada sobre mim. Dei de ombros. — Cada um reage ao estresse de um jeito diferente.

Três meses atrás, eu estaria igualzinha a todo mundo do lado de fora do quarto: histérica e aos prantos, desabando no chão recém-reformado. Mas nada mais me abalava. Depois que o pior acontece,

perdemos o medo de que coisas ruins aconteçam. Não que o grito horripilante de Natasha não tenha me assustado, como aconteceu com todo mundo. Assustou, sim. Não tinha como não assustar. Eu nunca ouvi alguém gritar daquele jeito antes, e veio do nada.

Corri para fora junto com minhas amigas, mas o corpo de Kiersten flutuando de bruços na piscina não me afetou como às demais. Eu só conseguia pensar que ela parecia flutuar, boiando como se estivesse fazendo os exercícios que nos ensinaram nas aulas de natação quando éramos crianças. Que tipo de pessoa cruel pensava algo assim sobre a amiga? Enquanto as outras entravam em pânico, era isso que eu estava fazendo, distante de minhas emoções. Completamente alheia. Eu nunca fui assim, mas não sabia mais quem era.

Essa era a parte mais assustadora.

2

WHITNEY

Agora

A porta do quarto se abriu. Um policial conduziu Brooke para fora. Ela ainda estava envolta em uma toalha branca suja. Levantou a cabeça e observou o cômodo. Seus olhos encontraram os meus. Estavam mortos por dentro. Assim como ela.

Ela nem deveria estar aqui. O que ela veio fazer? A culpa era toda dela.

Saltei do sofá e avancei em sua direção, mas Jade pulou e me segurou antes que eu pudesse alcançá-la, puxando-me para trás. Eu me debati de maneira furiosa para chegar até Brooke. Eu só queria machucá-la. Socar seu rosto calmo. Alguém tinha que pagar por aquilo.

— Whit, pare, por favor — exclamou Jade, lutando para me segurar.

Eu a empurrei para longe e avancei em direção a Brooke de novo. O policial saltou na frente dela, bloqueando-a com o corpo, depois agarrou meus ombros e me conteve.

— Jovem — disse ele, com ar severo, embora fosse bem mais jovem que eu —, que tal vir comigo e tirar um minuto para se acalmar?

Não foi uma pergunta. Foi uma ordem direta. Por cima do ombro dele, olhei para Brooke com ódio. Aquilo não tinha acabado.

Ele me conduziu como a uma criança repreendida até o quarto de hóspedes e fechou a porta. A energia de Kiersten me inundou. Esse quarto era todo ela. Ela tinha passado semanas navegando em sites e montando pastas no Pinterest com a designer, tentando escolher os móveis e as cores perfeitas para o espaço. A casa dela era um refúgio para as pessoas. Era assim que ela a via, era assim que queria que fosse. Segura e confortável. Ela era tão gentil. Carinhosa. Tão legal. Todo mundo a amava. Uma luz tão brilhante em um mundo cheio de escuridão.

E agora ela se foi. Em um piscar de olhos, sua luz foi apagada.

Kiersten.

Soluços pesados me tomaram.

Estávamos só dando uma festa. Uma noite só para as mães.

Estávamos no meio de uma festa.

A festa de Kiersten.

Meu Deus. Kiersten.

Perdi a força nas pernas. O policial me segurou e me ajudou a ir até a cama, me sentando gentilmente, como se eu fosse quebrar. Isso não podia estar acontecendo. De jeito nenhum. Era tudo um pesadelo. *Acorde*, gritei em silêncio para mim mesma. *Acorde, por favor!*

Uma mulher com um rabo de cavalo apertado ajoelhou-se à minha frente, na altura dos olhos.

— Sou a detetive Perez e estou aqui para descobrir o que aconteceu com sua amiga esta noite, ok? — Ela indicou a porta às suas costas, e seu parceiro se apressou a fechá-la. — Essa explosão com sua amiga

agora há pouco tem algo a ver com o que aconteceu com Kiersten esta noite?

A pergunta só me fez chorar mais. Não havia uma parte da minha vida que não tivesse a ver com Kiersten. Ela não sabia disso? Engoli os soluços, tentando parar de chorar para poder responder à pergunta, mas não conseguia. Ofegante, puxei o ar algumas vezes, tentando me recompor. Não estava funcionando.

A detetive Perez me observava chorar como se me esperasse parar antes de fazer mais perguntas, mas logo percebeu que isso não ia acontecer. Eu estava arrasada.

— Talvez você possa começar com a razão para todas vocês estarem aqui esta noite? — perguntou ela.

Brooke não tinha contado? Sobre o que tinham falado, então? Sentei-me mais ereta e afastei o cabelo do rosto.

— Estávamos dando uma festa. — Foi tudo o que consegui dizer antes de outro soluço tomar conta da minha voz.

— Parece que foi uma ocasião bem especial — disse a detetive, indicando meu vestido com o nariz ligeiramente empinado.

Era um Armani de doze mil dólares, mas eu não era a única ali usando um vestido de grife. Todas nós usávamos um. Cabelos e maquiagem também estavam impecáveis, como se tivéssemos ido ao Oscar.

— Foi tão especial — falei, em meio às lágrimas. — Nós todas fazemos parte do Clube de Mães de West Hollywood. Esta noite era uma celebração nossa.

Ela pareceu confusa.

— Me desculpe, mas eu não tenho filhos, então vai ter que me dar um pouco mais de informação. O que significa vocês fazerem parte de um clube de mães? E o que estavam celebrando?

— Somos todas mães morando no lado oeste, e nossos filhos têm a mesma idade. A maioria de nós é mãe de primeira viagem, e nossos filhos ainda são bebês. — Parei, tentando pensar direito para poder explicar quem éramos. Ela precisava entender isso sobre nós. — A maioria dos clubes de mães é assim, sabe… mães da mesma região, bebês da mesma idade… mas não somos um clube de mães típico. Temos regras.

— Regras? — Ela ergueu as sobrancelhas.

— Sim. — Assenti. — Basicamente, só permitimos a entrada de pessoas que preencham certos critérios de associação, e todas têm que assinar um acordo de confidencialidade. Temos que ter cuidado com quem deixamos se aproximar de nossos filhos, sabe?

Ela não pareceu impressionada.

— Não sei se entendi. O que há de tão especial no seu grupo?

— Me desculpe. Não estou conseguindo explicar. Eu só… — Suprimi as emoções que tentavam chegar à superfície. — Como posso explicar? — Fiz outra pausa para me recompor. — Todas nós precisamos ter cuidado com quem deixamos se aproximar de nossos filhos. Nosso círculo inclui pessoas muito influentes e bem-sucedidas. Basicamente, todas no grupo são ricas o suficiente para se preocuparem com a possibilidade de os filhos serem sequestrados. Não por predadores repugnantes, mas por pessoas gananciosas. — Lancei a ela um olhar cheio de significado, para ter certeza de que entendia o mundo em que vivíamos, e ela entendeu. A mulher conhecia o bairro e

tinha visto a casa ao entrar. — Então, costumamos nos encontrar toda semana no Grove. Bem perto da fonte. Tomamos café e depois caminhamos, mas às vezes só nos sentamos e conversamos enquanto os bebês brincam na grama.

— Vocês se encontram toda semana? É só isso?

Balancei a cabeça em uma negativa.

— Fazemos muitas outras coisas também. Há uma parte que funciona como um negócio, então temos reuniões nas quais falamos sobre… não sei… coisas de negócios.

— Por exemplo?

Meus pensamentos estavam densos e dando voltas.

— Nós… nós… hum, escolhemos as novas integrantes… falamos delas e, hum, organizamos eventos futuros. — Aquilo era tão difícil. Como eu deveria formular meus pensamentos? Responder a perguntas? — Mas também fazemos outras coisas com as crianças. Tipo, levamos para aulas de mamãe e bebê. Fazemos muitas trilhas. Vamos a bibliotecas. Marcamos encontros para brincar. Estamos apenas tentando sobreviver à fase inicial da maternidade, sabe?

Ela deu de ombros.

— Como eu disse, não tenho filhos, mas já ouvi falar. Muito choro e noites sem dormir. Fraldas. Nunca ter tempo para fazer nada por si mesma porque está sempre cuidando de todo mundo. Cansada. Exausta. Hormônios infernais. Estou certa?

— Basicamente. — Assenti. — Enfim, no mês passado, Kiersten decidiu que deveríamos ter nosso primeiro evento de noite das mães. Como eu estava dizendo, fazemos um monte de coisa juntas. Distração é o que não falta, mas tudo é centrado em nossos filhos ou

em nossos maridos. Nada que seja só para nós, sabe? Então Kiersten decidiu que deveríamos planejar nosso primeiro grande evento sem crianças ou maridos. Uma festa só para nós. — As emoções voltaram a subir em meu peito enquanto eu falava. As lembranças eram insuportáveis.

Kiersten tinha ficado tão animada no dia em que teve a ideia. Ela amava festas. Gostava de se divertir. Era por isso que eu a amava. Todo mundo amava. Ninguém alegrava mais o ambiente do que ela, e ela fazia todos se sentirem a pessoa mais importante ali.

Certa vez, estávamos sentadas uma ao lado da outra no parque, depois que todas as outras mães foram embora, quando ela agarrou meu braço.

— Deveríamos dar uma festa só para mães — dissera ela, do mesmo jeito que tinha sugerido construirmos um *beer bong* na laje da nossa casa da irmandade no segundo ano Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Olhos faiscantes. Sorriso largo. — Sem maridos. Sem bebês. Sem babás. Só a gente. Merecemos um tempo só para sair e nos divertir. Não ter que nos preocupar com ninguém além de nós mesmas a noite toda. Lembra de quando a única pessoa com quem você tinha que se preocupar era você mesma? — E então ela rira. Aquela risada vigorosa, contagiante e envolvente. Aquela que fazia todo mundo rir também. — E, meu Deus — exclamara ela, saltitando em seu assento e segurando minha mão sobre a mesa de piquenique. — Acabei de ter a ideia mais incrível. Sabe o que mais deveríamos fazer? — Sua voz tinha ficado mais alta, ainda mais animada e vibrante. — Uma noite de premiação. Não vai ser divertido?

— Uma noite de premiação?

— Sim, tipo, vamos dar prêmios para diferentes tarefas maternas. Por exemplo, a melhor fazedora de mamadeira ou a melhor em fazer o bebê arrotar. Trocadora de fralda mais rápida. Coisas assim. Vamos tornar tudo isso engraçado!

Ela acabou levando a ideia adiante. Foi seu foco total nas últimas três semanas, e ela tinha amado cada minuto, porque não havia nada de que gostasse mais do que planejar uma festa ou um grande evento. Eu? Eu era um poço de nervos e sentia que nunca fazia nada certo, mas ela era uma mestra.

E não tinha sido diferente esta noite. Tudo estava perfeito: a música, a comida, o bufê… exatamente como ela desejara. Todas estavam se divertindo muito. Justamente do que precisávamos.

A detetive Perez interrompeu minha lembrança, me trazendo de volta ao momento. Este momento terrível.

— Então vocês estavam dando uma festa? — perguntou ela.

— Sim, nós… — Foi tudo o que consegui dizer antes de voltar a chorar. Tinha me mantido firme o máximo que pude, mas eu precisava saber. — Como ela se afogou? — Olhei para a detetive Perez, perscrutando seus olhos. Suplicando por respostas. — Tipo, sério. Como aconteceu? Não tinha como. — Balancei a cabeça, olhando para ela. Para aquele quarto. Aquela situação. — Ela era uma ótima nadadora. Absolutamente incrível. Ela nadava o tempo todo na faculdade. Você sabe disso, certo? — Não esperei que ela me respondesse, porque aquilo tudo era ridículo. — Kiersten não se afogaria assim. É praticamente impossível. E sabe o que mais? A mãe dela fez aquela coisa de jogar o bebê na piscina com as roupas para ver se ele consegue flutuar até o outro lado quando ela era pequena.

Ela tinha nove meses, eu acho. Nove meses. — Eu queria sacudir a detetive. Fazer com que visse que nada daquilo fazia sentido. — Como alguém como ela poderia se afogar? Me diga como… como?

— Não sabemos, e lamento que isso tenha acontecido, mas o que posso te dizer é que faremos tudo ao nosso alcance para descobrir. — Ela tirou o telefone do bolso de trás. — Se importa se eu fizer anotações? — Funguei e assenti. — Tenho que anotar as coisas. Praticamente tudo, ou não consigo me lembrar de nada depois. Enfim… — ela se levantou enquanto falava — teve bebida na festa?

— Claro que teve bebida. Era uma festa — respondi com secura. Não era minha intenção, a resposta simplesmente saiu assim.

— Kiersten bebeu esta noite?

Aquiesci.

— Saberia dizer quanto ela bebeu?

Eu não fazia a menor ideia. Só estava feliz por ela ter bebido, porque Kiersten bêbada era muito divertida. Ela sempre controlava o que bebia quando estava em público. Era de uma família de políticos que abrangia três gerações, então se preocupar com o que os outros pensavam dela e manter uma certa imagem eram coisas que estavam enraizadas em seu DNA. Fazer alguma estupidez por causa de bebida era um risco muito grande.

Era assim que você sabia se era realmente íntima de Kiersten: se ela baixava a guarda com você, e havia pouquíssimas pessoas com quem fazia isso. Ela raramente deixava que alguém a visse bêbada, e eu me sentia especial por ser uma das pessoas em sua pequena lista. Adorava ver todas suas máscaras desaparecerem. E não só as máscaras, mas também o perfeccionismo. Não que ela esperasse o mesmo de todo

mundo. Ela era a alma mais gentil e compassiva com os outros. Eram as exigências que impunha a si mesma. Ela estabelecia padrões impossíveis e se punia de maneira impiedosa quando não os alcançava.

Mas bêbada?

Dava para ver quem realmente era, e era essa versão que eu mais amava. Ela era hilária. Ninguém me fazia rir mais. E ela era feliz. Tinha um sorriso largo e despreocupado. Era assim que eu me lembrava dela. É assim que eu sempre me lembraria dela.

Não daquele jeito horrível, destruído.

Como eu conseguiria apagar aquelas memórias? O jeito como ela estava estendida no concreto. O rosto tão inchado, como se tivesse engolido tanta água a ponto de ficar deformada. E ela não parecia em paz. Parecia assustada. Vulnerável. Aterrorizada. Os olhos das pessoas deveriam se fechar quando elas morressem, mas os dela estavam bem abertos. Saltados e grandes. Como os de um peixe.

Ela se foi. Ela se foi pra valer.

— Eu não entendo. Não consigo entender como isso aconteceu. — Caí em prantos de novo. Ou talvez nunca tenha parado.

A detetive Perez se inclinou e repousou a mão em meu braço.

— Você pode me contar como a encontrou?

— Não posso. Eu não sei. — Balancei a cabeça. — Eu simplesmente não sei. Ela estava conosco. Ela estava lá. — Apontei para fora, como se ela estivesse ali, bem atrás da porta. Ao meu lado na sala de estar, onde eu pensei que ela tinha passado a noite toda, exceto por alguns momentos. — Eu tinha dito a ela para pegar outra

garrafa de vinho e voltar logo. Não queria que ela perdesse nada. Estávamos nos divertindo tanto. Ela estava lá. Ela estava bem ali.

E agora ela se foi. O vazio que ela deixou partiu meu coração ao meio. Ela era o meu tudo. Mais próxima de mim que meu marido. Ela vinha antes de qualquer coisa, mas então se foi.

— Kiersten não pode ter partido. Não é possível. — Meneei a cabeça. — Não. — Como se dizer em voz alta fosse fazer com que ela voltasse. Fosse trazê-la de volta.

— É uma situação difícil, e sinto muito pela sua perda. Vocês eram próximas?

— Ela era minha melhor amiga nesse mundo.

Eu parecia uma criancinha. Não era minha intenção. Chamá-la de minha melhor amiga só me fez chorar com ainda mais força. Eu nunca pararia de chorar. Não sabia como viver em um mundo sem Kiersten. E a bebê dela?

Quem vai cuidar de Rinley?

Meu Deus. Rinley.

Um bebê não podia ficar sem mãe.

— Isso não está certo.

Eu não percebi que havia falado até a detetive Perez passar um braço ao meu redor. Ela me firmou na cama, mas eu ainda sentia como se estivesse caindo. Belisquei a parte interna da coxa. A dor familiar que podia me trazer de volta. Sempre funcionava com meu marido, Colin. Mas eu não era ele. E não conseguia me controlar. Eu queria enfiar uma faca nas minhas entranhas para fazer a dor parar. Arrancar a pele do corpo. Em vez disso, chorei.

— Está tudo bem — disse a detetive Perez, tentando me abraçar de novo, mas eu não queria que ela me tocasse. Não queria que ficasse perto de mim. Eu queria Kiersten.

— Não — exclamei, me afastando. — Por favor, não. Eu não consigo. Meu Deus, eu não consigo. Não vou ficar bem.

Nós costumávamos conversar sobre a hipótese de nossos maridos morrerem. O que faríamos. Mas nunca sobre uma de nós. Nunca fora uma possibilidade.

— Você quer que eu chame uma de suas amigas para vir ficar com você?

Eu não queria nenhuma das minhas outras amigas. Eu queria Kiersten, mas nada a traria de volta. E então veio esse uivo. Esse uivo terrível que preencheu o quarto. Demorei um segundo para perceber que o som vinha de mim.

3

JADE

Agora

A detetive Perez colocou a cabeça para fora da porta, e todo mundo congelou, incluindo os policiais que estavam ali pelo cômodo sem fazer nada. Havia praticamente um para cada uma de nós.

— Alguém pode vir aqui ajudar a Whitney?

Todos os olhos se voltaram lentamente para mim. Fiz que não. Aquela era função de Kiersten. Kiersten ajudava Whit quando ela estava chateada. Eu não conseguia. Eu não era a segunda opção. Mas alguém tinha que ir. Os sons que ela fazia lá dentro pareciam os de um animal ferido. Como se estivesse sendo atropelada várias e várias vezes. Eu queria cobrir os ouvidos, não ficar lá com ela.

Mas alguém precisava apoiá-la. Ficar lá até os paramédicos chegarem. Eles trariam algo para acalmá-la. Alguns dos policiais cochichavam no canto, perto do bar de vinhos, falando do que estava acontecendo. Parecia que chamariam a equipe de psicólogos também.

Psicólogos me assustavam mais que a polícia. Whitney precisava se acalmar.

— A pobrezinha não consegue se controlar — ouvi o cara gordinho dizer para a mulher com um corte de cabelo estilo militar.

Mas ele não falou como se sentisse pena de Whitney. Falou como se zombasse dela. Ele revirou os olhos e apontou ao redor de si para a casa de hóspedes e todas nós trancadas aqui dentro. A casa de hóspedes devia ser maior que a casa dele.

Sim, Whitney era uma princesa mimada vivendo em um palácio, mas a melhor amiga dela tinha acabado de morrer. E não era qualquer melhor amiga; era uma amiga de infância. Como ela deveria reagir?

Me levantei devagar. Eu era mesmo a segunda opção lógica? A substituta? Os olhos de todos me fitavam, me deixando enjoada, e esquadrinhei o quarto até encontrar os de Natasha. Ela me deu um breve aceno de cabeça, e reprimi meus sentimentos. Segui a detetive Perez para dentro do quarto.

Whitney estava encolhida em posição fetal na beirada da cama, com os olhos vermelhos e fechados de tão inchados. Manchas escarlate cobriam seu rosto. Ela soltava uns gemidos baixos repentinamente, pontuados por outros dolorosos, como se tivesse acabado de ser chutada nas costelas. Fui em sua direção a passos lentos e parei constrangida ao seu lado. Deveria me sentar? Ficar de pé? Eu queria tocá-la, mas sem a assustar. Mais cedo, ela tinha tentado arrancar os olhos do paramédico que nos colocara ali. Não queria deixar Kiersten.

— Não! — gritara ela, jogando-se sobre o corpo de Kiersten. — Eu vou para onde quer que a levem.

Mas o único lugar para onde estavam levando Kiersten era o necrotério.

— Querida, estou aqui. É a Jade — falei, baixinho.

Minha garganta estava apertada, mas eu não podia desmoronar. Tinha que ser forte. Ela precisava de mim.

Whitney continuou encarando o nada, como se não tivesse me ouvido e eu não estivesse parada ao lado dela. Seus olhos estavam vidrados, perdidos em algum lugar. Ela parecia um cervo estraçalhado, largado na beira da estrada. Eu odiava vê-la assim.

Levante-se. Era o que eu queria dizer a ela. *Você não pode ficar parada aí. Você precisa se levantar.* Ela era a forte. Se desmoronasse, o que o resto de nós faria? Mas eu não podia dizer aquilo.

Então estendi a mão e fiz carinho em suas costas. Estava úmida por baixo do Armani com decote em V nas costas. Ela estivera tão obcecada pela peça que chegou a emagrecer três quilos para caber nela, como se aquela fosse uma verdadeira noite de premiação. E havia sido tão mágico.

— Vai ficar tudo bem — disse eu, mas não ia. Nós duas sabíamos disso.

Nada jamais voltaria a ser bom, ou igual, depois desta noite. Para nenhuma de nós. Ela tremia sob meu toque. Voltei-me para o policial que restava no quarto. A detetive Perez havia sumido. Eu nem tinha notado, tamanha a rapidez com que ela saíra de fininho. A mulher era sorrateira. Eu não tinha certeza se gostava disso. Pessoas sorrateiras me deixavam nervosa.

— Posso levá-la para casa?

Aquele lugar era confinado demais. As paredes se fechavam sobre nós. O ar estava denso de tristeza e suor. Tanto que dificultava a respiração.

Ele negou com a cabeça.

— Ainda vai demorar um pouco.

Ele viu minha expressão de aborrecimento e deu de ombros.

— Desculpe. Temos que processar a cena, e nenhuma de vocês pode sair até terminarmos.

— Quanto tempo…

Antes que eu pudesse terminar, a porta se abriu e dois jovens entraram. Não usavam uniforme da polícia como todos os outros que infestavam a propriedade feito formigas. Estavam com roupas normais. Um deles carregava um kit médico como os paramédicos. Ele se apressou até Whitney e rapidamente ajoelhou-se ao lado dela.

— Ei, querida — disse ele, com a voz mais calmante do mundo. — Meu nome é Carl e sou um dos técnicos da equipe de resposta a crises. Nunca sou chamado à casa de alguém quando está tudo bem, então quero começar dizendo que sinto muito que esteja tendo um dia tão terrível. Sinto muito mesmo.

Ele respirou fundo ao terminar. O homem era tão calmo. Não se apressou para preencher o silêncio. Simplesmente ficou ali, equilibrando-se nos calcanhares.

A mera presença dele acalmou os meus nervos, mas não pareceu surtir efeito em Whitney. Ela continuava no mesmo estado. Na mesma posição.

Um dos outros policiais se inclinou para sussurrar no ouvido dele:

— Cuidado. Ela fica bem até você tentar movê-la. É aí que ela surta.

Só que não foi um sussurro. Foi alto o suficiente para eu ouvir e para Whitney, também, se ela se importasse, mas ela havia se desligado. O médico lançou um olhar irritado ao policial, e eu me

senti grata por isso. Não havia razão para tratar Whitney daquele jeito.

— Tenho alguns remédios que posso dar para você se sentir melhor. Vão ajudá-la a dormir. Às vezes é tudo o que podemos fazer quando algo muito ruim acontece — disse Carl.

Ele ia dar a mesma coisa a todas nós quando saíssemos dali? Eu ia precisar também. Whitney não era a única que teria dificuldade para dormir à noite.

Tirei o cabelo grudado de ranho do rosto dela e acariciei sua cabeça.

— Amorzinho, ele vai dar uma injeção em você, ok? — Falei com ela do mesmo jeito doce que falava com minha filha, Lily, quando queria persuadi-la a tomar injeções no pediatra.

Whitney soltou um gemido baixo. Mas não demoraria muito para seus lamentos voltarem. Ela estava assim desde o incidente.

A sensação era de que nada daquilo era real. Até a cena do crime parecia mentira.

O vestido branco de Kiersten parecera um balão enorme flutuando sobre a água. Como se ela estivesse parada na piscina, só que não estava. Os dedos dos pés dela não tocavam o fundo. Ela estava boiando. Foi o que todo mundo tinha pensado que ela estava fazendo no início. Até que ela não respondeu.

— KayKay? — Foi o que Natasha gritou ao avistá-la na piscina.

Ela tinha ido até a cozinha pegar o prato de biscoitos da Crumbl e estava levando-o para a sala quando olhou pela janela.

— Não sei o que me fez olhar para fora. E se eu tivesse olhado antes? E se eu pudesse tê-la salvado? — ela continuava repetindo para

quem quisesse ouvir.

Mas não tinha como ter feito algo antes. Ela só saíra da sala por alguns segundos. Só o tempo de ir correndo à cozinha pegar os biscoitos na bancada. Algo a tinha feito olhar. Foi quando avistou Kiersten lá fora. Boiando.

— KayKay? — ela a chamara de novo pelo apelido.

Quando Kiersten não respondeu uma segunda vez, ela se assustou e correu lá para fora, até a beira da piscina.

Deu um grito. E então simplesmente paralisou.

Ela disse que tinha demorado um segundo para registrar a cena antes de pular na água. Então se transformou em uma idiota. Debatendo-se e espirrando água ao redor de Kiersten, tentando salvá-la, mas apenas piorando a situação. Tão histérica que daria para pensar que era ela quem estava se afogando. Mas é assim que algumas pessoas reagem ao trauma. Perdem o controle. Então o restante de nós foi até lá correndo.

Eu não sabia como reagiria ao trauma. Nada tão ruim assim tinha acontecido comigo antes. Mas eu logo descobriria.

Carl não falou enquanto abria a maleta e tirava de lá o kit de agulhas.

— Vou precisar do seu braço. Pode estendê-lo por apenas um segundo? Prometo que será só isso.

Ele fez uma pausa, esperando o consentimento dela. Ela permaneceu em silêncio.

— É só um segundinho.

Nada.

— Whit, ele pode dar o remédio para você? Vai te fazer se sentir melhor — falei, esperando que respondesse à minha voz. O remédio não tiraria a dor dela, mas pelo menos a colocaria para dormir Daria a ela um momento de nada. Era preferível a isso.

Ela me ignorou também.

Coloquei a mão em seu ombro e a empurrei um pouco.

— Você pode estender o braço para ele?

Nada ainda.

— Posso ajudar você a fazer isso? — perguntei.

Um aceno quase imperceptível. Olhei para cima e fiz contato visual com Carl. Trocamos consentimento sem palavras. Afastei um dos braços de Whitney da cabeça dela e o coloquei reto no colchão. Carl foi rápido, e tudo acabou em segundos. Ela sequer estremeceu. Coloquei a mão dela no lugar e acariciei suas costas até que os olhos se fechassem. Não demorou muito. A cada poucos segundos, seu corpo estremecia de modo violento, mas ela seguiu dormindo.

Soltei um suspiro de alívio quando Carl guardou as coisas na bolsa e se levantou. Ele me deu um aceno e um sorriso ao sair, bem na hora em que a detetive Perez voltava para o quarto. Ela pareceu satisfeita ao ver Whitney dormindo aos pés da cama. Fui em direção à porta, mas a detetive fez sinal para que eu permanecesse onde estava e a fechou.

— Ótimo. Estou feliz que ela finalmente tenha encontrado um pouco de paz. — A detetive apontou para o lugar ao lado de Whitney na cama, como se quisesse que eu me sentasse, mas preferi ficar de pé. — Já que estou aqui com você, pode me dizer o que aconteceu esta noite?

4

BROOKE

Antes

Desde que saímos de casa, Julian não tinha parado de gritar nem ficado mais sossegado. Nem mesmo o trajeto de carro fez diferença. Quando ele ficava assim, não havia nada que o fizesse parar. Ele só precisava chorar até cansar. Encaixei meus AirPods com força nos ouvidos e aumentei o volume do telefone, mesmo que já estivesse no máximo. Eu só precisava de silêncio. Apenas por um minuto. Silêncio. Um momento para respirar antes de sair do carro e ter que encarar todas aquelas mulheres.

Como Abby ousava agir como se não fosse isso que ela queria? Meu sangue ainda fervia. Agarrei o volante com as duas mãos para evitar que tremessem. As palmas estavam suadas. Ela estava desesperada para ter um bebê. Tínhamos passado três anos sem falar de outro assunto: como os criaríamos, onde viveríamos quando fossem mais velhos para que frequentassem boas escolas, os medos que ela tinha em relação a ser mãe, como trabalharíamos em equipe para que as crianças não preferissem uma de nós em detrimento da outra. Assim, ela estava de acordo com tudo aquilo. Nossa vida doméstica sempre tinha sido mais ideia dela do que minha. Ela queria

a vida familiar tradicional típica de comercial de margarina. Já eu teria me satisfeito com muitas outras opções.

O alarme do carro ao meu lado disparou, e dei um pulo. Eu tinha que me acalmar. Precisava me acalmar.

A razão de tudo aquilo era ela não ter podido dar à luz a Julian. Ela não conseguiria dar à luz a nenhum bebê. Mas não sabíamos disso quando começamos a jornada rumo à maternidade. Foi quando tudo deu errado. Tudo seria diferente, e nada disso estaria acontecendo agora se as coisas tivessem saído de acordo com os planos dela: ela daria à luz ao primeiro bebê, e eu, ao segundo. Naquela época, nós queríamos pelo menos dois e que cada uma de nós tivesse a experiência da gravidez. E ela nunca admitiria, mas estava torcendo para que tivéssemos um menino e uma menina. Nossa família perfeita e completa. Era assim que ela queria. Era assim que ela via. Foi assim que ela projetou.

Agora, tudo aquilo parecia uma piada. Em menos de meio segundo, eu estava chorando. Estava sempre à beira das lágrimas. Nem me esforcei para tentar contê-las.

Tudo tinha que seguir conforme o planejado por ela. Sempre foi assim. Controle era um dos principais problemas que ela tratava quando nos conhecemos, há mais de oito anos. O divórcio não foi diferente.

O divórcio. Eu odiava o jeito que a palavra soava na minha cabeça. Ainda não conseguia dizê-la em voz alta. Por isso não tinha contado a ninguém. Todos sabiam que andávamos tendo problemas e que estávamos separadas, mas ninguém sabia que a palavra com D tinha sido proferida. Tinha sido mais do que proferida.

Abby simplesmente entrou na cozinha enquanto eu descarregava a lava-louças, quatro noites atrás, e anunciou:

— Não quero mais continuar casada com você.

Nada de rodeios. Não dava para ser mais claro do que isso. Não foi um *Estou confusa e preciso de um tempo para pensar nas coisas* ou *Não tenho certeza se quero continuar com isso*. Ela caiu fora. Simples assim. Em um piscar de olhos.

Como ela foi capaz? Como podia simplesmente pular fora?

O casamento também tinha sido ideia dela. Assim como ter filhos, e eu a deixei me convencer das duas coisas, do mesmo jeito que a deixava me convencer de tudo, como uma tonta estúpida. Desisti de tudo por ela. De tudo. De cada pedaço de mim. Por quê? Por que fui tão burra?

Porque eu a amava.

Ainda amo. Mesmo agora.

Eu acreditava em nós. No amor. No amor verdadeiro e real. Do tipo que pouquíssimas pessoas encontram, mas nós tínhamos dado sorte. Éramos feitas da matéria de que eram feitos os romances. Éramos o clichê "de amigas a namoradas", destinadas ao felizes para sempre. Como o contrário seria possível? O fato de sermos colegas de quarto em um centro de tratamento significava que tínhamos nos visto em nosso pior e sabíamos tudo uma sobre a outra antes de nos tornarmos mais do que amigas. Fomos melhores amigas durante o primeiro ano de recuperação e o maior apoio uma da outra. Quando enfim ficamos juntas, foi como um doce presente, nunca tendo que ser ninguém além de nós mesmas, porque era quem sempre tínhamos sido uma para a outra.

“Eu não posso deixá-la jamais. Ela sabe todos os meus segredos”, costumava ser a piada favorita de Abby nas festas, mas ela não estava brincando. Ela adorava não ter que esconder nada de mim. Era isso o que mais me irritava… era a história da vida dela!

E ela a jogara fora como se não significasse nada. Como se jamais tivesse desejado aquilo.

— Desculpa. Achei que era o que eu queria para a minha vida, mas simplesmente não está dando certo — dissera ela enquanto se apoiava na ilha da cozinha, explicando-se. Como se fôssemos uma transação comercial ou uma compra da qual ela tivesse desistido. Mas nós duas sabíamos do que se tratava na verdade.

Liza.

Esse é o nome dela. Descobri na quinta-feira. Não porque Abby me contou. Ela se recusou a reconhecer que havia outra pessoa. Que a infelicidade dela tinha a ver com o fato de ter se apaixonado por outra pessoa.

Eu não me sentia assim há muito tempo. Há anos.

Era o que as DMs dela diziam para Liza. Na outra conta do Instagram dela, da qual ela achava que eu não sabia ou que não tinha a senha. Hackear as coisas dela nunca foi difícil. Para ser franca, ela facilitava demais. Usava as mesmas três senhas para tudo.

Liza Jane.

Tipo, ela tinha mesmo nome de música? Ah, qual é. Ela inventou isso. Não podia ser o nome verdadeiro dela. Devia ser uma daquelas jovens promissoras que tinham deixado a cidade pequena para trás para começar uma nova vida como atriz, e não dava para começar uma nova vida em Hollywood sem um ótimo nome de Hollywood.

Passei a noite toda stalkeando as contas de Liza no Instagram e no TikTok. O TikTok dela era inútil para qualquer coisa pessoal. Ela era uma daquelas pessoas que nunca postavam um único vídeo. E o Instagram não era muito melhor. Até alguns meses atrás — que foi quando eu supunha que tudo tinha começado, já que foi quando as coisas começaram realmente a mudar —, era cheio de fotos de comida e memes engraçados com o gato dela. Quase não havia fotos suas, e nenhuma era recente.

Então tudo mudou. De repente, ela estava postando selfies. Tirando fotos de si mesma em restaurantes chiques e clubes VIP. Espalhando citações inspiradoras entre uma foto e outra, falando de como estava vivendo a melhor fase de sua vida. E eu não estava enganada. Não só ela era de uma cidade pequena, nascida e criada em Iowa até três anos atrás, como também era muito jovem. Tipo, na casa dos vinte e poucos anos, o que pareceu um tapa extraforte na minha cara. Ela também tinha se assumido havia pouco tempo. Era recém saída do armário, e ninguém se apaixona tão intensamente quanto na primeira vez.

Como eu podia competir com tudo aquilo?

Nada da maternidade tinha acontecido como deveria. Desde o começo. Não era fofo, nem sexy, nem divertido. Essas eram as coisas que Abby amava. Era quem ela era. Abby gostava de coisas excitantes. Gostava de coisas divertidas. Era por isso que tinha tantos amigos. Todo mundo queria estar perto dela. Ela era uma daquelas pessoas que dominavam um ambiente com sua energia. Foi o que me atraiu nela também, desde o começo. Quando a vi pela primeira vez na terapia em grupo, pensei que fosse uma das terapeutas. Fiquei chocada

ao descobrir que era uma paciente. Uma viciada em drogas como o resto de nós.

Esperei por ela ontem à noite para que pudéssemos conversar. Eu não tinha ideia de quando ela chegaria em casa, porque, meses atrás, ela parou de me contar o que acontecia em sua vida ou como estava sua agenda. Ela agia como se fosse um grande inconveniente. Como se eu não tivesse mais o direito de saber o que estava acontecendo porque tudo tinha acabado entre nós. O que isso importava? Ela ainda era a mãe do meu filho, e isso vinha com certos direitos e responsabilidades. Coisas sobre as quais nós teríamos que conversar. Ponto-final. Quer ela gostasse ou não. Ela podia me deixar, mas não podia deixar Julian.

Eu andava de um lado para o outro pela sala, esperando por ela. Trabalhar como agente esportivo para alguns dos atletas de elite de Los Angeles significava que a agenda dela era lotada de viagens e atividades até tarde da noite. Foi assim que passamos a maior parte do nosso primeiro ano juntas. Raramente saíamos em LA naquela época. Eu ainda estava na Costa Leste, então, no fim de semana, voava para qualquer cidade onde ela estivesse e ficávamos juntas. Eu parecia uma prisioneira sexual secreta que esperava no quarto de hotel para servi-la entre cada reunião. Aqueles foram os dias em que não conseguíamos tirar as mãos uma da outra.

Ela nem sequer queria me tocar agora. Nunca me ocorreu que era por causa de outra pessoa. Só pensei que era porque eu tinha virado uma massa flácida e ainda tinha varizes na vagina, resquícios do parto.

Eu me forcei a me vestir bem na noite passada, e me odiei por isso, mas não pude evitar. Até coloquei um sutiã normal em vez do sutiã de

amamentação. Eu não aguentava mais a barriga da gravidez. Não era justo. Era para eu celebrar minha feminilidade e exibir as cicatrizes da maternidade como uma campeã, mas queria ser bonita de novo. Eu queria parecer comigo mesma de novo. Não essa pessoa desleixada, acima do peso e com rosto de adolescente cheia de espinhas que chorava com anúncios tristes nas redes sociais.

Era a segunda noite seguida que eu esperava por ela acordada, mas a mesma coisa aconteceu em ambas as ocasiões: eu me sentei no sofá para esperar, mas quando o relógio passou das dez eu mal conseguia manter os olhos abertos. Estava exausta. Estava sempre exausta, já que Julian dormia mal e, quando aquelas ondas de fadiga me atingiam, não dava para lutar contra elas. Minhas pálpebras ficaram pesadas, e, antes que eu percebesse, apaguei.

Acordei no sofá pouco depois da uma da madrugada, desorientada e confusa. Ainda vestida. A boca seca e azeda. Dei uma espiada rapidamente pela janela para ver se o carro dela estava na garagem. Não estava, o que significava que ela não tinha chegado em casa e entrado sorrateiramente, sem me acordar, como fizera na noite anterior. Ela sequer tinha colocado um cobertor sobre mim. Simplesmente me deixara lá no sofá.

Eu me sentei, peguei a caneca de café na mesinha lateral e tomei um bom gole. Ela não ia se safar uma segunda noite.

Não demorou muito para eu ouvir o som do carro na garagem. Me pegou de surpresa, já que os faróis não o precederam, mas não demorei a perceber que ela os desligara de propósito, e meu sangue ferveu na mesma hora. Espiei pela janela e a observei sair do carro e fechar a porta sem fazer barulho. Ela caminhou na ponta dos pés pela

calçada, parecendo uma adolescente quando volta para casa depois de ter saído escondida, tentando não acordar os pais. Caminhou furtivamente até a porta da frente e tentou entrar em silêncio.

Eu estava lá, com as mãos na cintura, para recebê-la.

— Oi — falei, sem nem tentar fingir que não havia nada de estranho no fato de eu estar parada diante dela à uma da madrugada, feito uma louca.

Ela estava com uma expressão de surpresa e decepção que nem tentou disfarçar.

— Como foi sua noite? — perguntei, tentando começar aquela conversa difícil.

Talvez nem fôssemos ter uma das conversas difíceis esta noite. Talvez desse para esperar até mais tarde. Poderíamos ir aos poucos. Mas tínhamos que começar. Tínhamos que encontrar um jeito de consertar aquilo.

— Foi tudo bem — disse ela, tirando os sapatos, e então foi para a cozinha colocar suas coisas no balcão.

Ela continuava olhando pela casa como se procurasse uma saída. Como se o simples fato de estar no cômodo comigo fosse muito desconfortável para suportar. Ela sequer olhava para mim.

— Estou muito cansada. Tive um dia superatarefado e só quero ir para a cama. Podemos não fazer isso agora?

— O que você quer dizer? Não estou fazendo nada — repliquei, tentando soar normal. Tentando impedir que o tom da minha voz subisse. Que soasse forçado. Demasiado confrontador.

— Não quero brigar com você bem na hora de ir para a cama. Tenho um dia ainda mais atribulado amanhã. — Ela esfregou o

pescoço enquanto falava.

— Sim, bem, talvez você não devesse ter saído com a Liza depois do trabalho, então — retruquei. Saiu sem pensar.

— Eu não estava com a Liza. Estava com a Rebecca e a equipe.

— Você não precisa mais mentir para mim.

Ela soltou um suspiro profundo.

— Eu nunca menti para você, Brooke. Não sou mentirosa.

Ela deu outra bufada, como se esta parte do dia, aquela na qual eu estava, fosse exaustiva demais.

— Por que você está agindo assim? — Eu não suportava a apatia ou a indiferença dela. Me deixavam furiosa.

— Agindo como? Não estou fazendo nada. Acabei de chegar em casa depois de um longo dia e quero ir para a cama. Não esperava ser importunada pela minha ex-esposa quando…

Nós duas paralisamos por causa de suas palavras. *Ex-esposa.*

Lá estava. Ela nunca dissera aquilo. Eu nunca tinha me permitido pensar, mas lá estava. Aquela palavra horrível. A ideia inacreditável. Simplesmente caindo como uma bomba ali na cozinha.

Eu ainda sou sua esposa!, quis gritar, mas a expressão em seu rosto me fez engolir as palavras. Não importava que papel algum tivesse sido assinado; para ela, estava acabado. Ela me rotulou como ex. Foi quem me tornei na mente dela. Dava para ver em seus olhos.

Mas ela não era minha ex. Não havia nada de passado nela. Ela era meu presente. Minha vida. Tudo o que eu queria.

Eu corri em sua direção.

— Por favor, não faça isso, Abby. Por favor, não faça isso.

Não conseguia me conter. Tentei agarrar os braços dela e puxá-la para perto de mim, mas ela se afastou. Levantou as mãos para me manter longe.

— Não, Brooke. Por favor, não.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu não queria chorar. Passei o dia dizendo a mim mesma que não ia chorar. *Seja forte*. Mas não conseguia. Não quando estava perdendo o amor da minha vida. E não me importava o que dissessem. Havia apenas uma pessoa para mim. E eu a tinha encontrado. A maioria não encontrava. Eu sempre me senti tão sortuda por encontrar a minha pessoa. Muita gente passava a vida inteira procurando por isso.

— Por favor — supliquei de novo, porque não sabia mais o que dizer. — Só converse comigo. Podemos superar essa situação. Você só precisa me deixar saber o que está acontecendo. Podemos resolver juntas. Sei que podemos.

— Eu já falei o que está acontecendo, Brooke. Não há mais nada para conversar — disse ela, antes de se virar e começar a caminhar pelo corredor até o quarto de hóspedes. Ela se mudara para lá no início do verão. Às pressas, eu a acompanhei.

— Você não pode continuar me tratando como se eu tivesse feito algo errado. Eu não fiz nada de errado. — Puxei o braço dela, tentando pará-la.

Eu odiava o fato de ter soado tão desesperada, o quanto parecia patética, mas não conseguia evitar. Eu continuava agarrando o braço dela e ela continuava se esquivando, até que finalmente me empurrou e eu tropecei, escorando na parede do corredor para me equilibrar. O barulho fez os gritos de Julian ecoarem pela casa. Em vez de

demonstrar preocupação e carinho, ela parecia irritada. Ela sempre agia como se ele fosse um enorme inconveniente. Olhava para ele do mesmo jeito que olhava para mim: com aborrecimento.

E isso partia meu coração por nós dois.

Assim como na noite anterior, quando interrompeu nossa discussão com seus gritos, Julian também interrompeu meus pensamentos no presente, soltando um berro alto no banco de trás. Era alto demais. Uma dor de cabeça já vinha martelando minhas têmporas a manhã toda. A cafeína da madrugada e a falta de sono haviam me esgotado. Eu estava paralisada ali no estacionamento, no banco do motorista. Não queria sair e tentar fingir que tudo estava normal. Não tinha certeza de quanto tempo mais conseguiria aguentar até que algo se quebrasse dentro de mim.

5

WHITNEY

Antes

— Ah, meu Deus — falei, avistando Brooke, que vinha apressada em nossa direção com o carrinho e seu bebê, Julian. Ele estava preso ao peito dela, e ela empurrava o carrinho vazio. A bolsa de fraldas, com o zíper aberto, estava jogada sobre o ombro, com fraldas e lenços quase caindo enquanto ela caminhava. — É Brooke.

Kiersten ergueu os olhos de onde arrumava com cuidado todos os cupcakes que tinha trazido da Sprinkles e os copos de Starbucks para viagem que comprara no caminho, embora tivesse dito que não faria isso.

— Ela parece um pouco abatida.

— Você acha? — Bufei.

Ela parecia abatida havia meses. Desde que a esposa, Abby, disse que o relacionamento das duas tinha acabado. Em geral, tínhamos uma regra estrita de "sem cônjuges" em reuniões ou encontros do nosso clube de mães, mas Abby e Brooke eram ambas mães de Julian, então eram obviamente uma exceção.

— Puxa, eu esperava que Abby viesse hoje. Brooke esteve nas últimas três reuniões.

— Você é terrível! — Kiersten deu um tapa no meu braço com uma pilha de guardanapos. Eu ri e dei um empurrão brincalhão nela.

— Sinto muito, mas as pessoas terminam e se divorciam o tempo todo. Fico mais chocada quando elas permanecem juntas do que quando se separam. Todo mundo tem direito a um bom colapso mental, mas, depois, vamos lá, supere — falei baixinho, bem quando Brooke chegou à mesa.

— Oi, querida! Que bom ver você — Kiersten a cumprimentou, animada, e logo apontou para o café e os cupcakes ao nosso lado. — Sei que está amamentando, mas tem todos esses doces aqui, se quiser. — E abriu um sorriso enorme para ela.

De repente, Julian se agitou nos braços de Brooke e leite jorrou do nariz dele, espirrando na frente da camisa de Kiersten.

— Ah, droga!

Brooke rapidamente pegou um paninho de arrotar da bolsa de fraldas, o que fez o conteúdo se espalhar pelo chão. A bolsa escorregou do ombro dela, e ela tentou pegá-la, quase derrubando Julian, o que o fez chorar aos berros.

— Aqui. Aqui, me dá o bebê — falei, pegando-o dela. Ele gritou e se contorceu no meu colo. Os punhos raivosos e apertados. Brooke desatou a chorar.

— Está tudo bem, está tudo bem — disse Kiersten, enquanto tentava recolher todas as coisas de Brooke e enfiá-las de volta na bolsa de fraldas.

Julian chorou mais ainda. Ele claramente queria Brooke, mas ela nem se moveu. Só ficou ali com os braços ao lado do corpo, chorando. Apertei Julian contra meu peito, grata por Asher ainda estar dormindo

em seu carrinho ao meu lado. Balancei o corpo para a frente e para trás enquanto Brooke continuava parada diante de Kiersten, soltando soluços cada vez mais carregados e descontrolados. Do tipo que sugava a alma.

Kiersten ficou desconfortável, embora não desse para dizer só de olhar para ela. Mas eu a conhecia melhor do que a mim mesma. Todo o seu interior. E, no momento, ela estava surtando, embora envolvesse os braços em torno de Brooke e dissesse para ela não ter vergonha, que ia ficar tudo bem. Ela odiava demonstrações públicas de desordem. Não gostava de explosões emocionais em público. Não tinha problemas em chorar e gritar por causa das coisas, mas gostava de desabafar tudo a portas fechadas. Eu entendia, porque era do mesmo jeito. Por isso éramos melhores amigas. Mas ela manteve seu julgamento sob controle enquanto consolava Brooke.

— Está tudo bem, sério, não é nada de mais. Julian está bem. Ele só levou um susto. Está tudo bem, querida — disse ela, dando o seu melhor para acalmá-la e tranquilizá-la o mais rápido possível.

Tínhamos uma vista perfeita do estacionamento, e as outras mães estavam parando o carro. Não era um bom começo para nosso encontro. Eles deveriam ser divertidos. Leves e animados. Despreocupados. Um momento para não nos importarmos tanto. Esse era o objetivo. O choro de Brooke acabaria com o clima antes que o encontro sequer começasse, e talvez não nos recuperássemos. Ninguém queria uma coisa daquelas.

— Eu só… eu só… — Ela soltava soluços altos enquanto falava. — Estou passando por um momento muito difícil. Abby disse que quer o divórcio. Ela realmente disse essas palavras. Dá para acreditar?

Deus, eu odiava esses momentos. Aqueles constrangedores de término de relacionamento em que a gente não tinha escolha senão tomar partido. Esses eram os piores. Em especial quando eu não estava realmente do lado da pessoa.

Eu odiava sequer pensar nisso, e nunca diria na cara dela, mas Abby tinha razão. Brooke era uma pessoa difícil de se conviver. Ela vivia à beira das lágrimas. Se não estava chorando, então estava brava, e ninguém sabia o que a faria explodir. E, para falar a verdade, ela simplesmente não era divertida. Não só pelo fato de estar sóbria. Abby também estava, e ela era uma das pessoas mais divertidas que eu conhecia. Brooke era séria demais, o tempo todo, em especial em relação às crianças. Como se cada momento da vida delas estivesse em um delicado equilíbrio entre vida e morte.

Ser mãe era importante, e eu estava totalmente disposta a fazer o melhor possível, mas eu tinha que ter uma vida além do meu filho, e a vida de Asher não era esse delicado ato de equilíbrio. Como se ele estivesse a apenas uma escolha parental errada da morte. Não, obrigada. Eu não conseguiria viver assim.

Eu não conhecia Brooke antes de ela ser mãe, mas, pelo que ouvi, a maternidade a tinha mudado. Ela nem sempre foi assim. Parte de mim se perguntava se era hormonal. Nenhuma de nós era tão jovem quanto antes, e as coisas nos afetavam de forma diferente do que se tivéssemos tido filhos aos vinte e poucos anos, mesmo que não quiséssemos admitir. Eu tinha perguntado a Abby sobre depressão pós-parto, mas ela me garantiu que não era aquilo. Eu não tinha tanta certeza, no entanto. Julian já estava com quase seis meses, e ela ainda não havia melhorado. Agora isso?

Kiersten se virou para mim, com os olhos suplicando por ajuda. Eu intervi.

— Olha, sei que deve ser muito difícil. Tipo, eu literalmente não consigo imaginar o que faria se Colin me deixasse por outra mulher logo depois de eu ter o Asher. — Abri meu sorriso mais empático, e realmente sentia muito. Do fundo do meu coração. Perder Colin me destruiria. Mas, em algum momento, como acontece com tudo, é preciso reagir. — Você deve estar obcecada com isso. Sei que eu…

— Estou — interrompeu ela , antes que eu tivesse chance de terminar, claramente ansiosa pela oportunidade de falar do assunto. Como se estivesse apenas esperando o momento certo. — Mal consigo fazer outra coisa. Eu me transformei em alguém totalmente patética que nem reconheço. Quer dizer, quem é essa pessoa?

— É muita coisa. — Assenti bem quando Colleen e Taylor se aproximaram de nós. Graças a Deus. Eu não aguentaria muito mais. — Oi, meninas!

— Oi, esses cupcakes parecem tão bons — disse Taylor, apontando para os de red velvet no centro. Aqueles com recheio de cream cheese de verdade. Kiersten se virou e sorriu.

— Comam tudo, porque eu não vou levá-los para casa.

E não levaria mesmo. Era por isso que ela estava tão magra. Mantinha os doces longe de casa. Ao contrário de mim. Eu não tenho autocontrole.

Colleen empurrava as gêmeas em um carrinho duplo BOB. Taylor segurava o filho preso ao peito em um sling. Provavelmente nem o veríamos enquanto estivéssemos ali. Ele dormia a maior parte do dia e

ficava acordado a noite inteira, mas Taylor não tinha interesse em colocá-lo em qualquer tipo de rotina regular.

"Ele é uma pessoa única, e eu não quero impor padrões e regras. Ele vai ser criado para ser um espírito livre", dizia sempre que alguém lhe perguntava por que fazia as coisas que fazia com ele. Ela havia abraçado a criação centrada na criança e a levado a um nível totalmente diferente do que o resto de nós.

Taylor olhou de relance para Brooke antes de decidir ignorar o que quer que estivesse acontecendo. Preferiu pegar um dos cupcakes e apontou para um lugar à sombra de uma das grandes palmeiras.

— Nós vamos pegar um lugar ali onde não está tão quente. Venha conversar conosco depois. Quero saber tudo sobre a nova aula de spin que você está fazendo.

— Vou, sim — respondi, mantendo o ritmo constante com Julian. Ele finalmente começava a se acalmar. Kiersten retornou a atenção a Brooke. Ela não considerava nenhum evento um sucesso a menos que todos estivessem felizes, e garantir isso era sua missão pessoal.

— Olha, querida, Rinley e Asher estão dormindo. — Ela apontou para onde meu filho estava em seu carrinho, caso Brooke ainda não o tivesse notado, e para Rinley, que também estava dormindo no dela. — Então por que você não deixa Julian conosco por um minuto e vai se juntar a elas? — Ela gesticulou para onde Colleen e Taylor estendiam uma manta para pôr as coisas que carregavam. — Tente não pensar nisso. Talvez ajude se você se der um tempo.

Brooke pareceu insultada, como se Kiersten tivesse sugerido que ela fizesse algo horrível, mas deu meia-volta e foi até Colleen e Taylor mesmo assim. Elas estavam no único ponto com sombra por ali. Foi

por isso que Kiersten o escolhera. Ela sempre chegava vinte minutos mais cedo para reivindicar nosso lugar.

— Nossa — falei, assim que Brooke estava fora do alcance da minha voz. — Isso foi intenso.

— Sim, ela não está nada bem. Sinto pena dela. — Tristeza tomou conta do rosto de Kiersten. — Estou preocupada de verdade. Acha que deveríamos fazer alguma coisa?

Balancei a cabeça em negativa.

— Você não vai querer se meter nisso. Só vai piorar.

— Sim, você tem razão — disse ela, mas não ia me dar ouvidos.

Dava para perceber pelo olhar de Kiersten ao observar Brooke se afastar que ela já tentava descobrir uma maneira de melhorar as coisas para a outra mulher. Ela considerava sua missão curar as pessoas, mesmo que isso significasse se machucar, e eu não tinha um pingo de dúvida de que Kiersten acabaria machucada em meio à crise de Brooke. Porque Brooke era instável, e pessoas instáveis eram perigosas.

6

JADE

Agora

— O QUE ACONTECEU ESTA NOITE? — REPETI O QUE A DETETIVE Perez havia dito, tentando sair do modo cuidar-de-Whitney para responder às perguntas dela. — Eu realmente não sei. — Balancei a cabeça, mas isso só a fez doer. Eu precisava de água. — Foi tudo muito rápido.

E foi mesmo.

Em um minuto, estávamos na sala de estar, dançando como se tivéssemos quinze anos de novo. Estávamos todas bêbadas, exceto Brooke. Não precisávamos de muito para conseguir esse efeito. Pelo menos a maioria de nós. Em geral, duas taças de vinho bastavam, e fomos muito além disso. Todas as outras tinham ido embora. Apenas as principais permaneceram: eu, Whitney, Brooke, Natasha, Kiersten, Taylor e Colleen.

Estávamos dançando. Rodopiando. Girando. Sorrindo. Rindo. Nos divertindo.

No minuto seguinte, o grito de Natasha fez todas nós sairmos correndo.

— Quando foi a última vez que você viu Kiersten antes da piscina? — perguntou a detetive Perez, com a voz seca. Totalmente profissional.

Revirei as imagens daquela noite, tentando afastar as horríveis da piscina, mas não era fácil. Olhos de cadáver queimam a alma da gente.

— Para ser sincera, eu nem sabia que ela tinha saído. Pensei que estivesse o tempo todo com a gente na sala de estar. De verdade.

Eu tinha falado com ela mais cedo.

— Vou correndo pegar outra garrafa de vinho. Você quer alguma coisa? — perguntara Kiersten.

Eu a havia dispensado com um aceno, sorrindo e rindo da Taylor, que falava sem parar da babá. Ela tinha passado a noite agitada com a história, e ficava engraçadíssima quando brava, em especial depois de beber. Era impossível saber o que sairia da boca dela, então eu estava atenta a cada palavra.

— Podia jurar que Kiersten estava parada bem ali ao meu lado, conversando com Taylor. Ela estava quando a história começou — expliquei à detetive Perez. Seu rosto impassível era impossível de ler.

— Quando notou que ela tinha saído?

— Só quando Natasha gritou — respondi, baixinho, como se falar alto fosse acordar Whitney e fazê-la surtar de novo. Ninguém queria isso.

— E então? — perguntou a detetive, gesticulando com o telefone. Até o momento, ela não tinha anotado nada. O celular estava mesmo ligado? Será que estava me gravando em segredo? Havia gravado as outras?

— Eu corri para fora com todo mundo e a vi boiando lá.

— Brooke já tinha pulado na água?

Neguei com a cabeça.

— Ela foi lá para fora com a gente. Mas tinha água para todo lado, porque Natasha já estava na piscina, super-histérica, e quase piorou as coisas para Brooke quando ela foi socorrer Kiersten.

Natasha não soltava o vestido de Kiersten e estava focada demais no fato de o tecido estar enrolado nela. Deve ter pensado que o vestido a estava sufocando, como se fosse por isso que ela se afogara.

— O vestido dela estava enrolado no pescoço. — Era tudo o que Natasha continuava dizendo. Antes e agora. Ela estava fixada no fato. Era difícil saber por que as pessoas reagiram como reagiram aos fatos da noite.

A histeria de Whitney era chocante. Ela foi a que mais demorou para chegar à cena. Estava em um dos quartos, tirando leite com a bombinha. De alguma forma, não notara todo o barulho e a comoção iniciais. Quando chegou correndo no pátio, já tínhamos tirado Kiersten da piscina, e ficou chocada ao encontrar todas nós pairando sobre o corpo estendido no chão. Brooke, frenética, tentava fazer RCP.

— MEU DEUS, KIERSTEN! — gritou Whitney, a plenos pulmões. — O que há de errado com ela? O que aconteceu? O que você está fazendo?

Brooke a ignorou, apesar de Whitney estar gritando a centímetros de seu rosto. Ela manteve o ritmo constante da RCP que vinha fazendo desde que tiraram Kiersten da água. Estava focada. Determinada.

— Você está fazendo tudo errado. Não é assim que se faz. — Whitney tentou empurrar Brooke de cima de Kiersten, mas Brooke não cedeu.

— Whitney, pare, eu sei o que estou fazendo — gritara ela, levando as mãos ao peito de Kiersten novamente e pressionando com força.

Balancei a cabeça, interrompendo à força as memórias. O som do estalo. Ossos fazem um som bem característico quando quebram. Concentrei-me na detetive Perez em vez disso.

Apontei para Whitney, ainda desacordada com seja lá o que Carl tinha injetado nela.

— Tem alguma maneira de eu levá-la para casa e você terminar de nos interrogar lá? — O parceiro dela já tinha dito que não, mas ela estava no controle, então pensei em tentar de novo.

— Não. Desculpe — disse ela, tão inflexível quanto ele. — Vamos processar a cena e tentar tirar as pessoas daqui o mais rápido possível.

— Tommy já foi notificado? Ele já sabe?

Eu não queria estar aqui quando ele ficasse sabendo. Não tinha certeza se conseguiria passar por aquilo.

Tommy era o marido de Kiersten. Ele e Colin eram tão próximos quanto Kiersten e Whitney. Não que tivessem tido muita escolha. Precisavam ser, já que Kiersten e Whitney passavam tanto tempo juntas. Elas costumavam brincar que haviam escolhido os maridos de propósito, para que eles fossem amigos também, mas eu não tinha certeza se estavam mesmo brincando.

— Não gostamos de notificar a família ou o parente mais próximo, especialmente em casos como este, por telefone.

— Então vai só esperar que ele apareça? O pobre coitado vai simplesmente virar a esquina e encontrar veículos de emergência e fitas amarelas cercando a casa? Isso é horrível. Vocês precisam ter um sistema melhor.

Eu não conseguia acreditar que os dois ainda não tinham voltado. Era impossível alguém no bairro não ter postado alguma coisa sobre o que estava acontecendo. O grupo da vizinhança devia estar explodindo. Alguém tinha que ter mandado mensagem para um deles. Era impossível que ninguém os tivesse avisado. A menos que estivessem com o celular desligado. Mas por que estariam?

— Você pode me dizer o que aconteceu com Brooke? — indagou a detetive Perez, ignorando minhas preocupações com Tommy.

— Essa foi a parte mais assustadora. Eu nunca tinha visto alguém surtar daquele jeito antes.

— O que você quer dizer?

— Ela foi a primeira a alcançar o corpo de Kiersten depois da Natasha, e pulou direto na piscina com ela.

Eu não estava muito atrás de Brooke quando ela disparou e saltou na piscina. Seu surto tinha sido estranho porque, meio segundo antes, ela parecia calma e controlada. Então entrou na água e tomou o comando da situação, porque Natasha não estava ajudando em nada. Sem ideia do que fazer, ela tinha ficado parada na água, em pânico, girando em círculos com o vestido de Kiersten.

Mas Brooke?

Ela assumiu o controle como uma militar. Deu ordens a Natasha, que obedeceu quase que instantaneamente. Colleen e Taylor também pularam na água e ajudaram a puxar Kiersten para a lateral e içá-la para fora, mas nem precisavam ter feito isso. É provável que Brooke conseguisse sozinha. Era como se sua força naquele momento fosse sobre-humana. O corpo de Kiersten tombou no pátio como um peixe mole.

Os olhos dela estavam vazios e vidrados. O cabelo tinha caído sobre a testa e coberto completamente seus olhos. Os lábios estavam azul-arroxeados. Ligeiramente entreabertos. E ela estava muito pálida. Como se todo o sangue tivesse sido drenado de seu corpo assim que ela dera o último suspiro.

Brooke continuara firme e segura. Gritando ordens.

— Um. Dois. Três. Empurre. Respire — dizia ela, enquanto alternava a sequência de respiração e compressão.

Mas Kiersten não havia voltado a respirar, e aquilo simplesmente continuou e continuou. Nada aconteceu. Nada mudou. Cada segundo era excruciante. Quando Brooke soltou a cabeça de Kiersten para empurrar o peito dela, a cabeça virou para o lado.

— Respire, Kiersten. Droga, só respire — pedia Brooke, entre dentes. Água escorria da testa dela. Ao fundo, Taylor gritava instruções para a atendente da emergência.

Whitney não aguentou a espera para ver se ela respiraria, se moveria ou mostraria qualquer tipo de sinal vital entre a respiração e as compressões. Tinha se tornado demais. Ela quis tentar também.

E Brooke deveria ter deixado.

Mas não deixou.

— Whitney, saia de cima dela — gritou Brooke, com a mesma voz de comando que usara quando Whitney havia tentado intervir antes.

— Não está funcionando. Você não está fazendo certo. Deixe-me tentar — implorou ela, tentando empurrar Brooke para longe do corpo de Kiersten, sem sucesso.

— Não — insistiu Brooke, sem desviar o olhar de Kiersten enquanto fazia outra manobra no peito dela. Ela deu uma cotovelada

em Whitney para mantê-la afastada, então simplesmente surtou e começou a socar o peito de Kiersten com os punhos, esquecendo-se completamente da parte da respiração. Era frenético e selvagem. *Plaft. Plaft. Plaft.*

— Vamos! — gritou ela. — Respire! — E socou de novo.

Até que os paramédicos finalmente chegaram, graças a Deus, mas não antes de Brooke ter quebrado a costela de Kiersten com os socos. Todas nós tínhamos ouvido o estalo. Aquele estalo horrível.

Estávamos paralisadas, tentando descobrir o que fazer, quando Taylor soltou um grito.

— Eles chegaram! Meu Deus, eles chegaram! — exclamou ela ao telefone.

Colleen atravessou o portão e foi até a entrada da casa, acenando para os paramédicos antes mesmo de eles terem virado a rua. Eles tinham chegado em silêncio. Sem sirenes para alertar os vizinhos ou os paparazzi. Jay-Z morava no final da rua.

Isso fez Brooke parar, mas eu não me esqueceria do que ela tinha feito, mesmo que todas as outras esquecessem. Aquele surto tinha sido estranho. Ponto-final. E claro que a detetive Perez tinha que perguntar sobre ele.

— Alguma ideia da razão para ela ter agido daquele jeito?

Neguei com a cabeça.

— Não tenho a menor ideia de por que Brooke age do jeito que age.

7

BROOKE

Agora

O ar estava denso, cheio de trauma e soluços suprimidos. Ninguém havia dito muita coisa, especialmente para mim, na última hora. Pelo menos Whitney tinha parado de chorar depois que levaram Jade para o quarto. Achei que aquilo não teria mais fim. Era tudo tão estranho, porque eu nunca a tinha visto chorar. Whitney não era do tipo emotiva, mas tudo muda quando se perde a melhor amiga. Se alguém conhecia essa sensação, era eu. Continuava sem entender por que ela tinha ficado tão brava comigo, mas não reagimos a um trauma de modo racional. É algo totalmente límbico.

Um arrepio percorreu meu corpo. Não por causa do frio, mas da memória. Eu estava assim desde que saíra do quarto. Continuava a me ver avistando Kiersten boiando na piscina. Minha mente não parava de repetir aquela cena. Aqueles instantes.

Em um primeiro momento, não consegui registrar o que estava vendo. Lá estava ela. De bruços. Com o longo cabelo castanho espalhado ao seu redor, boiando como cobras d'água. Os braços estendidos ao lado do corpo.

Por que ela está nadando assim?

Foi o primeiro pensamento que tive. E, então, mais alto. *Por que ela está nadando assim?* Eu me dirigi a ela como se estivesse sonâmbula. Como se não conseguisse assimilar tudo. Como se estivesse rastejando até a cama para olhar debaixo dela, em busca do monstro. Eu não conseguia parar; precisava descobrir. Cada passo ficava mais e mais rápido à medida que a ficha caía: ela não estava nadando. Algo estava errado. Muito errado.

E então eu gritei. Assim como Natasha. Mas não me lembro de ter feito isso.

Kiersten!

O nome dela cortou o ar fresco da noite.

E então eu corri. Olhei para o corpo dela, boiando de maneira estranha, e mergulhei. Meu vestido se enrolou nas minhas pernas como se eu estivesse me debatendo na areia enquanto avançava até ela. Pânico martelava meu peito. Agarrei o corpo dela e tentei puxá-la para perto de mim, mas ela estava muito pesada. Levantei sua cabeça.

O rosto estava congelado de terror, como se ainda estivesse tentando respirar. Como se tivesse morrido tentando dar seu último suspiro.

— Socorro! — gritou Natasha, enrolada no vestido de Kiersten.

Eu me lancei sobre Kiersten, tentando desesperadamente puxá-la para cima e para fora. Os vestidos inflaram ao nosso redor, me prendendo. O meu se enrolou nas minhas pernas como uma corda. Embora seu corpo fosse pequeno, estava muito pesado. Era como se ela pesasse cento e trinta quilos. Alguém caiu na água ao meu lado. Colleen.

— Eu pego esse braço. Você pega aquele, e vamos puxá-la no três, ok? — gritei. Ela assentiu, como se houvesse outra forma de responder. Tínhamos que nos mover rápido. — Um. Dois. Três.

Nós a levantamos e puxamos, arrastando-a pela água. Os noventa centímetros até a beira da piscina pareceram dez metros. Mãos brotaram da lateral como uma multidão enfurecida. Todas agarrando e puxando Kiersten, tentando tirá-la de lá. Em segurança. De alguma forma, nós conseguimos. Todas estavam ofegantes e respirando com dificuldade.

— O que fazemos? O que fazemos? — berrava Colleen, frenética.

— Não! Porra de idiota, eu disse para virar no final do cânion. Agora você precisa fazer o retorno — gritou Taylor ao telefone.

— Por que ainda não chegaram? — perguntou Jade por cima dela. — Por que ainda não chegaram? — Ela continuava repetindo para si mesma.

O mundo girou e se inclinou. Vinho. Adrenalina. Medo. Senti que estava desmaiando. Estendi a mão para a cadeira ao meu lado para me firmar. Então rapidamente me ajoelhei ao lado de Kiersten e aproximei o rosto do dela para ouvir e sentir a respiração, mas nem precisava. Algo estava muito errado. Ela não estava respirando. Ela não respirava havia um bom tempo. Senti o pescoço dela, movendo minha mão ao redor dele. Coloquei a outra no peito dela em busca de um batimento cardíaco.

Nada.

Inclinei a cabeça de Kiersten para trás com uma das mãos e tapei seu nariz com a outra. Havia vômito seco nos cantos da boca. Contive a ânsia enquanto colocava os lábios sobre os dela e fazia uma

profunda respiração de resgate. Então foquei o peito dela, unindo as mãos por memória mecânica e empurrando.

— Um. Dois. Três. — Voltei o rosto para o de Kiersten. Comecei de novo.

— Você tem que fazer mais. Você tem que fazer mais. Não é desse jeito — dizia Jade, frenética.

— Cala a boca, você não sabe o que está falando, Jade. É assim que se faz RCP — respondeu Taylor, seca.

De repente, Whitney apareceu, empurrando todo mundo para o lado.

— Kiersten! — Ela parecia uma menininha falando. Jogou-se em cima da amiga, aos soluços.

Colleen a agarrou e tentou tirá-la de lá.

— O que você está fazendo? Sai de cima dela!

Mas Whitney a ignorou. Ela agarrou meu rosto e apertou forte.

— Salve ela — ela praticamente sibilou para mim. — Salve ela, você me entendeu? Ela não pode morrer.

Mas ela tinha morrido.

E eu tinha falhado.

Assim como tinha falhado com meu casamento.

8

JADE

Agora

A água do chuveiro batia na minha pele. Vapor enchia o banheiro. O calor me queimava. Fiquei ali embaixo, tentando lavar a sujeira da noite, mas não me pareceu que seria capaz de tirar tudo aquilo de mim.

Às quatro da manhã, finalmente nos deixaram sair da casa de Kiersten. A cena com Tommy quando contaram sobre o ocorrido com a esposa tinha sido tão horrível quanto eu imaginei. Tommy e Colin chegaram antes de a polícia sequer interrogar metade do nosso grupo. Aonde quer que tivessem ido, os dois tinham se divertido, porque estavam cambaleando de bêbados. Eles sempre me lembravam rapazes de fraternidade, em especial porque era isso que eram um para o outro: rapazes de uma fraternidade em Yale. E dava para perceber. O jeito como jogavam os braços um sobre o ombro do outro e a necessidade de se tocar constantemente. Dando tapinhas e bofetadas. Dez mil piadas compartilhadas entre si.

Estávamos todas lá quando aconteceu. Mas nenhuma de nós queria estar.

Na metade do interrogatório da detetive Perez com Taylor, nós os ouvimos chegar em casa. Um dos policiais havia deixado o comunicador ligado, e ele ficara chiando a noite toda. Ninguém deixou de notar quando a operadora anunciou:

— Marido no local.

Vários códigos e números vieram em seguida, mas quem estava ouvindo não perdeu a parte mais importante: os rapazes tinham chegado.

Dois dos policiais postados na frente da residência levaram Tommy e Colin até a casa de hóspedes. Foi um grande alvoroço de atividade e vozes. Pessoas tentando entrar. Outras tentando sair. Todo mundo desejando que aquela noite nunca tivesse acontecido.

Tommy irrompeu no quarto primeiro.

— O que aconteceu? Alguém me diga que porra está acontecendo. — Mas foi Colin que falou por ele. Tommy estava agitado. Nervoso. Um caco. Mas estava com muito medo de fazer a pergunta.

A voz de Colin tirou Whitney de seu torpor, e ela cambaleou para a sala de estar, bêbada de luto e remédio para dormir.

— Amor? Amor? — Ela arrastava as palavras enquanto percorria o cômodo com os olhos. Seus movimentos eram lentos, embora estivesse frenética. Ela não conseguia vê-lo, apesar de ele estar parado bem na sua frente.

Tommy correu até Whitney.

— O que aconteceu com minha esposa? Whit, onde está Kiersten? Por que ninguém me diz nada? Por favor, me diga o que está acontecendo.

Mas Whit não conseguia falar. Ela só ficou parada ali, soluçando.

Carl interveio.

— Lamento, senhor, mas houve um terrível acidente. — Eu fiquei feliz que fosse Carl. Tinha que ser ele, com sua voz doce e calma. A mesma que havia usado com Whitney. — Sua esposa se afogou na piscina esta noite.

Simplesmente assim. Sem preparação. Sem aviso. Apenas *bum*. Mundo destruído.

O rosto de Tommy perdeu toda a cor. Ficou branco. E então ele começou a tremer, como se estivesse com muito frio ou tendo algum tipo estranho de convulsão. Ele abria e fechava a boca, mas nenhuma palavra saía. Whitney desabou em histeria novamente.

Pobre Colin. Ele não sabia se deveria consolar a esposa ou o melhor amigo. No final, escolheu Whitney, enquanto o resto de nós, mulheres, rodeava Tommy. Natasha o abraçou o mais forte que pôde porque, depois do tremor, ele soltou um soluço de partir o coração, algo que eu só tinha ouvido em filmes. E esperava nunca mais ter que ouvir.

Eu não acordei Ryan quando cheguei em casa. Entrei o mais silenciosamente possível. Quando enfim fomos autorizadas a sair, todas pediram aos maridos para buscá-las na casa de Kiersten, mas eu chamei um Uber. Enquanto todas trocavam mensagens sem parar e conversavam via FaceTime com os esposos, eu deixei o meu em paz. Eu o deixava em paz na maioria das vezes. E isso era um indício de como estávamos. Era impossível não perceber.

Eu não podia, de jeito nenhum, ser a pessoa a lhe dar mais uma notícia ruim. Tinha havido tantas ultimamente, com a mãe dele, Lily, ficando doente e o novo bebê. Todas essas coisas já seriam estressantes

por si só, mas fazia meses que ele estava desempregado de novo. Ainda não contara a ninguém que tinha sido demitido da DreamWorks. Dispensaram metade da equipe dele depois da covid, e, já que ele não tinha contado para ninguém, era meu segredo também.

— Você pode, por favor, contar para seus pais? — eu tinha implorado a ele na outra noite.

Não tinha certeza se conseguiria suportar toda aquela mentira por mais um segundo. Estava ficando cada vez mais difícil manter a fachada com minha sogra, e ela era implacável.

— De jeito nenhum — disse ele, com a mesma recusa irredutível da última vez que havia feito a pergunta.

Desde o momento em que nos conhecemos, ele sempre ficava na defensiva quando se tratava dos pais e de dinheiro. Não era só uma pedra em seu sapato, parecia mais uma montanha. Ele sempre esteve em competição direta com o irmão também. Que era um gênio. Um gênio certificado. Pelo teste da Mensa e tudo mais.

Ryan estava por um fio. Contar a ele mais uma coisa ruim poderia afundá-lo. Kiersten podia não ser amiga dele, mas era minha, e éramos todas próximas. Próximas o suficiente para que o ocorrido o afetasse. Isso lhe daria mais munição para provar quão terrível a vida havia se tornado. Ele ainda não tinha nem quarenta anos, mas a idade pairava no horizonte, e se as coisas não melhorassem logo, eu tinha medo do que poderia acontecer. Não teria problema se ele me largasse. Estávamos nos afastando um do outro um passo de cada vez havia anos, mas eu precisava que ele estivesse por perto, pelas meninas. Mais do que nunca.

A água começou a esfriar. Eu já estava ali há tempo demais. O lugar estava repleto de vapor, como uma sauna. Lutei contra o desejo de ir para o quarto de hóspedes com Iris. Aconchegar-me ao lado dela com o blecaute bem fechado e fingir que nada daquilo estava acontecendo. Mas não importava o quanto quisesse, eu não conseguia.

Fechei a água e saí do chuveiro para me secar. Eu ia superar aquele dia. O vórtice que rodopiava em torno de nós e da nossa família. Eu ia nos tirar daquela. Alguém tinha que fazer isso, porque eu me recusava a me afogar. Estava pensando exatamente nisso no caminho para a festa de Kiersten. Talvez alguma parte de mim sentisse que nosso mundo ia mudar. Como cães que sentem terremotos pouco antes de eles acontecerem.

Nunca fui do tipo que assume a liderança. Estava mais para uma abelha operária. Crescer em uma família de militares faz isso com você. Se nada mais, ensinava a trabalhar, e eu não perdi essa lição. Diga-me o que fazer e eu faço. Sou a primeira a terminar o trabalho. Mas não era boa em bolar o que precisava ser feito. Todos tinham seus dons. Esse não era o meu.

Só que todas as mudanças em nossa família não me deixaram escolha a não ser tomar as rédeas, e aquele dia não seria diferente. Eu passaria a manhã com as crianças e, se Ryan acordasse ao meio-dia e estivesse pronto para se juntar a nós, seria um milagre. A maioria das noites, ele ficava acordado até as quatro da manhã jogando videogame. Ele nunca tinha jogado videogame na faculdade. Havia regredido totalmente para o ensino médio. As coisas tinham ficado ruins a esse ponto.

Eu não estava com raiva. Já tinha superado essa fase havia tempo. Anos e anos, provavelmente. Eu estava em outra posição agora. Uma em que nunca estive antes, e perder Kiersten só fez isso parecer mais real.

9

BROOKE

Agora

Era a primeira vez que nos reuníamos desde o ocorrido.

Cinquenta e duas horas.

Esse foi o tempo que se passou.

Tudo em que eu conseguia pensar era naquela pobre bebê. Rinley. Criada sem a mãe. Ou um irmão.

Kiersten estava grávida.

Ao menos foi o que disseram no jornal ontem à noite. Eu nunca assistia ao noticiário local. Na maioria das vezes, esquecia que tínhamos TV a cabo. Eu não a ligava desde 2020, lá nos primeiros dias da quarentena, quando o mundo virou de cabeça para baixo e nós víamos a contagem de corpos rolar na parte inferior da tela todas as noites. Mas voltei a ligar o aparelho desde a noite do acidente.

Porque era ali que eu obtia todas as informações sobre o caso de Kiersten. Nenhuma de nós que estava lá naquela noite tocava no assunto. Ao menos não comigo. Não que isso fosse incomum. Eu sempre senti como se estivesse me intrometendo. Como se não devesse estar ali. Até onde eu sabia, elas poderiam ter estado na casa umas das outras por dias ou trocando mensagens sem parar.

Não era culpa só delas. Eu tinha consciência disso. E também poderia ter entrado em contato, mas não sabia o que dizer. Para falar a verdade, eu nunca tinha realmente feito parte do grupo. Todas sempre gostaram mais de Abby. Ainda gostavam, embora jamais admitissem.

O Clube de Mães de West Hollywood era apenas para convidadas, e eu só entrei por causa de Abby. Ela tinha sido convidada. Não eu. Sempre fui a segunda opção. Ela apareceu em casa com o convite para mim depois de um de seus eventos.

— Você não vai acreditar, mas tenho um cliente de tênis que joga golfe com Tommy McCann. Louco, né? Enfim, ele disse que a esposa dele pertence a um novo clube de mães em West Hollywood. E quando digo novo, quero dizer que ninguém teve os bebês ainda. Todas estão grávidas, assim como nós. Ele jurou que não era um clube de mães comum. Apenas mulheres muito profissionais que fizeram a transição para a maternidade e querem conviver com outras que fizeram a mesma coisa. Parece a sua cara, não parece? Eu disse que você adoraria ir.

Então eu fui. Sem ela. E embora todas tivessem tentado mudar rapidamente de expressão, não havia como confundir a decepção quando viram que era eu me aproximando da fonte naquela primeira vez, e não Abby. Uma agente de atletas de sucesso definitivamente se encaixava no perfil delas.

Eu não tinha credenciais impressionantes. Pelo menos nenhuma de que elas soubessem. O fato de ter vendido minha empresa de cartão de crédito corporativo por sete milhões de dólares quando tinha vinte e três anos não as impressionava. Se não era algo de que você pudesse se

gabar ou que pudesse postar no Instagram, elas não estavam realmente interessadas.

Mas continuei indo mesmo assim, porque eu queria ter amigas mães. O plano original era Abby ter oito semanas de licença-maternidade, mas todas sabíamos como andava esse plano. Eu estava sem esposa e, pior ainda, sem amigos. Tinha deixado todas as minhas amizades para trás quando me mudei para o outro lado do país para ficar com Abby. Todo mundo em Los Angeles sempre esteve ligado à minha vida com ela depois de nossa recuperação. E isso não me pareceu importante enquanto achava que ficaríamos juntas para sempre, mas me deixou sem ninguém, e é difícil fazer amizades quando se é adulta. Em especial quando não dá para usar o álcool para quebrar a barreira social. Então eu ia ao grupo toda semana.

Os encontros começaram durante a gravidez. Kiersten e Whitney haviam sido as líderes desde o começo. Elas eram as cocapitãs do Clube de Mães de West Hollywood, assim como tinham sido cocapitãs da equipe de líderes de torcida na Pacific Palisades High School.

Eram melhores amigas desde o ensino fundamental, e seus bebês nasceram com apenas cinco dias de diferença. Cinco dias. De jeito nenhum isso aconteceu por acaso, mas elas juravam a todos que não tinha sido planejado. Não acreditei nelas. Os nascimentos foram próximos demais.

E posso apostar que Whitney está grávida de novo.

Foi o que divulgaram ontem à noite no noticiário: Kiersten estava grávida de dez semanas. Eu não tinha me preparado para aquela notícia. Achei que nada poderia me abalar, mas na noite anterior essa teoria tinha ido pelos ares.

Não esperava por essa.

Será que faziam testes de gravidez em pessoas mortas e o dela deu positivo? O que as outras pensavam sobre isso? Elas já sabiam? Whitney devia saber. Não tinha como ela não saber. Mas ninguém tocou no assunto comigo.

As únicas pessoas que falavam comigo eram a detetive Perez e sua equipe. Havia tantos policiais diferentes trabalhando no caso que era difícil acompanhar todos, mas ela estava sempre à frente. Também era ela que ficava atrás do pódio na TV e dava todas as atualizações sobre a investigação. Atualizações constantes. Naturalmente, todos estavam obcecados pelo caso. As pessoas gostavam de dar uma boa espiada por trás da cortina dourada da elite e dos privilegiados. Mas era mais que isso. Em segredo, elas gostavam de nos ver sofrer.

Não dava para culpá-las. Eu também tinha sido assim. Às vezes, ainda era, embora tecnicamente fosse uma delas agora. Vivíamos no mesmo condomínio e no mesmo bairro. Fazíamos compras no mesmo Trader Joe's e comíamos nos mesmos restaurantes chiques, mas eu nunca me senti realmente parte da vida delas. A sensação de sair do meu próprio universo e ser jogada no delas nunca me deixou. Eu era uma alienígena no Planeta Privilégio Branco. Eu não cresci com dinheiro, e pessoas que cresceram sem dinheiro tinham uma infância muito diferente daquelas que cresceram com ele.

Eu nunca me senti tão deslocada. Será que todas contrataram advogados? Era isso o que se fazia nesse tipo de situação? Eu não tinha ideia do que fazer quando recebi a mensagem da detetive Perez de manhã cedo.

Estava tentando fazer Julian mamar quando meu telefone vibrou com uma mensagem de um número desconhecido. Um código de área 818. Eu costumava ficar longe do telefone na parte da manhã, tentando abrir espaço para meus próprios pensamentos, mas não ficava sem ele desde que Abby terminou tudo. Não queria perder a chance de ela me procurar, mesmo que, por ora, ainda morássemos na mesma casa e eu pudesse ir até ela no quarto de hóspedes se quisesse conversar, mas eu tinha me transformado em alguém que não reconhecia. Desesperada e patética. Agarrada a migalhas. Não queria perder a chance caso ela percebesse que havia cometido um erro e quisesse voltar atrás. Era patético da minha parte, mas eu não conseguia parar. Só que a mensagem não tinha nada a ver com Abby:

Aqui é a detetive Perez. Você poderia ligar e agendar um horário para comparecer ao nosso escritório? (818) 922-4185.

Parecia tão inofensivo. Completamente inofensivo. Até que liguei para o número e uma recepcionista atendeu com "Departamento de Polícia de Beverly Hills".

Por alguma razão, eu presumira que nos encontraríamos em um escritório em algum lugar. Tipo, talvez ela tivesse um escritório onde se encontrava em particular com as pessoas, como uma terapeuta ou uma médica, mas não. Nós nos encontraríamos na delegacia.

E eu não era a única que tinha sido chamada.

Dez minutos depois da ligação, as mensagens de texto começaram a pipocar:

Ei. Está acordada?

Você recebeu alguma mensagem estranha hoje de manhã?

Acha que deveríamos conversar?

Não demorou muito para Natasha criar oficialmente um grupo de mensagens de texto chamado AS SEIS: Eu. Ela. Whitney. Jade. Taylor e Colleen. Levou menos tempo ainda para alguém dizer que precisávamos nos encontrar. Ninguém discordou.

10

JADE

Agora

Meu Deus.

Eu andava de um lado para o outro na sala de jantar, encarando a mesa. O que deveria servir? Servir as pessoas seria demais? Elas pensariam que eu estava tentando fazer alguma homenagem estranha para Kiersten? Não queria ofender nenhuma das tradições familiares dela.

Rearranjei a cafeteira no centro e ajeitei as tampas dos bules de creme e de leite. Coloquei na mesa um prato de biscoitos toffee e algumas fatias de pão de banana. Era um exagero. Parecia que eu estava me empenhando demais. Peguei os pratos e os levei de volta para a cozinha, antes que alguém chegasse. Eu não tinha ideia de como essas coisas funcionavam. O que eu estava pensando quando ofereci minha casa para nos encontrarmos?

Eu odiava receber pessoas porque nossa casa era deprimente. Era escura e suja, coberta por uma camada de poeira e fuligem porque eu não conseguia fazer tudo e dar conta de todas as tarefas domésticas também. Tínhamos dispensado a diarista anos atrás, depois que Ryan

fora demitido pela segunda vez. E tudo estava uma bagunça de novo. As coisas saíam do controle rápido demais.

Roupa suja espalhada pela casa. Sem ideia do que estava limpo ou não.

Tinha passado a manhã inteira enfiando coisas nos armários e tentando arrumar tudo o melhor possível, porque minha casa era o único lugar viável para nos encontrarmos. A casa de Taylor estava sendo reformada, então eles estavam em um Airbnb do outro lado da cidade. Os filhos de Colleen ainda estavam doentes com aquele vírus horroroso, então ninguém ia chegar perto da casa dela. E não é como se pudéssemos pedir algo à Whitney agora. Ela estava um completo desastre. Provavelmente ficaria assim por um bom tempo.

Ela viria hoje? Não respondeu nada na mensagem do grupo. Ela só curtia os comentários da conversa. O mínimo para nos deixar saber que ainda estava respirando e que tinha visto os planos. Era para ela ter vindo na noite anterior, mas deu o bolo no último minuto. Eu não sabia se me sentia aliviada ou chateada. Minhas emoções estavam completamente descontroladas.

Eu fiz Ryan levar Lily ao parque porque não queria que eles estivessem por perto em nenhuma dessas discussões. Imaginei que ele entenderia, dada a seriedade do caso, mas agiu como se eu tivesse lhe pedido para levar Lily em uma caminhada de quinze quilômetros. Eu o teria feito levar Iris também, mas ela estava febril. Não bastasse o que estava acontecendo, eu ainda tinha um bebê entrando na fase da dentição.

— Está tão quente lá fora — choramingou Ryan, soando igual à bebê. — Nós podemos subir e ficar lá enquanto suas amigas estiverem

aqui. Você nem vai saber que estamos em casa. Prometo. Ficaremos totalmente fora do seu caminho.

— Não, você vai sair — retruquei, balançando a cabeça. Não tinha como deixá-lo ficar em casa. — Lily precisa se exercitar. Ela está presa em casa há dois dias. O sol é bom para ela.

Eu poderia ter dito a verdade — que eles não podiam ficar porque ele nunca me deixaria em paz e não pararia de pedir ajuda com as meninas —, mas não falei nada porque isso só levaria a uma longa discussão. Ele só cuidava da Lily sozinho quando não tinha escolha. Ele simplesmente não era bom com crianças pequenas. Era filho único e nunca tinha estado perto delas, então não tinha noção das coisas.

Ele tinha sido um daqueles pais realmente ansiosos quando Lily era recém-nascida, e eu achava fofo. O jeito como ele tinha medo de derrubá-la quando a segurava ou como achava que, de alguma forma, o pescoço dela se quebraria se não a segurasse da maneira certa. Ele morria de medo de trocar a fralda dela. Toda vez que ela chorava, ele pensava que a estava machucando.

No começo, era fofo. Até que deixou de ser.

Todas as minhas amigas e minhas irmãs me garantiram que passaria com o tempo. Que todos os pais de primeira viagem ficavam nervosos, que só demorava mais para eles se ajustarem, em especial os que nunca tinham convivido com crianças. Elas me davam todas as desculpas de sempre. Como éramos nós, mães, quem tínhamos carregado o bebê, então já estávamos acostumadas a ser responsáveis por outro ser humano. Por isso eu precisava ser paciente, mas Lily já estava com três anos e a situação não tinha melhorado. Ele ainda não confiava em si mesmo para ficar sozinho com ela. Sem contar que

tínhamos um bebê agora. Então eu precisava que ele se esforçasse mais do que nunca.

Eu esperava que ele se lembrasse de dar o remédio para Lily. Ela estava tão… Eu me detive.

Não.

Ele teria que aprender a ser pai sozinho. *Ele é um homem feito, não uma criança*, lembrei a mim mesma, assim como vinha fazendo desde minha sessão mais recente com a terapeuta. Esta era a coisa mais importante na qual ela estava trabalhando comigo: me fazer parar de ver e tratar meu marido como uma das minhas filhas e começar a tratá-lo como um adulto responsável. Sem dúvida nenhuma eu estava demorando um pouco para me acostumar, em especial quando ele não agia como um. Deixei de lado os ressentimentos já conhecidos. Precisava me concentrar. Isso era muito mais importante.

A campainha tocou, e eu me apressei para atender, lançando um último olhar para a mesa atrás de mim e decidindo no último minuto colocar uma garrafa de vinho ao lado das outras bebidas. Eram apenas onze da manhã, mas certas ocasiões pediam bebida durante o dia, e esta poderia ser uma delas.

11

BROOKE

Agora

Jade abriu a porta com um sorriso estranho no rosto, e eu lhe devolvi um igualmente sem jeito. Estendi o vaso de flor que havia comprado no Gelson's a caminho de lá e o entreguei a ela. Pareceu estranho vir de mãos vazias, e eu não tinha ideia se flores seriam apropriadas, mas não sabia o que mais trazer.

— Obrigada.

Ela o pegou de mim, uma evasão natural do abraço estranho que teríamos sido obrigadas a dar se não o fizesse. Jade se apressou pelo hall de entrada até a sala de jantar, e eu a segui. Ela colocou a planta na mesa ao lado do creme e do açúcar, então se virou e perguntou:

— Aceita café? Água? — Apontou para a garrafa de vinho que estava ao lado do café. — Vinho?

Ela deu uma risada, e eu ri de volta. Parte da tensão nervosa diminuiu, e então mais alguém tocou a campainha, felizmente desviando a atenção de mim.

Jade foi atender, e me senti grata pelo segundo que ganhei para recuperar o fôlego. Peguei uma garrafa de água em vez de café. Eu precisava mesmo de cafeína, mas meu estômago já estava todo

retorcido e cheio de nós. Colleen e Taylor entraram juntas na sala de jantar. Ambas choravam, com os braços firmemente enlaçados.

— Eu só sinto muita pena do bebê. — Taylor fungou. Seus olhos estavam tão inchados e vermelhos que pareciam doer. Ficou claro que ela havia passado a manhã toda chorando. Talvez dias.

Eu ainda não havia chorado. Não tinha contado a ninguém, e não ia contar. Não que eu estivesse me controlando estoicamente. Sendo corajosa e forte, toda essa bobagem. Eu só não conseguia chorar. Era como se todas as minhas emoções tivessem se trancado dentro de mim sem o meu consentimento.

Colleen entregou a Taylor um lenço e afagou suas costas enquanto ela assoava o nariz.

— Ainda não consigo acreditar que ela estava grávida. — Ela notou minha presença e abriu um sorriso fraco. — Oi.

— O quê? — o grito agudo de Whitney à porta paralisou todas nós.

Nós três nos viramos rapidamente para encará-la. Eu nem a tinha ouvido entrar. Colleen e Taylor continuavam olhando para ela e uma para a outra, esperando que alguém falasse, mas nenhuma delas falou. Agarrei minha garrafa de água com tanta força que ela estalou. Como era possível que Whitney não soubesse? Tinha sido a maior manchete na mídia local nas últimas vinte e quatro horas. A gravidez tinha virado até notícia nacional. Mas Whitney não estava bem. De jeito nenhum.

O cabelo dela estava sujo e embaraçado, torcido em um coque na parte de trás da cabeça, com metade solto. A calça de moletom amarrotada pendia da cintura e arrastava no chão enquanto ela

andava. A camiseta branca estava manchada com todo tipo de fluidos e marcas.

Jade interveio da cozinha para salvar o momento. Ela passou o braço em volta da cintura de Whitney e a firmou em seus pés.

— Querida, vamos para a sala de estar, onde podemos nos sentar — disse, afastando Whitney da mesa antes que ela tivesse qualquer chance de protestar. Whitney arrastou os pés como se estivesse em transe e permitiu ser guiada por Jade até o outro cômodo. Jade a sentou em um dos sofás em frente à lareira e deu um tapinha em seu joelho. — Vou pegar um pouco de água para você. Fique quietinha. — Gesticulou para o resto de nós se juntar a ela, e nos apressamos em cercá-la como um enxame de abelhas.

— Então você não sabia que ela estava grávida? — perguntei, em um tom de voz calmo, depois que alguns instantes se passaram e ninguém falou nada.

— Meu Deus, eu realmente não consigo acreditar nisso. — Whitney chorou como se já tivesse se esquecido do fato e eu tivesse acabado de trazê-lo à tona. Então levou as duas mãos aos olhos, amassando o lenço entre os punhos. — Eu não tinha ideia. Por que ela não me contou?

As outras me olharam feio, e minhas bochechas arderam de vergonha. Eu nunca dizia a coisa certa. Não neste grupo. Mas pensei que falar do assunto poderia ajudá-la. Não era o que estávamos fazendo ali? Processando o que havia acontecido? Tentando ajudar umas às outras a superar? Falar sobre a gravidez de Kiersten parecia uma parte lógica do processo.

Antes que Jade tivesse a chance de voltar, a campainha tocou mais uma vez, e ela foi abrir a porta para Natasha, que ficou em silêncio ao entrar, observando a cena diante de si: Whitney em choque no sofá, sentada entre Colleen e Taylor. Os braços das duas sobre os ombros dela. Ela parecia tão pequena. Frágil.

— Oi, pessoal — disse Natasha, em voz baixa, pulando o café e indo direto para a cadeira no canto. Um lugar seguro no qual se esconder. Fazer parte da conversa, mas não totalmente. Eu queria ter ido para lá, mas em vez disso estava presa ao lado do rack, parada de um jeito bem desajeitado.

Whitney estava chateada, mas não chorando. Estava quieta. Eu não tinha certeza do que era pior. O olhar vago e distante de hoje ou os gritos histéricos da outra noite. Era difícil estar perto de alguém que havia se deixado desmoronar, ao passo que eu me esforçava tanto para me manter firme. Jade foi até o meio do aposento e ficou em frente à lareira. Tentava parecer confortável, mas dava para perceber que não estava. Raramente nos reuníamos ali, e tudo parecia fora do lugar. O que só chamava mais atenção para o fato de que Kiersten se foi, já que sua casa era onde passávamos a maior parte do tempo. Os olhos de Jade varreram a sala, levando um momento para se fixar em cada uma de nós antes de ela continuar.

— Ok, então parece que a polícia chamou todo mundo que estava na festa para ser interrogado. Eles…

Colleen interveio.

— Todo mundo? Tipo, todas as pessoas da festa? — Jade assentiu. — Mesmo as que não estavam lá quando aconteceu? — Jade aquiesceu novamente. — Mas por que interrogar todo mundo?

Jade deu de ombros e olhou ao redor. Esperando que alguém mais oferecesse uma explicação, mas eu não tinha uma. Também não fazia sentido para mim. Talvez não soubessem que éramos as únicas lá na hora? Mas nós já tínhamos contado a eles. E, além disso, eles tinham as imagens das câmeras. Será que achavam que alguém tinha fingido sair e ficara para trás? Mas Kiersten tinha acompanhado todas elas até a saída. Eu me lembro porque, depois, ela voltou para a piscina e anunciou:

— Todo mundo já foi embora, gatas. Agora podemos realmente nos divertir.

Eu tinha ficado tão feliz por ser incluída no *after-party*. Não que alguém tivesse me pedido para ficar, mas ninguém me pediu para ir embora, o que era um bom sinal. Talvez elas fossem me perdoar pelo modo como eu tinha agido da última vez que nos reunimos. Eu tinha ficado sóbria a noite toda, e fiz questão de que todas vissem que estava bebendo apenas água.

Só porque você saiu da linha uma vez não significava que tinha que sair da linha de novo.

— Tem certeza? — Natasha se intrometeu do canto, interrompendo meus pensamentos e me trazendo de volta ao presente.

— Absoluta. Tessa me mandou mensagem hoje de manhã, depois que todas conversamos. Ebony também. Todo mundo vai depor hoje. Parece que a Perez tem um interrogatório atrás do outro.

— Pelo menos são minuciosos — comentei.

Colleen e Taylor trocaram olhares, como se eu tivesse dito algo errado de novo. Agora já deu. Eu ia me sentar aqui e não dizer mais

nenhuma palavra. Nem sabia por que me dava ao trabalho de conversar com elas.

Taylor baixou a voz, como se alguém estivesse perto e pudesse escutar a conversa.

— Querem saber o que mais eu ouvi? — Ela fez uma pausa para efeito dramático, porque é claro que todas nós queríamos saber. — Eles sabem que nós tínhamos docinhos batizados.

Colleen caiu na gargalhada, e Taylor pareceu magoada.

— O quê? — perguntou ela, com o lábio inferior tremendo, como fazia toda vez que chorava.

— Qual o problema dos docinhos batizados? Todo mundo faz isso agora. Estávamos um pouco altinhas. Eles nos deixaram mais altinhas. É só isso. Você disse de um jeito tão escandaloso. — Colleen riu. Taylor ainda parecia chateada.

Natasha olhava alternadamente para as duas, como se não soubesse o que pensar.

— Eles…

— Ela não me disse que estava grávida — interrompeu Whitney, pondo fim à conversa.

O vazio se tornou cada vez mais desconfortável.

Natasha respirou fundo e finalmente rompeu o silêncio.

— Então é verdade? Eu esperava que não fosse. Esperava que tivessem inventado. Vocês sabem como gostam de exagerar tudo.

— Ela não me disse que estava grávida — repetiu Whitney, como se não a tivéssemos ouvido da primeira vez.

Taylor afagou a perna dela com gentileza.

— Eu sei. Isso torna tudo mais difícil. Pensar que não foi apenas ela. Tipo, havia um bebê. É por isso que eu sei que não foi suicídio.

Whitney virou a cabeça para encará-la.

— Suicídio? Alguém está dizendo que foi suicídio? Você enlouqueceu? — Ela parecia querer avançar para cima da outra.

As bochechas de Taylor coraram.

— Eu… quer dizer… eu não disse isso. Outra pessoa disse. Eu só…

Ela observou o cômodo. Suplicando desesperadamente que intervíssemos para ajudá-la, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Não tinha a menor ideia do que dizer. Só estava feliz por Whitney não estar partindo para cima de mim desta vez. Taylor não teve outra escolha senão continuar.

— Alguém disse em um dos grupos de mensagens que está circulando…

— Qual grupo de mensagens? Tem outro além do das corredoras? — interrompeu Jade.

Ela conhecia todos os grupos de mães, era o papel dela. E saía com todas. Se alguém quisesse saber qual hora da história estava acontecendo em qual biblioteca, ela diria sem precisar pesquisar.

— Não, não esse.

— Qual? — insistiu Jade.

Taylor pareceu ligeiramente irritada por Jade não deixar o assunto de lado. Não era uma competição. Ela podia ter outras amigas mães. Estar em grupos diferentes.

— Só Raquel, Zoe e Emily. Por alguma razão, acabamos todas em um grupo juntas.

Jade ainda parecia incomodada.

— Então uma delas disse isso? — Whitney parecia aborrecida. Ou magoada. Eu não conseguia dizer qual. Taylor assentiu. — Essa é a coisa mais estúpida que já ouvi. Kiersten jamais cometeria suicídio. Nunca. Ela era a pessoa mais feliz do planeta.

— Às vezes, as pessoas mais felizes por fora são as mais tristes por dentro — comentou Colleen, soando como uma postagem do Instagram.

Whitney balançou a cabeça.

— Não. Se pensa assim, então você não a conhecia bem.

Colleen estava certa. Olhe para Robin Williams ou todos os outros comediantes que se suicidaram. Eu queria intervir, só que não diria mais nada naquele dia.

— Quem quer que tenha dito isso é simplesmente burro — prosseguiu Whitney. — Quem dá uma festa para si mesma e decide se matar no final dela? — Ela parecia enojada, mas, pela primeira vez desde o acidente, havia vida por trás de suas palavras. Aos poucos, o poder retornava ao seu corpo.

Isso era bom. Precisávamos dela.

— Então, o que a gente diz para a polícia? — perguntou Natasha, aproximando-se para ficar ao lado dela. Ela também tinha percebido a mudança. Whitney era magnética quando estava presente, e ela estava de volta. Pelo menos por enquanto.

— A verdade — respondeu Whitney. — Vamos dizer a verdade.

12

BROOKE

Antes

Entrei em casa na ponta dos pés, sem querer acordar Abby ou Julian depois da minha noite fora com Whitney e as meninas, mas fui silenciosa à toa. Não demorou para perceber que eles haviam ido embora. A princípio, pensei que Abby tivesse levado Julian com ela, mas havia um bilhete no balcão dizendo que ela o deixara na casa da mãe. Um bilhete à moda antiga, escrito em um Post-it, porque se ela tivesse mandado mensagem, teria havido uma conversa, e ela não queria falar comigo. Não de verdade.

Eu tinha passado os primeiros dez minutos do jantar contando a Kiersten tudo o que estava acontecendo e como eu não conseguia fazer Abby falar comigo sobre nada em nosso casamento. Eu só precisava que ela falasse comigo. Ela já tinha me amado uma vez, e amor assim não morria do nada. O amor dela por mim estava lá em algum lugar. Foi o que eu disse a Kiersten, e ela concordou comigo. Mas paramos de falar disso assim que Whitney se sentou ao lado dela. Whitney odiava falar de Abby, e ficou obviamente decepcionada quando eu disse que Abby não viria.

Amassei o bilhete e o joguei no lixo. Abby não se deu ao trabalho de me dizer onde estava. Nunca fui uma daquelas mulheres que controla de perto a parceira, mas estava obcecada por cada movimento dela. Modo stalker total. Invadi seu telefone, observei toda a atividade dela nas redes sociais com contas falsas. Até a contatei como se fosse outra garota só para ver o que ela faria. Levei um fim de semana inteiro para criar uma conta falsa no Instagram. Eu não queria que ficasse óbvio. Ela não poderia ser a primeira pessoa com quem eu falaria, então passei o fim de semana todo interagindo com várias outras pessoas e contas. Ela nunca respondeu a nenhuma das minhas DMs, sequer curtiu uma única postagem. Eu a segui de carro mais de uma vez. Cheguei a entrar no meu carro com Julian preso na cadeirinha e a segui como se fosse uma detetive particular. Eu estava fora de controle e não sabia como parar.

Não que eu pudesse confrontá-la com qualquer coisa que tivesse encontrado. Esse era o problema. Ela valorizava a própria privacidade, e eu havia cruzado todas as fronteiras que tínhamos criado. Instalar um aplicativo keylogger oculto no telefone dela elevou as coisas a um nível totalmente diferente, um que eu nem sabia ser capaz de alcançar. Eu continuava dizendo a mim mesma para parar, mas não conseguia. Era o que acontecia quando seu mundo desmoronava sem qualquer aviso. O anúncio dela de que estava me deixando, que não queria mais ser casada, tinha sido inesperado e dramático, como se uma bomba de verdade tivesse caído em nossa cozinha.

— Qual é, deve ter tido algum tipo de sinal. Alguma coisa… — minha melhor amiga tinha dito, depois que me forçou a sair da cama

em que eu estava havia três dias.

Foi para lá que eu fui nos dias seguintes ao meu abalo sísmico. Direto para a cama. Eu ainda estaria lá se não fosse por Julian. Cuidar dele era a única coisa que me mantinha respirando. Eu o amava mais do que a mim mesma.

— Não teve nada. Nem um único sinal. Éramos felizes. Pensei que fôssemos felizes — eu disse a ela naquele dia, assim como a todos os outros que perguntaram depois, sempre que eu contava que estávamos separadas. Todos faziam a mesma pergunta, e ninguém acreditava que eu não tive ideia e que não houve sinais, mas eu não tive e não houve.

— Eu não entendo — foi o que eu disse, segundos depois de Abby me contar.

As palavras dela não faziam sentido. Não ressoavam com nenhuma parte da realidade que eu tinha sonhado para minha vida. Aquela que tínhamos nos esforçado tanto para criar juntas. Elas simplesmente não se encaixavam. Estavam erradas.

Ela me olhou com os mesmos olhos cor de avelã, um ligeiramente menor que o outro, para os quais eu tinha olhado por mais de oito anos. Ela parecia a mesma. O rosto ainda era o mesmo. Os lábios também, enquanto se moviam, pronunciando as palavras uma segunda vez:

— Não consigo mais fazer isso. Não quero continuar casada com você.

Foi incrivelmente desorientador. Como se eu tivesse saído do corpo. Como se minha cabeça tivesse se desprendido por um fio, flutuando como um balão. Eu não conseguia chorar. Não conseguia

me mover. Mal conseguia respirar. Tudo o que consegui dizer, uma segunda vez, foi:

— Eu não entendo.

E então raiva e irritação tomaram conta do rosto de Abby de um jeito que eu nunca tinha visto antes. Estendi a mão para ela, como se estendesse a mão para um fantasma, como se soubesse que quem quer que ela tivesse sido para mim já tinha ido embora.

— Abby?

Saiu quase em um sussurro.

Em seguida vieram as lágrimas. Uma torrente delas. Descendo quentes pelas bochechas. Normalmente, este era o ponto em que ela desabava. Não importava que tipo de briga estivéssemos tendo.

"Eu odeio quando você chora, amor." Era o que ela sempre dizia.

Mas dessa vez ela não disse. Não disse nada. Simplesmente me observou com um olhar frio, distante, como se tudo o que quisesse fosse que eu parasse.

Levei a mão à boca.

— Meu Deus. — Aquilo estava acontecendo.

Os primeiros dias depois do ocorrido foram um borrão. Não sei como me mantive sóbria. Nunca havia perdido alguém próximo a mim, mas imaginei que a sensação fosse aquela. Como se toda a cor e o ar tivessem sido drenados do universo. Um enorme buraco onde a pessoa costumava estar. O lugar mais precioso que costumavam ocupar.

Essa era a parte da morte que ninguém discutia, quão incrivelmente desorientadora ela era. E não importava o que dissessem; eu perdi Abby naquele dia. Quem quer que ela fosse para

mim morreu naquele instante. Tão real quanto se um policial tivesse batido na minha porta e me dito que ela tinha sido atropelada.

Houve momentos em que desejei que tivesse sido esse o caso, como se fosse melhor se ela estivesse morta. Era pior ter que viver com seu fantasma. Com ela fingindo que eu não existia. Que o que tínhamos vivido não era real. Ela me olhava como se eu fosse louca sempre que eu a encurralava para tentar abordar o assunto.

— E os nossos votos? — gritei uma vez, sacudindo uma cópia na cara dela.

Eu tinha impresso os textos mais cedo naquele dia. Mas nem precisava. Eu sabia cada um de cor, já que nós os escrevemos juntas. Praticamos até que estivessem perfeitos. *Prometo ficar mesmo quando for difícil. Mesmo quando as coisas mudarem e eu não entender.* Joguei os papéis nela.

— Lembra disso, Abby? Lembra?

— Você deveria ligar para sua terapeuta — respondeu ela.

Não foi o que ela disse; foi *como* ela disse. As palavras não foram cruéis. Ela as dissera como se estivesse falando com uma amiga casual ou uma conhecida. Alguém com quem se importava, mas com cujos problemas não queria ter que lidar, sem que com isso parecesse uma babaca total por ignorá-los.

— Eu odeio você! — gritei para ela.

Todas as memórias me assaltaram violentamente como intrusos enquanto eu caminhava pela casa em direção ao quarto. Tínhamos comprado os ingressos para *Hamilton* seis meses antes, em um dos primeiros eventos de caridade do clube de mães a que fomos. Naquela

época em que íamos a tudo juntas. Em nossa antiga vida, ela também estaria lá naquela noite. No meio de tudo.

Perguntei às outras meninas se alguém tinha falado com ela, embora tivesse prometido a mim mesma durante todo o trajeto que não o faria. Todas disseram a mesma coisa. A resposta era idêntica, não importava o quê ou a quem eu perguntasse, como se tivessem um roteiro de como deveriam lidar comigo.

— Sinto muito, Brooke, mas eu não quero me meter no seu divórcio.

Eu não sabia o que me irritava mais. O fato de que ninguém queria me dar apoio e ouvir o meu lado, ou o fato de que chamavam aquilo de se meter no nosso divórcio, em vez de no nosso casamento. Todas elas sabiam que tinha acabado. Simples assim. Como era possível?

Eu ainda não sabia.

Nada estava certo com o universo.

13

WHITNEY

Agora

Carl não estava presente desta vez para me dar calmante. Apenas Colin, por um breve segundo. Ele tinha me acompanhado até a delegacia, mas não teve permissão para entrar na sala de interrogatório comigo. Eu nunca havia estado dentro de uma delegacia na vida. A sede do Departamento de Polícia de Beverly Hills parecia tão linda quanto as casas que a cercavam. Era difícil imaginar criminosos dentro de algo tão bonito.

Havia apenas a detetive Perez na sala. O cara que a ajudava naquela noite na casa de Kiersten não estava ali. Bom. Eu não gostava dele.

— Sente-se — disse ela, apontando para a cadeira em frente à sua mesa executiva da Restoration Hardware.

Era tão bonita quanto as da minha casa. Beverly Hills tratava bem seus policiais, em especial os tão condecorados quanto ela. Fileiras de medalhas e prêmios por serviços prestados com distinção, incluindo o de Detetive do Ano, pendiam na parede atrás dela. Estavam ao lado de seus diplomas da NYU. Ela havia se formado *summa cum laude,* em seguida conseguiu uma bolsa de estudos para cursar justiça criminal

na Cornell. Ela me observou assimilar tudo, com um sorriso meio curvado nos lábios. A mulher era impressionante, e sabia disso. Ela me deu mais alguns segundos antes de perguntar:

— Como você está?

— Estou bem — respondi, porque o que mais eu poderia dizer? Que era um desastre completo que não conseguia alimentar o próprio bebê desde que a melhor amiga morreu? Que eu não tinha tido energia suficiente para tomar um banho antes de ir parar ali? Que toda vez que pensava que Kiersten se foi, eu queria desaparecer do planeta?

— Ótimo. — Ela se inclinou sobre a mesa. — Sei que é difícil, então obrigada por vir. Não pudemos conversar muito na noite da festa, então agradeço por ter tirado um tempo para voltar.

— Qualquer coisa por Kiersten — falei. — Já sabe o que aconteceu com ela?

Eu ainda me recuperava da notícia de que ela estava grávida. Demos juntas cada passo da nossa primeira gravidez, desde os enlouquecedores tratamentos de infertilidade, passando pelos terríveis enjoos matinais quando enfim engravidamos, até o parto. Nossos partos foram tão próximos que nos encontramos no hospital por dois dias. Tínhamos sido mais parceiras de parto uma da outra do que nossos maridos foram, e ela não me dissera uma única palavra sobre estar grávida. Nem sequer insinuou que estavam tentando. Por quê?

Kiersten não fazia nada sem motivo. Ela planejava a vida e os dias nos mínimos detalhes, mas eu não era a única que tinha ficado surpresa com a notícia. Tommy ficou igualmente chocado quando soube.

— Não estávamos tentando engravidar, Whit. Mal estávamos transando — dissera ele na noite passada.

Passamos três horas no FaceTime. A maior parte sem falar. Nós simplesmente não sabíamos o que mais fazer no meio da noite, enquanto o resto do mundo dormia e nosso mundo desabava.

A maioria dos homens reclamava por não ter sexo suficiente, mas ele não estava mentindo. Rinley tinha apenas quatro meses, e Kiersten mal havia recebido o "liberou geral" para fazer sexo de novo. A primeira vez depois de dar à luz era muito parecida com a primeira vez fazendo sexo: dolorosa e decepcionante. Nós duas decidimos que levaríamos um tempo para tentar de novo. Só aconteceria quando nos sentíssemos melhores e nossa vagina cicatrizasse. Deve ter acontecido na primeira vez que eles fizeram sexo, porque, até onde eu sabia, eles não tinham tentado de novo.

E não havia nenhuma maneira de o bebê ser de outra pessoa que não de Tommy, embora fosse o que todo mundo provavelmente estava dizendo. Mas Kiersten não era do tipo que traía. Ela não tinha um pingo de infidelidade em si.

Estava me deixando louca não saber por que ela não tinha me contado, mas a única coisa lógica na qual eu conseguia pensar era a mesma que tinha dito a Tommy na noite anterior: ela não sabia que estava grávida. Em especial porque tinha bebido na festa.

Eu continuava voltando àquela noite. Repassando. Rebobinando. Desacelerando as coisas. Cada pequeno passo. Tentando descobrir como ela poderia ter se afogado na piscina. E chegava à mesma conclusão todas as vezes: não tinha como ela ter se afogado sozinha. Eu não via a hora de ouvir o que a detetive Perez sabia e em que

ponto estavam na investigação. Com sorte, ela teria respostas, mas a mulher fez que não com a cabeça.

— Estamos esperando os resultados da autópsia. Eles devem nos dizer mais sobre o que aconteceu — disse ela.

— Que resultados? — perguntei. Dizer mais o quê? O que estavam procurando?

Ela me deu uma resposta vaga:

— Ah, você sabe, as coisas de sempre. Exames padrão.

Como se eu soubesse os tipos de exame que eram feitos quando alguém morria ou se havia algum padrão nisso, mas não a pressionei. Ela não parecia alguém que gostava de ser pressionada.

— Como você estava chorando muito na outra noite, não tivemos a chance de conversar. E, mais uma vez — ela parou de falar e fez contato visual —, sinto muito por você ter que passar por um momento tão doloroso e difícil.

— Obrigada. — Assenti.

— Isso me deu a oportunidade de conversar com as outras mulheres que estavam na festa, e praticamente todas disseram a mesma coisa sobre você e Kiersten.

— E o que foi?

— Que eram muito próximas. Que a amizade de vocês era do tipo que a maioria de nós só sonha em ter. — Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto ela falava. É por isso que a situação era tão difícil. Aquele era o ponto. Ela continuou: — Então imagino que deva conhecê-la melhor do que qualquer outra pessoa. Talvez até mesmo o marido dela. — Ela me deu um olhar cheio de significado. Não estava

errada. — Por isso, vou simplesmente perguntar a você: o que acha que aconteceu com Kiersten na noite de sexta-feira?

— Olha, esse é o problema, Perez. Posso chamá-la assim? Está tudo bem? — "Detetive Perez" era formal demais. Fazia a mulher parecer uma professora, e eu não gostava disso. Ela me deu um aceno seco, e eu prossegui: — Repassei aquela noite umas mil vezes. É tudo o que faço. E não tem como Kiersten ter pulado na piscina no meio da própria festa e simplesmente se afogado. — Balancei a cabeça diante do ridículo da situação. — Primeiro, ela era uma nadadora incrível. Eu já falei isso, mas caso tenha se esquecido, ela era. Segundo, por que Kiersten deixaria a própria festa e iria até a piscina sozinha? Para quê? Ela nunca faria algo assim. Não sem um motivo. E, olhe. — Levantei as mãos. — Não estou dizendo que ela nunca pularia na piscina. Ela podia ser meio descontrolada, e poderia pular na piscina se estivesse bêbada, você já sabe que estávamos bem chapadas naquela noite. Então, Kiersten pular na piscina? Essa é de fato uma possibilidade. Mas aqui está a razão para isso não ter acontecido. — Balancei a cabeça para enfatizar o ponto. — Não importa quão chapada Kiersten estivesse, ela não estragaria aquele vestido. Mesmo no auge da bebedeira, ela tiraria aquela coisa e depois pularia na piscina. De jeito nenhum ela faria isso usando um Valentino.

— É claro que eu entendo. — Perez sorriu, e não estava mentindo. Eu havia reparado o relógio Harry Winston espreitando por baixo do punho de sua camisa.

— Em primeiro lugar, é superestranho que ela estivesse perto da piscina. Tipo, por que ela abandonaria a festa e iria para lá sozinha? Eu sei que você não a conhece, mas isso não era do feitio dela. Ela

nunca sairia de uma festa, ainda mais uma que ela tinha organizado. Além disso, restávamos só nós. A verdadeira festa estava só começando. — Fiz uma pausa, abafando as emoções que ameaçavam irromper na superfície. Falar daquilo com a detetive tornava tudo real demais. — E se mais alguém estivesse envolvido?

Pronto, falei. Será que eu estive pensando nisso o tempo todo?

Ela se inclinou sobre a mesa, vindo ao meu encontro.

— Vou ser franca com você, Whitney, porque você era a melhor amiga dela, e consigo perceber que ela sentia por você o mesmo que sente por ela. Temos abordado a situação desde a primeira noite como se alguém mais estivesse envolvido.

— Sério?

Ela assentiu. Sorriu para mim. Contente por estar me deixando a par de um segredo. Recostei-me devagar na cadeira. Eu tinha dito aquilo, mas não tinha certeza se acreditava. Ouvi-la concordar comigo me assustou um pouco.

— Como assim? Quer dizer, por quê? Todo mundo sabe? Eu…

Ela levantou a mão para me interromper.

— Relembrando, estamos nas fases iniciais da investigação e ainda não temos um relatório oficial do legista, então não vou conseguir responder à maioria das suas perguntas. No entanto, acontece que sou amiga dele, e ele me deve um favor, então me contou as descobertas preliminares. Ah, e também, não consigo acreditar que esqueci essa parte… o fato de ela estar grávida.

Ela fez uma pausa e me lançou o seu olhar mais penetrante até então. Um que me fez engolir em seco.

— Você sabia que ela estava grávida, certo?

— Claro que sabia — menti.

Eu não me preocuparia em tentar explicar por que Kiersten não tinha me contado que estava grávida. Havia uma razão completamente lógica para aquilo, e eu não ia desperdiçar nosso tempo limitado. Precisávamos descobrir o que tinha acontecido com ela.

— Alguma ideia de quem era o pai do bebê?

Recuei por dentro, mas sorri por fora.

— Tommy, é claro — respondi, lançando a ela um olhar penetrante, para que ficasse claro que não havia outras opções. Era impossível que ela tivesse uma vida secreta. Impossível. Eu estava com Tommy nessa.

A detetive Perez assentiu e logo continuou:

— Além da gravidez, as descobertas foram consistentes com nossa linha de raciocínio de que ela não estava lá fora sozinha. — Ela pigarreou. O sinal claro de que ia dar uma grande notícia. — Encontraram uma grande laceração na parte de trás da cabeça, e concluíram que a causa da morte foi um traumatismo craniano por força contundente, seguida de afogamento.

— O que você quer dizer? Tipo, ela caiu? Ela caiu, bateu a cabeça e então o quê? Ficou tão desorientada com a queda que tropeçou na piscina e se afogou?

— Não — disse ela. — A lesão é consistente com ter sido atingida por um objeto.

— Então alguém a atingiu e depois a arrastou para a piscina? — Eu não conseguia assimilar nada daquilo. Não fazia sentido.

— É uma possibilidade. Também é possível que a tenham nocauteado e a deixado lá. Ela poderia ter tropeçado na piscina depois de recuperar a consciência. Não podemos esquecer que ela também estava bebendo. Ela comeu algum dos docinhos batizados?

— Não tenho certeza. — Todas nós tínhamos comido os docinhos batizados. Colleen trouxera os que sempre arranjava quando ela e as amigas faziam suas viagens para Palm Springs, os da Elev8. — Kiersten nunca foi muito de comer esse tipo de coisa. — Perez me lançou um olhar engraçado, e eu expliquei: — Até alguns anos atrás eu não sabia disso, porque ela sempre pegava um e agia como se estivesse chapada. Mas então, certa noite, quando estávamos muito bêbadas, ela me disse que raramente os comia. Ela dava, tipo, a menor mordiscada, e depois se desfazia do resto sem que ninguém percebesse. Às vezes, nem isso. Só colocava a coisa toda na boca e depois cuspia o mais rápido possível antes que qualquer THC penetrasse na língua. Aposto que ela nem comeu nada naquela noite. — Perez rabiscou algo no bloco de notas à sua frente. Eu estava morrendo de vontade de saber o que ela tinha escrito. Era sobre o que eu disse, ou algo mais? Esperei ela terminar antes de continuar: — Aqui está a outra coisa sobre Kiersten estar na piscina. Ela não teria gritado ou pedido ajuda? Alguém teria ouvido. Talvez não com a música, mas o banheiro ao lado do quarto do bebê dava para a piscina, e Brooke estava lá. Além disso, estávamos entrando e saindo de lá a noite toda. Alguém teria percebido ou ouvido ela gritar.

— Não. — Ela balançou a cabeça de novo. — As imagens de pessoas se debatendo e gritando sem parar por ajuda enquanto se afogam acontecem apenas nos filmes. O afogamento é, na verdade,

uma morte muito silenciosa. Você não pode gritar por ajuda quando está lutando desesperadamente para respirar. E, na primeira vez que faz isso, inspira mais água para os pulmões. Em geral, as pessoas se vão silenciosamente, sem nenhum som.

Parecia tão solitário. Ela estava lá fora, a poucos passos, sem ter como nos chamar. A tristeza esmagadora e familiar retornou ao meu peito. Lágrimas molharam minhas bochechas.

Perez continuou:

— Estamos considerando muitas possibilidades, mas a mais provável é que ela não estivesse sozinha lá fora. Restringimos a janela de tempo em que isso aconteceu. É incrível o que a ciência pode fazer agora, né? — disse ela, com um brilho estranho nos olhos. Um que eu nunca tinha visto antes. — O que você estava fazendo entre as dez e quarenta e cinco e onze horas da noite na festa?

— O que eu estava fazendo? — Recuei e apontei para mim mesma.

— Sim. — Ela estalou os nós dos dedos. Havia mudado por completo para o modo policial. — Revisamos todas as imagens de segurança, tanto dentro quanto fora da casa naquela noite. Depois que o último funcionário saiu, às dez e meia, ninguém mais entrou na casa até a chegada dos paramédicos. Temos certeza porque cada entrada está em vídeo. Havia apenas vocês seis naquela casa quando aconteceu, bem, sete, se contarmos Kiersten.

— Acha que eu matei minha melhor amiga? — Bufei. Todo o respeito que eu sentia por ela por ser tão durona se foi. *Puf*. Se ela pensava que era isso que tinha acontecido, então estava completamente enganada. Ela estivera tentando me incriminar o tempo todo? — Kiersten era mais próxima de mim do que qualquer

um. Somos amigas desde o jardim de infância. Você sabia disso? — Claro que não sabia. Ela não sabia nada sobre nós. Apenas os julgamentos que fizera com base nas próprias opiniões e no que todo mundo dizia sobre nós, e estavam dizendo muito. A mídia não parava de falar sobre isso. — Ninguém nunca acredita em mim, mas eu era supertímida quando criança. Meu primeiro dia no jardim de infância foi aterrorizante. Minha mãe teve que me arrastar pela porta e me arrancar dela. Eu estava aterrorizada; só não chorei porque estava me segurando. Mesmo naquela época. Enfim, Kiersten me viu e percebeu que eu estava muito assustada. Ela caminhou até mim e pegou minha mão sem dizer uma palavra. Depois me levou até o tapete para a hora do círculo e me guiou por cada desafio na minha vida desde então. O que faz você pensar, mesmo que por um segundo, que eu faria algo para machucá-la?

O rosto dela suavizou quando minhas palavras a atingiram. Derreteram sua resistência. Dava para sentir meu amor por Kiersten em cada palavra, e, se ela não conseguia fazer isso, então estava alheia e precisariam colocar outra pessoa a cargo do caso. Ela levantou as mãos e empurrou a cadeira para trás.

— Ok, ok — disse, sua postura corporal concedendo a derrota. — Entendi. Você amava Kiersten e nunca a machucaria. Então, se você não machucou, quem foi?

Não precisei de tempo para pensar no que disse em seguida:

— Investigue Brooke.

Perez levantou as sobrancelhas para mim. Surpresa por eu ter dado um nome tão rápido ou pelo fato de eu ter dito que era Brooke. De

qualquer forma, não importava. Se alguém naquela casa era uma assassina, era ela.

— É o seguinte: se está procurando por alguém instável no nosso grupo, vou poupar seu tempo. Brooke é um desastre. — Isso era bem diferente do que havíamos combinado ontem. Esperar para ver o que eles tinham a dizer. Bem, eu esperei, e não precisava ver mais nada.

— Por que você suspeita dela? — perguntou Perez.

— Ela está descontrolada há meses. Desde que ela e Abby terminaram. Até começou a beber de novo por causa disso. Ninguém nem a queria lá naquela noite depois da cena de bebedeira que ela fez na última festa em que apareceu, mas Kiersten era gentil demais para pedir que ela fosse embora.

— Você tem certeza disso?

Ergui as sobrancelhas para ela.

— O que quer dizer?

— Talvez ela *tenha* pedido para Brooke ir embora. Não terminou bem da última vez que alguém pediu para Brooke ir embora de uma festa, não é? — perguntou ela, de maneira incisiva. — Talvez algo pior tenha acontecido desta vez.

14

BROOKE

Agora

Abby estava sentada ao meu lado, balançando a perna. Era muito estranho que a tivessem convidado para depor também. Eu não fazia ideia. Fiquei surpresa quando entrei na sala de espera e a encontrei lá. Ela nem estava na festa, então o que poderiam querer dela?

Ela me deu um aceno quando entrei, como se fôssemos meras conhecidas, não duas pessoas que haviam jurado passar o resto da vida juntas e tinham um bebê pequeno em casa. Era o óvulo dela. E eu o carreguei dentro de mim. Porque era importante para ela sentir que fazia parte da gestação. Agora eu só queria esbofeteá-la, mas, em vez disso, me sentei ao seu lado porque, por mais que a odiasse, tudo o que eu queria era estar por perto.

— Eu não sabia que você viria — comentei, como se fosse um primeiro encontro constrangedor.

— Não tive muita escolha — respondeu ela, parecendo insatisfeita. Ela fez sinal para eu chegar mais perto enquanto se inclinava para sussurrar: — Você não acha estranho me chamarem para vir aqui? Tipo, eu nem estava lá.

Mas eu não conseguia me concentrar em nada do que ela dizia. Só conseguia pensar em seu cheiro. O toque de suor misturado com óleo de coco, porque ela se recusava a usar antitranspirante, juntamente com um toque de lavanda da loção de bebê que ela usava por ser a única que não lhe dava urticária. Memórias me inundaram: domingos de manhã na cama, abraços antes do trabalho de quem tinha acabado de sair do chuveiro. Carinhos noturnos. Maratonas de Netflix no sofá. Tudo isso. E tinha tudo ido embora. Assim como ela.

— Não acha? — Abby me deu um empurrãozinho.

Me esforcei para abandonar as memórias, estar presente. Não parecer emocionalmente destruída diante dela. Ela odiava minhas emoções. Aquilo sempre tinha sido difícil no nosso relacionamento. Ela me contava histórias de como as mulheres com quem saía costumavam reclamar do desinteresse dela em suas emoções, e eu nunca tinha acreditado. Não era quem ela era, ou tinha sido, comigo. Mas eu estava vendo isso agora.

— O que será que querem com você? — concordei com ela. — Eles… — Um policial enfiou a cabeça no corredor, me interrompendo, e gesticulou em direção a ela. — Boa sorte — gritei, enquanto ele a afastava. Vergonha me inundou.

Boa sorte?

Por que eu diria algo assim? Ah, que seja. Pelo menos eu não tinha chorado. Isso era importante. Olhei para o relógio acima da cabeça da recepcionista: 15h45.

Quantas pessoas eles já tinham interrogado? Onde estávamos na ordem das coisas? Estavam falando com os cônjuges de todas ou apenas com a minha? Eu ainda não conseguia me livrar da sensação

de que era estranho demais ela estar ali. Abri a conversa do grupo AS SEIS. Digitei e apaguei até finalmente decidir enviar a seguinte mensagem:

Oi! Acabei de chegar à delegacia 😬. Abby entrou primeiro. Tão estranho que ela esteja aqui. O marido de mais alguém veio? Só para ver se estamos sendo discriminadas 😁

Torci para que tentar levar na brincadeira não fizesse parecer tão sério. Cliquei em enviar antes que pudesse mudar de ideia. Os minutos se arrastavam, e ninguém havia respondido quando Abby voltou. Seus olhos encontraram os meus na sala de espera, e ela me deu um aceno rápido, como se quisesse dizer que não tinha sido tão ruim. Ela parecia estar bem. Eu me contive para não lhe dar um abraço, embora fosse tudo o que eu queria fazer.

Fique na sua, Brooke. Fique na sua.

Acenei e abri um leve sorriso. Abby sorriu de volta, e tentei não explodir por dentro. Manter a compostura até ela sair do prédio. Emoção. Bem pouco, mas era alguma coisa, e eu não conseguia me lembrar da última vez que havia recebido algo dela. Ela passou por mim enquanto o oficial me indicava para que o acompanhasse.

Ele me levou por um corredor largo que se abria para escritórios de cada lado. O da detetive Perez era muito mais agradável do que eu esperava.

— Sente-se — pediu ela, indicando as cadeiras de couro em frente à mesa.

— Obrigada — disse eu, tanto para ela quanto para o homem que me acompanhara.

Todo o meu nervosismo havia sumido. Eu estava eufórica com a atenção de Abby, mas tentei não demonstrar. A última coisa de que precisava era parecer feliz por estar ali.

O couro ainda estava quente do corpo de Abby. Quantas de nós haviam passado por aquela cadeira hoje? Ao que parecia, muitas, porque a detetive Perez estava exausta. Havia olheiras escuras sob seus olhos saltados por ter bebido cafeína demais.

— Obrigada por vir, Brooke — disse ela.

— Imagina — respondi, fazendo o máximo para me manter focada em parecer séria e não sorrir.

— Como tem passado?

Desviei os olhos. Eu não seria pega naquele olhar. Dessa vez, não.

— Tem sido difícil.

— Parece que muitas coisas têm sido difíceis para você ultimamente.

— Abby disse algo? O que ela disse?

— Eu vou direto ao assunto. Praticamente todo mundo com quem conversei hoje demonstrou preocupação com você, Brooke.

Eu não me importava com o que os outros tinham a dizer sobre mim. Podiam falar o que quisessem. Eu queria saber o que Abby tinha dito. Ela disse que eu estava em apuros? E que estava preocupada comigo? Isso significava que ela se importava? Se ela tinha dito algo, devia significar que sim, não é?

— Minha esposa e eu temos tido alguns problemas.

— Problemas? — Ela franziu a testa. — Pelo que entendi, vocês duas estão passando por um divórcio bastante doloroso.

Ela disse nós duas. E se Abby disse que estava sendo difícil? Era mesmo difícil para ela? Talvez ela estivesse se questionando. Levei um instante para perceber que a detetive Perez ainda esperava que eu falasse.

Assenti rapidamente.

— Não tem sido fácil.

— As pessoas estão preocupadas com você.

— Que pessoas? Quem disse algo? — Eu soava paranoica, mas não pelos motivos que ela pensava.

A detetive Perez colocou as mãos na mesa e, devagar, mexeu os polegares da maneira mais enlouquecedora.

— Não tenho permissão para deixar as pessoas saberem o que disseram sobre elas em uma investigação ativa, mas o que eu posso dizer é que todo mundo com quem conversei até agora expressou preocupação com a sua saúde mental.

Tentei não sorrir. Cruzei as mãos com firmeza no colo. Isso incluía Abby. Ela estava preocupada. Meu espírito queria saltar do meu corpo e dançar pela sala. Ainda havia esperança. Enquanto ela ainda se importasse, haveria esperança, e eu me agarraria a esse fio, por mais fino que fosse, pelo tempo que pudesse.

— Como se sente em relação à sua saúde mental? — A detetive interrompeu meus pensamentos mais uma vez.

Dei de ombros.

— Não é segredo que eu tenho tido dificuldades, mas todo mundo tem dificuldades quando está com problemas no casamento e,

principalmente, quando são mães de primeira viagem.

Ela esqueceu que eu tinha um bebê de seis meses em casa? Um pelo qual eu era a principal responsável?

— Entendo que essas coisas sejam complicadas. De verdade. — O rosto dela era difícil de ler. Os olhos, quase impossíveis. — Você acha que tem sido mais difícil para você do que para a maioria dos pais de primeira viagem?

Neguei com a cabeça. Para ser sincera, eu estava me saindo muito bem. Algo assim destruiria a maioria das pessoas. Mas não tinha me destruído. Eu ainda estava me movendo e respirando. Isso significava alguma coisa.

— Você pode me falar do incidente que ocorreu em quatro de setembro na festa dos Griffin? — Ela olhou para o arquivo que tinha aberto diante de si sobre a mesa. Eu não o tinha notado até então. Ela anotava as coisas que todo mundo dizia?

— Quem falou dos Griffin? — perguntei, remexendo-me na cadeira para tentar ver as anotações.

Eu só havia agido daquela forma uma vez em toda a minha vida. Mesmo nos meus piores momentos de embriaguez, nunca tinha sido violenta. Minha terapeuta concordava que aquilo só tinha acontecido porque eu bebi muito e rápido demais depois de tantos anos de sobriedade. Ela disse que tive sorte de não ter sofrido uma convulsão. Eu me surpreendi tanto quanto qualquer um naquela tarde.

— Várias pessoas. — A detetive Perez cruzou as mãos sobre a mesa.

A completa humilhação daquele dia e daquele momento subiu ao meu peito. Queimou minhas bochechas.

— Aquele dia foi completamente atípico para mim. Você precisa saber disso. Não quero que pense que eu ajo assim o tempo todo.

— Pelo que ouvi, você estava sóbria havia muitos anos até recentemente, certo?

— Oito anos — respondi.

— Foi assim que você e Abby se conheceram? Em tratamento?

Fiz que sim. Essa era a parte mais difícil. Ela estava em tratamento havia duas semanas quando cheguei lá, então tinha alguns dias a mais de clínica do que eu, mas fez parte de cada passo da minha jornada de sobriedade. Eu não conhecia essa vida sem ela.

— E agora você está sóbria de novo? — perguntou a detetive, como se não tivesse certeza.

— Vinte e sete dias. — Eu não podia acreditar que tinha voltado a contar minha sobriedade em dias. — Não toquei em uma gota sequer desde a festa. — A festa de Kiersten tinha sido a chance de eu me redimir. Eu não via a maioria delas desde o incidente, e queria desesperadamente acertar as coisas.

A detetive Perez deu de ombros, como se não acreditasse em mim ou como se não fosse grande coisa. Eu não sabia dizer qual.

— Meu pai está no programa há anos. Recaída faz parte da jornada.

Eu balancei a cabeça.

— Não da minha.

O que soava completamente hipócrita, mas o que quer que tenha acontecido na casa dos Griffin não me representava. Foi algum tipo de resposta estranha ao trauma por tudo o que estava acontecendo.

— Certo — disse ela, da forma mais evasiva possível, com aquela expressão impossível de ler. — Eu ainda gostaria de saber o que aconteceu na casa dos Griffin. — Ela falou como se eu tivesse opções, mas nós duas sabíamos que não era verdade.

— Foi um dia terrível — respondi, fazendo careta. — É uma droga que sempre que duas pessoas se separam, os outros tenham que escolher lados. Tipo, todo mundo jura que não vai fazer isso, mas sempre acontece. Todo mundo sempre escolhe.

— E escolheram Abby aquele dia?

Escolheram Abby todos os dias. Era isso que eu queria dizer, mas me contive.

— Os Griffin estavam fazendo um grande chá revelação, e capricharam, sabe? Um daqueles exagerados e ridículos? Todas as mulheres do nosso clube de mães foram convidadas, e todo mundo compareceu.

— Você também?

Essa era a questão; eu não cheguei a receber um convite formal. Então Abby achou que eu não deveria ir. Whitney tinha concordado com ela. Whitney sempre concordava com ela. Nunca houve dúvida de que ela estava do lado de Abby.

— Tecnicamente, eu não fui convidada. Eles convidaram Abby, mas todo mundo sabe que, se você convida um cônjuge, é falta de educação não convidar o outro.

— Sim, mas ela não é mais sua cônjuge.

Será que precisava mesmo insistir nesse ponto?

— Sim, mas era para as crianças e sobre as crianças, então, sempre que é o caso, é óbvio que qualquer um dos pais pode levar a criança

para a festa, entende o que quero dizer? — Só que ela provavelmente não entendia, porque não tinha filhos, e pessoas sem filhos não faziam ideia do que era ser mãe.

— Você não estava com Julian naquele fim de semana, estava?

Neguei com a cabeça. A detetive era tão ruim quanto Abby. Ela realmente ia me obrigar a dizer aquilo?

— Então por que você foi? — perguntou.

Ela ia.

— Porque eu queria ver Abby. — Baixei a cabeça.

Eu havia me agarrado ao meu raciocínio com Abby e Whitney, mesmo que elas estivessem certas. Por alguma razão, Whitney ficou tão brava quanto Abby por eu ter aparecido sem convite. Abby saiu furiosa e foi embora depois que causei uma cena, mas Whitney foi quem me confrontou. Quer dizer, não exatamente. É mais correto dizer que ela surtou comigo depois, enquanto eu tentava me recompor.

— Sério, Brooke! Você precisa ir embora. Aquilo foi totalmente desnecessário. — Ela invadira o banheiro depois da cena que eu tinha acabado de criar no quintal.

— Não era a minha intenção. Aconteceu. — Eu me lamentara enquanto jogava água fria no rosto, tentando me acalmar. Manchas vermelhas de raiva pontilhavam minha pele. Rímel escorria grosso sob meus olhos e pelas minhas bochechas.

— Você não pode aparecer sem ser convidada e atacar as pessoas. Que droga há de errado com você? Você literalmente arruinou a festa inteira. — Eu nunca tinha visto Whitney tão brava.

— Não era o que eu queria. Me desculpe — falei, chorando, mas aquilo não melhorava o que eu tinha feito.

Nunca me ocorrera que Abby levaria Liza para a festa. Nunca. Eu esperava que ela estivesse sozinha. Nada poderia ter me preparado para a onda de emoções que tomou conta do meu pensamento racional quando vi as duas juntas. Uma coisa era ver nas redes sociais. Mas na vida real? Foi um soco direto no estômago.

E eu precisava de anestesia imediata.

Fazia oito anos desde o meu último gole. Oito anos. Um mês. Catorze dias. Corri para o bar externo e pedi uma dose de uísque. O barman me lançou o olhar mais estranho e avaliou os arredores, como se achasse que fosse uma pegadinha. Ele estava debaixo do enorme buquê de balões rosa e azul, e apontou para as jarras na mesa.

— Temos mimosas — disse ele, com um sorriso forçado.

— Preciso de algo mais forte.

Julgamento nublou sua expressão enquanto ele apontava para uma das outras jarras.

— Tem vodca nessa limonada de morango — disse.

— Eu vou querer a vodca. — Se ele não me desse logo, eu ia pular por cima da mesa e pegar eu mesma.

— Você não pode… Quer dizer… — Ele olhou ao redor, esperando que um dos garçons viesse socorrê-lo.

Eu não o deixei terminar. Coloquei a mão na mesa, e ele sentiu que eu não estava brincando. Ele me olhou como se eu fosse louca, encheu rapidamente um copo com gelo e começou a servir.

— Encha — rugi, não reconhecendo a minha voz.

Ele não tentou esconder o desgosto nem o desdém enquanto me entregava a bebida. Arranquei o copo dele e me afastei da mesa o mais rápido que pude. Não me importava com seu julgamento, apenas com

o alívio que estava prestes a sentir. A vodca queimou minha garganta enquanto descia.

Eu me postei de lado, de onde teria uma visão perfeita das duas. Observei o modo como Abby colocou a mão nas costas de Liza e a guiou cuidadosamente pela multidão. Liza era deslumbrante. Não dava para negar. Mas o top decotado com o busto à mostra era mais apropriado para uma noite na balada do que para um lugar com um monte de bebês e crianças pequenas correndo por aí. Eu não conseguia conter o riso quando seus saltos altos prendiam na grama. Ela continuava puxando o vestido para baixo e tirando os sapatos da lama. Ver que ela estava tão desconfortável fez eu me sentir melhor.

Mas então Abby a levou para perto do bolo do chá revelação e começou a sussurrar em seu ouvido. Ela não tinha o direito de exibi-la assim na minha frente. Dei outro grande gole. Minha língua já havia amortecido. Dei mais um, depois outro. Todos os meus pensamentos finalmente se uniram como uma única voz.

Elas estavam praticamente se agarrando. Que inadequado. Talvez fosse hora de saberem que eu estava ali. Virei o resto da bebida e joguei o copo nos arbustos antes de marchar até onde elas estavam, perto do bolo. Os olhos de Abby se arregalaram de horror e surpresa assim que ela me viu.

— Oi — disse ela, com uma expressão nervosa, olhando rapidamente para Liza e depois para mim. — O que está fazendo aqui?

— O que eu estou fazendo aqui? — Apontei para mim mesma. — O que *você* está fazendo aqui com *ela*? — Eu cuspi o "ela" como se fosse um palavrão.

Abby recuou e franziu a testa.

— O que eu estou fazendo aqui? Humm… Estou na festa para a qual fui convidada.

— O que ela está fazendo aqui? — Apontei para Liza, que estava ao lado de Abby, pendurada em seu braço como uma bolsa chique.

Abby agarrou meu cotovelo e sibilou no meu ouvido.

— Dá para não fazer uma cena? Sério. Tenho clientes aqui. Isso é constrangedor. Você… — Ela se afastou de repente. — Meu Deus. Você bebeu?

Ela se inclinou como se fosse me cheirar, e eu me afastei bruscamente, empurrando-a.

— Ah, isso é constrangedor para você, Abby? — Levantei a voz ainda mais. Esperava que cada um dos clientes dela me ouvisse. As pessoas precisavam saber o que ela tinha feito. Que ela estava abandonando a família. Deixando para trás tudo o que tínhamos prometido construir e fazer juntas. — Me desculpe se é muito desconfortável para você ter sua namorada encontrando sua esposa.

Liza deu um passo à frente. Seu perfume caro me agrediu. Ela envolveu o braço na cintura de Abby.

— Me desculpe, mas você não é esposa dela. Não mais. — Ela piscou com seus longos cílios postiços e sorriu como se tivesse ganhado um prêmio.

Meu sangue ferveu com a lembrança.

— Não sou capaz de dizer o que aconteceu depois — expliquei para a detetive Perez. — Num minuto eu estava ali confrontando Abby, e, então, assim que Liza deu um passo à frente e disse aquilo, eu simplesmente perdi a cabeça. Eu a ataquei.

Eu nunca tinha atacado ninguém na vida. Nunca tinha me envolvido em uma briga. Todas as crianças nos bairros onde cresci costumavam brigar, mas não eu. A violência me assustava. Não havia ninguém mais aterrorizado com o meu comportamento naquele dia do que eu. É por isso que não tinha bebido mais desde então. Voltei aos trilhos tão rápido quanto saí deles.

A detetive Perez não levantou a cabeça enquanto lia suas anotações.

— Algumas pessoas disseram que de repente você agarrou Liza pela garganta. Que Abby teve que afastar você dela à força e, então, você tentou dar um soco nela. Você se lembra de algo disso?

Eu não me lembrava de nada daquilo, mas tinha visto o vídeo. Aquele que alguém tinha gravado e Abby me enviou naquela noite. Havia vários fotógrafos lá, e alguém registrou o incidente inteiro. Ela me enviou o vídeo junto com uma mensagem de texto. Duas palavras.

Procure ajuda

Eu não ia mentir para a detetive Perez. Ela provavelmente já tinha visto tudo. Não havia explicação para o meu comportamento, mas eu tinha que tentar.

— Tudo aconteceu muito rápido. Sabe quando as pessoas dizem que viram tudo vermelho pouco antes de perderem o controle? Bem, eu não vi vermelho. Foi como um branco ofuscante e depois nada, até eu estar engalfinhada com Abby no chão.

Eu estava coberta com o bolo do chá revelação. Azul.

Era azul. Outro menino.

— E isso foi quando? — Ela olhou para as anotações de novo, mas provavelmente já tinha tudo memorizado. — Três semanas antes da festa na casa de Kiersten?

Assenti, embora não quisesse. Eu sabia para onde aquilo estava indo, e não gostava. Era o que eu temia.

— As outras garotas disseram que ninguém tinha falado com você desde a festa, e ficaram surpresas ao vê-la na casa de Kiersten. Elas não acharam que você apareceria em nenhum dos encontros delas depois daquilo.

— Eu fui à festa porque já tinha o convite, e uma vez que te convidam, elas não mandam cartões de desconvite.

De jeito nenhum eu deixaria que aquele momento horrível na casa dos Griffin fosse a última imagem que teriam de mim. Eu precisava de uma chance para me redimir.

— Você chegou a ver alguma delas depois do chá revelação?

— Eu esbarrei com Colleen no Ralphs, e uma vez vi Natasha correndo pela Laurel Canyon, mas, fora isso, não.

— Então a festa foi a primeira vez? — Assenti. — Como foi?

— Não muito bem.

Eu a encarei com um olhar estranho. A verdade é que eu tinha feito um ótimo trabalho naquela noite. Fiquei três dias jurando que não passaria a noite inteira falando de Abby nem do que tinha acontecido na casa dos Griffin. Eu ia fingir que aquilo nunca tinha acontecido e mostrar a elas que estava sóbria de novo. Que estava de volta aos trilhos. Fiz questão de garantir que todas me vissem bebendo água. E se não fosse pelo incidente, eu teria considerado a noite um sucesso.

— Deve ter sido muito estranho e doloroso.

— Foi — respondi, seca, mas já tinha cansado daquele assunto.

Não era como se ela fosse uma amiga. Ela não se importava de verdade comigo nem com o que se passava na minha vida. Só queria descobrir o que tinha acontecido com Kiersten. Fazer perguntas e fingir se importar com as pessoas era o trabalho dela.

— Vamos ficar nesse assunto o tempo todo?

Por um segundo, ela pareceu surpresa. Eu podia parecer um rato, mas sabia me defender quando precisava. Não tinha chegado aonde cheguei deixando as pessoas passarem por cima de mim.

— Com certeza, sim. — Ela pigarreou. — Estamos chamando todos de volta porque as coisas mudaram na investigação. — O tom dela também mudou. — Não estamos mais olhando para o caso como um afogamento acidental. Kiersten estava inconsciente quando entrou na piscina. Foi nocauteada antes de ser jogada. A causa provável da morte foi trauma contuso na cabeça. Seguido por afogamento secundário. Do qual ela provavelmente nem estava ciente. — Ela disparou os fatos sem parar, e só então me deu uma chance de absorver o que tinha acabado de dizer.

— Ela estava inconsciente antes de entrar na piscina? Como sabem disso?

— Quase não havia água em seus pulmões. É chamado de afogamento seco. — Levantei as sobrancelhas, e ela explicou. — Resumindo, como estava inconsciente quando atingiu a água, ela continuou a respirar em vez de prender a respiração, como alguém faria se estivesse consciente. O cérebro automaticamente inspira uma pequena quantidade de ar. A água entra, mas então a garganta se fecha

por instinto. Eles saberão com certeza quando se aprofundarem mais, mas os pulmões estavam apenas meio cheios de água.

— Então, você está dizendo que alguém machucou Kiersten? Antes que ela se afogasse? — Eu não sabia ao certo o que ela estava insinuando. As implicações de algo assim eram impossíveis. Quem faria uma coisa dessas?

— Sim, é o que estou dizendo. Essa se tornou oficialmente uma investigação de homicídio. — Ela espalmou as mãos na mesa. — Quer ouvir algo interessante que notei?

Ela me lançou um olhar intenso, seguido de um sorriso igualmente intenso. Assenti, devagar, embora não tivesse certeza se queria.

— Jade e todas as outras se referem a Whitney como Whit. Você é a única que usa o nome completo dela. Alguma razão particular para isso?

Obviamente havia, ou ela não teria mencionado. Todo mundo entendia as implicações.

— É que nunca fui superpróxima de ninguém no grupo, sabe?

Eu poderia muito bem dizer a verdade. Não adiantava mentir. Eles descobririam tudo, de qualquer forma. Talvez já até tivessem.

— Nós viemos de mundos muito diferentes.

Aquilo era um eufemismo.

A detetive Perez assentiu.

— Percebi.

Ela folheou a pasta à sua frente. Era estranho vê-la sem o uniforme. Parecia uma pessoa comum com a calça jeans azul e o All Star vermelho. Dava para ver que era seu par favorito. Buracos nos cantos, tão gastos que dava para ver as meias espiando de lá. Mas o

cabelo ainda estava preso no rabo de cavalo apertado que sempre usava. Queria saber como ela se sentia quando finalmente o soltava no fim da noite. Era como entrar em casa e tirar o sutiã?

Eu precisava focar.

— Você é do Arizona — disse ela. — Foi criada por uma mãe solo e viajou a maior parte da infância. De costa a costa, e passou até um breve período no Alasca. Deve ter sido ótimo ver tanto do mundo, mas também dificulta se sentir estabelecida. Só que você é bem resiliente, porque foi para a faculdade aos dezessete e se formou *summa cum laude*. Uma colega Phi Beta Kappa.

A detetive deu um aceno rápido para a placa na parede atrás dela, com o mesmo emblema dourado da que estava no meu escritório. Era ligeiramente perturbador o quanto ela sabia. Como se alguém lhe tivesse entregado um resumo da minha vida. Como fizeram isso tão rápido? Estavam fazendo as mesmas verificações rigorosas com todas as outras? O que encontraram assim que começaram a cavar? Ninguém estava imune aos segredos. Especialmente aquelas mulheres.

"Não sou uma delas", eu tinha dito a Abby depois de uma das nossas primeiras grandes aventuras noturnas com o grupo de mães, quando todas estávamos grávidas.

Tínhamos ido ver Hippo Campus no Greek. Ela se divertiu muito, mas ela era assim. Podia se divertir com qualquer um. Transformar-se em quem precisasse ser no momento, mas era difícil demais para mim fingir que me importava com as coisas a que elas estavam assistindo ou quem havia projetado a nova cozinha delas.

A questão é: eu tinha ficado porque era conveniente e fácil. E porque Abby gostava do grupo e queria que eu ficasse. Quantas coisas

eu havia feito porque ela queria? Ainda estava fazendo. Uma vozinha minúscula surgiu, dizendo que talvez meu relacionamento com Abby não fosse tão saudável ou tão perfeito quanto eu fazia parecer antes de tudo isso. Mas eu logo a silenciei, como fazia toda vez que ela tentava mostrar sua cara feia.

Eu fizera sacrifícios por amor, era só isso. Todos nós fazíamos.

— Brooke, eu sou uma pessoa direta. Há muitos policiais que fazem todo tipo de jogos com os suspeitos. Eles usam truques e técnicas, mas eis o que eu descobri. — Ela respirou fundo e me lançou um olhar calculado. — A maioria das pessoas prefere ser abordada diretamente, e estão esperando você fazer a pergunta certa para que possam dizer a verdade. Manter segredos é nocivo. Sem mencionar que dá trabalho, e a maioria das pessoas está morrendo de vontade de se aliviar.

Mas eu não via as coisas daquela maneira. Não era o que estava acontecendo ali. Ninguém tinha demônios que precisava exorcizar. Eu a encarei de volta. O que ela esperava que eu dissesse? Aquilo funcionava com as outras pessoas? Ela continuou depois que eu não preenchi o silêncio.

— Eu me sentei com todas as suas amigas e tive conversas semelhantes com elas, em que expliquei o que realmente aconteceu com Kiersten. Você sabe o que cada uma disse quando perguntei quem, entre as seis, elas achavam que seria capaz de machucar outra pessoa? — Os olhos dela perfuraram os meus. Eu me forcei a não desviar o olhar. — Todas disseram você, Brooke. Que você era a única capaz de machucar Kiersten. — Ela deixou as palavras se assentarem e observou o efeito delas em mim.

Mas eu não me surpreendi.

— Você esperava que eu ficasse chocada?

— Não — disse ela, rapidamente, mas eu podia perceber que sim. — Só queria que soubesse que suas amigas acham que você pode ter tido algo a ver com o assassinato de Kiersten.

Eu ainda não conseguia acreditar que estávamos chamando de assassinato.

— Quem falou isso? Whitney? Jade? — Estreitei os olhos. — Colleen? Todas elas? Aposto que foi Whitney. — Eu me inclinei sobre a mesa. Cheguei mais perto dela. — Você acha que todas elas são muito unidas e próximas, não é? Que eu sou essa grande forasteira? E que todas se amam e se apoiam? Tipo uma grande família feliz? — Soltei uma risada sarcástica. Ela se aprumou rápido, imediatamente interessada.

— O que está tentando dizer?

— Todo mundo fingia que Whitney e Kiersten eram superunidas, e elas eram, ou são, mas o que quero dizer é que elas não estavam se dando bem.

— Whitney e Kiersten? — perguntou ela, como se não acreditasse.

Eu assenti. Tinha a atenção dela agora. Total.

— Elas estavam brigando havia semanas.

— Mas eu pensei que você não tinha visto ninguém nas últimas três semanas?

— Não tinha, mas já estava acontecendo há mais ou menos um mês, e ainda havia muita tensão naquela noite. Eu podia não ser próxima delas, mas estava sempre observando. — Assim que eu disse isso, percebi que tinha soado estranho e logo alterei o curso. — Eu

presto atenção ao que está acontecendo com as pessoas, e é muito mais fácil ver e notar as coisas quando se está de fora. Você não consegue ver as coisas quando está no centro. — Eu estava certa, e ela sabia disso. Era toda a razão pela qual ela podia fazer o trabalho dela. Ela sabia tudo sobre estar observando de fora.

— O que estava acontecendo com Whitney e Kiersten? — perguntou a detetive, inclinando-se para a frente.

Essa era uma informação nova. Claramente ninguém tinha contado a ela. Por que não contaram? Todo mundo sabia o que estava acontecendo. Era impossível não notar, e todas falavam do assunto. Eu ouvia as conversas.

— Ficar perto de Whitney e Kiersten era como estar perto dos pais depois de uma briga feia quando se é jovem. Sabe como é isso? Enfim, algo importante tinha acontecido entre elas, porque dava para sentir a tensão. Todo mundo sentia. Todo mundo falava disso, mas ninguém sabia o que podia ser.

— Que tipo de coisas você notou? — Ela pegou a caneta e escreveu. Não tinha feito isso até aquele momento. Elas não conseguiriam me culpar só porque eu era o alvo mais fácil. De jeito nenhum.

— Primeiro, as duas estavam sempre juntas. Kiersten e Whitney eram praticamente grudadas. Elas iam e vinham e faziam tudo juntas. Passavam mais tempo uma com a outra do que com qualquer outra pessoa, mas então pararam de agir assim e começaram a aparecer separadas nos lugares. Dirigindo carros diferentes. Mal falando uma com a outra. Elas eram quase sempre as últimas a sair de qualquer evento ou encerrar a noite quando saíamos juntas, mas, de repente,

não era mais assim. Elas nem se sentavam perto uma da outra e tinham pressa de ir embora.

— Você tem alguma ideia do que se tratava? Elas alguma vez disseram?

Neguei com a cabeça.

— Elas nunca me disseram. — Eu tinha sido clara com ela sobre estar de fora, então obviamente não teria o privilégio de tal informação, mas, embora Perez fosse uma detetive, minha terapeuta era sem dúvida uma ouvinte melhor. — Mas eu não fui a única que notou, e embora não falassem disso comigo, elas falavam entre si. Eu ouvi Colleen e Taylor no estacionamento depois que saímos do Starbucks. — Elas não sabiam que eu estava lá. Essa é a questão de ser invisível. — O que quer que fosse, houve muitos momentos estranhos entre elas e Jade.

— O que estava acontecendo?

— A primeira coisa que vou dizer sobre aquele grupo é que elas são muito possessivas e não gostam de compartilhar. Whitney começou a passar mais tempo com Jade, e isso deixou Kiersten superenciumada. Quando elas apareceram juntas na casa de Colleen para o clube do livro, Kiersten parecia ter levado um tapa. Ela ficou tão chateada que teve que sair da sala. — Ela tinha corrido para o banheiro, desculpando-se rapidamente, dizendo que precisava de algo para beber. Seus olhos estavam inchados e vermelhos quando voltou, então eu soube que tinha ao banheiro para chorar. Ela foi embora cedo naquela noite.

— Aonde você quer chegar? — perguntou a detetive.

— Só quero dizer que havia algo acontecendo ali, e as coisas não estavam bem entre Whitney e Kiersten. Não estavam bem havia muito tempo. — Eu dei de ombros, com ar despreocupado. — Talvez você devesse perguntar à Whitney.

15

WHITNEY

Antes

Saí correndo para me encontrar com Kiersten. Estava mais de vinte minutos atrasada. Ela odiava quando eu me atrasava. A Senhorita Pontualidade. Nós mal tínhamos conversado nos últimos três dias. Ambas tão ocupadas.

Empurrei a porta do café com força e fui direto para a nossa mesa. Aquela debaixo da samambaia pendurada no canto. Os olhos dela se iluminaram ao me ver, e alívio imediatamente inundou meu corpo. Avancei e lhe dei um abraço rápido antes de me acomodar do outro lado da mesa. Eu não precisei nem fazer o pedido. Ela já tinha cuidado disso; perfeitamente preparado do jeito que eu gostava. Até o croissant estava embrulhado em um guardanapo de papel para que ficasse quente para mim.

— Me dá um segundo — disse ela, erguendo os olhos, depois baixando-os rapidamente. Os dedos voavam no telefone. — Só estou terminando este e-mail para um cliente.

Olhei pela janela e tomei um gole de café, me perguntando se deveria contar sobre Colin, enquanto ela digitava. Eu queria. Só para desabafar. Tirar o segredo horrível do meu peito, mas sabe de uma

coisa? Ela devia estar tão enjoada de ouvir sobre nosso ciclo patético quanto eu estava de falar do assunto.

Eu não entendia o "vício" dele. Heroína. Crack. Pílulas. Merda, até álcool. Eu entendia todos esses. Cada um deles. A necessidade de se entregar ao esquecimento. De se sentir bem. Quem não gostava disso? Todo mundo queria se sentir bem. Todo mundo queria escapar da realidade de vez em quando. Isso era humano. Claro, havia pessoas que passavam do ponto. Certo? A euforia era tão boa que só queriam mais e mais, até não conseguirem mais se sentir satisfeitas. Até deixar de ser bom.

E essa era a questão. Todas essas drogas davam uma sensação boa. Eu não entendia como apostar podia dar uma sensação boa, não importava quantas vezes os médicos e especialistas tentassem explicar a euforia. Nada mudava o fato de que você não estava colocando uma substância química no corpo. Você estava sóbrio. Ponto. Não importava a quantas aulas de educação familiar me fizessem assistir ou quantas vezes aqueles médicos chiques de todas as partes do mundo explicassem que o jogo alterava o cérebro assim como as drogas. Que dava a mesma descarga de adrenalina.

Faça-me o favor. Não.

Eu já usei drogas. Jogar não era a mesma coisa.

Apostar parecia uma escolha irresponsável, em especial quando se tinha uma família. E não dava para ficar fisicamente viciado nisso como em outras coisas, não importa o que me dissessem. Na verdade, eu não acreditavam em nenhuma das teorias dos profissionais de saúde, mas tinha que fingir que sim, senão ia parecer apenas a esposa

amargurada e zangada que não conseguia perdoar o pobre marido viciado em drogas. Mas, veja bem, essa era a questão.

Eu teria mais facilidade em perdoá-lo se ele fosse viciado em drogas de verdade. Porque aí todo o comportamento dele faria sentido. Aí ele não estaria em seu juízo perfeito. Pensando nisso, comecei a sentir uma onda de fúria.

Kiersten já tinha passado por isso comigo muitas vezes. Desde a primeira intervenção estruturada que fizemos, sete anos atrás. Meu Deus, como é possível já terem se passado sete anos? Eu estava tão perdida e confusa naquela época. Tinha acabado de descobrir seu problema com jogos de azar. E que isso acontecia desde o primeiro ano da faculdade. Eu não fazia ideia da proporção que havia tomado até descobrir que, em segredo, ele tinha apostado e perdido nossa propriedade em Lake Arrowhead. Sumiu. Em um piscar de olhos.

E eu não soube de nada. Ele manteve segredo. Aquele momento mudou tudo.

Todo mundo o vira passar pelo tratamento. Sua primeira intervenção. Nós o tratamos como um viciado em drogas de verdade na ocasião. Porque foi isso que os médicos e terapeutas nos disseram para fazer. Aqueles com diplomas chiques e longas listas de abreviaturas junto aos nomes. Foi assim que nos explicaram as coisas. Felizmente, eu não tive que passar por nada daquilo sozinha. Kiersten e Tommy também foram a todos os grupos de terapia familiar no começo. Por anos, fomos todos juntos, porque eles eram tão próximos de nós quanto nossa família biológica, mas paramos de ir depois que Colin passou pela rotina de sobriedade/recaída mais algumas vezes.

Mas naqueles primeiros dias?

Estávamos todos engajados. Seus maiores apoiadores. Todos convencidos de que sua recuperação seria sólida e que ele superaria os obstáculos. Mas então a empresa dele deu uma festa de aniversário no hipódromo de Santa Anita. Eu disse a ele para não ir. Implorei para que ficasse em casa.

— Não acho que seja uma boa ideia — falei, quando ele mencionou o local da festa enquanto se preparava para sair.

Meu estômago se contorceu. Tantos sinais de alerta. Primeiro ele mencionou casualmente a notícia, bem na hora em que estava saindo pela porta, assim não haveria chance de discutirmos o assunto. Ele me falou da festa, mas não contou que seria no hipódromo, e não era assim que fazíamos as coisas.

A regra era transparência e honestidade total. Era assim que a reabilitação funcionava em nosso casamento.

Ele parou, franzindo a testa para mim.

— Está tudo bem. Só vamos usar estes ternos superdesconfortáveis enquanto bebemos muita cerveja e fumamos charutos em um cubículo — disse, sem olhar para mim. Simplesmente continuou amarrando os sapatos, como se não fosse grande coisa.

— Você está indo para o hipódromo. O objetivo é apostar em cavalos. — Tentei manter o medo e a insistência afastados da minha voz, mas não consegui. Aquilo não me descia nada bem.

— Eu não gosto de apostar em cavalos. — Ele revirou os olhos e pareceu insultado. — Essa nunca foi a minha praia. Não se preocupe.

Mas eu me preocupei. O tempo todo em que ele esteve fora.

Ele entrou em casa cambaleando, às quatro da manhã, com dez mil dólares a menos, como se estivesse voltando de um bar. Eu fiquei

devastada. Chorei por uma semana inteira e perdi quase três quilos porque estava ansiosa demais para comer.

Mas eu já não ficava mais devastada daquele jeito.

No momento, só estava cansada, e não queria que aquela fosse a minha vida. Não queria que isso estivesse acontecendo de novo. Não outra rodada.

— Ok, terminei. — Kiersten interrompeu meus pensamentos. Ela largou o telefone na bolsa e voltou toda a atenção para mim. — Mal conversamos desde o fim de semana passado, então me conte tudo o que está acontecendo. — Por um segundo, eu quis chorar. Minhas emoções estavam à flor da pele. Ela percebeu de imediato. — O que aconteceu com Colin? Você disse que era algo sério.

Os olhos dela se encheram de preocupação. Eu havia mandado mensagem na noite passada, depois que encontrei os recibos, mas não tinha dito nada sobre eles. Apenas que eu e Colin estávamos com problemas, mas que não podia tocar no assunto naquela hora.

Abri a boca para contar tudo a ela: os recibos enfiados na mochila de academia dele, o fato de ele não estar realmente indo à academia, que estava mentindo de novo, tudo isso… mas me detive. Eu não conseguiria passar por aquilo de novo. Seria a mesma coisa que chover no molhado.

— Ah, nada. — Dei de ombros, rindo, estendendo a mão sobre a mesa e apertando a dela. — Eu estava super-histérica por causa da TPM. Minha menstruação veio bem na hora em que eu estava indo dormir, mas estou de volta ao meu juízo perfeito esta manhã. Sabe como é — inclinei a cabeça para o lado e abri um sorriso malicioso —,

ele disse algo totalmente estúpido e insensível na noite passada, e eu estava pronta para me divorciar. Era isso ou matá-lo.

Ela caiu na gargalhada.

— Você fica mesmo completamente maluca na TPM. Lembra daquela vez que ficou muito brava comigo na faculdade por causa dos bagels?

Ela logo começou a contar uma de suas histórias favoritas sobre mim. De como eu havia perdido o controle e jogado um prato na cabeça dela. Ela ficava toda dramática quando descrevia o prato se espatifando na parede atrás dela. Tudo fruto de um acesso de raiva hormonal por ela ter comido meu último bagel sem comprar um novo.

Ouvi a história familiar e ri junto em todas as nossas partes favoritas. Mantive a boca fechada sobre Colin. Eu nunca tinha escondido nada dela. Nem uma vez. Era tudo em que conseguia pensar na volta para casa. Nós não mantínhamos segredos. Mas talvez eu pudesse manter esse, porque não queria falar do meu marido viciado em jogos. Eu já estava cansada dos problemas dele, e não os queria mais como meus. Estava farta. E se nunca contasse a ela, então ela nunca saberia, e se nós nunca mais tocássemos no assunto, então poderia ser apenas problema dele. Talvez fosse esse o truque. Fingir que o problema não existia.

Será que era possível? Alguém conseguiria fazer isso? Ignorar um problema até ele desaparecer?

16

JADE

Agora

Corri até a cafeteria para me encontrar com Whitney. Era mesmo uma boa ideia? Eu não sabia o que estava fazendo. Aquilo tudo era território desconhecido.

Ninguém tinha falado nada até aquele momento. Silêncio total no grupo das seis. A cada dez minutos eu pensava em mandar mensagem, mas o que deveria dizer? Como sequer começar uma conversa dessas?

Ei pessoal! Eles acham que uma de nós matou Kiersten. Então, o que vocês acham?

Ninguém responderia a essa mensagem, com certeza. E o que mais eu poderia dizer?

E aí? Como vocês estão?

Casual e vago demais. Pensei em mandar um "oi" mais pesado, com reticências, mas também pareceu errado, e não havia um emoji que se encaixasse nessa situação, então não mandei nada. Fiquei tão

aliviada quando Whitney sugeriu que nos encontrássemos que disse sim na hora. Mas aceitei sem pensar. Será que era uma boa ideia nos encontrarmos em público esta noite? Como pareceria aos investigadores se nos vissem? Estava tudo bem nos reunirmos?

A detetive Perez não estava de brincadeira hoje. Ela realmente ia olhar para cada uma de nós como suspeitas. Aquilo havia se transformado em um jogo Detetive da vida real, um que ninguém queria jogar. Eu certamente não queria.

Ryan ficou com as crianças sem que eu sequer precisasse pedir. Foi a coisa mais estranha. Meu maior medo era que ele se afundasse ainda mais no poço da depressão ao descobrir sobre Kiersten, mas aconteceu exatamente o oposto. Acendeu um fogo nele, porque a morte dela o assustou. Fez com que ele percebesse como a vida era frágil.

Whitney me avistou pela janela e acenou com entusiasmo. Era tarde demais para voltar atrás, então retribuí o gesto e me apressei a entrar. Fiquei surpresa por ela ter chegado antes de mim, já que em geral ela se atrasava pelo menos quinze minutos para tudo.

A mulher havia se transformado nas últimas quarenta e oito horas. Ainda usava as roupas confortáveis e familiares como um cobertor velho, mas tinha tomado banho e escovado o cabelo. Colocado roupas limpas. Isso era bom. Boné cobrindo parte do rosto. O cabelo preso em um rabo de cavalo. Exatamente como quando fazíamos nossas caminhadas para recolher lixo na praia, para a Heal the Bay.

Me acomodei e coloquei a bolsa na cadeira ao lado.

— Que porra está acontecendo? — Ela não perdeu um segundo com conversa fiada. Não havia tempo. Nossa amiga estava morta, e éramos as principais suspeitas.

Balancei a cabeça. Trepidantes, meus olhos disparavam pela cafeteria, como se eu tivesse algo a esconder. Todas aquelas perguntas da detetive Perez tinham me deixado muito nervosa. Engraçado, ser tratado como suspeito faz você sentir que fez algo errado.

— É tão estranho. De repente eu me sinto completamente paranoica e agitada.

— Meu Deus, eu também — disse ela.

Os olhos de Whitney estavam tão descontrolados e em pânico quanto os meus deviam estar. Mesmo assim, ela forçou um sorriso quando a barista nos trouxe o café. Éramos clientes assíduas, sempre atendidas pela mesma garçonete: Molly. Ela tinha vinte e dois anos e era supertagarela, mas dessa vez ela deu uma olhada em nós, colocou as bebidas na mesa e se afastou rapidamente sem dizer uma palavra. Esperei até que ela não pudesse nos ouvir para falar.

— É assim que me sinto desde que me encontrei com a detetive Perez mais cedo. Como se eu não pudesse acreditar no que está acontecendo. Nada parece real.

— Sabe como estou? — Whitney inclinou a cabeça para o lado. Seus olhos faiscavam. — Furiosa. Fiquei devastada quando pensei que um acidente terrível tinha matado Kiersten, mas o fato de que alguém fez isso com ela? Que alguém tirou a vida dela de propósito?

Sua voz aumentava a cada palavra. Quando ela terminou, o casal no fundo do restaurante já estava nos encarando.

— Você acha isso mesmo? Tipo, alguém tirou a vida dela de propósito? — perguntei.

Ela deu de ombros, parecendo perplexa. Então fez sinal para eu me aproximar e sussurrou:

— Você estava muito detonada na noite da festa?

Essa não era a pergunta que eu esperava que ela fizesse. Me pegou de surpresa, e levei um segundo para me recuperar. Dei de ombros.

— Não mais do que qualquer outra pessoa. — Onde ela queria chegar? Será que tinha ouvido algo? — Eu não contei, mas não deve ter passado de três bebidas.

— Você comeu algum docinho?

Eu me sentia uma adolescente sendo interrogada pela mãe depois de voltar de uma festa.

— Repito, não mais do que qualquer outra pessoa, detetive.

Não pude evitar. Ela não podia simplesmente começar a me encher de perguntas sobre meu nível de sobriedade naquela noite sem me dizer por quê.

Ela lançou um olhar furtivo pelo café antes de continuar:

— Ok, então talvez você não estivesse completamente bêbada, mas eu estava, então grande parte da minha memória está turva. Eu só lembro de pedaços e fragmentos de depois do jantar, e acho que cometi um erro enorme ao dizer isso a Perez.

— Você disse a ela que não se lembrava do que tinha acontecido?

Não fiquei surpresa. Whitney gostava de uma festa. Sempre precisávamos preencher algumas lacunas de memória no dia seguinte. Era parte da experiência. Como uma brincadeira da qual todas participávamos.

— Não é como se eu tivesse algo a esconder. — Ela balançou a cabeça. — Além disso, estou totalmente fora da equação de suspeitos. Ninguém pode sequer considerar que tive algo a ver com isso.

— O que você quer dizer? — perguntei.

Eu não tinha tanta certeza daquilo. A polícia estava de olho em todas nós, e provavelmente ainda mais nela, já que era a pessoa mais próxima de Kiersten.

Meio como o marido é sempre um suspeito em investigações de assassinato. Ela era a coisa mais próxima depois disso.

— Meus seios estavam me matando. Tipo, duros como pedra, vazando por toda a parte, me matando. É disso que me lembro. Eu tinha tirado leite antes de sair e achei que ficaria bem sem tirar até chegar em casa, mas, de repente, não aguentei. Estava desconfortável demais, então fui procurar a bombinha de Kiersten para usar e, depois que a encontrei, me sentei no quarto de hóspedes e tirei o leite. Para ser franca, não faço ideia de quanto tempo fiquei lá. Só lembro de estar muito cansada quando me sentei. Sabe quando todo o cansaço vem de uma só vez? E foi aí que me senti realmente acabada. Posso até ter fechado os olhos para descansar um pouco.

Ela apagou. Era isso que queria dizer. Encontrou uma forma educada de dizer que apagou.

— Bem, eu não estava apagada quando aconteceu — eu meio que brinquei, voltando à pergunta original dela.

— Onde você estava? Do que se lembra? — perguntou Whitney, inclinando-se para a frente mais uma vez.

— Taylor. Eu só lembro de Taylor contando uma história maluca, e pensei que Kiersten estivesse ali também. De verdade. Não é estranho como a gente consegue colocar pessoas numa memória? Tipo, eu podia jurar que ela estava lá durante a conversa inteira. Quando Natasha gritou e corremos para fora, eu me virei, esperando encontrá-

la ao meu lado. Levei um segundo para perceber que era ela boiando na piscina, sabe? Para ser sincera, eu não percebi que ela tinha saído.

— Você se lembra de mais alguém ter sumido por volta daquela hora?

Era como ser interrogada pela detetive Perez de novo. Ela tinha me feito as mesmas perguntas.

— Não, mas só porque eu não estava prestando atenção.

— Bem, se você estava conversando com Taylor o tempo todo… Tem certeza de que estava conversando com ela o tempo todo? — Ela ergueu uma sobrancelha.

Eu assenti.

— Positivo.

— E eu estava tirando leite no quarto… então só sobram Colleen, Natasha e Brooke. — Ela deixou que as implicações de sua declaração pairassem no ar.

Eu tinha feito a mesma conta que ela essa tarde. Várias vezes.

— É muito estranho pensar em qualquer uma delas sendo… sendo… uma assassina? — Nem mesmo soava certo.

Ela concordou com a cabeça.

— É, né? Tipo, Natasha? Machucando alguém? Ah, faça-me o favor. Ou Colleen? O quintal dela bem que podia ser um santuário de animais resgatados. Ela tem, tipo, sete animais diferentes.

Havia outro nome na lista. Nós nos encaramos, cada uma do seu lado da mesa. Podíamos não ser tão próximas quanto ela e Kiersten, porque ninguém conseguiria competir com aquilo, mas nos conhecíamos muito bem e tínhamos nossa própria história. O suficiente para saber que as duas estavam pensando a mesma coisa.

— E… — Deixei a pergunta no ar. Não precisei dizer em voz alta.

— Eu disse para Perez que, se ela achava que era uma de nós, então Brooke era a única que poderia ter feito aquilo — anunciou Whitney, como se não estivesse nem um pouco arrependida de ter dito aquilo para a detetive.

Estendi a mão por cima da mesa e segurei a dela, apertando com firmeza.

— Ok, certo. Que bom ouvir você dizer isso, porque eu estava me sentindo a pior pessoa do mundo por dizer o mesmo para a detetive Perez, mas sabe de uma coisa? — Não esperei uma resposta. — Assim que ela me contou o que realmente tinha acontecido com Kiersten, foi Brooke quem surgiu na minha cabeça. Imediatamente.

— Na minha também! — exclamou ela.

— E eu disse isso para a detetive Perez. Não que eu ache que Brooke seja uma assassina má, maliciosa, perversa. De jeito nenhum. Não acho mesmo. Mas ela é instável, e pessoas instáveis fazem coisas instáveis.

— Não é? E ela já surtou e perdeu totalmente o controle uma vez. Você viu como ela colocou as mãos no pescoço da Liza. — Ela arregalou os olhos dramaticamente.

— Exato.

— Sabe no que eu estava pensando? — perguntou Whitney, baixando a voz até quase um sussurro. — E se fôssemos nós a falar com ela? Tipo, realmente tentarmos fazê-la falar do ocorrido?

— Tipo, obrigá-la a confessar?

Ela assentiu e me deu um sorriso malicioso.

— Você acha que ela vai nos contar?

Será que eu contaria? Se a situação fosse inversa, eu confiaria em Whitney? Confiaria em mim?

— É provável que ela esteja tão atormentada pela culpa que está só esperando a gente perguntar. Sabe? Dizem que a única razão pela qual alguns criminosos não são pegos é porque ninguém perguntou se eles cometeram um crime.

Eu tentei não sorrir. Ela estava citando a detetive Perez. Ela tinha dito a mesma coisa para mim.

— Você acha mesmo que ela vai nos contar se perguntarmos? — questionei.

— É óbvio que não vamos interrogá-la sem mais nem menos, como se estivéssemos tentando obrigá-la a confessar, mas podemos deixá-la relaxada o suficiente para começar a falar, e ver para onde as coisas vão a partir daí. — Whitney deu de ombros. — Não sei o que vai acontecer, mas vale a pena tentar, não vale? O que temos a perder?

17

BROOKE

Agora

Senti o estômago revirar enquanto me aproximava da casa de Whitney. Como era possível chamar alguém de assassina e, no dia seguinte, convidar a pessoa para um café em sua casa? Ah, qual é. Ela achava que eu era tão idiota assim?

Ela pensava que eu era a culpada. Era exatamente o que aquilo significava, e, se essa era a direção que ela tinha tomado, então dava para apostar que todas as outras pensavam o mesmo.

Só que havia uma parte minúscula de mim que se preocupava com a possibilidade de a detetive Perez ter inventado tudo. E se ela tivesse dito tudo aquilo sobre Whitney e feito parecer pior do que era para atrapalhar as coisas entre nós? E se estivesse tentando deixar as pessoas chateadas? Fazer os membros da tribo se virarem uns contra os outros? Era o truque mais antigo do manual.

E eu não queria ser enganada.

No início, eu tinha dito não ao convite de Whitney. Sem nem pensar, assim que recebi a mensagem dela. E passei os cinco minutos seguintes explodindo de raiva. É claro que eu era a pessoa para quem apontariam o dedo. Uma mãe criando o filho sozinha. Porque era isso

que eu era agora. A petição de divórcio tinha chegado pelo correio ontem. Era oficial.

Uma mãe divorciada e com um passado duvidoso.

Eu queria socar cada uma delas na cara. Eu não tinha um passado duvidoso. Tinha um passado pobre. Havia uma diferença, mas elas não sabiam. Eu era apenas a forasteira. A esquisita. Aquela que não conhecia nem seguia as regras sociais estúpidas delas. Era quem eu sempre fui para aquelas mulheres.

Que nojo. Eu odiava aquilo. Odiava elas.

Apesar dos meus sentimentos, digitei o código do portão e subi a longa e sinuosa entrada. O Mercedes prateado de Jade já estava lá. Por que não fiquei surpresa? O que eu estava fazendo? Essas não eram minhas amigas nem minha gente. Whitney provavelmente gravaria tudo com o celular guardado no bolso. Ou faria Colin descobrir uma forma de gravar áudio na casa. Mas eu não podia ir embora. Eu tinha que saber o que elas sabiam. E se elas tivessem mais informação que eu?

Whitney abriu a porta para o grandioso vestíbulo. Eu tinha ficado impressionada na primeira vez em que estive lá. A casa dela era tão bonita que tinha sido destaque em revistas, e era alugada com regularidade para comerciais. Cada peça era perfeita. Meticulosamente projetada. Deslumbrante.

— O que o marido dela faz? — Abby tinha sussurrado para mim enquanto caminhávamos pelo foyer até a sala de estar formal, com seus oitenta e tantos metros quadrados. Com janelas do chão ao teto que revelavam uma piscina cintilante e quadra de tênis nos fundos. E,

à direita delas, o mais glorioso jardim de flores raras e cactos que alguém já tinha visto.

Colin era um bem-sucedido vendedor da Medtronic, mas, ao que parecia, Whitney era a responsável por tantos metros quadrados e azulejos feitos sob medida. Ela era a presidente de uma agência de talentos de elite que construíra do zero vinte anos atrás. Não havia dúvida de que ela trabalhava muito, e não tinha perdido o ritmo mesmo depois de ter Asher.

Ela abriu a porta de par em par. Tinha se transformado desde o nosso encontro de dois dias atrás. Parecia a antiga Whitney. O cabelo estava escovado e jogado para trás. A franja clássica que usava desde que a conheci. Não importava o que vestisse, ela sempre parecia bem, e naquele dia não foi diferente. Ela estava da cabeça aos pés vestida de cashmere da Alo. Mas, embora parecesse consigo mesma, sua voz tinha um tom estranho, e os olhos estavam muito abertos. Ela estava tentando demais parecer normal.

— Que bom ver você. Entre — disse ela, fazendo um sinal para mim.

A porta se fechou e, de repente, eu não conseguia respirar. Tinha ido até ali por raiva e curiosidade, então não pensei em nada. Tudo o que fiz ontem foi repassar cada interação com Abby na delegacia. Analisei cada detalhe: desde a forma como ela cruzou as pernas enquanto estávamos na sala de espera até sua expressão quando se despediu. Eu não tinha dado a mínima para as acusações veladas da detetive Perez contra mim, porque não havia mérito nelas. Não tinha feito nada de errado, então não havia com o que me preocupar.

Mas percebi que, se eu não a tinha matado, então outra pessoa matara. Alguém naquela festa. Exatamente como a detetive Perez disse. Uma das outras cinco. Duas delas estavam ali. Quais eram as chances de uma ser a culpada? E, se fossem, por que me convidariam?

De repente, estar ali não parecia mais uma boa ideia, mas segui Whitney pela sala de jantar mesmo assim. Ela tagarelava sobre algo, mas eu não conseguia acompanhar. Nem a conversa, nem seus passos.

E se uma delas tivesse cometido o assassinato? E se tivessem me chamado para fazer comigo a mesma coisa que tinham feito com Kiersten? Por quê? Elas seriam mesmo tão cruéis? Eu não as conhecia. Não de verdade.

Suor grudava em mim. Jade estava sentada na sala de estar, parecendo uma dona de casa tão perfeita quanto Whitney. Ao contrário de Whitney, ela não tinha aquele olhar de quem está se esforçando demais para se manter composta, mas todo o resto era igual. Estavam atuando; com certeza orquestrando o próprio show. Eu achava que era para me questionar sobre meu envolvimento, como se realmente achassem que eu tinha cometido o crime. Mas e se elas fossem as culpadas?

E se eu fosse a próxima?

Tentei acalmar meu coração acelerado. Eu estava sendo boba. Dramática demais. Minha garganta se fechou ao mesmo tempo que senti que ia vomitar. Os indícios familiares de um ataque de pânico. Eu não tinha um fazia anos.

Tentei estabilizar a respiração enquanto Whitney perguntava o que eu queria beber, e, de alguma forma, respondi “água” sem nem perceber. E eu parecia normal. Devo ter parecido normal, porque

ninguém me perguntou o que havia de errado. Por que não tinham me perguntado se algo estava errado?

Eu tinha que me acalmar. Precisava relaxar. Só estava sendo paranoica. Era isso que a detetive Perez queria. Mas uma de nós era culpada, e não era eu. O que significava que poderiam ser elas. E agora eu só desejava não ter ido lá. Não queria brincar com as "meninas malvadas". Eu nunca tive jeito para isso. Nem no ensino médio, nem agora.

18

JADE

Agora

Brooke entrou na sala de estar com Whitney, parecendo querer fugir. Seus olhos estavam descontrolados. O rosto, contorcido. Era uma má ideia. Por que eu havia concordado com aquilo?

Eu me levantei e lhe dei um abraço rápido. A mulher estava rígida e cheirava a suor. Ela se sentou na poltrona ao lado da lareira. Bem na beiradinha. Whitney foi correndo pegar água para ela.

— Você está bem? — perguntei, fazendo o máximo para soar amigável e inofensiva. Ela já parecia assustada.

— Estou — respondeu, sem olhar para mim de verdade. Em vez disso, fez aquela coisa de olhar para acima dos olhos da pessoa, para a testa.

Aquilo só ia ficar mais estranho. Ela obviamente sabia que algo estava acontecendo, caso contrário, Colleen, Natasha e Taylor também estariam ali.

— Nós tentamos chamar as outras, mas Colleen pegou sei lá qual foi a doença que os filhos dela pegaram, e não conseguiu sair do banheiro o dia todo. Taylor não está atendendo o telefone.

A história de Colleen era plausível. A de Taylor, nem tanto, mas eu precisava aliviar o clima e dar alguma explicação a ela. Eu não disse nada sobre Natasha não estar ali, esperando que Brooke não percebesse que eu a deixara de fora.

— Ouvi dizer que essa gripe é muito desagradável — comentou ela, como se fôssemos duas estranhas se encontrando pela primeira vez na fila do caixa do supermercado ou na sala de espera de um médico. — As pessoas estão ficando doentes, e é supercontagiosa.

— Sim, tenho certeza de que todos nós vamos acabar pegando.

— Aqui está. — Whitney entrou na sala e encerrou o momento constrangedor. Brooke pegou o copo e esvaziou metade dele imediatamente.

Whitney se jogou na cadeira ao lado dela. Estava agindo de um jeito tão estranho quanto Brooke. Era como se fosse uma boneca de corda e alguém tivesse acionado o mecanismo até o final. Ela era a mais impactada pela situação, já que Kiersten era o mais próximo que ela tinha de uma família. Whitney era órfã. Os pais morreram em um acidente de carro quando ela tinha três anos, e ela foi criada pelos avós. Ambos estavam mortos havia anos. Meu coração doía por ela. Lágrimas encheram meus olhos.

— Você está bem? — Whitney perguntou a Brooke, assim como eu havia perguntado.

— Agora estou. Só estava com sede. — Mas seus olhos não pareciam menos descontrolados, e sua postura não estava mais confortável.

Whitney estava empoleirada na beirada da cadeira, em uma posição quase similar à de Brooke. Só que com os tornozelos cruzados

e as mãos dobradas no colo, igual a uma apresentadora de talk show prestes a começar sua entrevista.

— Ok, então Colleen e Taylor…

— Já expliquei a Brooke por que elas não puderam vir — eu a interrompi.

Nós não tínhamos falado das outras antes. Não me ocorrera enquanto estávamos planejando tudo aquilo, mas eu não queria que ela desmanchasse o que eu acabara de fazer ou levasse Brooke a pensar que não estávamos do mesmo lado.

Whitney franziu de leve a testa, mas logo seguiu em frente.

— Enfim, ótimo, então você sabe por que elas não puderam vir. Eu gostaria que todas estivéssemos presentes. Como foi seu depoimento com a detetive Perez?

— Hum… eu realmente não tenho nada com que comparar, mas acho que correu bem? — A última parte acabou soando mais como uma pergunta do que uma afirmação.

— O que ela perguntou para você?

Whitney não apenas parecia uma apresentadora de talk show, mas também estava falando como uma. E indo contra tudo o que tínhamos combinado não fazer. A começar por não encher Brooke de perguntas para que ela não sentisse que estava sendo interrogada. Queríamos que ela pensasse que éramos suas amigas.

Brooke fez uma cara estranha.

— Ela perguntou o que eu estava fazendo e com quem eu estava quando Kiersten desapareceu. Ela…

— Onde você estava?

Brooke corou imediatamente.

— Eu… quero dizer… é meio embaraçoso.

— Não se preocupe com isso. Somos só nós — assegurei, dando um aperto amigável no joelho dela.

Era isso que deveríamos fazer. Ser amigas dela, não a deixar na defensiva. Dei uma olhada em Whitney por cima do ombro de Brooke, esperando que pudesse ler o significado da minha expressão. Ela precisava relaxar, ou não conseguiríamos nada ali.

— Eu não costumo comer comida apimentada, e, digamos que a comida e as bebidas não estavam me fazendo bem. Eu estava no banheiro. Tinha acabado de sair quando Natasha gritou.

Será que estava mesmo? Eu cheguei a falar com ela na festa? Forcei minha mente, tentando lembrar, mas não consegui. Talvez não tenhamos conversado naquela noite. Eu aplaudi quando ela recebeu o prêmio de "Mais propensa a causar transtorno de ansiedade no filho". Foi um dos engraçados. Na verdade, todos eles eram para ser engraçados: "Mais propensa a esquecer o filho na pré-escola" ou, o meu favorito, "Mais propensa a perder a paciência dirigindo". Brooke subiu e pegou o dela das mãos de Kiersten, mas não parecia feliz. Era do que eu me lembrava. Todo mundo tinha rido do próprio prêmio. Ela foi a única que não achou graça.

— Sério? Quanto tempo você ficou lá dentro? — perguntou Whitney como se estivesse realmente curiosa, mas a razão para ela se importar era óbvia.

— Não sei. — Brooke parecia ainda mais agitada. — Eu não prestei muita atenção na hora.

— Está tudo bem. Não se preocupe com isso. — Lancei outro olhar para Whitney. Aproximei-me de Brooke. — Ainda não consigo

acreditar que isso está acontecendo. Fico pensando que vamos voltar no tempo e alguém vai dizer que foi tudo uma pegadinha. Uma pegadinha terrível que ninguém vai achar engraçada, mas que pelo menos não é real. Eu não quero viver em um mundo onde isso seja verdade.

Minhas emoções ficaram presas na garganta. Aquela parte não era fingimento. Era tudo real. Tanto quanto ela, eu não queria estar ali.

— Perez disse para você o que eles acham que aconteceu? — perguntou Whitney.

— Que acham que uma de nós matou Kiersten? — Brooke olhou diretamente para ela quando disse isso. Foi um golpe direto.

A fachada de Whitney desmoronou por um segundo, e ela pareceu surpresa. Assim como eu, ela não esperava aquela resposta. Em geral, pessoas culpadas não evitavam falar do crime ou da investigação? Whitney deu uma risada estranha, engasgada.

— Sim. Isso. Era sobre isso que queríamos conversar. — Ela fez outro som estranho, e seu rosto assumiu uma expressão engraçada, como se ela não soubesse como arrumá-lo. — Quando ela me disse isso, eu pensei *de jeito nenhum, não tem como alguém machucar Kiersten de propósito. Deve ter sido um acidente.*

— Eu disse a ela a mesma coisa — respondeu Brooke, sem perder o ritmo.

Será que tinha mesmo? Ou tinha apontado o dedo de volta para uma de nós? Whitney me lançou um olhar rápido de soslaio. Estava pensando a mesma coisa. Uma tensão estranha pairou no ar. O que deveríamos dizer agora?

— Então, como está indo toda a questão da sobriedade? — indagou Whitney, sem absolutamente nenhum tato.

— O que quer dizer? — rebateu Brooke, instantaneamente ofendida, e eu não podia culpá-la.

Não era da conta de ninguém, ainda mais de Whitney. Se houvesse votação para o prêmio de "Mais provável a se juntar a Brooke nas reuniões do AA", Whit ganharia todos os votos.

Whitney não deu muita importância ao fato de tê-la chateado, nem ao de não estar em posição de questionar a sobriedade de outra pessoa. Apenas deu de ombros.

— Exatamente o que eu perguntei. Você estava de porre na casa dos Griffin, então estou me perguntando se você estava de porre naquela noite na casa de Kiersten.

— Se você mesma estivesse sóbria, talvez se lembrasse — retrucou Brooke, de imediato.

Foi aí que eu soube que a conversa tinha acabado. A bebedeira de Whit era assunto proibido. Eu havia tentado abordar aquilo uma vez. Apenas uma vez. Nunca mais.

Whitney estreitou os olhos até virarem fendas.

— Não sou eu quem…

Eu pulei do sofá e estendi os braços como se estivesse fisicamente separando as duas na sala de estar.

— Sabem de uma coisa? Vamos todas tirar um minuto e relaxar. Esta é uma situação superestressante, e nenhuma de nós sabe o que está fazendo.

Mas Brooke não estava prestando atenção em mim. Enquanto encarava Whitney, em vez de olhar para mim — e portanto era óbvio

a quem se referia —, ela disse:

— Ah, ela sabe exatamente o que está fazendo.

19

WHITNEY

Agora

— Sra. Gilmore, visita para a senhora — nossa babá, Grace, chamou lá de baixo.

Eu tinha acabado de sair do banho, então não ouvi ninguém à porta. Quem seria? Eu não estava esperando ninguém. Não estava atendendo clientes, e Jade e eu só nos encontraríamos mais tarde. Precisávamos conversar depois do confronto malsucedido de ontem. Fui pegar meu telefone para ver quem era, mas tinha deixado o aparelho lá embaixo. Droga.

— Já vou! — respondi, enquanto prendia o cabelo ainda molhado em um coque e vestia uma das minhas camisetas favoritas.

Corri escada abaixo. A detetive Perez e outro oficial que eu nunca tinha visto estavam na entrada, aos pés da escada. Estanquei no terceiro degrau. O que eles estavam fazendo na minha casa? Rapidamente recuperei a compostura.

— Oi, Whitney — a detetive Perez me cumprimentou. Ela apontou para o rapaz ao seu lado. — Este é um dos meus colegas, Frank. Estávamos na vizinhança e tínhamos algumas perguntas extras, então pensamos em passar aqui.

— Claro. Sem problemas. — Voltei-me para Grace, que estava parada bem atrás deles. — Você pode nos levar um chá na sala de estar?

— Com certeza — disse ela, e se apressou enquanto nos dirigíamos para lá.

Indiquei os móveis espalhados pela sala.

— Por favor, sentem-se. Grace está preparando um chá para nós, aceitam mais alguma coisa?

Eles negaram com a cabeça ao mesmo tempo. A última coisa que eu queria era me sentar, mas pareceria maluca se ficasse andando de um lado para o outro enquanto eles falavam, então, com relutância, me acomodei em uma das cadeiras. Esperei que falassem. Eu que não ia começar.

Ficamos em silêncio, enquanto os segundos se arrastavam, mas eu não caí no truque deles, de ficar calado tempo suficiente para o outro começar a falar. A maioria das pessoas só começava a divagar porque não suportava o silêncio. Dava para dizer muito sobre alguém pelo que ela divagava quando desconfortável. Eu não era boba. Esperei que eles falassem. Parecia tão estranha quanto eles enquanto nos encarávamos por cima da mesa de centro. Por fim, Perez rompeu o silêncio:

— Quero agradecer por ter sido tão prestativa na investigação. Suas informações nos apontaram na direção de algumas pistas bastante promissoras — disse ela.

Frank, sentado ao seu lado, balançou a cabeça em concordância.

Cruzei as mãos no colo.

— Obrigada.

— Estivemos conversando com alguns de seus ex-clientes… — Ela parou de falar.

Só isso? Era tudo o que ia dizer? Que clientes? E o que tinham dito? Mas a expressão em seus olhos me disse que ela estava brincando comigo, sendo intencionalmente vaga para ver como eu reagiria. O que eu faria. O que eu pediria. E ela usaria todas essas informações para formar uma opinião. Julgar quem eu era como pessoa. Posso ter crescido com um fundo fiduciário e frequentado uma escola particular, mas enganar as pessoas era igual em todo lugar, quer você tivesse vivido na rua, quer tenha frequentado as melhores escolas. Ela teria que tomar a iniciativa nessa.

— Que ótimo — comentei, com um sorriso agradável.

O rosto da detetive permaneceu impassível, mas ela piscou bem rápido algumas vezes. Um sinal natural. Ela não esperava aquilo de mim. Agora não havia dúvidas de que estava ali para me importunar. Que eu não estava mais do lado dela na investigação. O que significava que não podia mais confiar nela. Não dava para confiar em alguém que considerava você uma criminosa. Em especial em alguém que considerava você uma assassina.

Foi Frank quem pôs fim ao silêncio desta vez. Ela havia dado um sinal a ele? Os dois tinham conversado sobre a estratégia que usariam antes de se sentarem na minha sala de estar?

— O que a senhora faz mesmo? — perguntou ele, como se já não soubesse.

O cara provavelmente estava com a cabeça cheia de todas as minúcias da minha vida. Uma ficha de dados detalhada.

— Sou dona de uma agência de talentos.

Meu coração acelerou. Eu sempre soube que este dia chegaria. Não assim. Não nessas circunstâncias, mas eu sabia que seria o caso. Em algum momento.

— Que tipo de agência de talentos? — indagou ele.

Fiz o melhor que pude para manter a expressão agradável e complacente.

— Ah, você sabe. A típica agência de talentos de Los Angeles. Temos muitas atrizes e atores, músicos, alguns grandes escritores. Ah, e também representamos alguns grandes nomes no TikTok. Dá para acreditar que quem viraliza no TikTok precisa de representação agora? Vocês se surpreenderiam.

Perez se inclinou para a frente na cadeira.

— Há outros talentos únicos na sua agência também, não há?

Engoli em seco. *Lá vamos nós.*

— Não tenho certeza do que você quer dizer com isso — respondi, embora soubesse. Sabia exatamente o que ela queria dizer.

— Ah, qual é, Whitney. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Não brinque comigo. Você sabe do que estou falando.

Neguei com a cabeça. Não podia ceder tão facilmente. Eu ainda não tinha certeza do que ela sabia, e, até lá, não cederia.

— Por que não me fala sobre Jasmine? Ou que tal da pequena Lolita? Vamos conversar sobre seu relacionamento com elas.

Minha decisão de manter o segredo desmoronou imediatamente. Como um castelo de cartas esperando para ser derrubado.

— Elas são minhas clientes — falei, com tom suave.

Não adiantava negar. Uma vez que alguém remove as camadas da minha vida, o resto é facilmente exposto. A melhor maneira de se

esconder era à vista de todos. Foi o que eu sempre fiz. Estive aqui o tempo todo. As pessoas só precisavam olhar.

— Elas chamam você de cafetina? — perguntou a detetive em seguida.

— Não é bem assim — retruquei, embora não quisesse. — Eu cuido muito bem das minhas funcionárias.

Perez bufou.

— Falando como uma verdadeira cafetina. É o que todas dizem. Se eu ganhasse um centavo…

Eu a interrompi.

— O negócio é o seguinte. Eu cuido muito bem de cada pessoa que trabalha para mim. É um acordo de trabalho mútuo.

E era. Sessenta e cinco/trinta e cinco. Claro que eu ficava com a maior parte, porque fazia todo o trabalho de encontrar as pessoas certas e gerenciar agendas. O nível de sigilo e discrição exigido ia além do que elas tinham que fazer como acompanhantes. Sem mencionar que eu levaria a pior se algum dia acabássemos naquela posição.

— É uma ideia genial. Devo concordar. — Ela assentiu para mim, parecendo genuinamente impressionada. — Você abre uma agência de talentos e atrai todas as jovens esperançosas, como ovelhas para o abate. Na hora, elas não fazem ideia de para que estão se inscrevendo. Mas aposto que você as recebe aqui, não é? Traz todas para a sua linda casa.

Ela gesticulou para o espaço ao redor. O sofá sob medida de dezoito mil dólares. Os lustres artesanais de uma pequena vila nos arredores de Roma, que demoraram mais de seis meses para chegar. O

sol brilhando pelas janelas enormes, fazendo tudo resplandecer como diamantes.

— A propósito, este lugar é belíssimo. Deslumbrante, na verdade. Os negócios devem estar indo muito bem. — Perez sorriu para mim. Eu queria tirar o sorriso do rosto dela com um tapa. Ela não me conhecia. Não sabia nada sobre mim.

— Escute, você pode me menosprezar com seu ar esnobe e julgador o quanto quiser, mas é uma situação em que todo mundo sai ganhando. Sim, eu tenho uma agência de talentos. Uma agência respeitável que constantemente gera contatos dentro da indústria. Mas também tenho um marido que aposta nosso dinheiro tão rápido quanto eu consigo ganhá-lo. Eu trabalhei duro para construir essa vida, e não ia desistir só porque meu marido tem um problema. Eu tive que dar um jeito.

— Algumas pessoas simplesmente se divorciariam.

Algumas pessoas também assassinavam o cônjuge para sair de situações ruins. Eu tampouco tinha feito isso.

— Eu amo Colin. — Balancei a cabeça. — Sei que isso me faz parecer desesperada e patética, mas, para ser sincera, é a verdade. Eu amo ser esposa dele. Amo nossa família. A vida que estamos construindo juntos. Todas essas coisas. O vício dele em jogos estava acabando com a nossa vida. Cada parte dela, e ele não ia parar até que estivéssemos na ruína. Então eu tomei as rédeas da situação. — Agora eu estava no embalo, e não pararia nem pediria desculpas pelo que tinha feito. — Eu administro um negócio legítimo que satisfaz uma demanda. Homens de negócio ricos sempre procuram acompanhantes quando estão na cidade. Isso não vai acabar, e, como

já estou na indústria, tenho acesso a clientes de alto nível por causa dessas conexões, o que me coloca em uma posição única, e eu aproveitei a oportunidade. Simples assim. — Inclinei a cabeça para o lado. — Vamos lá. Você sabe como é. Todas as jovens que vêm para cá para se tornarem famosas. Convencidas de que vão andar pela rua e ser descobertas, mas não demora para aprenderem a dura realidade da vida em Los Angeles. Que esta cidade vai te devorar e cuspir como se você não fosse nada.

Olhei fixamente para ela. A mulher estava em Los Angeles havia quase doze anos. Sabia muito bem do que eu estava falando. A maioria das pessoas nem conseguia se sustentar sozinha. Apartamentos cheios de gente lutando para pagar as contas e comer. Fazendo audições durante o dia e trabalhando em um bico à noite. Essa era a norma. A maioria não durava dois anos até voltar para casa. E só piorou desde a pandemia. Ela conhecia os números.

— Então você explora as fraquezas delas?

— Está brincando comigo? — Soltei um grito agudo. — Eu as impeço de fazer escolhas piores. Reconheço aquelas que estão realmente em dificuldade. Quer dizer, elas são bem fáceis de identificar… vivendo em apartamentos de um quarto com outras seis pessoas, sem conseguir pagar as contas, mal arranjando dinheiro para comer. As jovens esperançosas nunca entendem como a cidade funciona até chegarem aqui. Se está morando sozinha em um apartamento, então está bem. Mas a maioria delas não está. Muitas começam a fazer pornô, embora todas jurem que não vão entrar nessa. Começa pequeno, com um Instagram privado, e, antes que

percebam, foram seduzidas pela *live cam* de alguém. É ladeira abaixo a partir daí. É quando eu apareço.

— Você é uma alternativa melhor ao pornô? — zombou a detetive.

— Com certeza — garanti, cruzando os braços.

E eu estava orgulhosa disso. Eu não roubava delas, e garantia que estivessem em segurança o tempo todo. Elas tinham escolhas. Estavam no controle. Não precisavam fazer nada que não quisessem. Também dava para dizer não no pornô, não é como se não fosse uma opção. Exceto que quem dizia não lá ficava sem emprego. Não funcionava da mesma forma no meu negócio. As pessoas tentavam fingir que éramos iguais, mas eram dois negócios totalmente diferentes.

Frank ergueu as sobrancelhas.

— Está tentando me dizer que suas garotas não fazem sexo com os clientes nos encontros?

— De jeito nenhum. — Cruzei os braços. — Elas são acompanhantes. Não prostitutas.

— Então por que nenhuma delas é licenciada? — perguntou ele, expondo o elefante na sala.

— Porque senão elas não poderiam fazer sexo nos encontros, e a sra. Gilmore teria que pagar impostos sobre toda essa renda — respondeu Perez por mim, e não estava errada.

Em um estado onde operar um negócio de acompanhantes era legal, não havia razão para não ser certificado, a menos que você tivesse algo a esconder ou estivesse evitando impostos. Infelizmente, eu me encaixava em ambas as categorias, e ela sabia disso tão bem quanto eu. Não havia sentido em tentar esconder. A mulher era inteligente demais para isso. Além do mais, talvez, se eu apenas fosse

honesta e franca sobre as coisas, ela me livrasse dos milhares de dólares em multas que poderia aplicar por todas as leis que tinha burlado.

— O que acontece nos encontros delas é estritamente confidencial e cem por cento decisão delas. Os clientes são informados de antemão que o sexo não é garantido. Alguns deles, na verdade, só gostam da perseguição. É de surpreender. Há homens que só querem um rosto bonito ao lado deles nas fotos e nada mais. Como se estivessem alugando uma modelo para a noite, para ter certeza de que ficarão bem nas fotos. Isso lhes permite controlar a própria imagem. Não estou brincando.

— Deve ser duro. — Frank riu.

— Então é daí que vem seu verdadeiro dinheiro? Das acompanhantes? — Não havia diversão na expressão de Perez.

— As comissões da agência não chegam nem perto do que os homens pagam para passar uma noite sem compromisso com uma mulher atraente, então, para responder à sua pergunta… sim. O negócio me serviu bem. — E eu não me desculparia por isso. Nem mesmo agora.

— E eu imagino que esse negócio possa colocar você em contato com alguns sujeitos desagradáveis? — perguntou ela, em seguida.

— Sim, isso acontece. De vez em quando. Mas não me coloca em contato com sujeitos mais desagradáveis e perigosos do que aqueles que as mulheres enfrentam todos os dias. Estamos cercadas por predadores.

Ela acenou com a cabeça, como se dissesse que entendia, mas não ia dar trégua.

— Você teve algum incidente com alguém no trabalho?

Enrijeci, percebendo aonde ela queria chegar. A possibilidade de meu trabalho estar relacionado à morte de Kiersten nunca passou pela minha cabeça. Nem uma vez.

— Você acha que alguém com quem eu trabalho teve algo a ver com a morte de Kiersten?

— Esta é uma investigação aberta e ativa, então estamos seguindo todas as pistas. Agora, você pode me falar de quaisquer problemas que tenha tido com algum de seus clientes do serviço de acompanhantes?

— Sempre há caras que são muito rudes com elas.

— Qual sua definição de muito rude? Alguma delas já foi agredida?

Eu neguei com a cabeça.

— Dou o meu melhor para manter minhas acompanhantes em segurança. Acho isso muito importante. É por isso que elas confiam em mim e me procuram se alguém cruza a linha, e houve muitas vezes em que clientes as agarraram com força ou tentaram obrigá-las a fazer algo com que não se sentiam confortáveis. Assim que elas me contam, esse indivíduo é removido da lista da agência. Seu acesso é negado, e ele nunca o recupera. Ponto-final.

— Alguns dos homens que você atende devem ficar muito insatisfeitos quando isso acontece.

Dei de ombros e joguei o cabelo para trás.

— Talvez por um minuto, mas eles apenas passam para a próxima agência. Só que, se um deles age mal comigo, quase sempre repete o comportamento em outro lugar, e definitivamente há pessoas que foram colocadas na lista restrita de todas as agências da cidade.

— Alguém particularmente bravo?

Neguei com a cabeça.

— Não nesse aspecto, mas um dos nossos clientes conseguiu o número pessoal de Devin alguns meses atrás, e não correu muito bem. Todas as acompanhantes têm telefones de trabalho e telefones pessoais. Nós enfatizamos a importância de nunca dar o número pessoal, e como as garotas são muito preocupadas com a própria segurança, não costumamos ter problemas.

— O que aconteceu exatamente?

— O nome dele era Allen Grigsby, e ele a deixou incomodada no terceiro encontro que tiveram, então ela decidiu que não o queria mais como cliente. Acontece o tempo todo. Como eu disse, as mulheres estão no comando de tudo, e uma vez que elas dizem não, é isso. De qualquer forma, ele não ficou nada feliz, e, por semanas, me ligava sem parar, tentando me fazer mudar de ideia, mas eu não cedi. Eu falei para vocês, a segurança delas é sempre o mais importante para mim. De todo modo, ainda não sabemos como, mas ele descobriu quem era a avó de Devin e ligou para ela se passando por um negociador de empréstimos estudantis. Disse que a neta havia recebido um pagamento de um programa de perdão de empréstimos estudantis, e que estava tentando contatá-la para lhe entregar o dinheiro. A avó deu o número de Devin sem pensar duas vezes, e uma vez que ele conseguiu, foi isso. Ele ligava de trinta a quarenta vezes por dia. Era ridículo. E ficava o tempo todo enviando fotos para ela. — Fiz uma cara que comunicasse exatamente a que tipo de fotos eu me referia. — Eram bem ruins. Em uma delas, parecia que ele poderia estar se masturbando do lado de fora da janela de Devin, e ela ficou

aterrorizada com a ideia de que ele a estivesse seguindo. Que de alguma forma tivesse descoberto uma maneira de rastreá-la por meio do número de telefone. Eu nunca tive certeza disso, mas as fotos eram perturbadoras o suficiente para eu convencê-la a procurar a polícia.

A detetive Perez ergueu a cabeça imediatamente.

— Ela registrou um boletim?

Assenti.

— Você tem o número?

Neguei com a cabeça.

— Eu não acompanhei mais o caso. Ela registrou o boletim, e ele a deixou em paz depois disso. Não tenho certeza se ela teve que ir ao tribunal. Eu nem tinha mais pensado nisso até agora.

— Você pode me dar o nome dela? Deve ser superfácil encontrar o arquivo.

— Os dados das minhas acompanhantes são estritamente confidenciais. Não posso fazer isso.

Ela ergueu as sobrancelhas para mim.

— Estamos investigando o assassinato da sua melhor amiga, caso não se lembre. E posso conseguir a informação sem sua ajuda ou seu consentimento. Só preciso de um mandado, mas isso leva tempo. Tempo que tirarei da investigação da morte de Kiersten. — Ela me olhou como se eu fosse uma criança malcriada. — E, na verdade, não quero ter que usar essa carta, mas você está ciente de que tudo isso é ilegal? Você sabe do que eu poderia acusá-la?

— Esperava que pudéssemos evitar esse pequeno detalhe — brinquei.

Ela não pareceu achar graça. Nem um pouco.

— Eu não estou brincando com você, Whitney. Sei que passou a vida numa bolha enorme de privilégio branco, mas tudo isso está prestes a acabar. Vou explicar como as coisas vão funcionar daqui para a frente. Se eu decidir ir atrás de você… e, acredite, isso não é algo que queira que eu faça… a primeira coisa que farei é vasculhar sua lista de acompanhantes para ver se há menores de idade. — Seu tom era totalmente profissional. Qualquer vestígio de amizade que tivéramos no passado tinha sumido.

— Todas as minhas acompanhantes são adultas. — Cruzei os braços. — Cada uma delas tem os antecedentes verificados.

— Sério? Ah, qual é. Você acha que, se eu investigar, não vou encontrar uma garota que arranjou outra identidade? Deu um nome inventado? CPF falso? Quantas menores de idade estão trabalhando para você? É por aí que vou começar. Sabe o que acontece com pessoas que traficam menores de idade para fins sexuais? Sabe como elas são tratadas na cadeia? — Ela tinha me encurralado. Bem onde ela queria.

Engoli em seco. Eu tinha feito minha pesquisa antes mesmo de decidir me meter neste negócio. Eu conhecia os riscos. Pena de dois a dez anos.

— Eis o que vamos fazer. O Frank aqui — ela apontou para o colega, caso eu tivesse esquecido que ele estava ali — está prestes a chamar o resto da nossa equipe forense para a sua casa. Assim que chegarem, você vai levá-los por cada cômodo, entende? — Ela não me deu chance de responder antes de continuar. — E você vai dar a eles acesso a todos os computadores e entregar cada um dos registros da

sua empresa. — Ela fez aspas no ar ao falar "empresa", com uma expressão de nojo. — Parece bom para você?

O gosto do medo encheu minha garganta. Esta era a parte em que eu dizia que queria um advogado. Eu deveria ter dito há tempos. Provavelmente no momento em que apareceram na minha sala de estar, mas tratava-se de Kiersten. Eu iria para a cadeia por ela se isso significasse que poderíamos encontrar seu assassino. Engoli o medo e olhei para Perez.

— Você vai ter o que quiser.

20

BROOKE

Agora

Eu estava parada do lado de fora da porta de Abby, com medo de respirar e ela me ouvir. Não queria que ela soubesse que eu estava rondando, espionando. Essa noite, ela viera para casa depois do trabalho. Para casa! Pela primeira vez em mais de um mês, ela veio para casa quando terminou o trabalho.

Eu quase caí quando ela entrou pela porta, de tanto que me pegou de surpresa. Chocou-me ao ponto de me deixar sem fala. Eu me equilibrei no balcão da cozinha.

— Oi — dissera ela, como se não fosse grande coisa.

Como se não tivesse passado os últimos dois meses tentando ficar longe da nossa casa o máximo possível. Era como se tivesse medo de que, se passasse muito tempo entre essas paredes conosco, acabasse lembrando o quanto amava nossa vida. Talvez até se lembrasse do quanto já me amou. E ela realmente costumava me amar. Eu não me importava com o que os outros diziam.

Ela entrou na cozinha e parou perto da mesa.

— Você pode me dar só um segundo? Julian vomitou na minha camisa.

Não dei a ela a chance de responder nem de me olhar com mais atenção. Se o fizesse, veria que eu estava um desastre. Eu não tomava banho nem escovava os dentes havia três dias. Nem mesmo para ir à casa de Whitney esta tarde. Mas eu não queria que parecesse óbvio, então corri escada acima e tirei a camiseta velha o mais rápido que pude. Joguei-a no banheiro.

Escovei os dentes, depois joguei uma água no rosto e passei desodorante. Dei uma cheirada rápida nas axilas. Não estava tão ruim. Não tive tempo de escovar a bagunça emaranhada do meu cabelo nem de tirar dele o vômito seco do bebê, então o prendi num coque bagunçado. Dei uma última olhada no espelho antes de voltar correndo lá para baixo.

Fique calma, Brooke. Fique calma. Repeti esse mantra para mim mesma várias vezes a caminho da cozinha. Não podia estragar essa oportunidade. Era um acontecimento e tanto.

Abby estava parada na cozinha, fazendo chá para si mesma como fizera centenas de vezes no passado. Fiquei observando suas costas enquanto ela seguia com os movimentos familiares. A pequena colher da nossa viagem à Suécia. O mel natural. Sua caneca favorita.

— Julian está dormindo? — perguntou ela, virando-se.

Assenti.

— Ele ficou bem cansado depois da aula de Gymboree e estava inquieto a maior parte da tarde, então eu o coloquei para dormir cedo.

— Aquela mãe superintrometida ainda está lá?

— Está, sim. — Eu sorri, grata por ela se lembrar.

Claire era a mãe de quem mais gostávamos de tirar sarro depois de cada aula. A mulher não tinha traquejo social.

— Como você está? — A voz dela estava suave. Os olhos, gentis.

Ela passara meses sem me dar abertura. Segurei o choro, virando-me rapidamente para que não pudesse ver as lágrimas, e para poder me recompor antes de encará-la de novo.

Eu me apoiei no balcão.

— Tem sido muito difícil.

— Não consigo imaginar como deve ter sido naquela noite.

Cambaleei para trás mentalmente. Ela estava falando da noite na casa de Kiersten. Eu pensei que estivesse falando sobre nós. Assenti rapidamente.

— Foi bem horrível. Eu queria que você estivesse lá. Você teria se saído melhor do que eu e Natasha. Todo mundo estava totalmente surtado.

— Ouvi dizer que foi você quem tentou salvá-la?

Dei uma risadinha.

— Eu só pulei na água. Não tinha ideia do que estava fazendo.

A coisa toda estava gravada na minha memória de um jeito que jamais esqueceria. O terror. O medo. O desespero frenético de tentar soprar ar para os pulmões de Kiersten, vida para seu corpo. De certa forma, eu me sentia responsável pela morte dela.

— Ela estava… ela estava morta quando você a alcançou na água? — Fiquei grata pela maneira gentil com que fez as perguntas. Não da forma dura e interrogativa da detetive Perez.

Dei de ombros. Pensar nisso me deixava fraca, ou talvez fosse a proximidade de Abby que me subia à cabeça. A intoxicação de estar na presença dela, de realmente estar ali, recebendo sua energia. Eu me sentei no banco da ilha.

— Natasha estava emaranhada nela e mais atrapalhando do que ajudando. Passei a maior parte do tempo concentrada em tentar desvencilhar as duas. Natasha se debatia como se estivesse se afogando, embora houvesse apenas cerca de um metro e vinte de água.

— Foi na parte rasa da piscina?

— Era onde ela estava flutuando — expliquei. Mudei de posição na cadeira. — É realmente sobre isso que você quer falar?

Era um bom ponto de partida, mas eu queria chegar a nós. Essa era a parte boa. A culpa me inundou no mesmo instante. Nossa amiga tinha morrido, e eu deveria estar focada nisso, mas nosso casamento também estava por um fio e, ao contrário de Kiersten, ele tinha uma chance de ser ressuscitado.

Ela deu de ombros.

— Eu só… eu só… — Ela pigarreou e começou de novo. Era uma situação difícil para ela, então fiquei grata por seu esforço. Eu seria tão paciente quanto ela precisasse que eu fosse. — Quero que saiba que, não importa o que aconteça, estou aqui por você. Você pode conversar comigo sobre o que aconteceu naquela noite. Pode conversar comigo sobre qualquer coisa.

Eu não queria conversar. Queria atravessar a cozinha e me jogar nos braços dela. Queria desabar em soluços e ficar abraçada com ela enquanto chorava toda a dor desses últimos quatro meses. Ouvi-la me dizer que sentia muito. Que não quis dizer o que disse. Que ainda me amava.

Mas permaneci sentada. Se eu me movesse muito rápido, a assustaria. Ela se assustava fácil. Em vez disso, dei um sorrisinho e

desviei o olhar para que ela não pudesse ver meus olhos. Caso ainda soubesse ler o que estava escrito na minha alma.

— Obrigada, foi gentil da sua parte.

Tudo estava estranho e tenso. Ela parecia tão desconfortável quanto eu, mas tínhamos que começar de algum lugar. Era assim que novos começos aconteciam.

21

JADE

Agora

Whitney já estava no Pan Pacific Park quando cheguei. Ela levava Asher no carrinho e usava Nike nos pés. Os óculos de sol escondiam seus olhos, mas eu não precisava vê-los para saber que ela estava focada. Isso tinha ficado claríssimo quando ela me ligou trinta minutos antes e me disse para encontrá-la ali sem me dizer o porquê. Ela veio apressada em nossa direção enquanto Lily descia do carro e eu soltava Iris da cadeirinha.

— Mamãe, posso ir brincar? — perguntou Lily, apontando para os brinquedos do parquinho cheios de crianças.

— Claro, mas só por alguns minutos enquanto a mamãe arruma Iris e conversa com a sra. Whitney, tá bom? — Ela saiu saltitando em direção aos balanços antes que eu terminasse a frase.

— Ei, obrigada por me encontrar — disse Whitney, ofegante por causa do percurso. Ela tinha praticamente corrido até nós. Em seguida, me estendeu um copo do Starbucks.

— Obrigada — falei, colocando-o no porta-copos do carrinho.

Acomodei Iris, torcendo para que ela continuasse dormindo. Tínhamos passado a noite acordadas de novo, por causa da droga do

dente dela.

Soltei um suspiro de alívio quando ela não se mexeu.

— Você nunca vai adivinhar quem apareceu na minha casa — disparou Whitney, sem perder tempo. — Perez.

— A detetive Perez? Ela foi até sua casa? — Eu não tivera notícias dela desde nossa última conversa na delegacia.

Whitney confirmou com um gesto vigoroso de cabeça.

— Sim, e eu fiquei em choque. Igual a você. Eu nem sabia que podiam fazer isso. Simplesmente aparecer na casa de alguém na hora que quisessem.

— Eles são policiais. Podem fazer praticamente qualquer coisa. O que ela disse? Eles vão à casa de todo mundo? — Ansiedade inundou meu corpo. Eu não os queria na minha. Eu não os queria perto da minha família.

— Não sei. Não faço ideia do que estão aprontando, mas vou dizer uma coisa: hoje foi a primeira vez que senti que não estávamos do mesmo lado. Ela veio para cima de mim de um jeito totalmente diferente, e eu não gostei. Não gostei nem um pouco. — Ela balançou as pernas. Irradiava nervosismo. Havia mais. Ela não tinha me contado tudo. Seus olhos vasculharam o parque. Ela olhou para os tênis enquanto falava a próxima parte, em uma confissão sussurrada: — Eles sabem sobre o negócio.

Tudo parou. Ficou maior. Depois menor. Mais alto. Depois quieto.

— O quê? — perguntei. Não.

Ela balançou a cabeça de um jeito relutante, como se fosse a última coisa que desejava me contar no momento.

— Eles sabem.

— Ai meu Deus. Ai meu Deus. E se eles? E se… Eu não consigo…

— Também fiquei abalada. — Whitney pegou meu braço. — Vamos lá. Vamos nos sentar um pouco em um dos bancos perto da Lily.

Eu a segui até o banco como se estivesse em transe.

Quando dissera sim à proposta de negócio dela, seis meses atrás, foi porque a probabilidade de alguém descobrir era mínima. Whitney vinha operando seu serviço de acompanhantes, além da agência de talentos, por quase quatro anos inteiros sem ser detectada. Ela tinha tudo dominado.

Além do mais, eu confiava nela. Ela conhecia meus segredos. A verdade sobre minha vida.

Além de Ryan e sua família, Whitney era a única que sabia o que estávamos escondendo. Éramos pobres. Miseravelmente pobres. Tipo tão pobres que mal dava para comprar mantimentos ou colocar gasolina no carro.

Os pais de Ryan eram os ricos. O pai dele era um refugiado do Irã que construíra do zero uma empresa de obras comerciais. Ele havia projetado todos os grandes edifícios do lado sul. Era o sonho da pobreza à riqueza pelo qual os Estados Unidos costumavam ser famosos. Ele contava a história com orgulho. Ryan também.

Não tínhamos hipoteca. A linda casa em que vivíamos havia sido presente de casamento dos pais dele. Mas eu evitava receber visitas porque o interior não combinava com o exterior, e quando recebíamos algum convidado, nenhum jamais subia as escadas.

— Você é o completo oposto das pessoas do Meio-Oeste — disse Colleen certa vez enquanto fazíamos compras. Ela tinha passado parte

da infância em uma fazenda de laticínios em Minnesota. — Os lugares lá têm esses porões inacabados e assustadores onde as pessoas nunca entram, a não ser que tenha uma tempestade, e onde as crianças só vão se forem desafiadas. Mas você é tipo a versão californiana disso. Ninguém pode subir as escadas. — Ela me cutucara nas costelas. — É lá que você guarda todos os cadáveres?

O problema não eram cadáveres, mas sim os móveis da IKEA. Cômodas e estantes que eu tinha comprado em vendas de garagem e no Exército da Salvação. Alguns itens eu até tinha encontrado na calçada e jogado no carro o mais rápido que pude antes que alguém visse. Foi assim que decorei nossa casa ao longo dos anos. Só deixávamos as pessoas entrarem nas partes que estavam prontas. Aquelas que pareciam bonitas e agradáveis.

O andar de baixo era meticulosamente projetado. Os pais de Ryan se sentiram mal pela situação depois que nos mudamos para uma casa tão linda após o casamento. Não gostavam da ideia de morarmos em uma casa grande e vazia. Sem móveis. Aquela também foi a última vez que o pai de Ryan lhe deu um emprego em sua empresa. Eles nos deram dinheiro e deram a ele um emprego. Foi a última vez.

Se tivéssemos que pagar a hipoteca, não teríamos onde morar. Eu nunca teria contado a Whitney. Nunca. Não queria que ninguém soubesse como vivíamos. Mas ela me encontrou quando eu estava tendo um colapso. Me viu chorando no estacionamento do Exército da Salvação. Chorando aos cântaros. Eu tinha ido mais uma vez ao caixa e meu cartão fora recusado. Não havia mais cartões. Eu não sabia o que fazer. Como seguiria em frente. E, de repente, uma batida na janela do meu carro quase me fez pular pelo teto.

O rosto de Whitney apareceu na minha janela. Batendo no vidro.

— Você está bem? Jade, o que está acontecendo? Você está bem?

O que ela estava fazendo entregando doações em Pasadena? Não fazia sentido. Eu fazia questão de nunca comprar em brechós nos lugares onde alguém pudesse me ver. Sempre me certificava de estar a pelo menos quinze quilômetros de distância.

Eu não conseguia abaixar a janela. Nem sabia por quê. Só fiquei ali paralisada, olhando para a frente. Ela bateu no vidro de novo.

— Por favor, querida. O que está acontecendo? Você está bem? Quer que eu chame alguém? Devo ligar para Ryan? — Ela começou a revirar a bolsa, tentando encontrar o telefone, depois que eu continuei sem responder. — Vou ligar para Ryan.

Abaixei a janela e gritei:

— Não!

Só que não tinha sido a minha intenção gritar. Queria falar com uma voz normal. Ou sussurrar. O que eu realmente queria era desaparecer. Que um buraco se abrisse no estacionamento e me levasse para o nada.

Ela parou.

— Ok, ok, querida. Não preciso fazer nada que você não queira.

Comecei a soluçar de novo. Não consegui evitar, nem parar.

Ela não tentou esticar os braços pela janela do carro e me abraçar, e eu me senti grata por isso. Teria sido humilhante demais. Eu havia literalmente acabado de chorar. Um colapso mental completo, e ela tinha visto. Era praticamente o mesmo que ser encontrada no carro com roupa íntima suja.

— Posso entrar? — perguntara ela.

Balancei a cabeça para cima e para baixo, recusando-me a olhá-la, ainda chorando baixinho. Ela deu a volta no carro e entrou pelo lado do passageiro.

Não sei quanto tempo ficamos ali, imóveis e em silêncio. Eu só olhava para a frente, e ela me dava apoio moral. Foi um dos momentos mais íntimos da minha vida.

— Estamos falidos — falei, por fim.

Ela já tinha me visto em frangalhos. Que diferença faria agora? De qualquer forma, ela nunca mais me veria como a pessoa de antes.

— O que aconteceu? Ryan fez um investimento ruim? — Os olhos dela se encheram de preocupação.

— Deus, eu queria que fosse tão simples, mas não é.

Eu nunca tive uma vida simples. Não como a dela. Mas eu tentava não ser muito invejosa, porque a inveja quase me destruiu uma vez.

— Ok, quando você diz falidos, tipo, quão ruim é? Vocês precisam hipotecar a casa de novo? As crianças precisam ir para a escola pública? — Ela enrugou o nariz só de pensar naquilo. — Ou, tipo, vocês só não podem ir a lugar nenhum ou fazer nada extravagante pelo próximo ano?

Soltei um ronco engasgado. Era uma combinação de soluço e riso, o que fez meleca voar do meu nariz.

— Ai meu Deus, que nojento! — exclamou Whitney, depois de eu sujar todo o painel. Ela rapidamente cobriu a boca com a mão. — Me desculpe. Sinto muito mesmo. Sério. Está tudo bem — disse ela, gesticulando para o painel enquanto tentava não olhar para ele. — Está totalmente ok.

Dessa vez eu ri. Abri a bolsa de fraldas que estava no centro e puxei um dos paninhos de boca da Iris. Limpei os olhos com ele, evitando qualquer golfada, e assoei o nariz com força. Soltei um suspiro profundo depois que terminei.

— É ruim. Tipo, muito ruim. Não temos dinheiro.

— Tipo, sumiu tudo? — Ela parecia chocada. Este era o medo mais tipicamente estadunidense que alguém poderia ter: perder tudo.

— Sumiu tudo, mas não tínhamos nada desde o início. Ryan nunca teve dinheiro próprio, porque não consegue manter um emprego, mas eu só percebi isso depois que já estávamos casados. Eu me sinto uma completa idiota. Sabe o que quero dizer? É como se, além de todo o resto, eu me sentisse totalmente humilhada e envergonhada. Estava tudo ali o tempo todo, bem debaixo do meu nariz. Não é como se ele estivesse escondendo, é que eu nunca pensei em perguntar, sabe? E tudo parecia tão legítimo. Ninguém o tratava como tratam a gente agora. Acho que queriam que ele tivesse uma esposa. — Dei de ombros. Eu realmente não sabia. A família dele tinha sido tão maravilhosa no início. — Agora todos praticamente deram as costas para ele, mas, lá no começo, quando começamos a namorar? A família dele era muito presente na nossa vida amorosa. Saíamos juntos o tempo todo. Íamos jantar fora. Espetáculos. Filmes. Tudo isso, mas era só porque estavam checando como eu era, sabe? Para ter certeza de que eu não estava atrás do dinheiro dele. Porque ele parecia ter dinheiro. Ele morava em uma cobertura incrível em Wilshire. Tipo, metade de um andar era dele.

— Ai, meu Deus, eu me lembro daquele lugar — exclamou ela, batendo no meu braço. — Ele deu uma festa no Super Bowl lá uma

vez. Fui com Colin, e estava morrendo de tédio, mas lembro daquele apartamento. Era tão incrível. Eu amei todo aquele couro, especialmente o sofá. E as janelas?

Assenti vigorosamente.

— Né? — Aquela conversa estava sendo útil. Muito mais útil do que pensei que seria. Só achei que sentiria vergonha, mas, como eu havia sido despida de tudo, nada disso importava mais. — E ele dirigia um Jaguar preto. Me levava a todos os melhores restaurantes. O cara me dava presentes e me levava para jantar em grande estilo. Acontece que os pais dele bancavam tudo. Sempre bancaram, mas ele me fez acreditar que estava trabalhando, e confiei. Quando ele dizia que estava indo para o escritório, era para lá que eu pensava que ele ia. E não é como se ele não tivesse um escritório. Ele tinha dois. Um no centro e um na nossa casa. De quantos ele precisava? Nunca pensei em bancar a investigadora e ver se ele estava mesmo trabalhando.

— Quem faz isso? Eu nunca segui Colin até o trabalho dele. Pelo que sei, talvez ele também não vá ao escritório. Talvez malhe o dia todo ou vá ao cinema e durma. Ele poderia ser um fracassado de marca maior, e eu não teria ideia. Ai, meu Deus. — Ela cobriu a boca com a mão de novo. — Eu não sou boa nessas coisas. Simplesmente não sou. Nunca digo a coisa certa. Eu não quis dizer que o Ryan é um fracassado.

Comecei a rir de novo e apoiei a cabeça no ombro dela.

— Não, sério. Está tudo bem. Ele é.

Desabafei no carro. Contei tudo para ela. E ela vinha guardando segredo desde então. Eu tinha ficado tão preocupada que ela contasse

a Kiersten, mas nunca contou. Ela guardou meu segredo. Whitney era realmente boa nisso.

Foi por esse motivo que confiei nela quando me disse que ninguém descobriria o que estávamos fazendo. A possibilidade nem passou pela minha cabeça.

— O que vou fazer? — perguntei, virando para olhá-la enquanto ela bebia o café com rapidez. Ela tinha advogados chiques para protegê-la. Eu não tinha ninguém.

— Não acho que vá dar em nada, mas tive que contar para você, porque, embora eu não tenha dado seu nome a Perez, tive que entregar todos os meus arquivos esta tarde. Seu nome está em toda a papelada… Me desculpe.

Ela me deu um segundo para tudo aquilo assentar, depois continuou. Contabilidade e matemática nunca tinham sido o forte de Whitney, e eram coisas que consumiam muito de seu tempo, então ela havia passado para mim de bom grado. Isso liberara muito tempo para ela trabalhar nas coisas em que era boa, tipo conseguir mais clientes. Embora eu me encontrasse com clientes às vezes, o grosso do meu trabalho era lidar com a papelada e o material administrativo.

— Sinceramente, estou torcendo para que nenhum de nossos clientes tenha tido algo a ver com o que aconteceu com Kiersten. Não sei como vou viver comigo mesma se for o caso.

Claro que era nisso que ela estava pensando, mas não eu. E se eles procurassem todos os registros? Todos os caminhos levavam até mim. Meu nome estava em tudo. Eu seria o bode expiatório se eles decidissem fazer alguma coisa. Ela não enxergava aquilo?

Não, não enxergava. Ainda estava falando e falando da culpa que sentiria se o negócio estivesse ligado à morte de Kiersten. E eu me importava com isso também, claro, mas o que encontrariam se parassem para procurar? Era disso que eu tinha medo, mas ela não se importava, porque não tinha nada a perder. Eu tinha. Nossas condições não eram iguais. Nunca tinham sido. Eu nem tinha certeza se estávamos participando do mesmo jogo.

22

WHITNEY

Agora

Jade ainda estava em choque quando saímos do parque. Eu gostaria que ela tivesse ficado mais tempo, mas ela queria chegar em casa antes que Ryan voltasse dos pais dele.

— Vou ter que contar para Ryan. — Ela só balançava a cabeça e repetia isso várias e várias vezes, mas, honestamente, eu não via qual era o problema. O cara não tinha um emprego fixo havia seis anos. Eles estavam quase falidos e com uma das filhas passando por um tratamento de câncer muito caro, então ele não a tinha deixado com muitas opções. Ela nem tentou fingir que não estava um pouco irritada comigo, mas o que eu poderia dizer? Eu a havia arrastado comigo sem permissão, mas não é como se eu tivesse escolha.

Ela superaria. Tinha que superar. Estávamos naquela juntas.

Lily parecia bem esta noite. Ela estava muito doente da última vez que a vi, mas agora tinha um pouco de cor nas bochechas e brincou no parquinho sem descansar o tempo todo em que estivemos lá. Jade tinha conseguido uma peruca nova que ficava absolutamente adorável nela, com um corte tigelinha ruivo. É a única coisa no câncer dela que é tolerável. Lily pode escolher uma peruca diferente sempre que sai.

Para ela, é como brincar de se fantasiar, e Jade adotara essa ideia desde o primeiro dia.

É por isso que ela está nessa comigo. Ela nunca teria concordado com o arranjo se não fosse pelo tratamento com drogas experimentais de que precisava desesperadamente para Lily. Depois do colapso no estacionamento do Exército da Salvação, Jade e eu começamos a passar mais tempo juntas, e não demorou muito para eu descobrir quantos fardos ela carregava sozinha.

Descobrir que a família deles estava sem dinheiro foi uma coisa. Descobrir que Lily tinha um câncer infantil raro foi outra. Apesar de toda a riqueza que os cercava, os dois eram muito orgulhosos para pedir ajuda.

Dá para imaginar? Sua filha com câncer e você se recusando a pedir ajuda para aqueles que conhece? Não fazia sentido para mim, mas ela era irredutível. Tão irredutível quanto era sobre não contar a ninguém que estava quebrada.

— Você não pode contar a ninguém. Não ainda. Não até que eu esteja pronta — me implorou ela, mas não precisava. Eu faria tudo o que ela pedisse. E não fingiria entender como era passar pelo que ela estava passando. — No momento em que todos souberem, vão tratar Lily como se ela estivesse morrendo. Não quero que façam isso. Ela está doente e vai ao médico para melhorar. E ela vai melhorar. É assim que estamos abordando a situação com ela. É só dessa maneira que consigo encarar tudo. Eu só…

Ela não conseguiu continuar. Eu não a forcei. Tudo o que fiz foi dizer a mesma coisa que eu sempre dizia a ela nesses momentos difíceis:

— Sinto muito que você esteja passando por isso.

Eu disse a mesma coisa quando ela revelou a notícia mais devastadora.

— Tenho que te contar uma coisa, mas você tem que prometer não contar a mais ninguém — dissera ela, enquanto observávamos as crianças brincarem no parquinho Giggles N' Hugs.

Ela tinha acabado de mandar Lily de volta para a cama elástica depois de perder o sapato, e seus olhos marejaram enquanto observava a menina dançar lá dentro.

— Seus segredos estão a salvo comigo — garanti, dando a ela um sorriso encorajador. Ela precisava de todo o apoio que pudesse conseguir.

— Lembra que não pude me encontrar com todas aqui semana passada? — Eu confirmei com a cabeça.

Havia um grupo de brincadeiras de terça-feira de manhã que tinha um convite aberto permanente. Ela cancelara no último minuto porque disse que Lily tinha uma consulta médica.

— Não era para levar Lily ao pediatra. Eu tinha consulta com uma especialista por causa daquela erupção estranha que não curava por nada, e ela pediu alguns exames de sangue. É grave.

E então ela desabou. Ali mesmo na cadeira. Foi quando eu soube que era sério. Jade era a única que não era mãe de primeira viagem, então ela quase sempre mantinha a calma quando o resto de nós estava surtando. Era a voz da razão com as crianças. Se ela estava perturbada, ainda mais desse jeito, então devia ser grave.

— Querida, o que é? O que aconteceu? — perguntei, colocando meus braços em volta dela enquanto ela se encolhia e chorava

baixinho com o rosto entre as mãos. Demorou mais alguns minutos antes que conseguisse falar.

— É câncer. — Foi quase um sussurro. — Lily está com câncer.

Ela dissera as palavras que nenhum pai queria ouvir, e eu vinha tentando ajudá-la desde então. Era só isso que eu queria fazer. Não pensei que chegaríamos a esse ponto.

O celular vibrou no meu bolso. Normalmente, eu ignoraria, já que era um número desconhecido, mas havia muita coisa acontecendo.

— Whitney? — Reconheci a voz de Perez na mesma hora. — Você tem um minuto para conversar?

— Claro — respondi, imediatamente arrependida por ter atendido. Eu gostava de me preparar antes de falar com ela. — O que houve?

Não era possível que aquela ligação fosse por causa dos meus registros. Fazia apenas quatro horas que a polícia tinha saído da minha casa, e o sistema de armazenamento daqueles documentos era complicado. Nada neles era simples. Eu fizera assim de propósito, para ganhar tempo caso algo do tipo acontecesse. Tudo estava escrito e gravado em código taquigráfico. Tinha levado uma eternidade para ensiná-lo a Jade.

— Encontramos algumas informações interessantes hoje, quando investigamos o histórico de Allen Grigsby. Só que tenho quase certeza de que o nome legal dele é Dustin Miller. Vou mandar uma foto dele agora. Você pode ver se é Allen?

O alerta apareceu na minha tela. Cliquei na foto. O cabelo estava ligeiramente mais curto e havia mais rugas ao redor dos olhos, mas não havia como confundir, era Allen Grigsby.

— É ele.

— Acontece que ele tem um histórico de violência doméstica contra mulheres e passou quatro anos na cadeia por tentar assassinar a segunda esposa. — Ela disse isso com um tom bem sinistro, mas eu não estava nem um pouco surpresa.

Homens como ele eram todos iguais. Só que me ocorreu, enquanto ela continuava a falar, que devia haver algo mais, algo maior, ou ela nunca teria me ligado.

— Ele é… ele está de alguma forma relacionado a Kiersten?

— Não temos certeza, mas é isso que estamos tentando descobrir, porque ele é a pior coisa que conseguimos conectar a ela. Eu vou te informando.

Ela desligou sem se despedir. Eu afundei no chão da sala. As palavras dela ricochetearam dentro de mim. Se eu fosse responsável por levar um predador até Kiersten, jamais me perdoaria.

23

WHITNEY

Antes

Dei uma última olhada no espelho antes de abrir a porta para encontrar Jade. Ela segurava o bebê em um braço, e Lily se agarrava ao outro. O corpo da mais velha estava ligeiramente escondido atrás das pernas de Jade. Os cotovelos ossudos aparecendo. Ela era tão miudinha. Pequena para a idade. Mais magra também. Sempre fora. Ela tinha tido problemas alimentares quando era pequena e acabou tendo que receber tratamento em uma clínica especializada. Nunca chegou a se recuperar. E agora isso?

Jade parecia exausta, mas isso havia se tornado normal nos últimos tempos. Como poderia ser diferente? Eu me contive para não lhe dar um abraço apertado, embora quisesse, mas talvez um abraço tornasse a situação ainda mais difícil, já que a mulher estava se esforçando para ser forte e corajosa.

— Aqui, deixe-me pegá-la — falei, pegando Iris.

Era estranho segurar o bebê de alguém quando o meu não estava lá, mas prometi a Jade que a ajudaria, e tinha sido sincera. Ela tinha muito com que lidar. Eu ainda não conseguia acreditar que ela vinha carregando aqueles segredos por tantos anos. Coisas assim corroíam a

gente por dentro. Não era de admirar que ela tivesse síndrome do intestino irritável.

Grace tinha levado Asher para o parque. Passariam a manhã lá. O que era bom, porque senão eu teria dois bebês em casa. Um já era difícil o suficiente. Asher tinha me mantido acordada metade da noite, e eu precisava de uma folga. Eu tinha acabado de acordar do meu cochilo quando Jade ligou. Ela estava frenética. Lily passara pela primeira sessão de tratamento naquele dia, e a babá havia cancelado no último minuto.

— Claro. Traga Íris para cá. Asher está no parque com Grace, então não há bebê sob minha responsabilidade — falei, enquanto pulava da cama e descia correndo para fazer um expresso. Não conseguia acreditar que tinha me aprontado tão rápido.

Como ela está? Articulei com os lábios, sem enunciar as palavras em voz alta, enquanto Jade ainda estava parada na entrada. Quando me contou o diagnóstico de câncer de Lily, ela havia dito que a parte mais difícil para a filha eram os furos de agulha. Lily morria de medo de agulhas, e sua fobia só havia piorado. Jade disse que foi forçada a segurá-la, e que essa tinha sido a coisa mais traumática pela qual já havia passado. Da última vez, tinham dado a ela Xanax infantil. Quem diria que existia tal coisa?

Não muito bem, ela me respondeu do mesmo jeito.

Dei a ela um sorriso sentido, desejando poder fazer algo mais do que cuidar de Iris. E, então, me ocorreu. Quase como se eu tivesse dado de cara com uma parede.

Eu não podia acabar com a dor em uma situação daquelas. Não podia fazer Lily ter menos medo de injeção nem obrigar o marido

preguiçoso de Jade a trabalhar. Mas eu tinha uma maneira de aliviar o fardo que isso causava às finanças já tão abaladas deles. Uma maneira de Lily conseguir o tratamento experimental que seu plano de saúde não cobria. Jade precisava de espaço para respirar, e eu tinha ar.

Podia confiar nela? Eu a olhei enquanto ela dava um beijo rápido na bochecha de Iris e colocava sua bolsa no banco da entrada. Valia a pena arriscar tudo para ajudá-la?

Eu lhe dei um abraço e me despedi, garantindo que ficaríamos bem. E ficaríamos. Na pior das hipóteses, eu ligaria para Grace. Ela era minha salvadora. Eu ligava para ela para qualquer coisa relacionada a Asher. Era a mais velha de nove filhos e criara seis dos seus próprios. Catorze netos e contando. Ela cuidava do meu adorável bebê melhor do que eu. Eu não sentia vergonha disso. Todas nós temos nossos pontos fortes.

Tudo em que consegui pensar durante o tempo em que Jade esteve fora era como eu detinha a solução para o maior problema dela. O negócio estava em alta. Eu recusava pessoas o tempo todo. Vinha sendo assim nos últimos dois anos. Sempre tínhamos sido apenas eu e minhas garotas. Um círculo de confiança muito pequeno. É por isso que dava certo.

A maioria das reuniões iniciais com clientes acontecia na minha casa. E não importa o que acontecesse, eu entrevistava todas as mulheres na minha casa quando as contratava. Deixá-las entrar onde eu morava era arriscado, mas necessário se eu quisesse que confiassem em mim. Para que elas vissem que eu também estava correndo riscos. Mas era mais do que isso. Deixar que alguém entre na sua casa é algo íntimo. Um vislumbre rápido de quem você é a portas fechadas. Por

mais que finjamos apresentar nosso verdadeiro eu ao mundo exterior, sabemos que não é verdade.

Então eu as convidava para minha casa. Para me verem. Para que eu pudesse vê-las. E, juntas, poderíamos determinar se éramos uma boa combinação. Eu tinha todo o sistema dominado.

Se eu trabalhasse com alguém em quem confiava e que pudesse me ajudar a lidar com algumas das responsabilidades do negócio, provavelmente conseguiria gerenciar o dobro de acompanhantes, o que significaria o dobro de clientes. Se fosse esse o caso, eu poderia quitar nossa segunda hipoteca dentro de um ano. Não que esse fosse o objetivo. Na verdade, Jade precisava do favor, mas isso me beneficiaria também. Eu não ia fingir que não.

Passei a tarde indecisa. Até recentemente, eu não conhecia Jade tão bem. Estava distraída na noite em que analisamos a inscrição e a redação dela. Kiersten insistia em redações para o clube das mães, como se estivessem se candidatando à faculdade. Todo mundo achava ridículo, mas ninguém a contestava porque era ela quem estava organizando tudo.

Mas então Jade voltou com Lily naquela tarde, e eu me decidi no momento em que vi o rosto delas. Abri a porta e as encontrei com os olhos inchados e vermelhos, como se tivessem chorado a tarde toda, e nada mais importava a não ser ajudá-las de qualquer maneira que eu pudesse.

— Oi — falei, abrindo mais a porta. — Querem entrar um segundo? Acho que talvez eu tenha um jeito de ajudar vocês.

24

BROOKE

Agora

O serviço fúnebre de Kiersten tinha sido lindo. Deslumbrante, na verdade. Era para Tommy fazer o discurso, mas ele estava muito abalado para falar. De acordo com os sussurros, as pessoas andavam preocupadas com ele, e ele não estava bem. Claro que não estava. Quem estaria?

Todos passavam Rinley de mão em mão, como se tocá-la fosse o equivalente a tocar Kiersten. Eu não sabia onde me sentar. Não era como um casamento. Estávamos todos do lado da noiva. A fotomontagem em vídeo fez todo mundo chorar. Exceto eu.

Eu não tinha certeza do que havia de errado comigo. Como as pessoas conseguiam ir a uma cerimônia como aquela? Ver todas aquelas fotos. As de Kiersten bebê no colo dos pais e as dela segurando Rinley da mesma forma. Eles mostraram cenas da vida de Rinley justapostas à da mãe enquanto tocavam uma música sobre estar nos braços de um anjo. Kiersten poderia ter sido uma total desconhecida, e mesmo assim seria impossível ficar sentada naquela cerimônia sem derramar uma lágrima, mas eu não chorei. Nem uma lágrima sequer.

Talvez eu já tivesse chorado tudo que tinha para chorar. Era possível? Quando Abby declarou pela primeira vez que tudo estava acabado entre nós, tive medo de nunca parar de chorar. E então, quando parei, quando finalmente encontrei uma maneira de me controlar, a menor coisa podia me desestruturar e me fazer entrar em espiral de novo.

Eu me virei para procurar Abby, mas ela havia sumido na multidão. Ela tinha sentado ao meu lado durante a cerimônia. Se algo me aproximou de chorar, foi aquele momento. Não apenas o fato de ela ter feito aquilo, embora tivesse bastado para me deixar radiante — foi a forma como fez. Abby não perguntou se estava tudo bem nem agiu como se precisasse da minha permissão. Ela se sentou ao meu lado como se aquele fosse o lugar dela, como se fosse óbvio. Passei os primeiros dez minutos da cerimônia tentando me concentrar no que o rabino estava dizendo, e não no calor do corpo dela ao lado do meu. Ou no fato de que às vezes a coxa dela roçava na minha.

Eu nunca estivera tão ciente do ciclo da vida. A morte de um grande amor tinha reacendido o nascimento de outro. Claro que ainda não tínhamos tocado no assunto. Ainda estávamos pisando em ovos. Sendo cautelosas e gentis uma com a outra. Vivendo como colegas de quarto, mas ela ainda estava em casa, e tinha saído do quarto dela. Três noites seguidas.

Eu me movi devagar, rente à parede, o mais discretamente possível para que ninguém me notasse e falasse comigo. Conversas banais em cerimônias como aquela eram o pior que podia acontecer. Nada era mais desconfortável. As pessoas deveriam aprender a ficar quietas. Às vezes, não falar era bom.

Mas Abby sempre sabia exatamente o que dizer e como se portar em qualquer situação social. Por isso era tão incrível no trabalho. Ela podia caminhar pela Rodeo Drive ou pela Skid Row com o mesmo nível de confiança. Estar em qualquer lugar ou ser quem precisasse ser. E ela havia viajado pelo mundo com muitas pessoas diferentes. Dobrei a esquina e a vi com Taylor.

Bem na hora em que eu estava prestes a me fazer notar, algo me deteve. Parei. Esperei. Escutei.

Não faça isso, Brooke, eu disse a mim mesma, mas não dei ouvidos à voz. Avancei, chegando o mais perto que pude sem que elas soubessem que eu estava ali.

— … ela tem agido de modo estranho há meses, então não sei como responder — disse Abby, em um sussurro apressado. — Está ansiosa e assustadiça o tempo todo. Tipo, dá para ver que ela está trêmula por dentro, mas tentando se manter firme por fora, sabe? E passa metade do tempo com aquele olhar atordoado. Tipo, o que é isso?

— Sim! Eu sei exatamente o que você quer dizer — exclamou Taylor, ficando animada. — Disseram que ela estava agindo como uma zumbi na casa de Whitney. Não conseguiram tirar nada dela. Ela tocou no assunto? Disse alguma coisa?

Abby balançou a cabeça.

— Nada que a gente já não saiba, mas, para ser sincera, nem falamos muito disso.

Taylor ficou surpresa.

— Como vocês não conversam sobre algo assim?

— Não é como se eu não tivesse tentado… Eu tentei. Mas ela não quer falar sobre isso. Só quer falar sobre nós. É estranho, sabe? Tipo, eu tenho que fingir que está tudo bem. Como se eu não estivesse ali só para ter certeza de que meu filho está em segurança.

Ela continuou falando, mas eu não consegui ouvir mais nada. Era por isso que ela tinha voltado para casa? Para manter Julian seguro? De mim? Ela achava que precisava manter Julian seguro de mim? Por um segundo, não consegui sentir meu corpo. Uma parte de mim queria ir lá confrontá-la. Discutir com ela o que eu acabara de ouvir. Mas me contive.

Em vez disso, respirei fundo algumas vezes. Forçando-me a me acalmar e a me concentrar.

Ela tinha se envolvido na investigação. Claro que tinha. Era impossível não se envolver. A detetive Perez deve ter colocado um monte de caraminhola sobre mim na cabeça dela, assim como tinha feito com todo mundo. E Abby estava certa. Nós não tínhamos tocado no assunto. Não desde que conversamos brevemente na noite em que ela voltou para casa. Tampouco falamos sobre nosso relacionamento. Em casa, ainda estávamos pisando em ovos ao redor uma da outra. Eu vinha dizendo a mim mesma que tudo se resolveria. Só precisava dar tempo ao tempo.

Eu tinha que focar o que era importante. Abby voltara para casa. Essa era a coisa mais valiosa. Claro, talvez ela não estivesse de volta por estar reconsiderando o fato de ter me deixado. Mas não significava que ela não chegaria lá em algum momento. Meu coração batia forte, e minha cabeça latejava enquanto eu me apoiava na parede.

Estava tudo bem. Ia ficar tudo bem.

Ela estava de volta, e era isso que importava. Se eu a confrontasse agora a respeito do que acabara de ouvir, ela poderia ir embora e nunca mais voltar. Era exatamente o que eu não queria.

Eu as ouvi sair e voltar para onde estavam as outras pessoas no memorial.

Levei mais alguns minutos para me recompor antes de me juntar a elas.

— Oi — disse Abby, quando viu que eu me aproximava.

Abri um sorriso largo para ela. Isso não mudava nada. Eu simplesmente me esforçaria mais. Só precisávamos de tempo. Só precisávamos de mais tempo.

25

BROOKE

Agora

Acordei devagar. Quanto tempo eu tinha dormido? Julian não me acordou nenhuma vez depois da mamada de meia-noite. Ele tinha dormido a noite toda? Sério? Sentei-me ereta na cama.

Se ele começasse a dormir a noite toda, minha vida seria muito mais fácil. Muitas pessoas conseguiam viver com relativamente pouco sono, mas eu não era uma delas. Nunca tinha sido. Eu precisava do meu sono quando criança e precisava ainda mais agora. Mas Julian tinha mudado tudo isso.

Desde o início, ele nunca tinha dormido mais de duas horas por vez, e, como era amamentado exclusivamente no peito, eu era responsável por todas as suas mamadas noturnas. Ele ainda se recusava a pegar a mamadeira, por mais que eu tentasse, e nós tínhamos experimentado de tudo, mas nada funcionava. Depois de um tempo, Abby nem se importava mais. Era a maior razão para ele estar sempre comigo: ele não conseguiria se alimentar se não estivesse.

O que os dois estavam fazendo esta manhã? Ele devia estar faminto, mas tentei prestar atenção ao choro dele e não escutei nada.

Esfreguei os olhos e saí da cama. Peguei o celular na mesa de cabeceira e vi que eram quase nove da manhã. Eu tinha dormido por quase nove horas. Uau. Eu não dormia até tão tarde desde antes de ele nascer. Me levantei e desci correndo. Agora que estava acordada, só queria estar perto dos dois. Era assim que sempre tínhamos dito que seria: revezar para deixar a outra dormir até mais tarde.

Entrei na cozinha esperando encontrá-los, mas eles não estavam lá. O cômodo estava intocado desde a noite anterior. Até os pratos sujos estavam na pia. A cafeteira não estava ligada. De jeito nenhum Abby tinha levantado e começado o dia sem café. Ela devia ter saído para comprar mais, mas abri a gaveta e encontrei muitas cápsulas, então para onde ela tinha ido?

Entrei na sala de estar e segui pelo corredor, colocando a cabeça no quarto de Abby novamente, só para o caso de não ter notado a presença dela da primeira vez, mas eles não estavam lá. Corri pelo corredor até o quarto de Julian, em frente ao meu.

— Abby?

Também não tinha ninguém lá.

Mas eles não eram os únicos que haviam sumido. Algumas das coisas favoritas de Julian também. O cobertor. O panda de pelúcia. A chupeta especial que ele usava à noite. Sirenes dispararam na minha cabeça. Ele não conseguia dormir à noite sem o cobertor ou a chupeta especial, e tínhamos uma regra de que aquelas coisas não saíam de casa. Tínhamos substitutos para emergências e férias. Abri a gaveta superior da cômoda. Os pijamas de ursinho favoritos tinham sumido. Muitas de suas roupas também. Tudo girou na minha frente, então parou.

Aquilo não estava acontecendo. Não podia estar acontecendo. Tinha que haver uma explicação.

Corri de volta para o meu quarto e peguei o telefone na mesa de cabeceira. Liguei para Abby, mas foi direto para a caixa postal. Desliguei e rapidamente digitei uma mensagem:

Oi! Acabei de acordar e não tem ninguém em casa. Onde vocês estão?

Fiquei encarando a tela, esperando a mensagem aparecer como lida. Mas isso não aconteceu. Os segundos se arrastaram, e o texto permanecia apenas como entregue. Liguei novamente para ela. Caixa postal de novo. Outra mensagem. Depois outra.

— Oi, Abby. Só tentando achar você. Me perguntando onde você e o bebê estão. Me liga assim que puder?

Andei de um lado para o outro pela sala de estar. Eu estava exagerando. Sendo paranoica. Não significava nada ela ter arrumado as roupas dele e algumas de suas coisas favoritas. Era o que eu continuava tentando dizer a mim mesma, mas não estava funcionando.

Talvez ela tivesse ido para a casa da mãe. Peguei o número de Martha. Ela não atendeu. Só continuei mandando mensagens para Abby porque não sabia mais o que fazer.

Me responde.

O que você está fazendo? O que está acontecendo?

Abby, atende a droga do telefone.

Você não pode desaparecer assim com Julian e não me dizer para onde foi.

Só que era exatamente o que ela tinha feito. Já havia se passado mais de uma hora. O que eu deveria fazer? Ligar para a polícia e dizer que minha esposa tinha sequestrado nosso filho? Minha cabeça girava. Liguei para minha melhor amiga. Ela atendeu no segundo toque.

— Meu Deus, Erika, Abby levou Julian. Ela levou Julian e não vai trazê-lo de volta — falei, aos prantos, assim que ela atendeu. Eu nunca precisei dela mais do que naquele momento, mas ela estava na Costa Leste. — Eu continuo ligando e mandando mensagem, mas ela não atende. Está me ignorando, e está com ele.

— O quê? Do que você está falando? — Dava para ouvir a preocupação na voz dela.

— Abby levou Julian e não vai trazê-lo de volta — repeti. — Eu não sei o que fazer. Meu Deus, o que eu vou fazer? Eu pensei que a conhecia. Pensei que sabia exatamente quem ela era, mas não sei. Não tenho ideia de quem ela é. Quem é essa pessoa, caramba? Quem faz isso? Eu sou a mãe dele. Não se pode simplesmente…

— Calma. Calma — ela me interrompeu. — O que você quer dizer com Abby levou Julian?

— Quero dizer que ela o levou. Eu acordei e eles não estavam aqui. O carro dela sumiu, e ela levou um monte de coisas dele.

Eu estava novamente na sala de estar, andando de um lado para o outro enquanto falava. Abrindo as cortinas e esperando que a qualquer minuto o carro dela entrasse na garagem.

— Bom, talvez eles tenham saído para passar o dia fora, então ela arrumou mais coisas para ele. Eu já vi vocês saírem com aquele menino. Ele precisa de muita coisa — brincou ela, tentando me acalmar e amenizar o clima, mas eu sabia que estava certa. Algo estava errado. Terrivelmente errado.

— Eles não estão fazendo um bate-volta em algum lugar. Ela levou o cobertor dele e a chupeta noturna. Tudo o que ele precisa para dormir. Ela não levaria essas coisas a menos que pretendesse fazê-lo passar a noite em algum lugar.

Eu balancei a cabeça. As palavras dela não tinham diminuído meu pânico.

— Ok, ok. — Ela pensou rápido do outro lado. — Ainda não significa que algo terrível esteja acontecendo. Ela pode ter levado Julian para passar a noite em algum lugar e dar uma folga para você. Talvez ela ligue a qualquer segundo e diga que reservou um quarto no Four Seasons para você, ou que saiu com ele para que você pudesse ter a casa para si no fim de semana. Sabe, tipo férias em casa.

Comecei a rir do absurdo das sugestões dela. A antiga Abby talvez fizesse uma dessas coisas, mas não essa pessoa que ela tinha se tornado. Essa pessoa que havia tomado conta do corpo dela era uma estranha que não se importava nada comigo. Assim que comecei a entrar novamente em surto, ouvi o som do carro dela na entrada da garagem.

— Meu Deus, ela chegou! Ela voltou! — gritei. — Ligo para você depois.

Não esperei resposta. Desliguei e saí correndo, bem quando Abby subia a calçada.

— Onde está Julian? — perguntei, passando correndo por ela, direto para o carro. A cadeirinha no banco de trás estava vazia. Eu me virei para encará-la e gritei: — Onde ele está?

Ela estava parada na minha frente, com as mãos nos quadris, e eu queria esganá-la. Ela me despojara de tudo, e agora tinha levado meu bebê.

— Ele está bem, Brooke. Relaxa — disse ela, estendendo as mãos em um gesto pacífico.

— Relaxar? — gritei. — Você quer que eu relaxe? Acordei e meu filho tinha sumido. Sumido. E a mãe dele não atendia o telefone para me dizer onde ele estava. Agora, onde diabos está meu bebê?

Cheguei bem perto do rosto dela. Meu coração batia forte. Ela recuou devagar.

— Acalme-se, ok? Apenas respire.

— Eu juro por Deus que se você me disser para me acalmar de novo, vou socar a sua cara!

Eu nunca tinha dito algo assim na minha vida, mas estava falando sério. Eu a despedaçaria com minhas próprias mãos se não me devolvesse o meu bebê.

— Ele está com Whitney.

Eu cambaleei, atordoada.

— Está com Whitney?

Ela assentiu.

— Por que ele está com Whitney?

— Porque foi para lá que eu fui quando saí. Ela vai cuidar dele enquanto eu procuro um apartamento.

— Apartamento? — Tudo estava acontecendo muito rápido. Procurei o carro atrás de mim e me apoiei nele. Algo sólido. Algo firme para me ancorar. Para me segurar.

A voz dela estava monótona e desprovida de qualquer emoção.

— Não é seguro para Julian estar aqui, então vou levá-lo comigo até que possamos conseguir ajuda para você e resolver tudo isso.

Minhas veias pareciam prestes a estourar de raiva.

— Do que você está falando? — perguntei, entre dentes.

Ela colocou as mãos na frente do rosto enquanto minha veia da testa latejava.

— Escuta, Brooke, eu simplesmente não me sinto confortável em ter você perto dele até sabermos o que aconteceu com Kiersten.

— Como pode fazer isso comigo?

Toda a esperança que eu tinha de nos reconciliarmos desapareceu naquele momento. Assim como meus sentimentos por ela. Sumiram rápido assim. Eu não queria estar perto de alguém que pudesse levar o bebê de outra mulher. Era cruel demais.

— Como eu pude fazer isso com você? Proteger nosso filho de alguém que está tão desequilibrada que machucou nossa amiga?

— Você está falando sério? Está realmente falando sério agora? Não é possível que pense que eu tive algo a ver com o que aconteceu com Kiersten, é?

O que havia de errado com o mundo? Como chegamos a isso? As perguntas lutavam por espaço enquanto meu interior girava junto com o exterior ao meu redor. Eu me senti tão tonta que achei que fosse vomitar.

Não houve hesitação da parte dela. Nem um segundo para pensar no assunto.

— Querida, olhe para você.

Mas ela não disse isso como se se importasse. Ela estava me tratando com condescendência, como se sentisse pena de mim. Eu queria esganá-la.

E quis esganá-la de novo quando ela jogou o cabelo para trás e disse:

— A forma como você reagiu na outra noite foi perturbadora, e não é a primeira vez que age assim.

Avancei e cheguei perto dela de novo.

— Você está brincando comigo? — Apontei o dedo para ela. — O jeito como reagi na outra noite tinha tudo a ver com me sentir traída de novo por você, e absolutamente nada a ver com Kiersten. Nada. Está brincando comigo? — Dei mais um passo na direção dela. Minha respiração ficou forte e rápida.

Era verdade. Eu havia explodido com ela quando chegamos em casa depois do memorial de Kiersten, duas noites atrás. Eu tinha mantido a compostura durante todo o evento. De alguma forma, consegui agir como se estivesse tudo bem. Disse a mim mesma que, mesmo que ela tivesse voltado para me vigiar e não porque realmente queria estar comigo, era um pequeno passo na direção certa. De volta ao nosso lar. Conosco.

E eu não tinha tocado no assunto. Não até aquele momento. Tinha engolido aquela verdade como um remédio horrível e me forçado a mantê-lo dentro de mim. Mas enlouqueci quando entrei no quarto e a

flagrei no FaceTime com Liza enquanto ela colocava Julian para dormir. Elas estavam lendo um livro para ele juntas.

— Você me disse para tomar um banho e que você o colocaria na cama — esbravejei.

Ela silenciou a chamada e se virou para mim.

— É exatamente o que estou fazendo.

— Com ela! — gritei e bati a porta com força, fazendo Julian ter um acesso de choro que durou vinte minutos. Ela ficou furiosa quando voltou para baixo depois de acalmá-lo.

— Você não pode sair por aí agindo assim, Brooke. Não é certo!

— Eu vou dizer o que não é certo. — Dei a volta na ilha e a encurralei na cozinha. — Me dizer que vai colocar nosso filho para dormir e depois ficar de conversinha com sua namorada.

— Eu não fiquei de conversinha com minha namorada — retrucou ela. — Fiz exatamente o que disse que faria: coloquei nosso filho para dormir, e, sim, fiz isso com minha namorada porque, adivinha, Brooke? Ela vai fazer parte da vida dele.

Estreitei os olhos até virarem fendas.

— Eu nem sei mais quem você é. É uma mentirosa. E um monstro. E uma…

— Eu sou um monstro? Porque decidi cuidar de mim e colocar minhas necessidades em primeiro lugar? Porque este casamento não funcionou para mim? Isso me torna um monstro? — Ela respirava tão forte quanto eu. — Você age como se isso não fosse difícil para mim. Estou passando pela mesma coisa.

— Passando pela mesma coisa? Você está me zoando? A mesma coisa? Me desculpe. Meu mundo inteiro desabou em um segundo.

Sumiu. Foi destruído. Do nada. Você não pode comparar nossas experiências. — Avancei. Meu rosto ficou a centímetros do dela. — Você sabe o que fez? Você saiu da nossa casa e foi para os braços de outra mulher. Você sabe que ela já está postando coisas? Já? Seu TikTok AbbyandLiza4eva? Parece que vocês estão se dando muito bem.

Ela abaixou a cabeça.

— Eu sei. Eu disse a ela para não fazer isso. Para esperar e dar mais tempo, mas — ela deu de ombros — eu não consigo controlar o que outra pessoa faz. Eu sinto muito. E ela é jovem, sabe? Os jovens estão no TikTok.

— Quão jovem é a sua senhorita Liza Jane?

— Brooke, não aja assim.

— Eu? — Soltei uma risada. — Agir assim? Certo. Como você gostaria que eu agisse?

— Eu não sei. De modo menos hostil — disse ela, com um encolher de ombros casual.

E então eu a empurrei.

Simplesmente a empurrei. Antes mesmo de saber o que estava acontecendo. Em um minuto, eu estava falando com ela, e, no outro, eu a empurrei com toda a minha força. Isso a pegou desprevenida, e ela tropeçou para trás. Recuperou rapidamente o equilíbrio, mas parecia horrorizada.

— Me desculpe. — Estendi a mão, mas ela se afastou de forma brusca.

Ela levantou os braços.

— Não me toque agora. Simplesmente não.

— Abby, por favor, eu não quis fazer isso. Eu não sei onde estava com a cabeça. Eu não quis. — Tentei a todo custo me aproximar, mas ela recuou novamente.

Então se virou e foi embora. Na manhã seguinte, agiu como se nada tivesse acontecido, então não toquei no assunto. Mas, claramente, ela não tinha esquecido.

Soltei a camisa dela, que estava segurando, e recuei devagar.

— Me desculpa, tá? Me desculpa. — Eu não estava arrependida, mas faria qualquer coisa para ter meu bebê de volta. Eu podia tê-la perdido, mas ela não podia levá-lo também. — Só traga Julian de volta, por favor. Você pode ir embora. Vá. — Apontei para a rua. — Faça o que quiser com quem quiser, mas, por favor, deixe meu bebê fora disso.

— Ele é meu bebê também. — Ela ajeitou a camisa e colocou o cabelo atrás das orelhas. — E farei o que for preciso para protegê-lo de você.

26

JADE

Agora

— Cacete — exclamou Ryan no meio de um episódio do documentário da Netflix sobre Jeffrey Dahmer. Mas não foi por causa do programa. Seus olhos estavam grudados no telefone.

— O que foi? — perguntei.

— Aparentemente, Abby tirou Julian de Brooke porque acha que Brooke teve algo a ver com o que aconteceu com Kiersten, então está superpreocupada em deixar o bebê com ela. Que história louca — disse ele, com um sorriso divertido estampado no rosto.

— Como você sabe disso? O que está acontecendo? — perguntei, me arrastando até o outro lado do sofá para ficar perto dele.

Durante metade da noite, eu tinha ficado sentada na outra ponta, com minhas entranhas se corroendo pela preocupação. Era assim que eu estava desde que Whitney me disse que a polícia sabia sobre nosso negócio.

Ele me mostrou o telefone. Na tela havia um vídeo do Instagram pausado.

— É porque Brooke está enlouquecendo no Instagram. Ela fica entrando ao vivo e dando vários detalhes, fazendo parecer que Abby

realmente sequestrou Julian. É assim que ela está tratando o assunto. Até tirou print de todas as mensagens de texto delas. — Ele deu play enquanto falava, e o rosto de Brooke, com os olhos arregalados, apareceu na tela.

Ela estava em meio a um discurso exaltado.

— E ela não pode fazer isso comigo. Ninguém pode fazer isso com uma mãe. Não pode simplesmente pegar o filho dela e arrancá-lo de casa. Da mãe dele. Sem contato. Sem ter como entrar em contato. Ela está mantendo a criança longe de mim. Olhem isso.

Ela acenou totalmente descontrolada para os prints atrás de si, rolando as mensagens de texto enquanto falava e andava. Havia toneladas delas: Traga Julian de volta para casa.

Você não pode tirá-lo de mim.

Isso é sequestro.

Vou chamar a polícia.

Não consigo acreditar que você fez isso.

Você me acha louca? Você é uma maldita psicopata!!!

Ela estava ao vivo e tinha passado as últimas três horas postando vídeos. Todos eram igualmente enlouquecidos. Como se ela fosse uma repórter descontrolada. Era perturbador.

— Onde ela está? — perguntei. — Você consegue dizer?

Entreguei o telefone a ele.

Ele deslizou para outro vídeo e deu zoom.

— Tenho quase certeza de que está em casa. — Ele moveu os dedos, aproximando e afastando o zoom. — Parece o quintal delas. Ela fez vários vídeos no andar de cima também, entrando e saindo do quarto de Julian. Mostrando o berço vazio. — Ele estremeceu e me devolveu o celular, mas eu não aceitei. Já tinha visto o suficiente.

— Não consigo acreditar que Abby fez isso. — Balancei a cabeça. Tirar um bebê da mãe quando não se sabe realmente o que aconteceu era algo terrível.

— Dá para culpá-la? — perguntou Ryan, me surpreendendo ao ficar do lado de Abby.

— É isso que você faria? — perguntei.

— Levar as crianças se eu achasse que você matou sua amiga? — Assenti, e ele sorriu em resposta. — Não. Provavelmente eu ajudaria a esconder o corpo — disse ele, rindo. Dei um tapa em sua coxa.

— Você é péssimo. — Mas não pude evitar rir, porque provavelmente era o que ele faria.

Peguei meu celular e mandei mensagem para Whitney. Eu odiava celebrar o infortúnio de outra pessoa, mas talvez isso funcionasse a nosso favor. A polícia devia estar seguindo todas as nossas redes sociais, e não havia como não terem visto aquilo.

Você viu que Abby pegou o bebê e Brooke tá surtando no insta?

Ela está aqui comigo.

Brooke????

😄 Não. Abby.

Abby tá aí? Com vc? E o bebê??

Sim.

Meu Deus.

Vem pra cá.

Curti a mensagem e rapidamente guardei o aparelho no bolso.

— Vou à casa da Whitney.

— Pensei que a gente ia assistir a um filme esta noite — comentou Ryan, parecendo magoado. — É terça-feira.

— Acho que podemos abrir uma exceção para nosso encontro noturno desta vez.

A recente motivação dele de ser o pai mais envolvido do mundo também renovara seu impulso de ser o melhor marido do mundo. Ele estava atencioso e engajado daquela forma totalmente presente de quando as pessoas começavam a namorar. Era a chama que eu vinha tentando reacender há anos, até finalmente desistir. Mas, nos últimos dias, ele tinha feito tudo o que eu vinha cobrando dele. A morte de Kiersten fez com que percebesse, de modo dramático, como a vida era preciosa. Ele vinha acordando todas as manhãs com uma mentalidade de "aproveitar o dia" que eu nunca vira nele em todos os nossos anos juntos. Era fofo.

— Talvez possamos ter nosso encontro noturno na próxima semana, quando nossos amigos não estiverem morrendo e enlouquecendo, ok? — brinquei, dando-lhe um beijo rápido na bochecha antes de sair correndo porta afora.

27

WHITNEY

Agora

Eu ainda estava atordoada com o fato de Abby estar ali. Ela havia aparecido na minha porta esta manhã, em lágrimas, segurando a bolsa de fraldas de Julian e um monte de coisas dele.

— Eu não sabia mais para onde ir com o bebê — dissera ela, e eu a guiei para dentro sem pensar duas vezes. — Simplesmente não consigo deixá-lo lá com ela. Eu fico num nervosismo horrível.

Ela se sentou no sofá, tentando desesperada fazer Julian pegar a mamadeira, como vinha fazendo a maior parte do dia, mas estava difícil. Ele gritava e se contorcia no colo dela. O rosto enrugado e vermelho de raiva.

— Não sei como vocês conseguem amamentar um bebê só no peito. Como se faz isso? — falei, desejando poder fazer algo para ajudar.

Ele estava gritando havia uma hora, e não se acalmava de jeito nenhum. Eu sentia tanta pena de Abby. E do bebê. Coitadinho.

— Exatamente. — O rosto dela estava marcado pela frustração. — Você já conheceu um bebê que não pegava mamadeira?

— Já ouvi falar que acontece, mas não com alguém que eu conheça.

Ele estava se preparando para um acesso de raiva ainda maior. Quanto mais tempo passava sem comer, mais frustrado ficava. Ouvi a porta abrir, e não demorou muito para Jade entrar, parecendo agitada. Ela tinha chegado em menos de quinze minutos. O trânsito devia estar superleve.

— O que está acontecendo? — Ela direcionou a pergunta para mim.

Abby estava muito focada em se manter calma enquanto Julian entrava em modo colapso total mais uma vez.

— Só estamos tentando fazer Julian se alimentar, mas sem sucesso — expliquei. — Elas não estavam mentindo quando disseram que ele se recusa a pegar mamadeira.

— O que vamos fazer se ele não comer? — perguntou Abby, olhando para cima. Ela parecia prestes a chorar. Eu nunca a vira chorar antes. Era provável que ela tivesse chorado no funeral, mas eu não estava por perto para ver. — Tinha pensado que, se ficasse com fome por tempo suficiente, ele não teria escolha a não ser aceitar a mamadeira.

— Ele vai mamar. Tem que mamar. Seus instintos naturais têm que surgir em algum momento. Ele não vai se deixar morrer de fome — garanti, com muito mais confiança do que sentia.

Ela estava ali desde de manhã, e ele ainda não tinha se alimentado. Seis horas era muito tempo para um bebê ficar sem comida.

— Ele ainda não pega mamadeira? — perguntou Jade, incrédula.

— Não — respondeu Abby, praticamente gritando para falar mais alto que os choros de Julian.

— Uma de nós poderia tentar — sugeriu Jade, com um dar de ombros casual.

— Pode ir em frente — disse Abby, entregando-lhe a mamadeira.

Eu já tinha tentado várias vezes. Ele não queria pegar de mim mais do que queria pegar dela. E só tinha gritado mais alto.

Jade balançou a cabeça.

— Não foi o que eu quis dizer. — Ela olhou para nós, mas não estávamos entendendo. Ela apontou para mim, depois para si mesma. — Nós estamos amamentando, então uma de nós poderia tentar.

Abby pareceu chocada, e eu caí na gargalhada imediatamente.

— Estou falando sério. As mulheres costumavam fazer isso o tempo todo. O que vocês acham que as amas de leite da velha guarda faziam? — Ela deu de ombros, como se não fosse grande coisa. Se tivesse vindo de Taylor, não teria parecido ser, mas algo tão pouco convencional vindo de Jade era inesperado.

Abby olhou para mim, mas tudo o que eu consegui fazer foi dar risadinhas.

— Tecnicamente, eu acho que seria possível. — Abby falou devagar, claramente considerando a proposta de Jade, que se tornava mais atraente a cada segundo que Julian chorava em seus braços.

Naquele ponto, não havia mais nada a fazer por ele a não ser deixá-lo chorar. Ele só queria uma coisa. Abby se virou para mim, em expectativa.

— Eu? — Fiz careta. Agarrei meus seios de um jeito protetor. — É que… eu não sei… parece tão estranho. Não sei se consigo.

— Eu faço. — Jade se adiantou.

Abby olhou para mim, depois para ela. Jade deu de ombros.

— De verdade, não acho que seja grande coisa.

— Ok — disse Abby, ainda falando devagar, como se não estivesse totalmente convencida de que era uma boa ideia, mas a possibilidade de acabar com os gritos estridentes de Julian fosse muito atraente para resistir. Ela o entregou a Jade. Comecei a rir de novo.

— Me desculpem — falei, cobrindo a boca. — Não sei por que acho isso tão engraçado, mas acho. Parece supertribal, sabe? Tipo, somos irmãs das cavernas ou algo assim.

Jade riu e revirou os olhos enquanto levantava a camisa.

— Você acha que ele vai aceitar? Eles sabem a diferença? — perguntou Abby.

— E se o leite não descer por ele não ser seu bebê? — perguntei ao mesmo tempo.

Nós três olhamos fascinadas enquanto ela desprendia o sutiã de amamentação e trazia Julian para o peito. Ele ainda chorava, tentando se afastar dela com força, mas ela o aninhou contra si com firmeza. E então ele congelou. Como se de repente sentisse o cheiro do leite dentro dela. Ele virou a cabeça e se apressou a mamar o mais rápido que pôde.

— Meu Deus. Meu Deus! — Abby bateu palmas enquanto eu pulava no sofá ao lado dela.

— Isso é incrível! Incrível — exclamei. — Qual é a sensação?

Jade sorriu.

— É exatamente a mesma coisa, mas diferente. — Desta vez, ela deu uma risadinha. — Não sei como descrever. Tipo, a ejeção é

totalmente a mesma, com certeza, mas a língua dele no meu mamilo é diferente. É como se fosse um pouco mais áspera ou algo assim, e o ritmo dele não é o mesmo. Parece meio como dançar com outra pessoa, sabe?

— Será que Iris vai conseguir perceber quando você a alimentar? — perguntou Abby, o rosto uma mistura de alívio e felicidade.

Dei uma risadinha ao lado dela.

— Né? E se você chegar em casa e Iris sentir o cheiro dele em você?

— Meu Deus, como se eu a tivesse traído. — Jade caiu na gargalhada, e, por um segundo, foi tudo o que conseguimos fazer.

E foi bom. Precisávamos daquilo. Como um sopro de ar fresco depois de passar muito tempo embaixo d'água.

Nossa risada finalmente diminuiu, e nós ficamos em silêncio, observando Julian mamar. Ninguém queria se mover nem falar. O momento era mágico demais. Falar sobre o assassinato teria que esperar. Não podíamos fazer isso agora. Não depois de termos acabado de ver nossa amiga amamentar o bebê de outra mulher. Jade era sempre cheia de surpresas.

28

JADE

Antes

Eu seguia apressada pela cozinha. Estava limpando as bancadas pela segunda vez. Não por estarem sujas, mas porque acalmava minha mente. Acalmava meus pensamentos acelerados. Limpar tinha esse efeito em mim.

Sempre teve.

Dizer que eu faria aquilo era uma coisa. Concordar com a ideia depois que Whitney me fez a proposta em seu sofá de couro de dezoito mil dólares era totalmente diferente de chegar às vias de fato. O que eu faria se Ryan descobrisse?

Isso arruinaria tudo. Ele nunca conseguiria manter a boca fechada. Só ficaria pensando que as acompanhantes poderiam ser filhas dele. Ele veria o rosto de Lily e Iris em cada uma delas. Esse era o problema. Não dava para fazer isso.

Aquelas não eram menininhas. Eram mulheres adultas fazendo uma escolha responsável. Uma que podiam fazer. Era o que eu vinha dizendo a mim mesma a semana toda, desde que Whitney me encontrara no parque e dissera que já havia uma cliente para eu entrevistar.

— Está pronta? — perguntou ela, com um sorriso.

Whitney estava tão animada por finalmente ter uma parceira de negócios. Ela me disse que tinha ficado nervosa antes de fazer a proposta, mas que não havia percebido quanto se sentia isolada até ter uma pessoa com ela. Eu não conseguia imaginar que alguém soubesse o que ela realmente fazia. A mulher era uma agente de talentos de sucesso, com certeza, mas era esse esquema que pagava suas contas.

Assim como pagaria as minhas. Eu tinha ficado em cima do muro, mas, quando ela me disse quanto eu poderia ganhar por semana, e considerando o quanto precisávamos do dinheiro, não pude recusar. Além do mais, eu tinha dito que faria o que fosse preciso pela nossa família, e às vezes isso significava medidas extremas.

Ela me entregou uma taça de vinho naquela tarde, embora eu tivesse recusado a princípio.

— Odeio beber sozinha, em especial durante o dia — disse ela, com um sorriso estranho. — Mas, confie em mim, você vai precisar de uma bebida para esta conversa.

Peguei a taça com a curiosidade aguçada. Ela tomou um bom gole e limpou os lábios ao terminar, que ficaram manchados de um vermelho ainda mais escuro.

— Ok, estou com o coração partido por você estar passando por tudo isso com Lily. Não consigo nem imaginar quanto é difícil.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Ela segurava Asher no colo. Ele voltara enquanto eu estava fora com Lily. Sem dúvida ela estava pensando em como se sentiria se o filho dela tivesse câncer. Todo pai pensava isso depois de ficar sabendo.

Ela lutou para falar.

— Adoraria ajudar vocês financeiramente. Eu…

Eu a interrompi no mesmo instante.

— De jeito nenhum, Whit. Não foi por isso que contei o que estava acontecendo.

Ryan morreria de vergonha se sequer suspeitasse de que ela sabia da nossa situação financeira. Como nossa vida realmente era. Era o segredo mais bem guardado dele, e ele provavelmente faria qualquer coisa para protegê-lo. Balancei a cabeça de novo, só para que ela soubesse que a minha recusa era séria.

— Não vamos aceitar seu dinheiro.

Levantei e comecei a juntar minhas coisas para ir embora. Não era que eu estivesse insultada. Só envergonhada. Eu odiava aquilo. Tudo o que dizia respeito àquilo.

Ela agarrou meu braço.

— Não, não vá, Jade. Não é disso que estou falando. Não é o que eu quero dizer. — Ela se levantou e apoiou os braços gentilmente em meus ombros. — Não estou tentando te dar dinheiro, mas tenho uma maneira de fazer você ganhá-lo por conta própria, se quiser.

Eu parei. Reduzi o ritmo. Escutei. Dei a ela uma chance de se explicar e apresentar os detalhes de seu negócio.

Se eu tivesse ido embora como pretendia, não estaria ali. Fazendo isso. Tudo seria diferente. Eu nem saberia do negócio dela. Era um segredo tão fácil de manter em Hollywood Hills, onde os moradores estavam acostumados a ver carros caros e pessoas importantes. Todo mundo cuidava da própria vida, escondidos dos vizinhos atrás de muros altos e cercas vivas. Cuidadosamente protegidos por patrulhas de segurança armada.

Manter a discrição seria um pouco mais desafiador para mim. Não porque também não vivêssemos na terra das casas enormes, onde tudo era caro, mas não tinha havido muito tráfego na minha casa nos últimos dois anos. Tinha ficado cada vez mais difícil manter o segredo, então afastar as pessoas deixou tudo mais fácil.

Juntava-se a isso o fato de que eu morava no vale e tinha vizinhos muito intrometidos. Todo mundo sabia a rotina de todo mundo, especialmente desde a covid, quando passamos tanto tempo presos em nosso ciclo diário repetitivo. Mesmo muito tempo depois que o resto do mundo tinha voltado a um funcionamento semirregular.

Nós todos caminhávamos pelas calçadas riscadas. Andávamos de bicicleta no meio da rua. Os vizinhos notariam se de repente eu começasse a receber pessoas o tempo todo.

O que eu diria a eles? Que de repente me transformei na pessoa mais sociável mundo? E o que eu ia fazer se, Deus me livre, um deles por acaso fizesse uma visita surpresa enquanto eu estivesse com um dos clientes?

Passei a semana repetindo para mim mesma que ia desistir. Dizer a Whitney que havia mudado de ideia. Que era muito arriscado para mim. Parecia muito errado.

— Eu realmente aprecio o quanto você tem me apoiado nestas últimas semanas e o quanto tem me ajudado. Sério.

Eu havia ensaiado aquilo no espelho mais de uma vez, tentando acertar. Não queria parecer ingrata nem passar a impressão de que me achava melhor que ela. Não era por causa da moralidade. Eu lhe daria um sorriso e então informaria:

— De forma alguma estou julgando o que você faz, e acho incrível que tenha encontrado uma maneira de sustentar sua família por conta própria, mas creio que não vá funcionar para mim.

Não importava como eu dizia, mesmo que enfatizasse que não estava julgando ninguém, ainda parecia ser o caso. E se ela ficasse brava? Eu já tinha visto Whit brava. Ela era cruel. Antes que eu entrasse em um surto ainda maior, meu telefone novo vibrou. Ela já tinha me equipado com tudo de que eu precisava. Telefone novo. Computador. Senha nova. Tudo que fosse necessário para manter meu novo emprego em segredo.

— Não dê informações pessoais sobre você. Sobre quem você realmente é — dissera ela, quando se sentou comigo para dar instruções detalhadas como se eu estivesse prestes a entrar em um jogo de futebol.

Eu lhe dera um olhar estranho, com as sobrancelhas erguidas.

— É só pesquisar o endereço no Google. Isso vai levá-las direto a nós.

Ela balançou a cabeça.

— Não, porque, logo no início, você avisa que a casa é alugada.

— Por favor, como se fossem acreditar nisso.

Ela inclinou a cabeça.

— Você acha que as pessoas por aqui só alugam casas para comerciais? — Ela me olhou com um brilho malicioso nos olhos. Estava se divertindo com minha ingenuidade. — Eles as alugam tanto para pornô quanto para reality shows e orgias.

— Orgias existem de verdade? — perguntei, descrente.

Nós sempre fingíamos morar onde acontecera o verdadeiro *De olhos bem fechados,* mas era para ser uma brincadeira.

— Ah, garota. — Whitney riu. — Você não tem ideia nenhuma do que acontece nesta cidade, tem?

Eu não tinha, mas estava prestes a ter meu primeiro gostinho, porque Maura estava na porta da minha casa. Ajeitei a camisa mais uma vez e joguei os ombros para trás. O amor exigia sacrifício. Obrigar-se a alcançar novos limites. Nem sempre era fácil, mas a gente ia em frente.

— Você consegue. Você dá conta — falei, em voz alta, enquanto me apressava até a porta.

29

BROOKE

Agora

Eu estava estacionada algumas residências depois do portão de Whitney. Todas as luzes da casa estavam acesas. O lugar inteiro iluminado como se estivessem dando uma festa. Todo mundo estava lá. Fiquei parada ali tempo suficiente para ver os carros chegando. Ainda surpresa por Abby ter ido para a casa de Whitney, e não para a de Liza. Era lá que eu esperava que ela fosse passar a noite, mas Whitney postou algo sobre Kiersten no Instagram hoje à noite e vi a bolsa de Abby ao fundo. Peguei o carro e vim direto para cá. Não tinha saído dele desde então.

E agora todos estavam aqui. Cada um deles. Whitney. Jade. Abby. Meu bebê. Todos os maridos idiotas. Até Colleen e Taylor. Acho que não éramos mais as seis. Elas tinham se tornado as cinco. Cinco contra uma.

Eu nunca as odiei mais do que naquele momento. Cada uma delas.

Olhei para o saco de papel pardo no banco de trás. Aquele que guardava a garrafa barata de uísque que eu havia comprado no caminho. Eu não ia beber, mas havia algo reconfortante na presença da bebida. Tê-la ali era como ter o velho ursinho de pelúcia escondido

no armário durante uma festa do pijama. Não que você fosse usá-lo. Mas ele estaria lá se você precisasse. Bastava.

E eu precisava de algo, porque não tinha ninguém me apoiando. Erika me mandava mensagens constantes, mas não era a mesma coisa. Ela não estava fisicamente aqui, e, às vezes, precisamos de uma pessoa para realmente estar conosco. Esta era uma dessas vezes. Mas Erika estava longe. De férias em algum resort *all inclusive* barato. O que me fazia questionar se minhas escolhas de mulheres se estendiam a amizades também, porque quem é que não larga tudo para ficar com a melhor amiga quando ela precisa?

Deixei os pensamentos de lado e voltei a encarar a casa de Whitney. Como eles podiam se sentar juntos sabendo que tinham tirado um bebê de sua mãe? Não se fazia algo assim. Não sem aviso. Não sem razão.

Só que essa era a questão. Eles achavam que tinham uma razão perfeitamente válida. Se todos estavam na casa com Abby, então significava que todos estavam do lado dela. Eu sabia que sempre tinham estado. Isso era óbvio. Mas o que estava acontecendo ali chegava a outro nível.

Todos eles acham que eu sou uma assassina.

Eu não conseguia tirar esse pensamento da cabeça. Pessoas que eu conhecia e com quem me importava. Com quem eu passara tempo. Viajara. Passara horas da minha vida. Eles acreditavam que eu era capaz de violência. De uma violência horrível. Abby nunca agiu como se houvesse qualquer possibilidade de ter sido um acidente. Kiersten poderia ter cortado a parte de trás da cabeça de muitos jeitos, mas

foram direto para a conclusão de que tinha sido eu. Eu não conseguia pensar em nada mais horrível.

E essa não era nem a parte mais ridícula. A única peça do cenário que ninguém via ou pensava em perguntar a respeito era óbvia para mim: por que eu ia querer matar Kiersten? Todo assassinato tem um motivo, mas qual seria o meu? Ela sempre tinha sido muito legal comigo. Nunca tivemos nenhum problema. Não interagíamos fora do clube das mães. Eu estava em Los Angeles havia apenas sete anos, então nunca havíamos frequentado círculos semelhantes como algumas das outras.

Eu conseguia entender elas se voltarem contra mim. Embora não gostasse, ainda conseguia entender por que se sentiam assim. Elas não conheciam nem a mim nem ninguém da minha família direito. Era mais fácil apontar o dedo para a forasteira. Mas eu não era uma forasteira com Abby.

Ela era minha esposa. Minha melhor amiga. A pessoa que deveria me conhecer e me amar mais do que qualquer outra no mundo. A mais próxima de mim. As pessoas sempre diziam isso de seus cônjuges, mas conosco era verdade. Tínhamos passado centenas de horas em terapia juntas antes mesmo de virarmos um casal. Desnudando e expondo a alma de um jeito que só era possível naquele tipo de ambiente intenso de uma internação. Conhecíamos a psique uma da outra, e ela achava que eu era capaz de machucar alguém.

E aquilo me atingira em cheio.

O que era a parte mais irônica. Eu não tinha feito nada. Apesar do que pensavam, eu não tinha matado Kiersten. O que significava que uma delas matara. Todos estavam lá dentro tentando se esconder de

mim, mas a verdadeira vilã estava entre eles. Que ótimo lugar para se esconder.

30

WHITNEY

Agora

Abri a porta da delegacia com um empurrão. Pelo menos ligaram e me pediram para vir, em vez de simplesmente aparecerem na minha casa como da última vez. Tem sido um caos desde que Brooke ligou para a polícia e denunciou Abby por sequestro. É melhor que eu não me meta em apuros por deixá-la ficar na minha casa. Eu esperava que ela fosse para a casa de Liza, mas ontem à noite ela me disse que estavam dando um tempo.

Atravessei a recepção às pressas e segui pelo corredor. O mesmo em que eu estivera havia apenas oito dias, mas que já parecia uma vida inteira. O fato de ter passado mais de uma semana sem Kiersten parecia irreal. Eu tinha vivido mais de uma semana da minha vida sem ela. Como? Os soluços familiares subiram, e eu os abafei enquanto me dirigia ao escritório de Perez. Agora não.

O escritório dela era fácil de encontrar, já que eu estivera lá antes, e rapidamente peguei o elevador para o terceiro andar. A mesma recepcionista estava à mesa, e ela me reconheceu de imediato, mesmo que eu ainda estivesse usando óculos de sol.

— Oi, sra. Gilmore, pode entrar. — Ela apontou para a porta à direita, que levava até os escritórios.

— Obrigada — respondi, enquanto seguia pelo corredor.

Eu já estava cinco minutos atrasada.

Perez levantou os olhos da mesa quando entrei na sala e fez sinal para que eu fechasse a porta. A mesa dela estava tão meticulosamente arrumada quanto antes. Tudo em seu lugar. Uma parte de mim queria virar a caneta dela de lado só para ver se isso a irritaria. Ela era uma dessas pessoas? Sentei-me e dei um sorriso.

— Obrigada por vir mais uma vez — disse ela, retribuindo minha simpatia.

— Imagina — falei, cruzando as mãos no colo. — Farei qualquer coisa para ajudar.

— Incluindo acolher a ex-esposa de sua amiga e o bebê sequestrado delas? — perguntou Perez, garantindo que não deixássemos aquilo pesar no ar.

A princípio, eu não sabia dizer se ela estava brincando, mas então ela abriu um sorriso ligeiramente divertido.

— Ora, esse é um desenrolar interessante que eu não esperava, e uma das razões pelas quais não me meto em situações domésticas.

— Dá realmente para culpar Abby?

Eu continuava esquecendo que Perez não tinha filhos, então ela não entendia como era. Uma vez que o instinto de mãe-ursa se manifestava, não havia nada que você pudesse fazer para detê-lo. E o instinto de mãe-ursa de Abby não havia apenas se manifestado: ele a havia estrangulado.

— Ela parece bem convencida de que a esposa matou Kiersten — Perez afirmou o óbvio. Ela tinha o hábito de fazer isso.

— Está mais do que convencida. Ela tem, tipo, cem por cento de certeza.

— E você concorda?

Eu levantei as sobrancelhas. Por que ela estava se fazendo de boba? Nós já tínhamos tido aquela conversa. Na primeira vez que ela me disse que o caso havia mudado de afogamento acidental para homicídio.

— Fui eu quem disse para você dar uma olhada nela, lembra?

Ela assentiu como se eu estivesse refrescando sua memória, mas havia mudado para um jogo diferente, um que eu não sabia mais qual era.

— Certo. Você disse. Então você concorda com Abby?

— Não há realmente outra explicação lógica. Ela é a nossa melhor aposta.

Eu só havia ficado mais confiante depois que observei o colapso público dela. A mulher estava entrando ao vivo no Instagram de hora em hora, às vezes duas vezes por hora, com atualizações descontroladas da situação delas. Ela agia como se Abby tivesse arrancado Julian dela e o levado para fora do país ou algo assim. Na realidade, ele estava a apenas alguns quarteirões da casa dela, sendo cuidado por pessoas que ela conhecia e amava.

Todos os vídeos dela esta manhã tinham sido perturbadores, com o rosto bem perto da câmera, deixando-o enorme e distorcido.

— Eles acham que eu matei Kiersten McCann. É por isso. Mas o que aconteceu com ter um julgamento justo? O que aconteceu com ser

inocente até que se prove o contrário? — Ela se aproximou ainda mais da câmera, deixando o rosto ainda maior. Dava para ver até o ranho que escorria de suas narinas. — Sabem de uma coisa? Sabem de uma coisa? Não há base para isso. Sabem por quê? Sabem?

Os olhos dela estavam selvagens e maníacos. Assim como diziam todos os comentários:

Ela parece estar no auge de um episódio de mania.

Espero que você procure ajuda.

Coitada. Isso é doença mental, pessoal.

Com todas as hashtags. #busqueajuda #conscientizaçãosaúdemental #háesperança

Voltei minha atenção para Perez.

— Você não acha?

— Veja, essa é a questão. Brooke ser a culpada é um pouco óbvio demais para mim, sabe? Eu não vou pelo mais óbvio. Para quem todo mundo está apontando o dedo. A menos que seja o marido. — Ela riu e me deu outro sorriso. — Aí, eu vou direto nele, e em geral não estou errada. Não gosto de estar errada. — Ela parou por um segundo, certificando-se de que eu estava acompanhando. Ah, eu estava. Estava fixada em cada palavra dela. Porque se ela não achava que tinha sido Brooke, então achava que tinha sido outra pessoa, e eu não conseguia imaginar qual nome sairia de sua boca. — Você está certa sobre Brooke. Todos estão. Ela está passando por um momento muito difícil. O divórcio é um dos três maiores estressores, e ela definitivamente não

está lidando bem com isso. E nada do que está acontecendo ajuda. Ela apareceu aqui exigindo que eu levasse Julian de volta para ela.

— Ela fez isso?

— Claro. E quem não faria? Ela sabe que Abby o levou por causa do caso, e, como estou trabalhando nele, ela presumiu que eu teria alguma jurisdição, mas questões familiares e disputas de custódia não têm nada a ver com minha atuação. Em última análise, é isso que está acontecendo com as duas. Uma disputa de custódia bem feia. Acho que as pessoas precisam se preocupar mais com a saúde mental de Brooke agora do que com o que aconteceu antes.

Era difícil não concordar. Ela estava mais descontrolada e irracional do que nunca. Mas se Brooke não era a culpada, então quem era? Ela era a única pessoa que fazia sentido.

— Curiosamente, encontramos algumas pistas surpreendentes quando começamos a investigar a Supermodels LLC. — Ela me lançou um olhar expressivo enquanto desviava a atenção de Brooke. Não havia como negar, ela tinha feito a lição de casa. Minha LLC estava enterrada. — Acho interessante você não ter dito nada sobre Jamar King.

— Aquele nojento? — Eu não o tinha deixado de fora de propósito. Ele havia escapado da minha mente.

— Sim, aquele nojento. Sabe, aquele que um dos seus seguranças espancou?

— Olha. — Eu me inclinei sobre a mesa. — Sei que parece ruim, mas não deixei de contar sobre ele de propósito. Faz mais de quatro anos. Foi bem no início do negócio. Eu teria lidado com as coisas de forma totalmente diferente se tivesse outra escolha, mas fiquei muito

nervosa e assustada na época. Para ser sincera, eu não o deixei de fora de propósito. Só nunca me ocorreu. O que ele poderia querer tantos anos depois?

— Você pode me dizer o que aconteceu com ele?

— Jamar foi um dos meus primeiros clientes. Ele passou por todas as verificações de antecedentes, e eu o encontrei pessoalmente três vezes antes mesmo de arranjar um encontro para ele.

Naquela época, eu encontrava os clientes várias vezes antes de deixá-los chegar perto de qualquer uma das minhas acompanhantes. Eu ainda era igualmente cautelosa, mas aprendi a reconhecer os sinais mais cedo, e todo o meu processo se tornou muito mais eficiente ao longo dos anos.

— De qualquer forma, ele era de Dallas e só vinha aqui a cada poucos meses. Era aberto sobre ser casado. Alguns são. Outros não. De todo modo, nós não nos importamos. Não é da minha conta.

Perez fez uma expressão de desdém. E eu entendi. Ela era uma daquelas mulheres que achavam que havia algo errado em usar o corpo para obter lucro. Que estar no comando de si mesma era de alguma forma inferior à vida que ela levava. Ao espaço que ela havia conquistado em sua área. Ela não tinha nenhum respeito pelas minhas garotas e, sem dúvida, não tinha respeito por mim. A pequena quantidade que ela poderia ter tido no início da investigação havia desaparecido. Mas não importava. Ela não precisava gostar de mim para encontrar o assassino de Kiersten.

— Ele começou a perseguir a acompanhante. Ele a seguiu até em casa depois do segundo encontro deles, sem que ela soubesse.

Perez levantou as sobrancelhas.

— Isso não acontece com mais frequência? O que impede que qualquer um dos homens siga as mulheres?

— Você presume que todos os nossos clientes são homens.

Não era necessário e não adicionava nada à conversa ou à investigação, mas eu simplesmente gostava de surpreendê-la. Ela gostava de pensar que tinha vantagem. Ela me olhava de cima. Como se fosse mais inteligente. Melhor. E chocá-la funcionou. A detetive piscou algumas vezes e rapidamente esfregou a pele debaixo do nariz. Era o que ela fazia quando estava incomodada.

— Mulheres também usam seus serviços?

— Muitas delas. Você ficaria surpresa com quantas gostam de passar fins de semana de negócios com outras mulheres. — Dei a ela um sorriso presunçoso. Não consegui me conter. Esperava que aquilo a colocasse em seu lugar.

— Cada um com seus gostos, eu acho. — Ela deu de ombros. — De qualquer forma, voltando a Jamar. O que aconteceu com ele?

— Temos todos os tipos de protocolos e procedimentos em vigor para garantir que coisas assim não aconteçam. Começando com encontros em locais públicos. O cliente tem que chegar primeiro, só por garantia. Mesmo assim, planejamos coisas como o que fazer caso eles se atrasem. Então sempre combinamos com eles vinte minutos antes do horário que damos às garotas e adicionamos dez minutos extras apenas para segurança. É o mesmo quando se trata de ir embora. O cliente tem que sair primeiro. Temos segurança em todos os locais. Mas sempre há certo risco envolvido. Todos os nossos clientes sabem disso. Deixamos claro desde o início. Fazemos o melhor, mas

não podemos garantir cem por cento a segurança delas. Todas estão cientes disso.

— Então, o que aconteceu? — perguntou ela, pela terceira vez. A voz estava tingida de impaciência.

— Ele a seguiu até o trabalho dela. O trabalho real dela. Você sabe como é aqui. Todo mundo tem mais de um emprego para sobreviver. E calhou de o trabalho real dela ser como professora do ensino fundamental.

Perez ficou imediatamente chocada, e eu também tinha ficado depois que descobri. Jasmine era a nossa única professora. Ela não precisava do dinheiro, tinha um emprego estável como professora da segunda série e trabalhava como garçonete três noites por semana no Laurel Hardware. Ela fazia aquilo porque gostava, porque a fazia se sentir poderosa e era diferente de sua vida tradicional.

— Ela se promovia como a professora sexy, e adorava. É uma das minhas funcionárias mais antigas, e ainda agenda o maior número de clientes. Acho que é seguro dizer que esse fetiche existe há muito tempo e não vai acabar tão cedo. Enfim, não foi difícil descobrir tudo assim que ele conseguiu um nome, e ele ficou em cima dela. Redes sociais. Trabalho. Aparecendo aonde quer que ela fosse. Ela acabou prestando queixa, mas não havia nada que pudessem fazer porque ele nunca a ameaçou. Tudo o que ele fez foi segui-la, e não havia lei contra isso.

— Como você o fez parar? — perguntou ela, como se já não soubesse.

Eu estava realmente segura? Tudo no meu negócio era ilegal, incluindo a evasão fiscal, mas eu nunca tentei esconder o dinheiro do

fisco, apenas de Colin. Mas nada daquilo importava agora, e eu diria a Perez qualquer coisa que ela precisasse saber se significasse descobrir quem matou Kiersten. Eu iria para a cadeia, pagaria qualquer valor de multa, perderia todo o meu dinheiro, o que fosse preciso para fazer justiça por ela.

— A polícia não fez nada a respeito. Assim que descobriram o que ela fazia, eles nos ignoraram e agiram como se fôssemos muito desprezíveis para ajudar ou manter seguras. Foi então que decidi contratar minha própria equipe de segurança para lidar com as coisas e dar um jeito em quem saísse da linha. Um dos meus seguranças teve uma conversa com Jamar e o colocou nos eixos bem rápido. Nunca mais tivemos problemas com ele depois disso.

Ela tirou um pedaço de papel da pasta sobre a mesa e o empurrou na minha direção.

— Este é Jamar?

Eu me inclinei para poder olhar. A cabeça do tamanho de uma bola de basquete. Pescoço grande e inchado. Ele era um caipira do Meio-Oeste que usava esteroides desde o ensino médio. Não mudara nada em quatro anos. Se tanto, parecia mais jovem, como se tivesse feito alguma cirurgia.

— É ele. — Deslizei a foto de volta pela mesa.

— Adivinhe quem estava na casa da Kiersten naquela noite?

— Jamar? Jamar estava lá? Está brincando comigo? — Ela assentiu para mim. Peguei a foto e olhei de novo. Só para ter certeza. — Não acredito que ele estava lá naquela noite. Foi lá para quê?

— Eu esperava que você pudesse me ajudar com isso. Acontece que ele trabalhava em um dos bufês. Era um dos chefs.

Minha cabeça girou e depois parou. Senti-me muito tonta. Meu Deus. Se levei um predador para a nossa festa e fui a razão pela qual Kiersten não estava mais viva, eu não tinha certeza se conseguiria viver comigo mesma.

— Nós o traremos para interrogatório esta tarde, mas queríamos falar com você primeiro. Estávamos esperando que pudesse nos dar informações sobre ele. Algo que nos ajudasse. Qualquer coisa que se lembre e que possa estar de alguma forma relacionada ao caso. Ele já conhecia Kiersten?

Neguei com a cabeça.

— Kiersten sabia de seu outro negócio?

— Eu já falei que contávamos tudo uma à outra.

— Então ela sabia? — a detetive insistiu, sem me dar trégua.

— Sim, ela sabia.

Ela sabia desde o início. Mas só porque ela sabia não significava que concordasse comigo. Não éramos a mesma pessoa, embora fôssemos tão próximas quanto possível. Ela não era fã do que eu fazia, e isso só se intensificou depois que teve uma menina.

— Não falávamos muito do assunto, mas ela sabia.

— Vocês duas contavam tudo uma à outra?

— Contávamos.

Doía falar disso. Para quem eu contaria todos os meus segredos agora? Descobrir quem a matou era o combustível que me dava energia suficiente para sair da cama todas as manhãs e me manter em movimento, porque, se eu deixasse a magnitude da perda me atingir, não tinha certeza de que ficaria bem novamente.

— É engraçado você dizer isso, porque ela não sabia sobre uma grande parte da sua vida. Que você estava encrencada. A razão para você ter feito o que faz em primeiro lugar.

Meu estômago afundou. Depois se retorceu.

Merda.

Ela abriu a bolsa e pegou um iPad. Rolou a tela enquanto falava, como se estivesse procurando algo importante.

— Uma das coisas sobre ter um marido que não é suspeito é que ele acaba sendo a pessoa mais cooperativa que você poderia desejar em uma investigação.

Ela estava preparando algo. Tinha me pegado e sabia disso. O que quer que fosse. Estava estampado em seu rosto. E eu só queria sair correndo da sala.

Fuja. Corra, meus instintos gritaram para mim. Em vez disso, continuei perfeitamente imóvel na cadeira, com as mãos posicionadas uma sobre a outra em meu colo e as pernas cruzadas.

— Tommy nos entregou o celular de Kiersten e a senha. Ele nos deu tudo o que poderíamos precisar para investigar a vida dela. Não tem nada a esconder. Sem mencionar que ele não estava lá.

— Só porque não estava lá não significa que não teve nada a ver com isso — retruquei.

Não que eu acreditasse mesmo que Tommy tivesse algo a ver com a morte de Kiersten. Ele não a mataria, assim como eu jamais a mataria. Só que Perez não estava ciente disso. Pelo que ela sabia, poderíamos muito bem ter matado a pessoa que amávamos. Faziam isso o tempo todo, e, em qualquer crime violento, era quase sempre alguém próximo à vítima.

Ela dispensou meu comentário com um olhar aborrecido.

— Ele nem está mais na nossa lista de pessoas de interesse.

O jeito como ela falou aquilo deixou claro que, mesmo que ele tivesse sido eliminado da lista, muitas outras pessoas ainda estavam lá. Eu tinha entrado na lista? Era disso que se tratava? Ela achava que eu tinha algo a ver com a morte da minha melhor amiga?

Eu me recostei na cadeira. Nunca me ocorrera que ela pudesse realmente pensar que eu tinha feito mal a Kiersten. Ela insinuara isso no início da investigação, mas eu nunca levei a sério. De repente, rebobinei tudo mentalmente, percorrendo todas as coisas que eu havia revelado que poderiam ser usadas contra mim. Coisas que ela poderia distorcer e transformar em algo sinistro. Me endireitei na cadeira.

Jesus. Em que lugar da lista eu estava? E se eu fosse a número um?

Estava quente aqui dentro. Quente demais para respirar. Minhas bochechas estavam coradas?

Perez só ficou sentada ali, deixando o silêncio marinar. Por fim, falou:

— Eu acho realmente interessante que ela não soubesse do problema de Colin com jogo. — Ela pigarreou e olhou para baixo para ler algo na tela. — "Como estão as coisas com Colin? Não acredito que ele está limpo há um ano de novo." — Então parou e olhou para mim. Ela sabia. Claro que sabia. Todo mundo sabia. Não era difícil de descobrir. — E você diz: — ela baixou a voz — "É, eu também não acredito". Você colocou uns seis emojis diferentes de empolgação e felicidade, e depois: "Eu não queria dar muita importância, sabe? Mas talvez devêssemos sair para jantar e

comemorar?". — Ela parou de novo. — Vocês saíram todos para jantar?

Eu não queria contar a verdade. Minha vontade era de negar com a cabeça, mas eu não sabia o que ela sabia. Com quem tinha falado, e não era difícil descobrir a verdade. Eu nunca tinha tentado esconder os rastros de Colin, embora ele, sim. Ele não tinha ideia de que eu sabia que não estava limpo. Eu nunca dissera nada sobre os recibos que encontrei anos atrás. Não dissera nada a ele nem a ninguém. Foi assim que eu vivi minha vida nos últimos anos.

E, honestamente?

Foi maravilhoso. A negação era um lugar muito agradável. Finja que algo não existe, e não existe. Meu plano havia funcionado. Eu não pensava mais em seu vício. Isso não consumia cada pensamento meu nem me corroía de preocupação. Eu não verificava as coisas dele, mas presumia que ele jogava. Todos os dias. E não revisava as contas dele para ver quanto dinheiro tinha gastado ou sobre que precipício precário nossas finanças estavam se equilibrando. Eu imaginava que estávamos falidos. Que havia novos cartões de crédito. Uns que deve ter usado até mesmo o número do seguro social do nosso filho para conseguir. Lembrei-me de quando ouvi pela primeira vez na terapia todas aquelas coisas que os outros viciados faziam. Os extremos a que iam para conseguir dinheiro. Um deles incendiou a casa.

Insanidade. Era o que eu, ingênua, tinha pensado. Até que, um ano depois, Colin bateu o carro em uma árvore para receber o dinheiro do seguro. Além disso, fingiu uma lesão para receber dinheiro extra por sofrimento psicológico e emocional. Eu odiava o jeito como Perez

estava me olhando. Como se sentisse pena de mim. Eu não queria a pena dela.

— Você não tem ideia do que é viver com alguém determinado a se destruir. Sabia que sempre tive dificuldade em ver o jogo do Colin como um vício de verdade? — Aquiesci para ela. — Pois eu tenho. Simplesmente tenho, mas é claro que há algumas coisas que são iguais. Posso ver as razões pelas quais classificam dessa forma. Por exemplo, eles têm vários ditados. Ditados e slogans estranhos de acordo com os quais a comunidade de recuperação vive, como se fossem algum tipo de seita bizarra. Enfim, não importa. Um deles é "Como você sabe se um viciado está mentindo?". — Desta vez, fui eu quem ficou em silêncio enquanto esperava que ela falasse. Ela finalmente deu de ombros. Não estava se divertindo. Mas não era uma piada. — "Os lábios dele estão se movendo." E essa é a questão. Em algum momento, e eu nem sei quando aconteceu… para ser franca, não saberia dizer, mas percebi que meu marido era um mentiroso. Um mentiroso compulsivo. Ele mentia a respeito de tudo, até de coisas que não precisava. Sabia que a avó era a pessoa mais próxima dele? Ela morou na casa dele durante quase toda a infância de Colin e ele ficou arrasado quando ela morreu. E, certa vez, quando pensei que ele tinha tido outra recaída, eu o confrontei. Sabe o que ele fez? Ele olhou dentro dos meus olhos com a expressão mais sincera de desespero. E jurou sobre o túmulo da avó que não estava jogando.

Colin havia segurado meus braços e me virou de frente para ele naquela noite.

— Whit, me escute. Por favor, não vá. Não fique brava. Eu não sei o que está acontecendo. Não sei de onde veio esse cartão, mas, juro,

não estou usando. Por favor. — Ele parecia prestes a chorar de novo. Eu odiava vê-lo chorar. Desesperado, tinha começado a suplicar.

— Você não está mesmo jogando de novo? — Vasculhei os olhos dele em busca de pistas.

Ele fez que não. Agarrou meus dois braços com muita força e se ajoelhou exatamente como havia feito quando me pediu em casamento.

— Eu juro sobre o túmulo da minha avó que não estou jogando.

Só que ele estava. Tentei explicar isso para Perez.

— É o seguinte: eu não acho que meu marido seja um psicopata. Ele é, na verdade, um dos pais mais incríveis que já conheci, e é superdivertido. Ele faz todo mundo rir. Ninguém me faz rir como ele. Mas ele tem um problema e mente sobre isso. Ele mente a respeito de tudo quando o assunto é jogo. Ele nunca me contaria a verdade. Esconderia para sempre. E eu não queria ir embora. Não porque sou patética. Você tem que entender que o resto da nossa vida funciona muito bem. Odeio isso, mas gosto dela. Então eu simplesmente decidi deixar para lá. Enfiar minha cabeça na areia. E sabe de uma coisa? Deu certo. Esses dois últimos anos foram alguns dos melhores da minha vida.

Eu não conseguia imaginar como teria sido passar pela gravidez e pelo início da maternidade se ainda estivesse monitorando o jogo dele. Não havia como. Toda a ansiedade. As brigas. As mentiras. A montanha-russa emocional. Não precisei fazer nada disso porque havia saído da roda-gigante. E assim que saí, assim que dei aquele primeiro passo para fora, eu não quis voltar. Perez inclinou a cabeça.

— O engraçado é o quanto você está se esforçando para nos direcionar a Brooke, mas, quanto mais olhamos para Brooke, mais limpa ela parece. Sem mencionar que ela usou o banheiro do quarto do bebê, então a câmera da babá a gravou. Tanto saindo quanto entrando. Não sei o que ela comeu, mas ficou lá por muito tempo. Tempo suficiente para estar no vaso sanitário durante a janela de tempo na qual sabemos que Kiersten deve ter morrido. Kiersten estava viva quando Brooke entrou naquele banheiro e provavelmente morta quando ela saiu de lá. Tivemos que expandir nosso alcance. Tivemos que olhar para outras pessoas com passados duvidosos.

— E para mim? — Apontei para mim mesma. — Porque meu marido é viciado em jogo e eu ignoro? Isso me torna alguém que mata a melhor amiga? — Eu estava furiosa. Nunca tinha sido tão insultada. Estava farta dela. Chega.

— Nós não falamos apenas de Julian quando Brooke veio me ver. Falamos do caso também, e ela nos disse que as coisas nem sempre eram o que pareciam ser no seu casamento. Não é só que seu marido seja viciado em jogo. Parece que ele também é um pouco galanteador — ela disse isso com um sorriso de escárnio.

Como se as duas compartilhassem um segredo. Como se eu fosse uma daquelas mulheres com um marido que todo mundo sabia que a traía. As que eram as únicas a não saber que o marido era adúltero. Todo mundo sabia e sentia pena delas, mas nunca se incomodava em avisá-las. Apenas falavam delas pelas costas. Não, eu não era uma dessas mulheres.

Dei a ela um sorriso matreiro. A detetive realmente se achava muito esperta. E provavelmente era. Não só esperta, mas inteligente.

Ela tinha os diplomas da Ivy League enfeitando a parede de seu escritório para provar. Eu faria o mesmo se os tivesse, mas havia algo que ela não tinha adquirido em todos os seus anos de treinamento. Malícia das ruas com gente rica. Ela tinha sido criada pelos livros, mas eu fora criada com essas pessoas, esses lobos.

— Ah, você quer dizer o fato de que Kiersten e eu compartilhávamos nossos maridos?

Ela ergueu a cabeça. Reajustou a expressão rapidamente, mas era tarde demais. Não havia como confundir: eu a tinha surpreendido. Não consegui conter o sorriso. Não adiantava fingir que não estávamos jogando a essa altura.

— Não éramos poligâmicas nem praticávamos swing. Nada disso.

Dei de ombros casualmente. As pessoas especulavam sobre isso havia anos. Elas sempre se perguntavam. Havia muito tempo que viajávamos os quatro juntos. Nossos maridos eram melhores amigos. Nós éramos melhores amigas. Morávamos em um estado cheio de pessoas que curtiam swing e todos os outros tipos imagináveis de estilo de vida que poderiam existir. Não havia muitos limites de onde viemos, e os que existiam eram muito frouxos.

— As fantasias de todo mundo sobre isso provavelmente eram muito mais sexy do que a realidade.

— Gostaria de explicar melhor? — perguntou ela, tentando recuperar a compostura, a dominância, mas estava com dificuldade. Ela tinha levado aquele último golpe com força.

— Foi ideia nossa, em primeiro lugar, não dos maridos. Embora eu tenha certeza de que eles conversavam sobre isso. Sabe que homens podem ser uns porcos nojentos. — Eu sorri para ela. Gostava de estar

no comando. — Mas compartilhar parceiros não foi uma coisa que começou com nossos maridos. Começamos a fazer isso na faculdade. Tínhamos diferentes razões para tal. Naquela época, era só por diversão. Depois que nos casamos, era mais para mantê-los conosco do que qualquer outra coisa.

O choque dela tinha se transformado em julgamento, mas eu não me importava. Que ela me julgasse o quanto quisesse. Éramos felizes. Eu era feliz de verdade. Até oito dias atrás, minha vida tinha funcionado perfeitamente. Eu a criara, e a amava. Se alguém me perguntasse o que faltava, eu não saberia responder. Agora meu mundo inteiro tinha virado de cabeça para baixo, e era fácil para alguém de fora julgá-lo, mas todos nós tínhamos concordado com as regras. É por isso que funcionava. Não havia desonestidade entre nós.

— Sério? — Ela ergueu as sobrancelhas. — Pelo que ouvi, não foi só Kiersten que teve um gostinho do seu marido.

Eu queria apagar aquele ar de satisfação da cara dela.

— Ah, você está falado de Camille?

Deus, ela era linda. Uma das mulheres mais lindas que eu já tinha visto. Era do Oriente Médio, e sua voz grossa e sensual era uma das mais sexy que eu já tinha ouvido. Feita para sussurrar sacanagem no seu ouvido.

— Você sabia sobre ela?

Inclinei a cabeça para trás e ri.

— Eu a escolhi.

Dessa vez ela pareceu horrorizada. Eu ri de novo, o que só me fez parecer uma vilã malvada, mas eu não era. Eu queria manter meu marido feliz, e queria mantê-lo casado comigo. Era simples. E ele tinha

necessidades. Umas para as quais eu não tinha tempo, e por que os dois não poderiam ser felizes? A verdade é que era meio excitante ouvir Camille descrever as coisas que eles faziam juntos. Ela tinha me contado tudo, até mandou fotos. Parte do acordo era que ela reportasse todos os detalhes do relacionamento deles. Kiersten tinha me olhado do mesmo jeito que a detetive Perez estava me olhando agora, depois de contar a ela o plano que envolvia Camille.

— Você tem certeza? Quer dizer, não preciso dizer isso, mas há tantas coisas que podem dar errado neste cenário — dissera Kiersten, enquanto dávamos nossa segunda volta na pista. Estávamos de volta à rápida caminhada noturna de cinco quilômetros na pista atrás do colégio.

— Total. Eu pensei bem. Ele anda tão carente nos últimos tempos. Você nem imagina. Tomar esses hormônios para engravidar esgotou meu desejo sexual. Tipo, eu não tenho nenhum. Zero, nada, nadinha. — Levei um segundo para recuperar o fôlego. Eu estava morrendo, mas ela sequer estava ofegante. Kiersten provavelmente caminhava de manhã também, quando não estava comigo. — Eu me sinto a esposa mais horrível do mundo, mas nem quero que ele me toque. Ele não deveria ter que passar por isso.

— Você o trata como criança — disse ela, mas eu a ignorei porque ela não era diferente com Tommy. Ela ainda preparava a marmita para ele levar ao trabalho todos os dias e dobrava as roupas como a mãe dele tinha ensinado quando eles se casaram.

— Eu só quero que ele seja feliz. É só isso. — Dei de ombros.

Tudo soava muito dona de casa dos anos 1950, mas eu não me importava. Eu podia criar minhas próprias regras. Tirei minha atenção

da memória e voltei à conversa com Perez.

— Eu pagava a mais por fora, e ela precisava do dinheiro, então aceitou. Não é como se ela tivesse transado com ele. Eu tinha uma política estrita: nada de sexo. Basicamente, eram só boquetes.

— Uau. Ok.

Ela soltou um suspiro lento e profundo. Detetives não eram como terapeutas. Não tentavam ser imparciais e não julgar as informações que você dava. A desaprovação e o desdém estavam estampados em seu rosto. Em cada uma de suas expressões. Joguei o cabelo para trás.

— Podemos voltar a tentar descobrir quem matou minha melhor amiga?

— É o que estou tentando fazer. — O queixo dela estava firme. Qualquer pingo de respeito que eu pudesse ter tido havia sumido. Ela olhou para suas anotações, depois de volta para mim. — Sobre o que vocês duas andavam discutindo ultimamente?

— Kiersten e eu? — Ela me deu um aceno seco. — Não estávamos discutindo.

— Não foi o que ouvimos.

— O que você ouviu? — Ela estava me provocando, mas eu não conseguia me conter. Quem disse alguma coisa?

— Que você e a Kiersten não estavam se dando bem. Só isso. Aparentemente, nem tudo eram flores — disse ela, soando velha o suficiente para ser minha mãe.

Estreitei os olhos até que fossem somente frestas. Ela não podia simplesmente jogar algo assim no ar e não me dizer quem tinha dado a informação. Mas então me lembrei que ela tinha o celular de Kiersten. Podia ter lido todas as nossas mensagens também.

— Éramos amigas desde os seis anos, praticamente irmãs, então adivinha? A gente briga como irmãs também. Há coisas que uma faz que irritam a outra.

Ela balançou a cabeça.

— Acho que havia um pouco mais que isso. Parece que vocês estavam brigando por uma coisa, ah, não coisa… uma pessoa. — Meu coração se apertou. Ela tinha lido nossas mensagens. Esse era o único lugar onde falávamos do que realmente estava acontecendo entre nós. — Parece que Kiersten estava com ciúme do tempo que você passava com Jade.

— Você sabe como as mulheres podem ser. Quando se trata de amizades, às vezes acho que nunca amadurecemos além da quarta série, entende? Tipo, ela é minha melhor amiga, então você não pode brincar com ela. Era basicamente isso que estava acontecendo entre mim e Kiersten.

— Seu marido parece pensar que era mais do que apenas um pouco de ciúmes entre vocês duas. Ele…

— Meu marido? — Eu a interrompi.

— Sim, seu marido, Colin — disse ela, sem pestanejar. — Ele disse que vocês estavam brigando muito. Na verdade, até me disse que ela passou na sua casa algumas semanas atrás, e ele ouviu vocês duas gritando lá em cima. Ele disse que ela saiu chorando e que você não desceu pelo resto da noite. Isso não me parece uma pequena discussão por causa de ciúme.

Tudo girou. Minha cabeça rodou. Senti que ia vomitar. Não por causa da discussão, mas porque Colin tinha falado com a detetive Perez sem me dizer. Eu nem me importava tanto assim pela polícia ter

falado com ele. Podiam fazer todas as perguntas que quisessem, porque eu não tinha nada a esconder. A parte perturbadora era que ele não tinha me dito uma palavra sobre ter estado na delegacia. Não me disse que tinham ligado para ele. Não me disse que tinha ido até ali, e certamente não me falou do que tinham conversado.

As mentiras dele. Os segredos dele. Tudo isso deveria se limitar ao jogo. Desde o dia em que decidi não contar a Kiersten sobre a jogatina, era como se aquela parte dele existisse em uma dimensão diferente daquela em que vivíamos. Uma vida separada em um universo paralelo do outro lado das portas de vidro deslizantes da vida real. E se tudo sempre tivesse sido um caleidoscópio de espelhos? Como a luz se refletindo em múltiplas janelas? Colin não podia mentir para mim sobre outras coisas. Não era assim que funcionava. Não era por isso que fazíamos as coisas daquele jeito.

Se ele não tinha me contado do encontro com a polícia, o que mais não tinha me contado? E por que a detetive Perez estava me olhando daquele jeito?

31

BROOKE

Agora

Eu estava sentada nos degraus da frente havia mais de vinte minutos. Não conseguia me obrigar a entrar em uma casa vazia de novo. Simplesmente não conseguia. Aquilo não podia estar acontecendo. Como alguém era capaz de fazer uma coisa daquelas com uma pessoa?

Passei a tarde toda com a Assistência Social no centro da cidade. O último lugar na terra em que pensei que pisaria. Acontece que eu teria que lutar para ter meu filho de volta, mesmo não tendo feito nada de errado, para início de conversa. Nada disso importava. Não importava que eu tivesse uma ficha impecável, sem nem mesmo uma multa de trânsito em oito anos. Ninguém se importava. Todos me olhavam como se eu tivesse feito algo errado assim que explicava que minha esposa havia levado meu filho. Todos presumiam que havia uma boa razão. Nesse assunto, não havia inocência até que se provasse a culpa. Ninguém tirava um filho dos pais sem motivo.

Só que foi o que ela fez.

Então liguei para a polícia e denunciei o desaparecimento de Julian. Disse que ela o sequestrara. Foi isso que começou tudo. Eles

vieram à minha casa para registrar a ocorrência, mas logo guardaram as canetas.

— Senhora, lamento muito que esteja passando por isso, e parece bem terrível, mas esta é uma situação doméstica, e não podemos fazer nada a respeito no momento — o baixinho de cabelo preto espetado e óculos de aro de metal tinha explicado pela segunda vez.

— O que você quer dizer com não podem fazer nada? É claro que podem, e vão fazer. Vocês podem marchar até onde ela está hospedada… e eu sei exatamente onde ela está… e trazer meu bebê de volta. Vocês podem trazê-lo de volta para casa. Isso é o que vocês podem fazer. — Fiz o máximo para não gritar. Não estava funcionando. — Vocês podem prendê-la. É uma opção também. Eu…

O parceiro dele levantou a mão para me interromper.

— Sua esposa não quebrou nenhuma lei. Tecnicamente, tudo o que ela fez foi levar seu filho para a casa de uma amiga sem pedir sua permissão.

— Ela fez mais que isso. Vocês estão brincando comigo? Ela está se recusando a trazê-lo de volta. Vocês deveriam ver as coisas que ela anda dizendo sobre mim. — Peguei o celular do bolso e abri nossa conversa de texto. Estendi o aparelho para ele. — Olhem. Vocês verão exatamente do que estou falando. — Ele se recusou a pegar o celular. Levantou as duas mãos, fazendo um gesto pacífico.

— Novamente, lamento que eu e meu parceiro não possamos fazer mais pela senhora, mas isso não é assunto da polícia. É uma disputa conjugal, e a polícia não se envolve em disputas conjugais. Agora, não estou dizendo que não há nada de errado acontecendo, mas nenhuma

lei foi quebrada. A menos que ela esteja ameaçando machucar o bebê. Ela está ameaçando machucar o bebê?

— Sim! — falei sem pensar.

Ela não havia ameaçado, mas ele não sabia disso, e eu diria o que fosse preciso se isso significasse segurar Julian contra o meu peito esta noite.

O parceiro dele se adiantou. Até aquele momento, ele tinha ficado calado.

— Se a senhora pudesse mostrar essas mensagens de texto, seria ótimo.

— Eu… ah… eu só… não há nenhuma mensagem de texto. Ela só… foi o que ela me disse. — Eu era uma mentirosa terrível. A pior.

Não foi nenhuma surpresa eles não terem acreditado em mim. Eles me deram um cartão do Serviço Social. Prometeram ligar e informá-los da minha situação. Disseram que seriam os únicos capazes de me ajudar.

A detetive Perez também não tinha sido útil. Ela deixou claro desde o momento em que entrei em seu escritório que não estava interessada em me ajudar.

— Você não pode simplesmente entrar assim — dissera, levantando-se da cadeira depois que eu corri como louca da sala de espera sem me identificar.

Os policiais vieram logo atrás. Aqueles que a recepcionista tinha chamado quando eu passei direto por ela e fui para o corredor que levava à detetive Perez.

— Você é responsável por tudo isso e vai me ajudar a resolver essa situação. — Eu praticamente gritei com ela.

Talvez tenha gritado. Pode ser que sim. Eu havia gritado com o frentista do posto de gasolina quando não consegui fazer a bomba funcionar no caminho para cá. Não tinha sido a minha intenção. Eu só não conseguia me controlar.

Um dos policiais fez menção de me conter e me tirar da sala, mas a detetive Perez o impediu.

— Está tudo bem — disse ela, fazendo um gesto para ele ir e me deixar ali. — Preciso falar com ela, de qualquer maneira.

Ela passou o tempo todo tentando fazer eu me sentar, mas eu estava nervosa demais para isso. Tinha ido à casa de Whitney de novo e não tinha conseguido passar pelo portão. Eles mudaram o código. Todas nós tínhamos o código do portão de Whitney desde o primeiro encontro que ela organizara em sua casa. Estavam tentando me manter o mais longe possível. Me trancando para fora. Eu nem conseguia chegar à porta dela. Ninguém podia simplesmente tirar os direitos de uma mulher. Tinha que haver uma lei contra isso.

— Eles não podem me afastar do meu bebê.

Era só o que eu repetia, sem parar, no escritório da detetive Perez. Eu não queria chorar, mas tinha me transformado em uma idiota chorona. Era o que acontecia sempre que eu tocava no assunto.

A detetive Perez foi quem me encaminhou para um defensor da Assistência Social. Ela disse que eles me ajudariam. Eu não sabia como ir ao tribunal poderia me ajudar a trazer meu bebê para casa, mas faria qualquer coisa para tê-lo de volta. A casa estava tão vazia e solitária sem ele. Eu não tinha um propósito. Era como se houvesse um vazio enorme dentro de mim, sem jeito de preenchê-lo. Eu me sentia mal por todas as vezes que fiquei brava com o choro dele ou

por ele não dormir quando deveria. Por cada olhar irritado. Por toda vez que levantei a voz. Sempre que pensei algo ruim dele. Eu retirava tudo aquilo. Só continuava implorando ao universo para trazê-lo de volta para mim. Para me dar outra chance. Noite passada eu me ajoelhei para rezar, e eu nem acreditava em Deus.

Perder Abby tinha parecido a pior coisa que poderia acontecer comigo, mas nem se comparava a perder meu bebê. Ele era parte de mim. Doía não estar perto dele. E meus seios queimavam. Ainda mantendo a rotina de um bebê que eu não podia amamentar.

Minha pressão sanguínea subiu. Todos os meus sentimentos em relação a Abby se transformaram em uma raiva abrasadora. Como ela teve a coragem? Como ela teve coragem de fazer isso? E como tiveram coragem de ajudá-la? Todos mereciam ser punidos. Cada um deles, e eu ia me certificar de que aconteceria. Ninguém sairia impune.

Eu já tinha começado a fazer isso quando me encontrei com a detetive Perez. Contei a ela cada um dos segredinhos sujos que já ouvi sussurrarem sobre eles. Cada um. E eu esperava que aqueles segredos destruíssem a vida de todos eles da mesma forma que eles destruíram a minha.

32

WHITNEY

Agora

As meias de Colin estavam espalhadas aos meus pés. Eu tirara os pares da gaveta dele e os desfizera um a um. Essa costumava ser a minha vida, e eu estava muito feliz por não ser mais. Não conseguia me lembrar da última vez que o investigara assim.

Todas as velhas lembranças de vasculhar as coisas dele me vieram em fragmentos rápidos. Depois de descobrir que ele tinha perdido nossa casa em Lake Arrowhead, eu as verificava obsessivamente todos os dias. Várias vezes ao dia. Fuçava em tudo o que ele vestia, procurava na roupa suja dele, mexia na mesa de cabeceira. Qualquer lugar onde ele pudesse ter escondido provas.

Eu cheirava coisas. Lambia coisas. Vasculhava o lixo. Até o lixo do banheiro, atrás do vaso sanitário. Aquele foi um dos meus piores momentos.

Eu me sentia humilhada e envergonhada, além de todo o resto. Morta de vergonha por ser tão estúpida. Era assim que eu me via. Além da traição, eu me sentia realmente burra. Todos aqueles sentimentos vieram à tona enquanto eu vasculhava as coisas dele de novo. Algo que tinha jurado não fazer mais.

As mochilas estavam vazias. Ele tinha várias. Uma para a academia. Uma para o equipamento de snowboard e uma para trilhas. Todas com inúmeros bolsos. Eram alguns dos seus lugares favoritos para esconder telefones. Mas todas estavam vazias.

Fui para a lavanderia e tirei tudo da máquina de lavar, assim como costumava fazer algumas vezes por semana. Meu Deus, estávamos realmente nessa situação de novo? Era horrível. Era o que eu mais tinha evitado nesses últimos anos. Todos esses sentimentos. Eu os reprimi. Precisava focar. Havia alguma parte dele que era real, ou era tudo inventado? Eu não o via desde que saí do escritório de Perez. O que ia fazer quando o visse? Eu o confrontaria? Claro que sim. Eu tinha que dizer alguma coisa.

Só que ele mentiria, simples assim.

Mas por quê? Por que ele manteria em segredo as conversas com Perez? Será que ela plantou uma semente na cabeça dele sobre mim? Fez com que ele desconfiasse? Ele achava mesmo que eu tinha algo a ver com aquilo? Eu balancei a cabeça. Não tinha como. Mas então por que ele tinha ido lá? E por que não tinha me contado?

Entrei na glorificada "caverna do macho", que era como ele chamava seu escritório. Mas nenhum trabalho era feito ali. Ele só assistia a muitos jogos de futebol americano e golfe na TV do tamanho de um pequeno cinema, na qual gastara muito dinheiro. Saí de mãos vazias do escritório dele, assim como dos outros aposentos.

Subi as escadas e voltei para o meu escritório. Abri o notebook e examinei nossas contas bancárias conjuntas. Fazia tanto tempo que eu não entrava nelas que nem sabia mais as senhas, e tive que redefini-las. Eu me perguntava como ele achava que nos virávamos todo mês. Ele

nunca se perguntava como continuávamos pagando as contas? Todas as questões nas quais nunca me permiti pensar foram destravadas. Não havia nada suspeito em nenhuma de nossas contas, mas isso não significava nada. Ele só as acessava como último recurso, porque sabia que eu as verificava. Até onde ele sabia, era provável que eu ainda fizesse isso, mas não verificávamos nossas finanças havia muito tempo, embora costumasse ser um dos nossos requisitos semanais. Cartões de crédito eram o veneno favorito dele. Era lá que eu descobriria o que realmente estava acontecendo.

Entrei no nosso aplicativo de estilo de vida. Eu nunca tinha usado aquilo. Nem sabia se o dele estava ativo. Eu não o seguia. Costumava ser obcecada por todos os aplicativos de rastreamento. Eles tinham acabado de surgir, e eu era quase tão viciada naqueles picos de dopamina por saber onde ele estava quanto ele era nas mesas de jogo. Estremeci ao pensar em como minha vida seria se eu ainda vivesse assim.

Não importa o que acontecesse, minha vida nunca mais seria a mesma. A magnitude da perda ameaçava me engolir, mas lutei para permanecer presente. A única coisa que me impulsionava era descobrir quem matou Kiersten. Era impossível não ser consumida por isso quando você era considerada uma das suspeitas.

Era disso que se tratava o dia de hoje, e como eu não tinha feito nada para machucar Kiersten, mesmo que ninguém mais acreditasse em mim, isso significava que eu sabia que o culpado ainda estava solto por aí.

E se Perez estivesse certa? Havia alguma forma de ligar os pontos até chegar em Colin? Ele estivera fora com Tommy naquela noite, mas

isso importava? Havia alguma chance de alguém ter pensado que Kiersten era eu? Será que a pessoa estava vindo atrás de mim e não dela? Eu nunca tinha considerado a possibilidade, mas não era tão absurda, especialmente se a pessoa não nos conhecesse. Nós éramos parecidas, e sempre nos confundiam com irmãs. Teve até um ano em que fomos a uma festa de Halloween vestidas de gêmeas, e algumas pessoas não conseguiram nos diferenciar. Era por esse caminho que Perez estava indo? Era por isso que estava me perguntando sobre Colin? Todos os detalhes? Ela estava realmente preocupada comigo como disse estar?

— Cuidado por aí. Às vezes, nem sempre conhecemos nossos amigos tão bem quanto pensamos — ela tinha dito, quando saí do escritório dela essa tarde, e eu não consegui esquecer.

Julian chorou lá de baixo. O choro dele era tão diferente do de Asher. Engraçado como dava para reconhecer o som do seu bebê acima do de qualquer outro. Desci correndo para pegá-lo no cercadinho da sala de estar. Abby estava em um dos escritórios de cima, em uma chamada de Zoom, e eu tinha prometido ficar de olho nele até ela terminar.

Ela encontrara um apartamento para os dois em Silver Lake, mas só poderia se mudar dali a uma semana. Eu não me importava em tê-la ali, e isso facilitava as coisas para ela. Ela já tinha todos os equipamentos de bebê de que precisava, e agora que Julian finalmente estava pegando a mamadeira, nossa vida ficou muito mais fácil.

Jade que ensinara a ele. Brooke era uma daquelas pessoas que agiam como se a fórmula fosse veneno, então Abby estava fazendo o possível para honrar os desejos dela, apesar do que Brooke dizia nas

redes sociais. Até o momento, conseguimos manter Julian suprido com leite materno, dando a ele o nosso.

Natasha e Taylor prontamente se ofereceram para ajudar, e, entre nós quatro, já tínhamos metade do freezer cheio. Taylor sugeriu pegar um pouco de leite de Brooke, mas Abby não tinha voltado para casa, e não iria lá. Nem mesmo por leite materno. Ela tinha medo de que Brooke a confrontasse na câmera, e não queria lidar com aquela bagunça, então todas nós estávamos doando leite. Tirando o que podíamos entre nossas próprias mamadas. Taylor tinha trazido as bolsas dela na noite passada, e todas nós ficamos chocadas.

— Meu Deus — dissera Abby, observando todos os saquinhos congelados. Eles enchiam dois coolers. — Quanto você produz?

Ela deu uma risadinha.

— Eu disse que pareço uma vaca. Estou pensando que, mesmo quando não tiver mais bebês, eu deveria continuar amamentando, sabe? Poderia vender. E é coisa boa também. Cem por cento vegano — brincou ela.

Todas nós começamos a brincar sobre com quem Julian ia se parecer, como se nosso DNA estivesse no leite. Por mais estranho que pareça, os últimos dias cuidando de Julian nos uniram. Isso fez com que perder Kiersten se tornasse um pouquinho menos triste. Estávamos fazendo algo. Algo bom, e precisávamos disso agora. Todas nós.

33

WHITNEY

Agora

Eu não conseguia imaginar o que teria feito se os aplicativos de rastreamento fossem tão bons assim quando eu costumava seguir Colin para todo lado. Eu teria enlouquecido. Havia muito mais tecnologia disponível agora. Coisas de ponta também. Eu havia invadido o celular dele e instalado um aplicativo espião, que baixaria todos os seus dados e os enviaria direto para mim. Nunca que eu saberia da existência disso se não tivesse visto duas vezes no *Dateline*. Mulheres que tinham seguido o marido da mesma forma que comecei a fazer com o meu.

Eu não disse nada quando ele chegou em casa do trabalho ontem à noite. Por mais difícil que tenha sido, não perguntei se ele tinha ido ver Perez. Ele agiu como se estivesse tudo bem; não bem, porque minha melhor amiga se fora, mas ele tinha sido amoroso e atencioso a noite toda. Ele pegara Asher de mim assim que entrou pela porta, e só o devolveu quando chegou a hora de ele mamar e quando eu pedi para abraçá-lo.

Não fui à suíte de Abby para assistir a alguma porcaria na TV com ela, como vínhamos fazendo todas as noites desde que ela chegou.

Menti sobre estar com dor de cabeça e repassei várias vezes o que significava e o que eu deveria fazer com o fato de Colin ter ido ver Perez e não me contar. Nós contávamos um ao outro cada coisa emocionante que acontecia durante o nosso dia, e ser interrogado por uma detetive certamente se qualificava como notícia importante para compartilhar. Sem mencionar que era fora do comum. Eu não conseguia afastar a ideia de que havia um motivo para ele não mencionar o ocorrido. E não um que fosse bom. Por fim, mandei mensagem para meu chefe de segurança e perguntei se ele poderia ajudar a configurar o aplicativo. Ele sempre cuidou de mim sem fazer perguntas, inclusive agora. Fez tudo sem nem precisar tocar no celular de Colin.

— Sinto muito, chefe — disse ele.

Levou apenas minutos para que trocas de mensagens com flertes começassem entre Colin e alguém com o código de área 323. Não dava para ver as mensagens passadas, apenas as que eles trocavam daquele momento em diante, mas isso não importava. Ficou claro que estavam saindo:

Ei, amor! Como está a terça-feira?

Oi, linda ☕☼. Espero que tenha um dia incrível.
Mal posso esperar para ver você hoje à noite.😉

Às nove, ele enviou a ela um vídeo engraçado de TikTok sobre ser pai. Ela respondeu com outro vídeo engraçado.

Uma selfie acenando, com um sorriso fofo, no meio da manhã.

O rosto de Jade.

Espera. O quê?

Meu telefone deve estar com defeito. Saí das mensagens e fechei todos os meus aplicativos. Então abri o aplicativo espião novamente.

Ainda estava lá. Uma selfie. Jade fazendo boquinha de peixe. O olhar sexy.

E então ele respondeu com uma foto da perna dele e um emoji de fogo.

Tudo dentro de mim se contorceu. A foto seria bizarra para quem não soubesse que Jade era obcecada por músculos da panturrilha. Ela achava que eram a parte mais sexy do corpo de um homem, mas você só saberia disso se fosse uma de suas amigas mais próximas ou o namorado dela, já que isso não é algo que alguém saia contando por aí, porque pareceria algum fetiche estranho.

Não era possível. Não podia ser. Era isso que eu repetia para mim mesma enquanto copiava o número de telefone e o colava na barra de busca dos meus contatos. Derrubei o celular no chão, como se fosse me queimar: os resultados correspondiam às informações de Jade na minha lista de contatos.

Eu já tinha imaginado muitas coisas trágicas acontecendo na minha vida. Não é que eu fosse ingênua sobre o mundo, mas nunca, nem nos meus sonhos mais loucos, eu imaginei que Jade ficaria com meu marido. E eles não estavam apenas ficando. As mensagens de texto cheiravam a relacionamento. Com sentimentos. Eu me abaixei e peguei o telefone. Aquilo não fazia sentido. Nada daquilo fazia sentido.

Eles continuaram trocando mensagens. Durante toda a manhã. Emojis fofos. Falando-se o tempo todo. Todas aquelas coisas que você

faz quando está realmente a fim de alguém. As pessoas dão atenção quando estão interessadas nas outras, e eles tinham a atenção completa um do outro.

Eu poderia ter dito ou feito alguma coisa. Tinha muitas ideias. Tirar print das conversas e criar meu próprio reel de esposa histérica, como Brooke estava fazendo. Colocar nós três em um grupo de mensagens e simplesmente infernizar a vida deles. Ver se conseguiria deixá-los desconfortáveis. Brincar com eles durante dias até enlouquecê-los. Imaginei possíveis mensagens de texto individuais e conversas pelo FaceTime com cada um deles centenas de vezes. Alternando entre raiva e devastação. Da mesma forma que minhas emoções oscilavam.

Mas, no fim das contas, eu apenas observei tudo acontecer como se fosse um filme, sem fazer nada. Por volta do meio-dia, decidi enviar uma mensagem de texto para Colin só para ver o que ele diria. Não consegui me conter.

Oi, amor, como foi sua manhã?

Ele levou quase uma hora para responder. Não porque estava longe do telefone. Ah, não. Ele respondeu várias vezes para Jade enquanto eu esperava por algo. Quando a mensagem finalmente chegou, recebi o de sempre:

Boa, gata. E a sua?

Por um segundo, quis responder “saudade”, como Jade enviava depois de quase todas as trocas de mensagens deles, mas me contive.

Eu nunca dizia que sentia falta dele, a menos que estivesse fora da cidade ou ele estivesse viajando. Isso só levaria a outra coisa, e não parecia certo confrontá-lo. Ainda não. Em vez disso, tirei prints das mensagens deles e fiz um vídeo rápido detalhando o que estava acontecendo. A única coisa que eu sabia sobre as legalidades do divórcio era que a documentação era importante. Eu não sabia para onde tudo aquilo caminhava, mas já ia começar a me proteger, só por precaução. Mandei tudo para a nuvem e então mudei todas as minhas senhas para coisas que ele nunca adivinharia.

Ele não foi para o escritório depois do almoço. Foi para a academia, e eu senti vontade de me estapear. Eu deixara passar o sinal mais óbvio de um caso: de repente ele estava com a aparência incrível. Já tinha perdido os nove quilos que ganhara por causa da "simpatia de gravidez" e estava com o mesmo corpo da época da faculdade. Uma das primeiras fotos que Kiersten me mostrou foi dele na academia treinando ao lado de Tommy. Ambos usavam regata justa. Como eu poderia ter ignorado o sinal mais óbvio? Ele estava tão definido agora quanto era antes.

Peguei minhas chaves e fui para a academia. Meu coração acelerou assim que entrei no estacionamento, apavorada com a possibilidade de que ele me visse e perguntasse o que eu estava fazendo ali. Eu não era nem de longe tão boa mentirosa quanto ele, muito menos cara a cara. O que eu diria? O que estava fazendo ali? Eu não sabia. Como deveria reagir quando minha melhor amiga estava morta e eu tinha acabado de descobrir que meu marido vinha tendo um caso com uma das minhas amigas mais próximas? Eu diria que estava indo muito bem, considerando tudo.

Abri a porta e saí devagar do carro. Eu ia entrar? O que diria a ele? Caminhei entre as fileiras de carros, tentando manter a cabeça baixa para que ninguém me visse, embora não estivesse fazendo nada de errado. Meus olhos escanearam furtivamente o estacionamento, em busca da minivan de Jade. A dela era impossível de não ver. O adesivo "EU JÁ FUI JOVEM" no para-choque traseiro era uma pista óbvia. Não a vi em lugar nenhum, e ainda não estava pronta para entrar. Eu queria mesmo fazer uma cena na frente de todas aquelas pessoas? A ideia de ser aquele tipo de mulher me enchia de pavor. Lentamente, me virei e comecei a voltar para o carro, bem quando Jade entrou no estacionamento. Ela estava vindo direto para a minha fila.

Merda.

Se eu não estava pronta para confrontar meu marido sobre o caso deles, com certeza não estava pronta para confrontar Jade. Eu me abaixei e me escondi entre dois carros. O que faria se ela me visse? Eu nunca ia à academia com Colin. Ela saberia de imediato que algo estava acontecendo. Meu coração batia forte.

Jade está tendo um caso com meu marido.

Eu não conseguia processar aquilo, embora fosse a verdade.

Se havia alguém que entendia que sexo e amor podiam ser separados, era eu. Cristo, eu o vira dormir com minha melhor amiga. Mas isso? O que quer que estivesse acontecendo entre eles? Ir para a academia e para onde quer que planejassem ir em seguida? Almoço. Sexo. Depois, de volta para seus respectivos cônjuges, como de costume. Isso era coisa de sociopata. Voltar para casa, para a família e os filhos. Agir como se nada estivesse errado. Especialmente naquele

momento. Minha melhor amiga tinha acabado de morrer. Ambos deveriam ter vergonha por agir daquele jeito.

Como seriam capazes de me olhar nos olhos? Mas é o que fariam. Colin quando chegasse em casa para o jantar hoje à noite, e Jade quando nos encontrássemos para falar sobre Brooke. O dia de ontem já parecia muito distante.

Jade estacionou e entrou. Uma parte de mim queria ir atrás dela. Eu me imaginei puxando-a pelo longo cabelo preto. Quebrando seu pescoço. Dando um soco na cara dela. Não tanto por dormir com meu marido, mas por mentir para mim. Há quanto tempo aquilo estava acontecendo? Eu deveria invadir aquela academia e confrontar os dois.

E então o quê?

Gritar com eles? Agir como a esposa louca e desprezada, como seria esperado de mim?

As outras sabiam? Colleen? Taylor? Até Brooke? A ideia de que todas soubessem me encheu de tanta humilhação e vergonha que fiquei tonta. Mas se elas soubessem, então Kiersten também saberia. Ela teria me contado. Ela teria ido com tudo. Então ainda devia ser segredo.

Então pelo menos ninguém sabia. Havia isso. Um pequeno pedaço da minha dignidade ainda estava intacto. Eu me sentia desorientada, como se tivesse acabado de me levantar depois de um voo muito turbulento.

Respirei fundo três vezes. Eu tinha que pensar. Usar a cabeça. Não cheguei aonde cheguei permitindo que minhas emoções me

controlassem. Havia apenas uma coisa da qual eu tinha certeza: eles não sairiam impunes.

34

JADE

Antes

Como Ryan podia simplesmente ficar ali e agir como se estivesse tudo bem? Como se não tivéssemos acabado de gritar um com o outro no carro durante todo o trajeto. Por que eu sempre acabava pedindo desculpas ou sentindo que tinha feito algo errado quando era ele quem estava estragando tudo? Foi assim que a manhã começou, e já estávamos nisso havia tempo. Praticamente desde que nossos olhos se abriram. Muitos dos nossos dias eram assim. Constantemente um contra o outro.

Mas é sério.

Quantas vezes ele podia conseguir um emprego e perdê-lo? Tipo, ele tinha ganhado empregos de bandeja a vida inteira. E não qualquer emprego. Bons empregos. Em bandeja de prata.

A DreamWorks tinha sido o primeiro emprego "de verdade" dele em anos. Um em que ele ganhava um salário decente. Um sobre o qual eu podia contar às minhas amigas com orgulho e não ter que fingir que não era mais um golpe de marketing multinível. Mas ele só ficou nove meses lá, porque aí veio a covid-19.

Quando a pandemia chegou, ele começou a ter todos os problemas de sempre: faltava ao trabalho, ligava para dizer que estava doente, fazia as coisas pela metade. Eu fiquei grata a princípio, porque pensei que isso lhe daria um descanso muito necessário. Uma chance de relaxar e recuperar o foco. Eu estava redondamente enganada.

Ao contrário das pessoas que conseguiram trabalhar maravilhosamente bem em casa, ele se tornou o estereótipo de pessoa que não faz nada no home office. O maior vagabundo. Mal saía do sofá. Isso me deixava furiosa. Era difícil demais aparecer na hora para as reuniões do Zoom?

— Você age como se a culpa fosse minha — ele gritara comigo, mais cedo naquele dia.

A discussão tinha começado por mais uma fatura estourada do cartão de crédito. Nós tínhamos entrado na mesma loucura. Nunca importava sobre o que discutíamos. Sempre voltávamos ao mesmo ponto.

— Demitiram metade da empresa. Quase quarenta de nós, Jade. Você age como se eu fosse o único. Me dá um tempo.

— Adivinha só, Ryan? Metade das pessoas da empresa ainda trabalha lá. Ninguém colocou nomes em um chapéu e sorteou. Mantiveram as pessoas que queriam manter. Os trabalhadores. Os bons. Aqueles que fazem o próprio trabalho.

Eu tinha dado tantas chances a ele. Já não tinha mais nenhuma.

Teria que parar a terapia. Era isso o que me deixava furiosa. Eu já estava com duas cobranças atrasadas, e não havia como ela permitir mais uma. Minha terapeuta era a única pessoa me ajudando a passar por tudo isso. A única que mantinha minha cabeça acima da superfície

por tempo suficiente para eu respirar. A única que sabia de tudo. Com quem eu podia ser completamente sincera sobre todos os meus sentimentos. Tudo pelo que eu estava passando. O quanto eu realmente não gostava do meu marido. Que eu tinha perdido todo o respeito por ele e não sabia se algum dia o recuperaria. Dava para ficar com alguém por quem não se tinha respeito? Continuar casada? Eu não tinha certeza se conseguiria.

No momento, eu nem conseguia olhar para ele. Dei as costas e marchei pelo quintal dos Dutto em direção à comida no pátio. Eles tinham caprichado na festa de aniversário do filho, Elliott. Tinham comprado tacos de frango, e eram os melhores de West Hollywood. Eu já tinha comido dois, mas, ah, bem, eu podia comer para esquecer os problemas. Não seria a primeira vez.

Colin estava enchendo um prato na minha frente.

— Oi — disse ele, virando-se e me dando um sorriso preguiçoso.

— Oi — respondi, antes de me virar novamente para fazer o pedido. — Dois de frango, por favor.

— Estão incríveis — comentou Colin, enquanto dava uma boa mordida. — Eu já me servi uma vez.

— Eu também — falei, dando um aceno agradecido à equipe enquanto o garçom me entregava o prato.

Colin e eu nunca tínhamos conversado muito, e eu mal o conhecia porque Ryan não fazia parte do grupo de maridos. Colin e Tommy eram tão próximos quanto Kiersten e Whitney. Eles saíam juntos o tempo todo, e, nos últimos dois anos, os maridos de Colleen e Taylor, junto com alguns outros, começaram a se enturmar com eles. Malhavam. Jogavam golfe. Às vezes iam a shows. No começo,

chamavam Ryan para ir. Não é que o tivessem deixado de fora intencionalmente. Ele mesmo se excluía. Dizia não ou desmarcava no último minuto tantas vezes que, com o tempo, eles pararam de chamá-lo.

— Estivemos em uma festa dessas todos os fins de semana nos últimos dois meses — falou Colin, indicando os bebês tropeçando no enorme castelo inflável em forma de dragão rosa. Dava para ouvir os gritinhos agudos e felizes de onde estávamos. Intercalados com os choros, porque a cada dois segundos alguém se machucava ou fazia pirraça. — Eu não tinha ideia de que me tornar pai significava ser convidado para todas as festas de aniversário no planeta. Eu não estava preparado para tudo isso.

— As pessoas nem esperam você ter filhos. Começam a convidar assim que descobrem a gravidez, e aí simplesmente não param mais — falei, mordendo o taco.

— Né? — disse ele, me abrindo um sorriso largo. — Quem diria que existia todo esse mundo de festas de aniversário temáticas e apresentações acontecendo bem debaixo dos nossos narizes todos esses anos?

Eu sorri em resposta.

— E é Los Angeles, então todo mundo está sempre tentando superar os outros. Só sai cada vez mais do controle.

— Você consegue imaginar a quantas dessas festas a gente vai ter que ir antes mesmo de eles chegarem ao jardim de infância? Não sei quantas mais eu aguento. — Ele balançou a cabeça. — Não me entenda mal… adoro uma boa festa com tema de *A pequena sereia*. Semana passada, estivemos em uma com sereias de verdade nadando

na piscina, e os filhos do meu irmão de Nova York estavam aqui e acharam que foi a coisa mais incrível que já viram.

— Eu gosto do mágico. Já viu? — perguntei, dando outra mordida no taco.

Lily tinha quase quatro anos, então já estávamos nessa há muito tempo. Eu já tinha visto alguns deles duas vezes.

— O cara que tira o coelho do caminhão de bombeiro de brinquedo?

— Esse não. Já vi ele também. Ele é muito bom, mas estou falando do que engole espadas flamejantes.

— Não, ainda não vi, mas parece impressionante. — Ele riu.

— Ah, é só esperar, você vai ver. Dê tempo ao tempo.

— Daí, uma vez que você começa a ir a essas festas, tem que ter as mesmas conversas toda vez, com todas as pessoas, sabe? Quantos anos ela tem? Ela dorme? E a criação positiva? Ela dorme com vocês?

— Né? Você está amamentando?

Corei quando percebi que provavelmente não perguntavam isso a ele, mas ele não perdeu o ritmo, ou talvez quisesse ter certeza de que eu não ficasse envergonhada.

— Ah, perguntam para mim também. Eu vi mais seios de mulher no último ano do que na faculdade.

Eu praticamente cuspi a comida. Era a última coisa que eu esperava que ele dissesse, e foi muito inapropriado também. As pessoas não diziam mais coisas assim, mas tudo o que pude fazer foi rir e tentar fingir que ainda não estava meio engasgada.

— Minha favorita é a pergunta sobre o tempo de tela. Tipo, ah, eu não tenho ideia se vou deixar o garoto usar telas. Só tentando

sobreviver ao dia de hoje. — Ele jogou as mãos para cima. — Nem no desfralde eu pensei ainda.

Eu ri de novo. Era bom rir. Muito bom. E ele era tão lindo. Um daqueles caras lindos que te fazem esquecer de tudo quando olham para você. Grandes olhos verdes com pontos dourados hipnotizantes. O sorriso mais incrível. Ele era uma das poucas pessoas em Los Angeles que não tinha dentes perfeitos. Tinha um sorriso meio torto. Mas o fato de ele não ser perfeito, de não ter o rosto perfeito, o tornava mais atraente em vez de menos.

Ele era um daqueles caras que entravam em qualquer lugar como se já o tivessem conquistado. Suave. Como se não tivesse uma única preocupação. Como se o mundo simplesmente se jogasse a seus pés. Porque era o que sempre acontecia. A pessoa não esperava nada menos que isso quando era tudo o que conhecia.

Se estivéssemos nos encontrando em um bar ou um clube, ele não teria olhado para mim. E se por acaso voltasse sua atenção para a minha pessoa, eu acabaria tropeçando nas palavras. Mas era diferente agora. Estávamos em um campo de jogo diferente. Vivíamos em um outro mundo, e nenhuma das regras sociais normais se aplicava à situação.

Ele se virou para a mesa.

— Quer uma cerveja? — perguntou, enquanto pegava uma para si na geladeira ao lado do bar e jogava o prato no lixo.

— Claro — respondi, embora odiasse cerveja. Peguei a garrafa de sua mão, girei a tampa e estendi a bebida para ele. — Saúde. — Brindei, batendo uma garrafa na outra.

— Você vem muito aqui? — perguntou ele, segurando a garrafa nos lábios antes de dar um gole.

Comecei a rir.

— Ok, então você realmente se tornou um homem domesticado. É assim que eram as suas cantadas?

Ele riu. Seus olhos quase brilhavam quando ele sorriu. Como se algo se encaixasse. Ele encolheu os ombros.

— Estou sem prática há um tempo. Me dá um desconto.

— Ok, então vamos fingir. — Eu me endireitei, puxei a camisa para baixo e coloquei o cabelo atrás das orelhas. Dei a ele meu sorriso mais sexy. — Vamos fingir que você acabou de me conhecer. Me dê sua melhor cantada.

Ele começou a rir de novo.

— Ok. Ok, me dê um segundo. Deixa eu me recompor.

Ele se virou como se estivesse fazendo um discurso motivacional para si mesmo e ajeitou a expressão. Quando se voltou na minha direção de novo, seu olhar quase me derrubou.

— Ei — disse ele, aproximando-se, inclinando-se, mas sem realmente me tocar. — Notei você parada aí sozinha e pensei que talvez quisesse companhia. Posso ficar aqui se eu prometer ser legal? — Seus olhos brilharam. O sorriso também.

Meu estômago deu cambalhotas. O cheiro dele era inebriante. Senti que estava corando. Eu não conseguia me lembrar da última vez que um homem me fez corar.

— Não me importo se você for babaca. Pode me tratar como quiser.

Minha audácia me chocou completamente.

— Bem, veja só você, sra. Porter. Cheia de surpresas.

Ele me deu outro de seus sorrisos charmosos. Fazia muito tempo que alguém não sorria para mim assim. E se eu fosse do tipo que trai, talvez tivesse feito algo a respeito. Mas não era.

35

BROOKE

Agora

— Meritíssima, há uma investigação de assassinato ativa na qual a sra. Lyons é suspeita, e até que ela seja descartada, minha cliente quer garantir que o filho esteja seguro — o advogado de Abby interrompeu, do outro lado da mesa. Ela havia trazido um advogado. Jeff. Eu o reconheci como um de seus colegas de trabalho.

Tudo bem. Eu também tinha trazido o meu. Se ela pensava que eu aceitaria aquilo como tinha aceitado sua partida, estava muito enganada. Ela não ia simplesmente destruir a minha vida. Eu não fiz nada de errado. Mas ela virou todo mundo contra mim.

— Ela foi indicada como pessoa de interesse no caso? — A juíza Goldberg o encarou da cabeceira da mesa, parecendo autoritária e impaciente.

Qual era o sentido de enviar a ela todos os depoimentos com antecedência se ela não ia lê-los? Estava tudo muito bem detalhado lá.

— Não, Meritíssima. Ela não foi — meu advogado, Gill, interrompeu antes que o de Abby pudesse. — Infelizmente, minha cliente estava em um evento onde ocorreu um terrível acidente…

— Meritíssima — Jeff interveio novamente —, não foi apenas um terrível acidente. Foi um assassinato. Há uma investigação policial ativa sobre a morte de Kiersten McCann.

— Eu entendo — disse ela, com severidade. — Por favor, advogado — ela fez um gesto para Gill —, continue.

Gill continuou, sem parecer presunçoso, mas havíamos marcado um ponto. A juíza Goldberg claramente não gostava de ser interrompida.

— Chamaram todos que compareceram ao evento naquela noite para interrogatório, e minha cliente não foi questionada mais do que as outras mulheres que estavam lá. De fato — ele fez uma pausa, dedicando um momento para reler suas anotações —, ela não foi a mais chamada. A mais chamada — outra pausa dramática, mas eu sabia exatamente onde aquilo ia dar — foi, na verdade, Whitney Gilmore. A polícia a interrogou mais do que a qualquer outra pessoa na lista de presentes. Poxa, até o marido. — Ele fingiu estar surpreso, mas eu era a responsável por aquela informação suculenta. Estava acompanhando tudo desde o primeiro dia. — Brooke foi interrogada duas vezes, como a maioria das outras mulheres no evento. Mas Whitney? — Ele levantou quatro dedos para enfatizar o ponto. — Quatro vezes. Cinco, se contarmos a vez que os investigadores foram à casa dela.

A juíza Goldberg voltou a atenção para Jeff, mas eu mantive os olhos fixos em Abby. Com quem ela pensava estar brincando? Ela se recusava a olhar para mim, assim como se recusava a responder a qualquer uma das minhas mensagens ou atender às ligações. Mas não importava. Quando ela olhasse para cima, eu estaria ali. Quando

tentasse dormir, eu estaria lá também. Quando tentasse deixar nosso filho com as amigas para poder ir trabalhar, eu apareceria. Não iria a lugar nenhum.

Eu vinha seguindo todas elas nos últimos dois dias. Desde que levaram meu bebê. Aquelas mulheres eram tão culpadas quanto ela, mancomunadas com ela para mantê-lo longe de mim. Eu as desprezava. Mulheres vis com segredos repugnantes que ainda assim julgavam os outros. Tudo enquanto destruíam minha vida como se não fosse nada.

— Isso é verdade? — a juíza Goldberg perguntou a Jeff.

— Não tenho conhecimento de quantas vezes Whitney foi interrogada pela polícia.

— Mas o *senhor* tem conhecimento de quantas vezes Brooke foi interrogada pela polícia? — Ele assentiu em concordância. — E, de acordo com o senhor, o fato de ela ter sido interrogada pela polícia é uma das principais razões, se não a razão primária, pela qual sua cliente está preocupada em deixar o filho delas com a sra. Lyons, correto? — Outro aceno de Jeff. Este mais relutante. — Como o senhor tem conhecimento dessa informação?

— Minha cliente tem mantido contato com Brooke durante todo esse tempo.

Gill interveio.

— Se me permite falar, Meritíssima? — Ela fez um gesto de aprovação. — Aqui está o que a senhora realmente precisa saber: Abby Blackman está morando com Whitney Gilmore. Neste exato momento. E, lembre-se, estamos aqui hoje porque Abby estava tão preocupada com seu bebê vivendo na mesma casa que uma potencial

suspeita de assassinato que tirou a criança da mãe. — Ele ia gesticulando enquanto falava, ficando mais animado à medida que continuava. — E, tudo bem, sabe de uma coisa? Parte de mim entende. Eu mesmo sou pai. — Ele deu um tapinha no peito para enfatizar o ponto. — Se achasse que meu parceiro poderia ter matado um amigo meu, eu teria dificuldade em deixar meu filho por perto. Eu entendo. — Ele levantou as mãos mais uma vez. — Mas, veja, é aqui que isso se torna um problema, porque a casa para onde a sra. Blackman levou a criança foi a de Whitney Gilmore. Outra mulher que também é uma suspeita na mesma investigação. Na verdade, uma que foi interrogada ainda mais vezes do que a cônjuge da vítima. A mulher de quem a cliente dele afirma ter tanto medo. Se o número de visitas policiais é o fator determinante que a sra. Blackman usa para decidir se alguém é ou não um suspeito viável em um crime, bem… — Ele desviou os olhos para Abby por um segundo, antes de retorná-los à juíza Goldberg. — Whitney sem dúvida representaria uma ameaça muito maior do que Brooke, com base em seus próprios critérios. No entanto, Abby continua a morar lá sem problemas. — Ele deu de ombros de forma casual, mas não havia nada de casual no que dissera nem no rumo que estava tomando.

Jeff se contorceu na cadeira. Parecia aturdido. Isso porque não estava preparado para algo assim. Claro que não estava. Ele podia ser o melhor advogado do escritório de Abby, mas não praticava direito de família.

Eu tinha feito minha lição de casa e procurado o melhor advogado em direito de família, um estilo pit bull, que pudesse encontrar em tão pouco tempo. Não foi fácil, mas um dos meus antigos colegas da

Dartmouth o conhecia e me colocou em contato com ele. Os honorários de adiantamento de Gill foram astronômicos, mas eu não me importava. Eu faria o que fosse preciso.

Eu queria meu bebê. Apenas me dê meu bebê.

Eu queria estender a mão sobre a mesa e sacudir Abby até que ela prometesse trazê-lo de volta. Onde ela o deixara enquanto estava ali? Eu nem sabia onde ele estava. Em toda a vida dele, eu nunca ficara sem saber onde ou com quem ele estava. Aquilo não era justo.

— Sim, tem sido conveniente para minha cliente ficar com a sra. Gilmore, porque elas têm bebês com idades semelhantes, e Whitney é como se fosse da família — disse ele, mas havia se precipitado, e a juíza Goldberg o interrompeu.

— Mais família do que a esposa dela? — perguntou.

Eu queria pular e gritar. Bater palmas. Viu só? Era o que eu queria dizer o tempo todo. Não se podia simplesmente fazer aquilo com outra pessoa. Não se podia arrancar o filho da própria mãe. Era desumano. Para lá de cruel.

A juíza Goldberg se virou para mim pela primeira vez desde que fizemos as apresentações ao entrarmos na sala. Gill havia me dado ordens muito estritas de antemão:

Só fale quando ela direcionar uma pergunta especificamente para você. Fora isso, fique em silêncio, por mais difícil que seja.

Responda apenas às perguntas que ela fizer. Não dê informação extra. Atenha-se aos fatos.

Relembrei as instruções dele enquanto a juíza continuava:

— Sra. Lyons, eu vi alguns dos vídeos que a senhora publicou nas redes sociais, e tenho certa preocupação com sua saúde mental.

Todo o ar foi sugado da sala. Eu não gostei do jeito como ela me olhou. A mulher não me olhava da mesma forma que olhava para Abby. Eu não sabia o que dizer, mas precisava dizer alguma coisa. Quais postagens ela tinha visto? Tinha falado como se não estivesse familiarizada com o caso, mas claramente estava, se havia assistido a algum dos meus vídeos.

— Eu só estava tentando chamar a atenção para o que está acontecendo. Pensei que talvez alguém tivesse tido uma experiência semelhante e pudesse me ajudar. Me indicar a direção certa. Eu só queria ajuda, e ninguém estava me ouvindo, então tive que fazer alguma coisa. — Eu tropecei nas palavras.

Era realmente isso que eu estava fazendo. Tudo o que eu queria era que alguém me desse atenção. Me devolvesse meu bebê.

— A senhora já foi diagnosticada com alguma doença mental?

— Meritíssima — interrompeu Gill. — Estamos aqui para que o filho de minha cliente seja devolvido à mãe e para estabelecer alguma custódia temporária para que isso não aconteça novamente. Gostaria de salientar que a esposa não expressou nenhuma preocupação com a saúde mental da sra. Lyons. A única preocupação dela é que minha cliente foi interrogada pela polícia em uma investigação de assassinato. Nada mais.

O rosto da juíza Goldberg estava severo.

— Isso pode, de fato, ser o que mais preocupa o senhor e o que o trouxe a esta sala, mas agora está na minha sala e diante de mim. No momento, não me importo com o que preocupa as clientes de vocês, e sim com a saúde mental de uma delas. — Ela se virou para mim. Seu

rosto não estava menos severo. — Sra. Lyons, a senhora tem histórico de doença mental?

— Não. — Balancei a cabeça com força para enfatizar o ponto. — Nunca tive.

Não era doença mental fazer tudo o que se podia para ter o filho de volta depois de ele ter sido roubado. E foi o que Abby fizera. Eu não me importava com como eles adoçavam a coisa ou como a chamavam. Ela tirou meu filho da minha casa sem o meu consentimento e estava propositalmente mantendo-o longe de mim. Inaceitável. Eu não precisava de nenhum juiz da vara de família para me dizer isso, e se ela não conseguia ver que era isso o que estava acontecendo, então ela não era muito boa no que fazia.

Ela colocou as duas mãos na mesa.

— Eis o que eu vou fazer. — Os olhos dela ainda não tinham deixado os meus. — Vou dar a ordem para a senhora ser avaliada por um dos psicólogos indicados pelo tribunal nas próximas setenta e duas horas. Só para ter certeza de que não há nenhuma preocupação de segurança. E então, uma vez que isso esteja resolvido, nos reuniremos novamente para decidir o arranjo da custódia da criança.

Eu assenti. Parecia razoável. Se aquilo estava acontecendo — se estávamos realmente nos separando, e eu tinha certeza de que estávamos —, então haveria muitas avaliações. Não havia como passar por cima de algo assim. Todos esses processos com o tribunal aconteceriam quer eu quisesse ou não. Eu os superaria um passo de cada vez.

— Então, até que isso esteja completo, Julian ficará com Abby? — perguntou Jeff.

A juíza Goldberg assentiu.

— Sim, mas ela deve permitir que Brooke o visite uma vez por dia. Vou incluir no despacho.

Tudo parou de repente na minha cabeça.

— O que a senhora está dizendo? Que Abby vai mesmo ficar com Julian? Ele não vai voltar para casa?

— Apenas pelos próximos três dias. É temporário. Sempre que ocorre uma audiência de custódia emergencial, o resultado de qualquer uma delas é que eu tenho que conceder a custódia temporária a alguém. Tem que haver uma ordem oficial em papel.

— Então entregue-o a mim! — exclamei.

Gill colocou a mão na minha perna para me silenciar.

A juíza Goldberg balançou a cabeça.

— Sinto muito, mas não posso fazer isso. Não até que eu tenha certeza de que a senhora não está passando por uma crise de saúde mental. Temos que ter certeza de que a criança estará segura. É assim que essas coisas funcionam. Eu não faço as regras. Apenas me certifico de que sejam seguidas.

Nós tínhamos entrado no ringue com os advogados e juízes. Não podíamos recuar agora. Não era assim que essas coisas funcionavam. Uma vez dentro, não dava para sair sem passar por todos os obstáculos. Meus direitos parentais tinham sido retirados de mim em um instante, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

— Preocupações com segurança? — Eu a interrompi antes que ela pudesse continuar. — Com a minha saúde mental? Não há nada de errado comigo. Como a senhora espera que eu reaja?

— Nenhuma criança deve ser tirada de sua mãe, e eu entendo o quanto está sendo doloroso para a senhora.

— Meritíssima, a avaliação da saúde mental de minha cliente está fora do escopo desta reunião — interveio Gill.

— Exatamente. — Ela assentiu. — Então concordamos. É por isso que ordenei uma avaliação.

— Compreensível. Mas, por favor, permita que a criança seja devolvida para casa ou, no mínimo, que haja custódia compartilhada enquanto minha cliente passa pela avaliação.

Ela balançou a cabeça.

— Sinto muito, mas não posso fazer isso. O senhor viu os vídeos?

— Eu vi, Meritíssima.

— Bom, então sabe que uma mulher de quarenta e um anos exibindo seus problemas nas redes sociais dessa maneira é um sinal de alerta imediato. Esse é apenas o primeiro ponto das minhas preocupações. Em segundo lugar, o senhor pode ver a hora em que todos eles foram postados, e, pelo que parece, ela posta vinte e quatro horas por dia, o que me leva a crer que não está dormindo. A fala é tensa e desconexa. Os pensamentos não se encaixam, embora ela ache que sim. São tangenciais. Ela parece irracional e paranoica. Preciso continuar? O senhor viu os vídeos. — Ela deu ao meu advogado seu olhar mais direto até então.

Custou cada grama de força de vontade que eu tinha para me manter sentada. Como uma pessoa deveria agir quando o filho é tirado dela, a amiga acaba de morrer e a esposa a deixou por uma mulher mais jovem? Claro que eu estava chateada. Quem não estaria? A insinuação constante de que eu era essa mulher histérica e louca

estava fazendo com que eu me sentisse exatamente assim. E quanto mais eu dizia que não era, mais louca eu parecia. Não havia como vencer. Eu nunca me senti tão impotente nem tão presa.

Virei meu olhar para Abby. Como ela ousava fazer isso comigo? Todo o amor que eu sentia por ela se transformou em uma bola fria de ódio. Eu nunca quis machucar outra pessoa na minha vida. Nem uma vez. Mas eu queria pôr as mãos nela. Agarrá-la pelos ombros e sacudi-la. Era só isso que eu conseguia imaginar enquanto a juíza Goldberg continuava:

— Assim que o psicólogo assinar a avaliação e puder me assegurar de que não há preocupações, então procederemos para a próxima etapa. Veremos se conseguimos que as duas concordem com um arranjo de custódia justo e igualitário enquanto passam pelo divórcio. — Ela começou a falar de nós na terceira pessoa, como se não estivéssemos sentadas ali. — Com sorte, elas poderão ver que, apesar das diferenças, há uma criança envolvida na situação, e talvez sejam maduras o suficiente para deixar os próprios sentimentos de lado e chegar ao acordo que mais convenha ao filho delas.

— Minha cliente está mais do que disposta a fazer isso. Essa tem sido sua principal preocupação: garantir que o bebê esteja com ambas as mães. Ela percebe a importância de a criança ter as duas cuidadoras presentes. Estabilidade. Consistência. Essas são todas as coisas que minha cliente está preparada e pronta para oferecer.

— Ótimo — disse a juíza Goldberg, batendo a pasta na mesa como se tudo tivesse acabado tão rápido quanto o gesto. — Alguém do meu gabinete entrará em contato com o senhor para combinar a avaliação,

e voltaremos a nos reunir em alguns dias. — Ela desviou os olhos dos advogados e deu um aceno seco para Abby e para mim.

— É isso? — perguntei. Gill colocou a mão no meu joelho. — É só isso? Eu ainda não posso ficar com o meu bebê? Tenho que provar que não sou louca? Como isso virou algo sobre mim e minha saúde mental? — Gill apertou meu joelho com mais força para me mandar calar a boca, mas eu não conseguia. Aquilo era incrivelmente injusto. — Como a senhora pode fazer isso? Essa situação não tem nada a ver comigo. Não mesmo. Eu não fiz nada de errado. — Ele apertou minha perna com mais força.

Eu queria parar. Eu sabia que precisava parar. Que cada palavra saindo da minha boca — meu desespero, minha súplica — só me fazia parecer mais instável. Como se tudo o que estavam dizendo de mim fosse verdade. Mas eu não conseguia. Sem aviso, comecei a chorar.

— Sinto muito, Meritíssima, a senhora pode imaginar como isso é difícil para minha cliente — disse Gill, intervindo enquanto os soluços me dominavam.

Tentei falar em meio às lágrimas, mas dessa vez ele apertou minha coxa com força suficiente para deixar marca. Eu precisava me acalmar.

Mantive a boca fechada, mas por dentro eu fervia. Aquilo era muito injusto. Eu nunca tinha me sentido tão encurralada. Tão impotente e sozinha.

E a culpa era toda de Abby.

36

WHITNEY

Agora

Abri a porta, e Jade estava lá com um grande sorriso de gratidão no rosto. O mesmo sorriso que usava toda vez que deixava Iris comigo enquanto levava Lily para a quimioterapia.

Que tipo de monstro doente fazia aquilo? Ela e Colin passaram a manhã trocando mensagens, combinando de se encontrarem no lugar de sempre. Eu fiquei esperando que dissessem como Lily se encaixava nos planos deles, mas isso não aconteceu.

Depois de um tempo, parei de ler, porque as mensagens estavam me deixando enojada. Ele continuava dizendo o quanto estava orgulhoso dela. Que não conseguia acreditar no quanto ela se saía bem lidando com as coisas sozinha.

Aposto que foi assim que ela atraiu Colin também. Contou a ele a mesma história triste que me contou, de que vivia cada dia aterrorizada com a possibilidade de perder Lily, mas que Ryan vivia em completa negação do que estava acontecendo, então ela tinha que lutar sozinha.

— É como se ele quisesse fingir que nem está acontecendo. Ele não vai às consultas dela comigo. Não desde a primeira, quando ela foi

diagnosticada. Sempre arranja uma desculpa para não ir. Como vou dar conta disso sozinha? É impossível sem a ajuda dele — dissera ela, certa noite, depois de mais uma vez me ligar chorando porque tinha tentado tocar no assunto quando saíram para jantar, mas ele se recusara a falar.

A terapeuta dela havia sugerido noites de encontro como forma de tirá-lo de casa e afastá-lo das meninas. Ela achava que poderia ajudá-lo a se abrir. Mas ele permaneceu uma porta fechada.

— Quer saber, Jade, não está certo — falei, devagar e com propósito, esperando que isso a ajudasse a se acalmar. — Ele precisa estar presente para vocês duas, mas é provável que ainda esteja em choque, sabe? Todo mundo processa o trauma de forma diferente. E algumas pessoas simplesmente se fecham, mas aposto que, se você der tempo, ele vai se abrir. Só dê a ele tempo para processar.

Não fui a única a dizer isso a ela. Todas nós dissemos. Pelo menos as que sabiam, porque nem todas as pessoas do nosso grupo tinham conhecimento do câncer de Lily. Não dava para manter algo assim em segredo de todo mundo.

Mas Ryan não mudara nem se envolvera mais. Isso virou todas nós contra ele. Eu não conseguia suportar ficar perto dele, e era totalmente rude sempre que interagíamos. Talvez Jade tivesse que ser legal com ele, mas eu não. Era impossível não sentir raiva dele enquanto queria ajudar Jade.

Deve ter sido por isso que as coisas começaram entre Colin e ela. Não havia como ele ter decidido ter um caso com uma das minhas amigas mais próximas depois de todos esses anos. De jeito nenhum. Ela devia ter falado com ele sobre tudo pelo que estava passando, e ele

provavelmente a escutou, porque Colin era um ótimo ouvinte. E também tinha uma queda por uma donzela em apuros. Adorava ser o herói. E ela devia estar precisando de um.

Mas, mesmo assim.

Isso não me fazia odiar menos nenhum dos dois.

Eu queria dizer a ela: *Como você consegue ficar aí parada e pôr a sua filha no meu colo quando está prestes a ir se encontrar com o meu marido?* Em vez disso, também estampei um sorriso falso no rosto e estendi as mãos.

— Aqui, deixe-me pegar a bebê. É tão bom ver você.

Ela me entregou Iris, e Iris me cumprimentou com um sorriso melado e sem dentes. Ela mordia o punho, e a baba encharcava a frente de seu macacão.

— Os dentes dela estão nascendo — disse Jade, mas não precisava. — Então ela pode estar um pouco ranzinza. Me desculpe. — Ela deu um encolher de ombros apologético.

— Sem problemas — respondi, trazendo Iris para perto de mim.

Eu não tinha medo de um pouco de baba de bebê. Abri outro sorrisão para Jade.

Não conseguia acreditar que estava fazendo aquilo. Será que os dois se sentiam assim todos os dias? Apenas interpretando um personagem? Um papel? Não acreditava em como era fácil fingir. Lá estava eu sorrindo e conversando com ela como se ela não estivesse prestes a ir para a cama com meu marido. Como se ela não fosse a pessoa para quem ele disse "eu te amo" na noite passada — e tinha falado sério.

E depois de tudo que eu havia feito.

Eu era a única razão pela qual tínhamos esse teto sobre nossa cabeça e os carros estacionados na garagem. Pela qual podíamos pagar a pré-escola de Asher ou ter a ajuda de Grace. Eu era responsável por tudo, mesmo que ele gostasse de fingir que era quem nos mantinha à tona. Nos dando essa vida maravilhosa.

Ele não me dava nada havia muito tempo, e enquanto eu estava ocupada com meu coração partido, tentando descobrir uma maneira de consertar as coisas e melhorá-las para nós, ele estava se apaixonando por outra mulher. Era tudo o que eu estava fazendo. Essa era a razão pela qual eu trabalhava tanto. O motivo pelo qual eu fazia o que fazia. Os sacrifícios que tive que fazer. Toda mãe tinha que fazê-los. Sempre tínhamos que escolher.

Os homens não tinham o mesmo fardo, então como ele poderia saber? Como eu poderia esperar que ele entendesse? Nenhum homem entendia de verdade. Eles ganhavam pontos apenas por ficarem por perto e não irem embora. O padrão deles para a paternidade era tão baixo que dava para passar por cima. O nosso era impossível de alcançar, e não havia como vencer, não importava o que fizessem.

E eu me sentia tão mal por guardar segredos dele. Destruída. Arrasada. Perdi muitas noites de sono por causa de tudo aquilo. Consumida pela culpa e pelo remorso. O tempo todo me questionando e duvidando de mim mesma. De cada decisão que tomei.

Enquanto isso, ele me traía.

Eu estava furiosa.

Então como conseguia sorrir como se nada me preocupasse?

E ela também conseguia.

Eu havia confiado nela. Esse era o outro problema. Eu confiara nela como minha parceira de negócios. Tinha prometido guardar os segredos dela se ela guardasse os meus.

Não era só por ela estar dormindo com meu marido. Eu estava casada havia tempo suficiente para saber que às vezes sexo era só sexo. Às vezes, era só isso que a pessoa queria. Mas ela era minha amiga. A traição dela doía quase tanto quanto a dele. Nós prometemos ajudar uma à outra a passar por tudo aquilo. Fazer o que fosse preciso para salvar nossas famílias. Poupar nossos filhos. Tivemos que cuidar deles, já que nossos maridos não podiam.

Ela derrubou as próprias muralhas, e eu derrubei as minhas. Há quanto tempo estava acontecendo? Desde o início? Por um segundo, minha respiração ficou presa na garganta.

O soluço.

O choro.

A tristeza.

A raiva.

Toda a injustiça.

A perda.

Todos os sentimentos. Eles me inundaram. Como se tivesse trombado com uma parede, e, por um segundo, minha fachada quase desmoronou. Eu não aguentava mais. Não podia fazer aquilo. Eu havia perdido demais. Quem se importava? O que importava?

Mas importava. E eu não conseguia me livrar da sensação de que, de alguma forma, tudo estava conectado a Kiersten. Então reprimi minhas emoções. Forcei as lágrimas a sumirem e mantive a voz firme.

— Leve o tempo que precisar hoje — falei, com a voz mais doce que consegui. — Ela ficará bem comigo.

— Muito obrigada, Whit. Sério.

Ela abriu um sorriso radiante que eu sempre presumi ser de gratidão, mas talvez fosse de luxúria. Ela mal podia esperar para sair correndo pela porta e pular na cama com Colin. O que ela faria com Lily?

— Vá logo.

Eu me despedi dela antes que desabasse e confessasse tudo. Contasse a ela tudo o que eu sabia, mas me contive por tempo suficiente para ela partir. Balancei Iris no meu quadril e acenei para Jade da janela.

Fechei a porta e desabei em lágrimas, mas não podia ficar assim. Eu me permiti o desabafo e logo me recompus. Corri até a garagem para instalar a outra cadeirinha. Tinha chegado ontem. Fiquei com muito medo de que chegasse quando Colin estivesse em casa e ele se perguntasse por que eu tinha comprado outra cadeirinha para Asher, sendo que a que ele usava funcionava perfeitamente. Eu tinha uma história pronta, mas não precisei usá-la, já que a cadeirinha chegou logo depois do almoço.

A cadeirinha de Iris era mais fácil de instalar que a de Asher, e eu as prendi com firmeza no assento do carro. Felizmente, Asher tinha o sono pesado e nem se mexeu quando o levei do berço para o carro. Eu não sabia o que faria se Jade nos visse, mas não podia perder tempo me preocupando com isso. Eu lidaria com a situação caso acontecesse, mas queria flagrar os dois juntos e desmascará-los. Eu tinha passado a manhã ensaiando meu discurso.

Ela saíra havia apenas sete minutos, então não seria difícil alcançá-la. Além do mais, eu sabia para onde ela estava indo. O Centro de Câncer Infantil Wilson Barrio. No quarto andar. Eu já a buscara lá depois de um dos tratamentos de Lily. A menina tinha vomitado no banco de trás do carro, e Jade ficara tão envergonhada naquele dia. Eu prometi a ela que estava tudo bem. Jurei que Colin já vomitara ali mais de uma vez.

Não a vi quando estacionei, mas o estacionamento era pequeno. Não me importava em segui-la até a consulta de Lily. O que importava era para onde ela iria depois. Era quando eu os confrontaria com as crianças e filmaria tudo. Como ela podia levar a filha e se encontrar com o marido de outra mulher? As pessoas não tinham mais decência.

Encontro você depois da consulta.

Essa havia sido a última mensagem dela para ele, vinte e dois minutos atrás.

Avistei a minivan dela no estacionamento quase de imediato. Virei a esquina e estacionei longe o suficiente para ainda poder vê-la, mas sem que ela me notasse, e esperei que saíssem. Em geral, as sessões de Lily levavam duas horas. Se Colin aparecesse na consulta com ela, eu não tinha certeza se conseguiria ficar sentada no carro. Será que ele faria isso? Ele seria tão ousado?

Ela deve ter usado a história do câncer. Derretido o coração dele da mesma forma que derretera o meu. E a parte mais confusa disso tudo era que, de certa forma, eu entendia a terrível escolha dela. Ter

um filho com câncer lhe dava passe livre para agir de forma descontrolada. Não, não passe livre. Mais como uma carta de "saída da prisão". Quem não perderia a cabeça se o filho estivesse com câncer? Eu não tinha ideia do que faria. Absolutamente nenhuma.

Mas Colin não tinha desculpa. Meu Deus, aposto que ele adorava ser necessário. Ele era doente a esse ponto. Todos os homenzinhos eram.

Sentei-me mais ereta e me forcei a ficar alerta. O elevador abriu. Jade e Lily saíram. Espere. Ainda nem fazia uma hora. Elas se deram as mãos e saltitaram lado a lado pelo estacionamento. Lily estava com grandes chinelos rosa. Aqueles que dão quando alguém faz pedicure. Tudo em que eu conseguia pensar era na última mensagem que Jade me enviou ontem, quando conversamos sobre eu cuidar da bebê:

Talvez demore um pouco mais amanhã. Tenho que parar para pegar a receita da Lily depois da consulta e sempre demoram uma eternidade!!

O que estava acontecendo? O que estava se passando? Prendi Asher em mim e coloquei Iris no carrinho. Corri em direção ao elevador e subi até o quarto andar. Estava sem fôlego enquanto andava apressada pelo corredor, procurando a oncologia pediátrica. Era a última curva antes da radiologia. Corri até a mesa da recepcionista e bati no protetor de plexiglass.

— Com licença?

Ela olhou para cima. Uma coisinha miúda e acanhada. Sardas fofas espalhadas no nariz.

— Posso ajudar?

Tirei a carteira da bolsa enquanto embalava Asher.

— A mulher que acabou de sair daqui com a filhinha dela esqueceu a carteira na sala de espera.

— A mulher com a filhinha? — Ela parecia confusa.

— Sim, a menininha de uns quatro anos. Ela é tipo dessa altura. — Levantei o braço até a cintura. — Talvez um pouco mais alta. Tem cabelo loiro. Estava com mochila da Frozen.

— Tenho quase certeza de que ela não estava aqui. — Ela balançou a cabeça. — Acho que você deveria deixar a carteira com a segurança lá embaixo. Há muitos outros escritórios. Alguém vai aparecer para pegá-la.

Tentei ser paciente. Manter a gentileza.

— Ela estava aqui, e tenho certeza de que era dela. Estávamos sentadas lado a lado esperando nossos filhos terminarem a sessão. Os dois têm câncer. — A mentira rolou da minha língua sem eu nem pensar, mas eu não tinha ideia do que estava fazendo. Não havia pensado em nada daquilo. Nada além de descobrir o que realmente estava acontecendo.

— O que a traz aqui? — perguntou ela.

— Meu filho também tem câncer — falei, o mais rápido que pude, antes que ela perguntasse quem ele era e tentasse procurar o nome no sistema. Eu teria que sair correndo dali se ela fizesse isso. Meu coração batia forte. — O nome dela é Jade, e estivemos aqui juntas algumas vezes antes. Eu pretendia entregar quando ela saísse, mas eu estava no banheiro e, de alguma forma, a perdi de vista. Você poderia ligar ou mandar mensagem para ela e avisar da carteira?

— Claro — disse a mulher, inclinando a cabeça para o computador. — Vou puxar o prontuário dela. Ela deve estar em pânico. Qual é o nome da paciente?

— Lily Porter.

Ela digitou rapidamente.

— Humm… não estou vendo ninguém com esse nome.

— Talvez esteja no nome da mãe dela… Jade Porter?

— Não, não temos ninguém com esse nome também. — Ela parou de digitar. — Como era mesmo o seu nome?

— É Sarah. — Eu corei, instantaneamente quente. Logo desviei o olhar. — Ah, sabe de uma coisa? Por que eu não desço e vejo se consigo encontrá-la no estacionamento? — Eu me virei e saí em disparada antes que ela tivesse a chance de me dizer qualquer coisa.

Por que Lily não estava no sistema? Aquele era o lugar certo. Eu até buscara as duas ali uma vez. Havia apenas dois centros de câncer pediátrico, e o outro ficava do outro lado da cidade. Levaria quarenta e cinco minutos saindo daqui. De jeito nenhum ela teria ido para lá.

Ela tinha forjado o diagnóstico de câncer para se aproximar do meu marido? Para se aproximar de mim?

Levei a mão à boca. E se toda a conversa no estacionamento naquele dia tivesse sido uma farsa? E se ela estivesse me enganando o tempo todo? Enganando Colin da mesma forma? O que ele faria se eu contasse que Jade era uma impostora e uma farsante?

Saí do estacionamento devagar. Não podia ser. Ninguém era tão doente assim.

Mas ela nem contava às pessoas sobre o câncer. E àqueles a quem contou, pediu para que mantivessem segredo. Disse que era particular,

e eu não pensei muito naquilo. Algumas pessoas adoravam a atenção que ter filhos doentes lhes trazia. Estampavam o rosto deles nas redes sociais. Vídeos com crianças doentes tinham milhões de visualizações, mas Jade não era desse tipo. Ela nunca postou nada sobre Lily estar doente nem sobre qualquer tratamento. Nada disso me parecera estranho porque eu teria agido da mesma forma. Eu me esquivava de qualquer coisa pessoal nas redes sociais.

Jade tinha raspado a cabeça de Lily. Pelo amor de Deus, ela tinha raspado a cabeça da própria filha. Quem fazia isso? E como explicou aquilo à menina? Não havia como ela não estar contando algo à filha. Aquilo era abuso infantil. Acontecendo bem ali. Era preciso fazer uma audiência de emergência e conseguir uma ordem de proteção contra Jade, não contra Brooke.

Colin precisava saber quem sua namorada realmente era. A pessoa por quem ele estava jogando seu casamento fora. Aquilo mudava tudo.

37

JADE

Antes

Torci as mãos no colo, ansiosa. O que eu estava fazendo? Em que estava pensando? Não havíamos cruzado nenhuma linha ainda. Não tecnicamente. Tudo o que estávamos fazendo era trocar mensagens. Fiquei chocada ao receber uma mensagem de Colin depois da festa de aniversário, já que não tinha dado a ele meu número. Eu disse a mim mesma que ele havia pedido para Whitney, então por isso estava tudo bem conversar. Ela devia saber, de que outra forma ele conseguiria meu número? E se ela estava bem com isso, então eu também estava. Além do mais, estávamos apenas conversando.

Ei, você! Eu me diverti muito na festa hoje.

Fiquei encarando a mensagem um tempão, tentando decidir o que dizer. Havíamos flertado na mesa de comida por mais cinco minutos antes de um grupo de crianças pequenas nos cercar e pôr um fim naquilo. Não havia dúvida de que estávamos flertando, e isso me deixou de ótimo humor pelo resto da festa. Conversar com Colin

parecia tão bom, e fora tão inocente. Como adolescentes nerds do ensino fundamental.

E assim eram nossas mensagens.

Ele sempre me perguntava como tinha sido meu dia, e era bom demais ter alguém se importando com o que estava acontecendo comigo e como eu me sentia. Não que Ryan não se importasse, mas perguntava por obrigação e hábito, em vez de um desejo genuíno de saber das coisas. Colin e eu inseríamos pequenos flertes inocentes nas mensagens. Cada vez mais, eu me pegava esperando a vibração de uma notificação de mensagem. A sensação era gostosa. Nada tinha realmente acontecido entre nós. Mas então ele perguntou se eu queria encontrá-lo para almoçar, e eu aceitei.

Mas nada tinha acontecido ainda. *Vamos só almoçar,* eu disse a mim mesma. *Não há nada de errado em almoçar com um amigo.*

Só que eu estava cruzando uma linha. Uma linha muito distinta.

E eu soube que a cruzara assim que ele entrou no restaurante, com sua pose descontraída. A atração magnética em direção a ele foi muito forte. Quase me arrastou da cadeira quando ele atravessou a porta. Ele me abriu um sorriso enorme no momento em que me avistou, e minhas entranhas se transformaram em gelatina.

Levantei-me para cumprimentá-lo, e ele me deu um beijo rápido na bochecha como vinha fazendo desde que nos conhecemos, mas a atmosfera entre nós era elétrica. Ele se acomodou no assento do outro lado da mesa e abriu mais um sorriso.

— É tão bom ver você — disse ele.

— É bom ver você também — respondi, com uma voz que eu não me ouvia usar havia muito tempo. Era o que acontecia quando a

paixão saía da nossa vida. Ela drenava o resto da nossa energia vital.

Ele travou os olhos nos meus. Não falamos. A energia pairava entre nós por cima da mesa. Naquele momento, nós dois sabíamos o que estávamos fazendo ali. Por qual motivo havíamos comparecido ao almoço. E ainda havia tempo para voltar atrás. Nada precisava acontecer. Não precisávamos cruzar nenhuma linha real.

Um flerte inocente não era nada. Ninguém se divorciava por flertes inocentes. E embora casos emocionais não fossem bons para a outra pessoa, eu nunca acreditei que se qualificassem como traição de verdade. Ter suas necessidades emocionais satisfeitas por outra pessoa não significava que você estava sendo infiel. Era só isso. E o que estava acontecendo entre nós também podia ser só isso.

Qual necessidade dele eu estava suprindo?

— Posso trazer algo para vocês? Água? Café?

A garçonete interrompeu o momento, e me afastei do olhar penetrante de Colin. Eu queria que ele me penetrasse. O pensamento veio sem ser chamado. Forte e rápido, exatamente como eu o queria.

— Vou querer uma água — falei, com as bochechas queimando.

Ele conseguia ler meus pensamentos? Estava pensando a mesma coisa?

Por um minuto, imaginei nós dois no banheiro: eu curvada sobre a pia, ele atrás de mim, mas logo bani as imagens da minha mente. Eu tinha ficado tempo demais sem sexo. Era isso que acontecia quando a gente não transava. Mas eu não queria meu marido. Eu queria Colin. Mais do que quis qualquer um em muito tempo. Talvez desde sempre.

Eu precisava sair dali. Naquele momento.

Dei um salto, como se tivesse sido queimada. Meu joelho bateu na mesa, fazendo-a balançar.

— Me desculpe. — A garçonete me deu um olhar perplexo, então voltou a atenção para Colin. Ela ainda o esperava fazer o pedido. — Sinto muito. Eu tenho que ir. Não consigo fazer isso. — Minha voz tremeu.

Joguei o guardanapo na mesa e saí correndo do restaurante o mais rápido que pude. Não dei a ele chance de me impedir e não olhei para trás. Praticamente corri pelo estacionamento, destravando sem parar o meu carro no caminho. *Por favor, não me siga. Por favor, não me siga*, eu repetia enquanto corria.

Entrei no carro e bati a porta. Olhei o estacionamento para ver se ele estava lá, e soltei um suspiro de alívio por estar vazio. Tentei acalmar meu coração. Foi por pouco. Muito pouco mesmo.

O que eu faria quando o visse da próxima vez? E eu o veria novamente, porque nosso círculo de mães estava interligado de muitas maneiras. Não havia como escapar dele. Mas eu tinha que escapar. Aquilo me traria problemas. Muitos problemas.

38

WHITNEY

Agora

Liguei para a clínica quando cheguei em casa e fingi ser Jade. A recepcionista disse a mesma coisa que havia dito na minha cara: nunca tinha ouvido falar de Lily nem de Jade Porter. Eu ainda não conseguia acreditar.

O que estava acontecendo?

Mandei mensagem para Colin e pedi para ele voltar para casa. Ele estivera no parque com Jade. Foi para lá que tinham ido depois que ela saiu da clínica. Eu os segui até lá. Eles se sentaram no banco enquanto Lily brincava nos balanços. Parecia a cena mais natural do mundo. E mesmo que parecesse descarado e ousado estarem em público daquele jeito, eles nunca cruzaram nenhuma linha. Pareciam dois pais normais passeando no parque com a filha. Ninguém nunca notaria nada diferente. Ela devia estar enchendo a cabeça dele com falsos lamentos de pais de crianças com câncer.

Eu estava farta das mentiras. Cada uma delas, doentias e distorcidas. Elas haviam corroído cada parte da nossa vida. Nada havia escapado ileso. Se quiséssemos uma chance de sobreviver a isso, e eu não tinha certeza se era possível, então precisávamos ser

totalmente francos. Eu não podia perder minha melhor amiga e meu marido dentro das mesmas duas semanas. Eu não sobreviveria. Como se seguia em frente depois de perder as duas pessoas mais importantes da sua vida? Só de pensar nisso eu tinha vontade de enfiar a cabeça no forno.

Então iríamos conversar e resolver as coisas. Era o necessário a fazer. Nosso casamento não podia terminar assim. De jeito nenhum. Não consegui conter a risada amarga enquanto observava Colin voltar para casa no meu aplicativo de rastreamento.

Desse jeito.

Era exatamente assim que Brooke tinha se sentido quando perdeu Abby. Perder alguém que se ama pode levar uma pessoa à loucura, mas ninguém sabe disso a menos que realmente passe pela experiência. Ela esteve na mesma situação. Ela sabia. E eu tinha sido uma péssima amiga em relação a isso. Absolutamente horrível. Eu não fazia ideia do que era ter seu mundo arrancado de você em um instante. Tudo dentro de mim se revirou. O carma era mesmo implacável.

Colin chegou em casa em menos de dez minutos. O rosto dele estava marcado pela preocupação e os olhos, cheios de apreensão.

— Você está bem? — perguntou ele, segurando meu rosto com as duas mãos e olhando nos meus olhos.

Não havia um grama de culpa em sua expressão. Isso me tirou o fôlego, em especial porque eu sabia que ele acabara de vir de um encontro com Jade.

— Não. — Eu obriguei o tremor a sair da minha voz. — Precisamos conversar.

— Ok, ok, claro. Como quiser, querida. Podemos conversar sobre qualquer coisa — disse ele, colocando a mão na minha lombar. — Quer ir para a sala? A cozinha?

Era um código. Nosso código. Aquele que todos os casais tinham quando estavam juntos há mais de alguns anos. Quando brigávamos por dinheiro ou outras coisas relacionadas à casa, a parte administrativa do nosso lar, fazíamos isso na cozinha. Costumávamos ter reuniões na cozinha o tempo todo. Não as tínhamos agora. Nossas conversas íntimas. As que eram ainda mais difíceis. Aquelas em que se *desnudava a alma* aconteciam na sala de estar.

— Vamos para o meu escritório — falei.

O que tínhamos para conversar não cabia em nenhum daqueles ambientes. E eu queria estar no meu escritório, cercada por todas as coisas que me faziam sentir segura. Ele não estava mais nessa lista.

Minha resposta o pegou de surpresa, e ele tossiu de um jeito nervoso, mas manteve a mão nas minhas costas enquanto me guiava pela sala de estar até meu escritório. Nós o chamávamos de meu escritório, mas na verdade era meu quarto separado. Ambos tínhamos um. Eu tinha um sofá grande o suficiente para dormir. Às vezes, ficava ali. A foto de Kiersten e eu no dia do meu casamento estava em uma linda moldura na minha mesa. Eu não conseguia imaginar o que ela diria sobre tudo aquilo. Queria virar a moldura para que ela não tivesse que assistir ao que estava prestes a acontecer. Não havia nada nesse mundo que Kiersten odiasse mais do que traição.

Ele achava que a conversa tinha algo a ver com ela. Não fazia ideia de onde aquilo ia parar. Dava para perceber pela expressão em seus olhos e pela forma como se portava. Se tivesse qualquer pista de que o

assunto estava remotamente relacionado a ele, teria ativado sua postura defensiva. Aquilo o pegaria de surpresa.

— Eu sei sobre Jade — falei, de repente.

Eu só queria que acontecesse. Abrir a ferida e deixá-la sangrar. Poderíamos expurgar o veneno do nosso casamento. Tínhamos que fazer isso.

Ele colocou as mãos no sofá como se precisasse se firmar.

— Eu não sei do que você está falando, Whitney. Eu sou…

Levantei a mão.

— Por favor, pare. Apenas pare, Colin. Nem tente mentir sobre isso, por favor. Você pode me poupar dessa parte?

— Não há nada para saber sobre Jade, Whitney. Eu juro. Não está acontecendo nada. — Ele balançou a cabeça descontroladamente.

Eu estava preparada para as mentiras dele. Pronta para a negação. Quase ri de como ele era previsível. De como seu rosto parecia idêntico a como estava todos aqueles anos atrás, quando eu segurava as faturas do cartão de crédito atrás das costas e ele olhava nos meus olhos e me dizia que não estava jogando. Havia algo de muito errado com ele. Algo que não dava para consertar. Levantei o celular para ele ver. Minha tela espelhava a dele. A testa dele franziu.

— Eu não… quer dizer… como você…

Balancei a cabeça.

— Colin, pare. Por favor. Precisamos conversar. Apenas coloque tudo às claras. Tudo o que aconteceu. Você pode ser sincero comigo? Por um segundo, apenas seja sincero.

— *Estou* sendo sincero — gritou ele, como se estivesse insultado.

— Pare de mentir! — gritei de volta. Eu não suportava as mentiras. Elas estavam em todo lugar. Eu não sabia quem era quem. Em quem eu podia confiar. — Sinto que vou enlouquecer se alguém não começar a me dizer a verdade.

Ele não parava de balançar a cabeça.

— Bem, eu não sei o que dizer, mas estou falando a verdade.

Bati meu telefone na perna dele e apontei para as mensagens.

— Esse é o seu número, Colin. Bem aqui. É você.

Ele tirou meu telefone da perna e se levantou em um pulo.

— Está falando sério? Você instalou um software espião no meu telefone? Está brincando comigo? Não acredito em você.

Me empertiguei e o encarei.

— Você não acredita em mim? — Apontei para o peito dele. — Você não tem o direito de ficar bravo. Quem está tendo um caso é você.

— Você não tem o direito de me dizer o que fazer. Não mais — retrucou ele.

— Eu só quero saber por quê. — Minha voz tremeu. Uma combinação de raiva e tristeza. — Como você pôde ter um caso? Tipo, um caso de verdade com outra pessoa pelas minhas costas? Por quê? Por que você faria isso comigo? Com a gente?

— Você não sabe por quê? — Em todas as nossas décadas de casamento, eu nunca tinha visto Colin me olhar daquele jeito. Puro nojo. Era só isso que os olhos dele mostravam. — Você não me ama. Nunca amou.

Dei um passo para trás. Aquela era a última coisa que eu esperava que ele dissesse.

— Eu não amo você? Do que você está falando? Como tem coragem de virar o jogo desse jeito?

— Você deveria ter se casado com Kiersten. Não estou brincando. Sei que a gente brincava com isso o tempo todo, mas é a verdade. Ela era a sua pessoa. Sempre foi. Não eu.

Estendi a mão, mas ele se afastou como se quisesse ficar o mais longe possível de mim.

— Do que você está falando, Colin? Isso não é verdade.

— Sim, é. Você sabe para quem liga quando está tendo um dia ruim? Kiersten. Ou quando tem uma ótima notícia que mal pode esperar para compartilhar? Kiersten. Quantas vezes você viajou no fim de semana porque precisava desesperadamente de um tempo sozinha com ela? Nós reservamos esse tempo no nosso casamento porque era importante para você, e eu queria honrar o que era importante para você. E adivinha, Whit? Quando você voltava dos seus fins de semana com ela? Dos seus "bons momentos"? Porque sua linguagem do amor é afeto e bons momentos. — Ele estreitou os olhos até virarem fendas. Aquilo estava fermentando. Ele vinha tendo aquela conversa consigo mesmo havia anos. — Você estava melhor. Não era o spa nem os sucos verdes. Era ela. Sempre foi ela.

— Mas eu amo você, Colin. Amei você desde o momento em que nos conhecemos.

Segurei o braço dele, mas ele o puxou rapidamente. Como eu não tinha notado nada daquilo?

— Sim, você amou — disse ele. — E quer saber por quê?

O corpo dele vibrava de raiva. Raiva que eu não tinha ideia de que fermentava por baixo da superfície. Havia quanto tempo que ele me

odiava? Dias? Semanas? Meses? Anos?

Eu me senti enjoada.

— A razão pela qual nos demos tão bem é porque Kiersten me escolheu a dedo. Ela preencheu todo o seu perfil no PartneredUp. Cada detalhe. Analisou seus matches como se fossem candidatos a emprego. Ela era sua casamenteira pessoal. Você me disse isso. Mas sabe o que mais ela fez? Sabe o que ela me disse? — Ele me olhou dentro dos olhos e abriu um sorriso presunçoso, porque sabia algo sobre ela que eu não sabia. — Ela se colocou como administradora daquela conta para que tudo tivesse que passar por ela primeiro, antes que você visse. Ela nem deixava você ver os homens com quem combinava caso não os achasse uma boa opção. Sabia disso? Ela pré-selecionava todo mundo para você.

Eu não sabia de nada daquilo. Para começar, eu nem queria entrar no aplicativo. O Tinder ainda era novo, e eu odiava o conceito dele, mas ela me garantiu que não era nada parecido. Aquele era para pessoas como nós. Instruídas. Corretas. Privilegiadas. A esposa rica perfeita. Para homens semelhantes em busca de coisas semelhantes. O perfil de todos era verificado.

— E daí? Isso não é diferente do que uma casamenteira de verdade faz. E, além disso, não é como se ela tivesse criado seu perfil. Você fez tudo sozinho. E mesmo que ela tenha me arranjado para você de propósito, ela não tinha como dizer se algo aconteceria ou não, então, por favor, não aja como se ela fosse uma bruxa malvada orquestrando minha vida de acordo com seus desejos. Ela pode ter influenciado minha vida, mas só porque eu permiti. — Cruzei os braços. — Você não pode virar o jogo e direcionar tudo para mim.

Ele jogou as mãos para cima.

— Eu estava cansado de ser um fantoche na minha própria vida. Eu só queria algo diferente.

— E a Jade era diferente? — Desta vez, era eu quem olhava para ele com nojo. — Por favor. Só porque ela não cresceu e frequentou as mesmas escolas particulares que todos nós? — Balancei a cabeça de um lado para o outro. — Me poupe. Ela frequentou as mesmas escolas particulares; só pulava de estado em estado. Você age como se ela fosse tão culta. O quê? Você não gosta da vida privilegiada? Herdeiros não servem para você?

— Nada disso me serve. — Ele forçou a mandíbula enquanto falava.

— Então é assim que você decide se tornar adulto? Tendo um caso? Esse é o seu grande momento de virada? É tão clichê que nem quero olhar para sua cara. — Como ele tinha a pachorra de zombar de mim? De tudo pelo que trabalhei e do tanto que me esforcei praticamente toda a minha vida. — Eu não entendo. Eu deixei você ficar com a Kiersten.

Eu a tinha deixado ficar com Colin da mesma forma que ela me deixou ficar com Tommy. Nós nunca contamos a ninguém que fazíamos isso, e só acontecia uma vez a cada poucos anos, mas acontecia. E todos estavam na mesma página. Foi por isso que deu certo. Foi por isso que nunca tivemos problemas.

— Você me deixou ficar com ela? — Ele balançou a cabeça, com nojo de mim. — É exatamente disso que estou falando. Como se você fosse tão descolada. Tão mente aberta e liberal ao me deixar dormir com sua melhor amiga. Por favor. A única razão pela qual você

permitiu é porque você controlava tudo. Assim como ela. Nós dois sabíamos disso.

— Tommy também tem outras mulheres?

Eu estava horrorizada. Parte da razão pela qual tínhamos feito aquilo foi para mantê-los satisfeitos. Mantê-los nossos. Era desprezível, eu não ia negar. Havia uma razão para mantermos segredo. Era para termos superado aquilo como superamos tanto da nossa época de faculdade. Lá atrás, quando decidimos fazer pela primeira vez. E tinha sido uma brincadeira. Um triplo-duplo-desafio enquanto estávamos bêbadas de várias doses de tequila. Pelo menos eu estava completamente bêbada. Não tinha certeza quanto a ela. Nunca dava para ter certeza. Eles a pintavam como uma donzela em apuros. Ela pode ter sido uma donzela, mas definitivamente não estava em apuros.

— Não, não temos que fazer tudo igual. Não somos como vocês duas — retrucou ele. Colin parecia querer me socar. Em todos os nossos vinte anos de casamento, eu nunca o vira tão bravo. — Vocês orquestraram tudo em nossa vida. Até o último e minucioso detalhe. Nem tente me dizer que não.

Cada palavra parecia um soco, como se ele estivesse me agredindo fisicamente. *Pow. Pow. Pow*. Há quanto tempo aquilo estava acontecendo? Por quantos anos aquilo esteve enterrado?

Todos os terapeutas dele estavam sempre procurando um trauma oculto. A grande questão. O problema central. Aquele que faz viciados em drogas terem que se drogar. As pessoas não precisavam fugir a menos que houvesse algo do que fugir. E se a coisa da qual ele estava fugindo todos esses anos fosse eu?

Aquilo nunca tinha me ocorrido, e ele nunca dissera nada do tipo. Em todas aquelas horas de grupos familiares, aconselhamento e reuniões, ele nunca disse que estava bravo comigo. Nenhuma vez. Ele nem sequer levantou a voz. Mas ele me odiava.

Ao que parecia, realmente me odiava, e odiava a vida que tínhamos construído.

— Você derrubou nossa vida mais rápido do que eu pude reconstruí-la, então me desculpe se estive um pouco distraída e indisponível.

Como ele tinha coragem de jogar aquilo na minha cara? Como se todo o nosso casamento não tivesse girado em torno de Colin e atendido a cada uma de suas necessidades. Como se eu não tivesse desistido de tudo para nos manter juntos e à tona.

— Saia! — Apontei para a porta. — Não consigo nem olhar para você.

— Eu não vou embora. Esta também é a minha casa.

— Então eu estou saindo, e vou levar Asher comigo. Mas é muito injusto com ele, porque o que ele fez para causar isso? E agora vamos morar em hotéis e carros? Mas, ei, vá em frente. Chute sua esposa e seu bebê para a rua. — Comecei a vasculhar a casa e a juntar as coisas. Ele me seguiu.

— Ah, por favor, Whit. Pare de ser tão dramática. Adivinha? — Ele me agarrou e me virou para encará-lo. O hálito dele quente no meu rosto. — Você não manda mais. Não é mais a chefe. — Ele enfiou o dedo no meu peito. — Eu vou, mas não porque você mandou. É porque eu também não suporto olhar para a sua cara.

39

BROOKE

Agora

— Já são quase duas da tarde e você ainda não me respondeu. Você ouviu o que a juíza disse, Abby. Eu posso ver Julian todos os dias. É só isso que estou tentando fazer. Marcar um horário para ver Julian. Você tem que me deixar vê-lo. Eu só quero ver meu filho. Atenda o telefone. — Eu andava de um lado para o outro na calçada em frente ao portão de Whitney.

Desliguei. Já estava cansada de implorar para vê-lo. Mais algumas mensagens e a caixa postal dela estaria cheia de novo. Eu não estava sendo irracional. Estava tentando colaborar. Eu tinha esperado uma hora entre cada mensagem para dar a ela a oportunidade de retornar. Ela simplesmente não ligava. Mesmo que devesse, e isso estava me deixando furiosa.

Liguei para Gill em seguida. Pelo menos ele atendeu.

— Acabei de deixar outra mensagem na caixa postal de Abby, e já mandei umas três mensagens de texto. Ela ainda está me ignorando. Não pode fazer isso. Tem que me deixar ver Julian. A juíza disse que ela tinha que deixar — falei, antes mesmo de cumprimentá-lo.

— Sinto muito, Brooke, mas você vai ter que encontrar uma maneira de aguentar estes próximos dias. Tudo vai acabar logo. — Ele dissera a mesma coisa quando liguei vinte minutos atrás.

— Como assim aguentar os próximos dias? Ela deveria me deixar vê-lo. Foi o que a juíza disse. Nós assinamos a ordem. Nós duas assinamos a ordem. Ela sabe das regras.

— Nós assinamos, e a juíza não vai ficar nada feliz com ela quando voltarmos. Posso prometer isso. — Eu não gostei do tom dele. Conformado.

— Mas você fala como se não houvesse nada que pudéssemos fazer a respeito até lá. — Qual era o sentido de fazer regras se não as seguíssemos? O que havia de errado com essas pessoas?

— É sábado, Brooke. Os tribunais nem abrem aos fins de semana. Sua avaliação é segunda-feira, e voltaremos ao tribunal na terça.

— Você está querendo dizer que eu talvez não o veja até lá?

Esse não podia ser o caso. De jeito nenhum eu passaria mais um dia sem meu bebê. Foram seis dias brutais desde a última vez que senti o corpo dele junto ao meu. Desde que soprei a barriga dele. Meus seios estavam me matando porque produziam leite sem parar. Coitados, não sabiam o que fazer. Ainda seguiam o horário de amamentação de Julian, então enchiam a cada noventa minutos e viravam concreto ao fim de uma hora se não fossem ordenhados. Eu enchi o freezer inteiro, mas Abby se recusou a voltar para casa e pegar o leite, como se qualquer coisa que eu tivesse tocado estivesse contaminada.

— Sinto muito, Brooke, mas talvez isso acabe acontecendo.

Ele parecia cansado. Eu não gostei. Ele era meu advogado. Ele deveria lutar. Era para isso que eu o pagava.

— Temos que ligar para a polícia. Vou ligar para a polícia — falei.

— Brooke, não. Não faça isso. Você não pode ligar para a polícia. Eles não vão poder fazer nada. Vai ser exatamente como foi quando você ligou da última vez.

— Então faça alguma coisa.

Eu desliguei e continuei andando de um lado para o outro na calçada em frente à casa de Whitney. A rua sem saída dela era tão perfeita. Eu queria derrubar cada cesta de basquete impecavelmente posicionada. Riscar todos os carros de luxo supercaros. Gritar a plenos pulmões até alguém aparecer.

Então, de repente, me ocorreu. Esteve lá o tempo todo. Eu só não tinha visto. Estivera muito cega pela fúria e pelo pânico para pensar direito. Se Abby podia entrar na minha casa e levar Julian de mim sem se meter em encrenca, por que eu não podia fazer o mesmo com ela?

40

JADE

Agora

Não me surpreendi quando Whitney tocou a minha campainha. Colin estava me ignorando desde que saiu do parque, e já fazia mais de três horas. A menos que estivéssemos dormindo, não passávamos mais de três horas sem nos comunicar desde que começamos a trocar mensagens. Isso só significava uma coisa. Eu já vinha esperando Whitney descobrir tudo desde a noite da festa.

Abri a porta e ela entrou, furiosa, me empurrando contra a parede na entrada.

— Como você teve coragem, Jade? Como? — Ela enfiou o dedo no meu peito. — Não vamos nem começar com o fato de que você está dormindo com meu marido, mas que tal o fato de ter fingido que a Lily tem câncer? Que tipo de pessoa doente faz isso?

— Eu — respondi.

Um estranho alívio percorreu meu corpo. Finalmente tinha acabado. Eu estava tão cansada das mentiras. Ela não esperava que eu admitisse. Me soltou e cambaleou para trás.

— Como você pôde fazer isso? Por quê? Eu não entendo. Por quê?

— Você não quer saber a resposta. — Balancei a cabeça para ela.

— Sim, eu quero, Jade. Eu quero saber de tudo.

— Confie em mim, você não quer.

Ela me olhou como se estivesse prestes a me atacar de novo. Levantei as mãos em defesa, mas contar tudo a machucaria, e eu não queria causar mais dor do que já causara. Eu odiava ter me apaixonado pelo marido dela.

— Depois de tudo pelo que passamos, você me deve uma explicação. Me deve pelo menos isso.

O rosto dela estava marcado pela fúria. Ela respirava com dificuldade, como se tivesse acabado de malhar.

Esfreguei as têmporas e tentei acalmar meus nervos. Eu não suportava não ter notícias de Colin. Não era assim que deveria acontecer, e eu não sabia como lidar com a situação. Não havíamos conversado sobre fazer isso dessa forma, mas eu daria um jeito e confiaria nos meus instintos.

— Quer se sentar? — perguntei, apontando para a sala de estar atrás de mim.

— Não, eu não quero me sentar — retrucou Whitney. — Você está de brincadeira?

— Ok, ok — concedi, tentando me manter firme para começar e secretamente torcendo para Colin ligar se eu enrolasse o suficiente. Ele saberia o que fazer, mas meu telefone permaneceu em silêncio, então não tive escolha a não ser tentar explicar as coisas para ela. — Primeiro, você não vai entender meus sentimentos nem nada disso, porque não somos parecidas. Podemos ter experiências e interesses semelhantes, mas não trilhamos a vida da mesma forma. De jeito nenhum. Você sempre foi a garota que todo mundo quer. Aquela pela

qual todos estão competindo por atenção e afeto. Deve ter sido assim desde o ensino fundamental. Você é uma dessas. Eu não sou.

Ela fez careta para mim.

— Do que você está falando? O que isso tem a ver com qualquer coisa?

— Olha, eu sei que o que fiz foi terrível, e te magoei de maneiras pelas quais tenho certeza de que nunca me perdoará, mas quero que saiba que eu não teria arriscado nossa amizade assim se não houvesse uma razão muito boa.

Ela estreitou os olhos até virarem fendas.

— Você não arriscou nossa amizade, Jade… você a arruinou.

Assenti rapidamente.

— Ok, você está certa. Me desculpe — falei, tropeçando nas palavras.

Eu não havia planejado nada daquilo. Era para Colin e eu contarmos juntos, depois de termos saído do país. Explicar tudo. Ele se concentraria na própria família para enquadrar a situação da melhor maneira, mas ele não estava ali, então eu teria que explicar as coisas do meu jeito. Eu queria que ela soubesse por que tinha feito aquilo. Passei muito tempo examinando minhas ações. Meu comportamento era tão chocante para mim quanto era para ela.

— As pessoas estão sempre lutando pela sua atenção. Se jogando em você. Os homens tropeçam nas palavras ao falar contigo, e agem como idiotas tentando fazer você notá-los. É desse jeito até hoje, e estamos na casa dos quarenta. Então, com quem quer que esteja, você é sempre a primeira escolha. Em geral, as pessoas lutam muito para

conquistar você. Essa é a sua realidade, mas, até então, eu nunca tinha sido a primeira escolha de ninguém. Eu…

— Você ainda não está falando coisa com coisa — ela me interrompeu. — Você poderia ter tido um caso com quem quisesse. Por que tinha que escolher o meu marido?

Ela não entendia. Provavelmente não entenderia, mas tentei de novo.

— Eu era a garota que os caras levavam ao baile porque precisavam de companhia e todas as boas estavam indisponíveis. Ou aquela com quem ficavam para deixar a namorada com ciúme. A namorada entre relacionamentos. Esse era o meu papel. Sabe, quando só estão esperando até encontrar alguém melhor? — O rosto de Whitney não suavizou nem um pouco, mas continuei mesmo assim. — Até Ryan. Ele se interessou por mim porque a noiva dele tinha partido seu coração e eu transmitia segurança. Ela era o verdadeiro amor dele. Ele faria qualquer coisa por ela. Talvez até mantivesse um emprego, porque você faz isso quando realmente ama alguém. De qualquer forma, não estou dizendo que Ryan não me ama. Ele ama. Mas me ama como se eu fosse a mãe dele. Não a esposa. — Soltei um longo e lento suspiro e tentei não sorrir, mas estar apaixonada por Colin talvez sempre fosse ter esse efeito em mim. — E então eu comecei a conversar com Colin, e, de repente, pela primeira vez, fui a primeira escolha de alguém. Ele me queria mais do que qualquer outra pessoa. — Eu diminuí o ritmo enquanto falava, porque estávamos falando do marido dela, e não havia como confundir as implicações disso, mas ela jurara que queria a verdade, e a verdade era esta. — Estar com ele parecia tão incrível que nada mais importava, e eu não podia perder a

oportunidade de experimentar essa sensação. E se fosse a única vez que aconteceria?

— Por favor — bufou Whitney, frustrada, balançando a cabeça para mim. — Não me importo com a sua história de amor idiota. O que isso tem a ver com qualquer coisa? Você machucou Lily. Sua própria filha. Você a fez fingir que estava doente. O que dizia a ela no carro a caminho da minha casa? Você tinha que dizer algo. De jeito nenhum uma criança de três anos se cala sobre o que sabe. Como foi isso?

— Eu dava doces a ela. Prometia sorvete.

Whitney recuou, horrorizada. Como se, mesmo sabendo que eu tinha feito aquilo, ela não tivesse realmente acreditado até aquele momento.

— Sim. Eu disse a ela que adultos também gostam de brincar de faz de conta, e que agora ela e eu estávamos brincando de "Mamãe leva a filhinha ao médico". — Encolhi os ombros, como se pedisse desculpa. — Sinto muito. Eu sei que é horrível. Que isso é horrível. Que eu sou horrível. Tudo isso. Mas pelo menos você pode saber a verdade, certo? Agora está tudo às claras?

— Quem é você? — Ela me soltou e deu um passo lento para trás, me observando como se tivesse acabado de me conhecer.

— Sou apenas uma pessoa superconfusa fazendo o melhor que pode.

Eu queria ter usado a palavra *amor*. Foi por isso que tinha feito tudo aquilo. Por isso estava tendo aquela conversa. Mas eu só a deixaria mais brava.

Ela riu e deu outro passo para trás.

— Você está brincando comigo? Vai me vir com essa besteira de Instagram? Fazendo o melhor que pode? Meu Deus, se este é o seu melhor, eu odiaria ver o seu pior. Você deve ser um monstro.

— Foi ideia dele.

— Ah, tenho certeza de que foi — disse ela, os olhos faiscando de raiva. — Sabe o quanto os homens gostam de bancar o herói? De aparecer e salvar o dia? Você deu sentido à vida infeliz e fracassada dele. Deve ter levado dois segundos para ele dizer sim.

Ela não entendeu. Ela ainda não o via como ele realmente era.

— O câncer de Lily.

— Do que você está falando? — A voz dela mal era um sussurro. Seu rosto se contorceu de emoção.

— A ideia foi dele. Colin está falido. Bem, vocês estão falidos… não sei se sabe disso, mas me desculpe. Não há dinheiro na conta de vocês. Assim como não há nas minhas. Ele voltou a jogar. Planejávamos ir embora e recomeçar, mas nenhum de nós tinha dinheiro. Eu nunca menti para você sobre Ryan ou sobre estar quebrada — falei, esperando que essa parte pudesse melhorar um pouquinho as coisas. — Tudo isso era verdade. Então eu não tinha dinheiro, e Colin também não. Recomeçar exige fundos.

E ela me deu acesso a todos eles, assim como Colin disse que ela faria. Era incrível como ele a conhecia bem. O suficiente para saber que ela nunca me deixaria entrar no negócio a menos que houvesse uma razão boa o suficiente. Foi aí que a história do câncer começou.

— Whitney pode ser terrível em muitas coisas, mas ela tem um coração mole para quem está em apuros — ele me explicara. — É algo

dela. Ela vai ajudar se achar que você está em apuros, especialmente se tiver algo a ver com uma criança.

Ele também dissera que ela odiava cuidar de burocracia, em especial qualquer coisa relacionada a contas, e que ficaria feliz em me deixar cuidar dessa parte. Ele tampouco estava errado sobre isso. Eu vinha desviando uma parte de todos os lucros para uma empresa de fachada que ele abrira para si mesmo. Também havia transferido uma grande parte do fundo de aposentadoria e dos investimentos deles para aquela conta. Tínhamos guardado mais de trezentos mil dólares.

Whitney estava diante de mim, lutando com a verdade. Eu podia ver as engrenagens girando na cabeça dela.

— E as crianças? Vocês iam simplesmente pegar as crianças e arrancá-las de casa? Da família. — Ela viu a resposta estampada no meu rosto e, lentamente, levou a mão à boca, surpresa e atordoada. — Vocês não iam levar as crianças, não é?

Essa era a pior parte. Da qual eu tinha mais vergonha. Ele já estava pronto para ir no momento em que bolou o plano, mas eu nunca tinha ficado tão dividida.

Que tipo de mãe abandonava as filhas? Eu sentia uma vergonha e um arrependimento imensos, mas ninguém nunca tinha me amado. Não de verdade, não como Colin amava, e eu já estava com quase quarenta e dois anos. Metade da minha vida já tinha se passado. Eu ficava dizendo a mim mesma que homens abandonavam a família o tempo todo, mas isso não me fazia sentir melhor.

— Sinto muito, sei que continuo pedindo desculpas… e isso não melhora nada… mas sinto muito mesmo. Eu só… — Dei de ombros.

Era do marido dela que estávamos falando, mas, se não fosse, ela entenderia minha posição. Ela podia não saber como era não ser a primeira escolha de alguém, mas sabia muito bem como era ser mulher.

— Passei quase quatro décadas tentando ser alguém que o mundo amaria e acharia aceitável. Mudando e me moldando para ser quem eu precisasse ser no momento, e eu estava exausta. Então Colin apareceu, e eu não precisei fingir. Foi tão bom não precisar mais fingir. — Estendi a mão e segurei o braço dela. — E a razão pela qual não precisei fingir foi porque ele era seu marido, então ele era seguro. Fora de alcance. Foi por isso que sequer tentei ser outra pessoa senão eu mesma. Você sabe como Brooke sempre diz que a razão pela qual ela e Abby eram tão próximas era porque tinham sido amigas primeiro, então nunca precisaram ser falsas nem mentir sobre nada? É assim para nós. Eu era apenas eu mesma. E ele se apaixonou por mim. A verdadeira eu. Ele me queria de um jeito que ninguém nunca quis, e eu sei que pareço uma adolescente ingênua, mas não podia perder essa oportunidade. Pode nunca mais acontecer.

— Você acha que ele te ama? — Whitney puxou o braço e soltou a risada mais amarga. — Meu Deus. Você realmente acha que ele te ama. — Ela balançou a cabeça para mim, como se sentisse pena. — Você acha, não é?

Ela me soltou e entrou em casa. Eu a segui como se ela morasse ali, embora a casa fosse minha. Ela parou na sala de estar e se virou. Seus olhos eram de aço.

— Quando foi a última vez que você teve notícias de Colin? — perguntou ela.

— Há um minuto — menti.

Ela não precisava saber dos nossos assuntos. Ela só estava magoada. Com raiva. E eu entendia. Eu merecia toda a fúria dela.

— Sério? — Ela ergueu a sobrancelha para mim, com um sorriso irônico. — Vou imaginar que você não tem notícias dele há algumas horas, e também vou imaginar que não tem ideia de onde ele está, mas eu tenho. — Ela deu um passo na minha direção. — Sabe por quê, Jade? Porque eu sou a esposa dele.

Minha boca ficou seca. Até engolir ficou difícil. *Nunca irrite Whitney.* Essa foi uma das primeiras coisas que Kiersten me disse quando entrei no clube das mães. *Pise no calo dela, e ela quebra sua perna.*

Era assim que ela estava agindo agora. Como uma bola de demolição com a intenção de destruir cada pessoa que tinha causado sua dor. Eu não sabia o que fazer. Meu telefone estava em silêncio no bolso. Por que ele não me ligava? Mandava mensagem. Qualquer coisa. Onde ele estava? E se ela realmente soubesse de algo?

— Você está preocupada, não está?

O sorriso não havia deixado o rosto dela. Ela estava magoada, então tentava me magoar. Mas algo na forma como ela disse aquilo me causou arrepios.

— Veja, eu chequei minhas contas conjuntas com Colin quando descobri sobre vocês dois, mas não chequei minhas contas comerciais. Eu me sinto realmente boba ao dizer isso, porque só me faz parecer estúpida, mas eu não verifico minhas contas comerciais há meses. Não desde que você começou a cuidar de tudo. E foi um plano brilhante. Vou dar esse mérito a vocês. Totalmente brilhante. Porque o que devo

fazer agora? Ir à polícia e dizer que meu marido e a namorada dele roubaram todo o dinheiro do meu negócio ilegal de acompanhantes?

— Sinto muito — falei, e sentia, por mais estranho que soasse. Eu odiava fazer aquilo com ela. Odiei desde o início. — Eu nunca quis fazer mal a você.

— Nunca quis? Ah, Jade, acho que foi exatamente isso que você quis fazer quando começou a dormir com meu marido e roubar o meu dinheiro.

Ela não parecia nem um pouco ferida agora. Apenas com raiva. E algo mais. Algo mais que eu não reconhecia.

— Sabe por que você não teve notícias dele? Por que ele não ligou nem mandou mensagem por horas?

— Eu acabei de falar com ele.

Ela riu de novo. Aquela risada amarga e terrível. Então tirou o telefone do bolso e o agitou no ar.

— Vou ter que desmascarar essa, querida. E sabe por quê? Porque eu tenho um spyware instalado no telefone do Colin, e consigo ver tudo o que ele faz. Todo mundo com quem ele fala. Todas as mensagens dele. As fotos que ele manda. E eu sei que ele não falou nada com você desde que a deixou no parque. Sabe por quê? Sabe para onde ele foi? O que ele está fazendo? — Ela abriu um sorriso maligno.

— Eu quero que você vá embora — falei, apontando para a porta.

— Ah, agora você acabou? Não gosta dessa parte? A parte em que eu digo que a razão pela qual você não teve notícias de Colin é porque, neste momento, ele está em um avião a caminho da Costa

Rica? Sabe todas aquelas contas? Aquelas em que você estava depositando dinheiro todos esses meses? Estão vazias.

— Saia! Isso não é verdade. Você só está tentando me magoar.

Balancei a cabeça. Ele não faria isso comigo. De jeito nenhum. Ele só não tinha me ligado porque descobriu que ela estava rastreando o telefone dele. Ele pegaria outro celular e me ligaria.

— Olhe — ela estendeu o telefone como se fosse me entregar —, você pode ver por si mesma exatamente onde ele está. Não precisa acreditar em nada do que estou dizendo.

Por instinto, eu peguei o telefone, mas assim que o tive em minhas mãos, não consegui me forçar a olhar. Tudo dentro de mim se revirou. Não havia como aquilo ser verdade. Ele prometeu. Disse que me amava mais do que já amou qualquer uma, até mesmo ela. Jurou que não conseguiria enfrentar mais um dia se não estivéssemos juntos. Que precisava adormecer comigo todas as noites e acordar ao meu lado todas as manhãs.

— Vai, olha — insistiu Whitney, interrompendo meus pensamentos.

O sorriso presunçoso não havia deixado o rosto dela.

Tudo dentro de mim se encolheu enquanto eu olhava para o telefone: o círculo vermelho que representava Colin. Pulsando no aeroporto de Los Angeles. Quarenta e dois minutos atrás. Era o que dizia na parte de baixo da tela. Cada músculo do meu corpo ficou mole. Quase deixei o telefone cair. Entreguei-o para Whitney como se estivesse em transe. De repente, a porta se abriu atrás dela e Ryan entrou. Ele deveria estar no supermercado com as crianças. Onde estavam as crianças?

— Ryan? O que está acontecendo? — perguntei.

41

WHITNEY

Agora

— Ryan, o que está acontecendo? — Perguntou Jade de novo.

Os olhos dela se arregalaram ainda mais quando Perez entrou logo atrás dele. Dois policiais uniformizados a acompanhavam. Tudo ficou em silêncio. Tentei fazer contato visual com a detetive, mas o foco intenso dela estava em Jade. Olhei rapidamente para Ryan, mas ele encarava o chão. O homem tremia, agarrando-se à lateral do próprio corpo como se estivesse tentando abraçar a si mesmo.

— Olá, Jade. Olá, Whitney — Perez nos cumprimentou, com a voz mais formal que já havia usado.

Ryan ainda se recusava a olhar para Jade ou para qualquer outro lugar, mas ela o perfurava com os olhos.

— Onde estão as crianças? O que você fez com as meninas? — indagou ela, ignorando completamente Perez e os policiais.

— Estão na casa dos meus pais — disse ele, baixinho, como se não quisesse admitir. O alarme logo se registrou no rosto de Jade. As filhas só ficavam com os sogros em caso de emergência. Os olhos dela dispararam pela sala. Perez simplesmente a encarou com os braços cruzados, como se estivesse gostando de ver seu desconforto.

— O que está acontecendo? O que está havendo, Ryan? — perguntou Jade, como se nenhum de nós estivesse na sala.

— Jade, estamos aqui para levá-la à delegacia para conversar — disse Perez, dando um aceno quase imperceptível a um dos oficiais, mas eu notei.

Os olhos do oficial estavam fixos em Jade, e ele deu alguns passos cuidadosos na direção dela.

— Ok, bem, então nos encontramos lá. — A voz de Jade falhou. — E Whitney? — Ela me lançou um olhar rápido e furtivo. — Precisam falar com ela também? Ela vem com a gente?

Todos mudaram o foco para mim, e meu coração pareceu parar. Eu não tinha nada a ver com aquilo, seja lá o que fosse. Balancei a cabeça para eles como se quisesse que me deixassem em paz, mas não precisava. Não estavam interessados em mim. Apenas nela. O oficial logo se moveu e a segurou pelo braço direito. Jade parecia em pânico, como se tivesse sido pega de surpresa. Caído em uma armadilha sobre a qual nem sabia que deveria estar atenta.

— Infelizmente, você terá que vir conosco na viatura — disse o oficial.

Ela balançou a cabeça descontroladamente.

— Não, não, eu prefiro ir com Ryan. — Ela se virou para ele. Os olhos estavam tão em pânico quanto a voz. — Você vai me levar, não vai?

Ryan enfim olhou para cima. Seus olhos estavam marejados e vermelhos.

— Não vou a lugar nenhum com você. — Ele cerrou a mandíbula enquanto falava, tentando muito não chorar.

Reconheci a dor no rosto dele. Era a mesma dor de sugar a alma que senti quando as primeiras mensagens entre Colin e Jade apareceram no meu telefone depois que instalei o aplicativo de rastreamento. Eu quis atravessar a sala correndo e abraçá-lo.

O rosto de Jade ficou branco.

— Ryan?

Ele tirou o telefone do bolso. Os ombros caídos em derrota. O pomo de adão dele subiu e desceu pesadamente na garganta. Lágrimas grossas encheram seus olhos.

— Você me deixou uma mensagem na caixa postal aquela noite.

Não havia como confundir a noite a que ele se referia. Essa era a razão pela qual estávamos ali. Meu Deus.

Procurei a cadeira ao meu lado. Eu precisava me sentar.

Aquilo não tinha nada a ver com o meu negócio nem com o caso de Jade e Colin. Olhei para Perez com espanto. Ela tinha se encontrado em particular com todos os nossos maridos, não tinha? Virou todos eles contra nós. Tinham sido eles a conduzir toda a investigação. Não nós.

— Do que você está falando? O que quer dizer? — perguntou Jade.

Ela parecia prestes a chorar.

— Eu soube desde o início que você tinha algo a ver com a morte de Kiersten. Ouvi você tentando salvá-la. — Ele olhou para Perez, e ela lhe deu um aceno de apoio. Ele limpou a garganta e continuou: — Eu protegi você todo esse tempo. Eu…

Jade o interrompeu.

— Me protegeu? Me protegeu do quê? Eu não sei do que você está falando.

— Você ainda não tem ideia, não é?

Ele enfiou a mão no bolso de trás e tirou o telefone. Segurou o aparelho na frente de si. Eu mal conseguia respirar. Ninguém se moveu.

— Eu ouvi você tentando salvá-la, Jade. Você me ligou aquela noite sem querer. Eu não atendi, mas minha caixa postal gravou trinta agonizantes segundos.

E então ele apertou o play.

No início foi difícil de ouvir. Muito barulho de coisas se movendo. Movimento. Ruído abafado. Como se o telefone dela ainda estivesse no bolso. Mas de repente ouviu-se a voz dela. A voz inconfundível de Jade. Trêmula e assustada. Eu me agarrei a cada palavra.

— *Respira, porra, Kiersten. Respira. Você me ouve?* — exclamou Jade.

Ela respirava com dificuldade. Muita dificuldade. Como se estivesse correndo. Mais alguns segundos de nada. Mais barulho de coisas se movendo. Estática. E então a voz em pânico de Jade novamente:

— *Não faça isso comigo, Kiersten. Não ouse fazer isso. Você não vai morrer, ouviu? Anda, você tem que respirar.* — A voz dela estava desesperada. Apavorada. — *Eu não sei o que fazer. Jesus, o que devo fazer. Eu…*

— Desliga isso! — gritou Jade, interrompendo a si mesma na caixa postal. — Isso é privilégio conjugal!

Logo depois que ela terminou de gritar, a mensagem de voz chegou ao fim com suas últimas palavras para Kiersten. Mas não foram um grito, nem mesmo um choro, como ela estava proferindo agora. Eram um sussurro quase inaudível.

— *Sinto muito. Eu não queria.*

Meu Deus. O que ela tinha feito? Eu me virei para encará-la.

— Isso é privilégio conjugal, certo? — repetiu ela, olhando freneticamente de um lado para o outro entre Ryan e Perez.

Eu só conseguia encará-la. Ela tinha matado Kiersten?

Perez deu um passo à frente. Com um sorriso triunfante no rosto.

— Essa é a melhor parte do meu trabalho — disse, sem nem tentar fingir que não estava gostando de tudo aquilo. — Você está certa. Não podemos fazer muito com a gravação, mas podemos fazer algo com o troféu que seu marido levou para a delegacia quando nos deixou ouvir o áudio.

Jade congelou. Pestanejou. Uma piscada lenta. Depois outra.

— Que troféu? — perguntei, finalmente encontrando minha voz, enquanto Jade apenas ficava ali parada.

Como ela podia simplesmente ficar ali sem dizer nada? Ela nem tentou negar.

Perez não desviou o olhar de Jade enquanto me respondia.

— O troféu usado para matar Kiersten.

— Um que eu encontrei escondido na nossa lavanderia — acrescentou Ryan.

— Você a matou? Você matou Kiersten? — Eu me virei para Jade em horror e descrença. Mas ela simplesmente ficou lá. Imóvel. Sem

mexer um músculo. Sem dizer nada. Como se tivesse ficado sem falas em seja qual fosse o roteiro doentio que estava interpretando.

Ryan cambaleou em direção a ela. A devastação lhe arruinava o rosto.

— Sabe qual é a parte mais absurda, Jade? — As lágrimas escorreram por suas bochechas. — Eu ouvi a mensagem na manhã seguinte e vasculhei a casa inteira para ver se você tinha deixado alguma evidência da noite anterior. Foi quando encontrei. — Ele balançou a cabeça, como se tentasse clarear os pensamentos. — Eu ia ajudar você, sabia? Ia guardar seu segredo porque parecia que algo ruim tinha acontecido naquela ligação, e eu sabia que você nunca machucaria alguém de propósito. De jeito nenhum. — Ele balançou a cabeça de novo, e acreditei nele, porque eu sentia o mesmo. Jade nunca tinha passado pela minha cabeça em todo esse tempo. Nenhuma vez. — Imaginei que tivesse sido algum acidente e que você entrou em pânico. Eu queria ajudar. Mas então descobri sobre Colin e percebi que não conheço você de verdade. Não tenho ideia de quem você é. Do que você é capaz.

Como ele descobrira sobre Colin? Mas então eu vi a mudança no rosto de Perez. A insinuação de um sorriso surgindo no canto de sua boca quando ela me olhou. Ela era brilhante. Merecedora de cada um dos diplomas que adornavam sua parede. Nenhuma de nós havia dedicado um único segundo aos nossos maridos neste cenário. Mas ela, sim.

Jade parecia atordoada. Em choque. Essa era a chance dela de falar. Talvez fosse a razão pela qual Perez tinha armado tudo isso,

porque ela não fazia nada sem motivo. Mas Jade só ficou parada lá. Como se já tivesse invocado a Quinta Emenda.

Perez deve ter contado a Ryan sobre Colin; se não, como ele descobriu? Devia ter sido ela. Claro que foi. Ela provavelmente sabia do caso deles o tempo todo. Mas nunca me contou. Por que não me contou sobre o caso deles? Ela fez um sinal para o oficial ao lado de Jade, e ele sacou as algemas como se estivesse esperando a noite toda por aquilo.

— Jade Porter, você está presa pelo assassinato de Kiersten McCann. Você tem o direito de permanecer em silêncio. Tudo o que disser pode e será usado contra você em um tribunal. — Perez continuou lendo os direitos de Jade, e tudo o que eu pude fazer foi observar enquanto eles a tiravam de lá, algemada.

42

JADE

Agora

Ryan estava em silêncio do outro lado da linha. Eu queria dar tempo e espaço para ele. Processar algo tão grande era difícil. Era muito para assimilar, mas as outras detentas esperavam na fila, e cada pessoa só tinha quinze minutos. Eu podia sentir todas elas respirando no meu pescoço. Não queria descobrir o que acontecia com quem ultrapassava o tempo. Até o momento, a prisão não tinha sido tão ruim, mas fazia apenas três horas desde que me ficharam.

— Não sei o que aconteceu — eu disse a ele.

Estavam gravando tudo, mas eu não me importava. De toda forma, eu já tinha contado tudo para a detetive. Eles sabiam o que eu tinha feito, então o que importava? Em especial agora que Colin se foi. Eu ainda não conseguia acreditar que ele tinha me traído.

Ryan soou desgostoso.

— Qual parte? Aquela em que você matou uma das suas melhores amigas ou a em que você teve um caso com o marido de outra de suas melhores amigas?

Ele estava com raiva, e tinha todo o direito de estar.

Quem não estaria? Mas tinha atendido o telefone. Isso dizia algo. Ele atendeu minha ligação. Eu não conseguiria passar por isso sozinha. Não fui feita para esse tipo de coisa. Para nada disso.

Eu ia precisar dele. Mais do que jamais tinha precisado de alguém antes.

— Sinto muito, Ryan — falei, e era sério. Com cada fibra do meu ser. Eu não pretendia destruir a nossa vida. Estar apaixonada assim era como estar possuída. — Por favor, você tem que me perdoar. Eu sinto muito.

— Você sente muito? — zombou ele. — Você tirou a vida de uma mulher. Ela era mãe. E Rinley? Como você pôde fazer isso? Que tipo de pessoa faz isso?

— Isso é horrível. Eu pareço um monstro. Eu pareço, mas não foi assim. Não foi. — Eu odiava a forma como ele falava. Cortante. Distante. Todo o amor escoado de sua voz. — Você disse que poderíamos superar qualquer coisa. É o que você sempre disse, e nós podemos superar isso. Nós podemos.

— Você matou uma pessoa, Jade.

Eu queria que ele parasse de falar dessa forma. Fazia parecer premeditado. E não havia nada de premeditado naquilo. Eu não tive a intenção de machucar Kiersten aquela noite. Eu nunca tinha machucado ninguém na minha vida antes. Não era assim que eu agia. Eu não me reconhecia, não mais do que ele.

Respirei fundo e tentei manter a calma.

— Mas, Ryan, querido, você estava disposto a ouvir o meu lado da história antes de saber sobre Colin, certo? Estava, sim. Foi o que disse hoje mais cedo. Você estava tentando me ajudar porque sabia que eu

nunca machucaria alguém de propósito. Foi o que você disse. Só está fazendo isso para me punir. Não tem a ver com Kiersten. Mas com Colin. Você sabe que eu não sou uma assassina, Ryan. Sabe disso. Foi por isso que saiu correndo pela casa procurando evidências para se livrar delas. Você ia me ajudar. Ainda pode fazer isso. A única coisa que mudou é que eu estraguei tudo. Cometi um erro enorme, mas você pode me perdoar. Você tem que me perdoar. Nós temos uma família. Pense nas meninas.

Ele ficou em silêncio, e eu batucava os pés, esperando que falasse. Parecia que o tempo estava literalmente correndo contra nós.

— O que aconteceu? — perguntou ele, quando enfim falou.

— Com Colin? Acabou.

Whitney não estava mentindo. Ele estava em um avião para a Costa Rica. Já devia ter pousado. Eu ouvi no rádio da polícia enquanto me transportavam para ser fichada. Eu ainda estava em choque. Ele a sacaneara tanto quanto a mim.

— Não é disso que estou falando. O que aconteceu com Kiersten?

Eu não queria entrar em todos aqueles detalhes de novo, mas teria que fazer isso se quisesse alguma chance de salvar meu casamento.

— Ela ia contar para todo mundo sobre mim e Colin — admiti, baixinho.

Ela tinha me pegado no FaceTime com ele nos aposentos da empregada. A suíte privativa ao lado da cozinha. A mais próxima da piscina. Tentei mentir, mas ela ouvira a voz dele. Pegou o telefone de mim antes que eu pudesse desligar e viu que era Colin.

— Então você a matou?

— Para de dizer isso! — gritei, mas logo abaixei a voz. — Para de dizer isso — repeti. — Eu não estava pensando, ok? Só reagi. Continuei tentando fazê-la ficar no quarto comigo. Eu só queria conversar, mas ela não quis. Ela só gritava e dizia que eu era uma pessoa horrível. Que ia atrás de Whitney para contar a ela tudo o que tinha ouvido. — Ele ficou em silêncio de novo. Eu não aguentei, então continuei explicando, esperando que isso o amolecesse: — Repeti o momento mil vezes desde que aconteceu. Foi muito rápido. Meio segundo. Nem isso. Ela se virou, e eu simplesmente peguei o troféu que ela tinha deixado na mesa e a acertei na nuca. Eu não pretendia machucá-la. Nunca pretendi matá-la. Eu só queria que ela parasse, mas ela não parava. Ela caiu no chão no mesmo instante. Achei que tinha apenas desmaiado, mas não consegui fazê-la acordar. Continuei batendo no rosto dela. Joguei minha água nela. — Eu lembrava cada segundo em detalhes. Como se o tempo tivesse desacelerado. — Não sabia que a tinha matado, Ryan. Juro que não tinha ideia de que ela estava morta. Talvez não fosse o caso na hora. Não sei. Eu só queria levá-la até lá fora. Para tomar um pouco de ar fresco.

Eu tinha certeza de que ela ia acordar. Não havia uma parte de mim que pensasse que era permanente. Ela estar morta nunca passou pela minha cabeça enquanto eu a arrastava para fora. Tudo em que eu conseguia pensar era no que diria quando ela acordasse. Em segredo, eu esperava que ela não se lembrasse de nada. Todo o incidente esquecido, incluindo o que levou a ele. Eu ia simplesmente dizer que ela tinha tropeçado e caído. Ou até mesmo que desmaiara por causa dos docinhos.

— Como você a tirou de lá? Você teria que carregá-la.

Ele perguntou como se não acreditasse em mim. Como se eu estivesse omitindo algo da história, mas não estava. Eu não tinha ideia de como a tirei de lá. Não pareceu difícil na hora. Quase sem esforço.

— Acho que a adrenalina me deu força? As pessoas fazem coisas inacreditáveis em situações de risco de vida, e eu pensei que estava salvando a vida dela. Estava tentando salvar a vida dela. De verdade.

Eu tinha dito a mesma coisa para a detetive Perez, mas não tinha certeza se Ryan acreditava em mim mais do que ela. Mas eu estava dizendo a verdade. De alguma forma, eu meio que arrastei, meio que carreguei Kiersten para fora da casa. Eu continuava achando que alguém ia me ver, mas ninguém viu. Estava encharcada de suor quando chegamos ao quintal.

Foi quando percebi que ela não estava respirando. Até aquele ponto, nunca me ocorrera que ela estava algo além de desmaiada.

Eu a deitei no concreto, bem ao lado da piscina. Não tinha ideia do que estava fazendo, e estava tão nervosa que vomitei no meio do processo. Não era o vômito de Kiersten nos lábios dela. Era o meu.

— Eu nunca tinha feito RCP antes, e não sei se fiz certo. Mas eu tentei. Eu tentei, Ryan. Eu fiz. Mas ela se foi. Ela já tinha ido quando eu a tirei de lá.

Silêncio. Durou tanto que eu pensei que ele tivesse desligado.

— Você poderia ter voltado para a casa e ligado para a emergência. Eles poderiam ter conseguido salvá-la — disse ele, quando enfim falou.

A pessoa ao meu lado na fila teve que ceder seu lugar. Meu tempo estava quase no fim.

Caí em lágrimas.

— Eu sei, amor. Eu sei. Acredite em mim, revi tudo, e eu devia ter ligado para a emergência. Sei que devia, mas eu simplesmente entrei em pânico. Surtei. Você não tem ideia de como vai reagir quando algo assim acontece. Nenhuma. Só conseguia pensar em como a situação pareceria. No que as pessoas pensariam. Como interpretariam. Todo mundo ia achar que eu tinha matado ela, então eu só a empurrei para a piscina. Sei que isso não faz sentido. Também não faz sentido para mim agora que estou em meu juízo perfeito, mas eu só reagi. É tudo o que posso dizer. Estava em completo pânico. Por favor, eu não sou um monstro. Não sou.

— Quer saber, Jade? Se fosse só isso, essa história. Que você perdeu a cabeça de raiva. Que não sabia o que tinha feito e então entrou em pânico? É um grande exagero. Um enorme exagero, mas eu poderia ter encontrado uma maneira de olhar a situação e entender como as coisas poderiam ter acontecido desse jeito. Mas a questão é… você nunca me disse uma palavra. Guardou tudo em segredo.

— Mas, amor, você tem que entender, eu não podia contar porque estava protegendo você. Não queria que se envolvesse. Eu não estava em meu juízo perfeito na hora. Cometi um erro horrível, mas assumi a responsabilidade pelas minhas ações. Contei à detetive Perez cada coisa que estou contando para você. Eu…

Ele me interrompeu.

— Não, eu não terminei. Você destruiu minha vida, e destruiu a vida das nossas filhas. Elas são as vítimas. Não você. Pessoas como você são sociopatas. Você aprendeu a linguagem certa para parecer um bom ser humano, mas não pode fazer o que fez e seguir com a vida do jeito que seguiu e ter alguma empatia de verdade dentro de si.

Nenhuma. Você é um monstro. Não te quero perto das nossas filhas. Eu vou…

A linha ficou muda. A princípio, pensei que ele tivesse desligado. Então percebi que a ligação tinha sido cortada automaticamente por estar no tempo limite. Devagar, devolvi o telefone ao gancho. Ele não tinha terminado de falar. Eu nem tinha conseguido dizer "amo você". E se ele não atendesse outra ligação? As coisas não podiam terminar assim entre nós. Eu não deixaria. Poderíamos resolver isso. Tínhamos que resolver.

— Ande logo, garota — a mulher com o olho esquerdo inchado gritou para mim.

Tínhamos sido fichadas ao mesmo tempo. Eu me afastei às pressas, antes que alguém mais pudesse me dizer algo.

Fui até a área comum pensando em Colin. Eu não conseguia mais senti-lo. Era assim que se sabia que o amor havia sumido. Às vezes, morria lentamente, como uma bateria descarregando com o tempo, e outras vezes acontecia em um instante. Ele havia se desconectado de mim. Talvez no momento em que soube da notícia. Senti a ausência dele tão forte que era como se tivéssemos estado juntos por dez anos, em vez de dez semanas.

Eu não tinha explicação para minhas ações, exceto o clichê mais antigo do mundo: o amor. Assim que pensei que perderia o sentimento mais bonito que já havia experimentado, eu me tornei primal. Quis proteger aquilo a todo custo. Nunca teria acreditado que era capaz de algo assim, mas também nunca estive apaixonada como estava por Colin. Talvez as pessoas que não entendiam como era perder o controle por amor nunca o tivessem sentido.

Eu havia conversado com minha advogada na delegacia. Ela disse que entendia exatamente como algo assim poderia acontecer. Chamou de crime passional, o que sempre pensei que significava que você tinha que ser pego no meio do sexo, mas acho que não. Ela também disse que, se eu confessasse, poderia pegar apenas sete anos por homicídio culposo. No grande esquema das coisas, isso não é muito tempo. As meninas ainda estariam no ensino fundamental quando eu saísse. Eu estaria presente em todas as fases difíceis. Para o fundamental II. E, meu Deus, o ensino médio. Elas precisariam mesmo de mim para isso.

Minha vida não tinha que acabar por causa daquilo. Eu cometi um erro enorme. Um erro muito grande. Mas assumi a responsabilidade por ele, e garantiria que todos recebessem minhas desculpas. A vida não tinha que terminar por causa de um erro. Não tinha, e eu não deixaria que terminasse.

43

WHITNEY

Agora

O que eu diria para Brooke da próxima vez que a visse? *Sinto muito por ter pensado que você era uma assassina?* Ela nunca me perdoaria. Eu também não me perdoaria. Ainda estava em choque com tudo o que havia acontecido. Ryan e eu tínhamos ficado sentados na sala de estar deles por mais de vinte minutos depois que prenderam Jade. Nenhum de nós falou nada. Estávamos aturdidos.

Meu marido estava em um avião, fugindo do país, e a amante dele, uma das minhas amigas mais próximas, tinha sido presa por assassinar minha melhor amiga. Era o único pensamento que dava voltas e mais voltas na minha cabeça, porque eu simplesmente não conseguia superar os fatos. Coisas assim aconteciam em filmes do Lifetime. Não comigo. Minha vida estava em pedaços. Como eu juntaria os cacos?

Ainda não tinha recebido notícias de Colin. Ele sabia que Jade matara Kiersten? Foi por isso que pegou o avião sozinho? O plano original era levar Jade junto? Ou ele estava enganando a nós duas desde o início?

E Abby? Alguém já devia ter contado a ela. Pelo menos ela teria algum alívio dessa coisa horrível. Mandei mensagem para ela no caminho até em casa, mas ela ainda não havia respondido. Se bem que não demoraria muito para a notícia chegar até ela. Como isso ia afetar as coisas no caso dela no tribunal? Coitada da Brooke. Eles a tinham exaurido, e ela estivera certa o tempo todo. Eu realmente me sentia mal por ela.

— Abby? — chamei, entrando no foyer.

O carro dela ainda estava na garagem, então ela provavelmente estava lá. A menos que alguém a tivesse buscado. Liza a pegou ontem à noite.

Não houve resposta.

— Abby? — chamei de novo.

A bolsa de fraldas estava ao lado da porta, exatamente onde a deixamos na noite anterior, quando voltamos do jantar. Tudo desacelerou. A pontada no meu estômago. A leve sensação de torção.

— Abby? — chamei mais alto, e comecei a andar mais rápido pela casa. — Abby! — gritei. Eu não conseguia me livrar da sensação de perigo iminente.

Ela não estava em lugar nenhum. Nem na sala de estar nem na de TV. A cozinha estava tão impecável quanto eu a deixara. Corri para o andar de cima, subindo os degraus de dois em dois. Algo estava errado. Algo estava terrivelmente errado. As paredes da casa pulsavam com essa sensação.

Ela estava ficando no quarto de hóspedes no final da ala sul. Minha suíte favorita. É onde eu dormia quando precisava me afastar de Colin. Corri pelo corredor e abri a porta.

E congelei.

Sangue manchava a parede atrás da cama.

Um vulto jazia na cama, imóvel.

Vermelho escorria por debaixo dele. Gotejando no chão.

Tudo imóvel.

— Abby? — Minha voz era um sussurro rouco, quase inaudível.

Nada.

—Não, não, não. Por favor, Deus. Não — gritei, levando as mãos à boca. — Por favor, não. Por favor, não. — Peguei o celular no bolso e liguei para a emergência enquanto dava alguns passos hesitantes em direção à cama. Meu coração martelava no peito.

— Qual é a sua emergência?

— Acabei de chegar em casa, e minha amiga está machucada. Está muito machucada. Muito. Tem sangue por todo lado. — Meus olhos varreram o cômodo. Eu tinha esquecido de Julian. — E ela tem um bebê. Meu Deus, ele não está aqui. Ele sumiu. O bebê. Ele sumiu também.

— Tem alguém na casa? Você está segura?

Eu dei meia-volta. Meus olhos corriam para absorver tudo.

— Quer dizer, acho que sim. Eu estava fora. Acabei de chegar em casa. O alarme estava ligado, e nada disparou. Eu teria sido notificada se alguém tivesse invadido. Ninguém invadiu. Meu Deus. Meu Deus.

— Ninguém esteve na casa?

— Que eu saiba, não.

Eu me virei de novo. Observando. Escutando. Procurando.

— Ok, senhora. Você pode ver se o bebê está com a pessoa na cama? Você se sente segura?

Minhas entranhas se reviraram. Nunca estive tão assustada na minha vida. Eu não queria olhar, mas não tinha escolha.

— Vou olhar. — Dei outro passo lento e calculado.

— Não quero que você faça nada se sentir que sua vida está em perigo. O socorro já está a caminho. Você pode esperar por eles.

Eu balancei a cabeça.

— Não estou em perigo. Não posso esperar. E se ela precisar de ajuda? Ela pode precisar de ajuda.

Só porque ela estava ali daquele jeito não significava que estava morta. Mas o sangue. Havia tanto sangue na parede. Pairei sobre o corpo. A colcha estava rasgada. Havia penas flutuando no ar como neve.

Prendi a respiração enquanto puxava lentamente as cobertas. Abby estava deitada na cama. Os braços caídos para os lados. O peito escancarado. Carne escorria de suas entranhas. O rosto dela. Os braços dela. Havia cortes por toda a parte.

— Ela está morta — falei ao telefone, enquanto ouvia o som de sirenes vindo da rua.

E foi então que ouvi os gemidos. Gemidos lentos e profundos vindo do banheiro. Havia alguém lá.

— Tem alguém no banheiro — sussurrei para a atendente.

— Senhora, você está segura? Não entre no banheiro. Consegue encontrar um lugar seguro e esperar os paramédicos chegarem? Eles estão quase aí.

Mas eu já estava abrindo a porta.

Vermelho respingava no chão de azulejos de alabastro da mesma forma que no quarto. Brooke estava sentada na enorme banheira de

concreto. Nua e branca. Segurava Julian contra o peito. Havia sangue por toda a pia. Nas paredes. Na banheira. Como se alguém tivesse pintado com os dedos, mas usando sangue.

Levei a mão à boca.

— Meu Deus, Brooke. O que você fez? O que você fez?

Fiquei paralisada. Eu não queria me mover. E se eu a assustasse? Ela se agarrava ao corpo de Julian. O rosto dele enterrado no peito dela. Os lábios presos no seio dela.

Por favor, que ele esteja bem. Por favor, que ele esteja bem. Rezei silenciosamente para todos os deuses do universo. Eu encarei as costas dele, mas não conseguia dizer se ele estava respirando.

— Brooke? — chamei, com a voz mais inofensiva possível. Gentil. Amorosa. Me obriguei a falar com calma, mas ainda tremia de medo.

Foi quando notei a faca. A faca de chef da minha cozinha. Estava a seus pés. Ao lado de uma garrafa vazia de uísque. Sangue circulava e se acumulava ao redor dela. Ela estava sangrando? Era difícil dizer.

— Brooke? — repeti, e ela levantou a cabeça bem devagar.

Tudo dentro de mim se retesou. Ela nunca pareceu tão pálida. Olhos opacos e vazios. O cabelo escuro pegajoso.

Ela encolheu os ombros como se estivesse se movendo em câmera lenta e balançou a cabeça enquanto falava:

— Olhe para Julian, Whitney. Ele está mamando. Ele finalmente está mamando.

E então ela sorriu para mim.

Havia sangue nos dentes dela. Como ela conseguiu sangue nos dentes?

— Meu Deus, Brooke. O que você fez?

— Ela disse que eu podia visitar meu bebê. Ela disse que eu podia. — Todas as palavras dela estavam arrastadas.

Quem disse que ela podia? Do que ela estava falando? Eu queria perguntar, mas não conseguia. De repente minhas palavras também estavam congeladas. Assim como o meu corpo. Em choque.

— Senhora, você está bem? Com quem você está falando? — a atendente da emergência interrompeu, me trazendo de volta à realidade. Me mantendo firme.

— É minha amiga Brooke.

— Ela está bem? Ela parece ferida?

Ela parecia ter ido à guerra. Isso, sim. E se tornado uma das maiores baixas.

— Ela disse que eu podia visitar meu bebê, Whitney. Foi o que a juíza disse. Ela disse para Abby. Era tudo o que eu queria fazer. Eu só queria visitar o meu bebê. Ver o meu bebê. — O lábio inferior dela tremia.

Eu nunca a vira chorar. Nenhuma vez em tudo isso. Nem mesmo em seus discursos nas redes sociais. Algo nela à beira das lágrimas tornava tudo mais perturbador.

— O que aconteceu, Brooke? — perguntei de novo. Saiu como um sussurro.

Ela balançou a cabeça. Lágrimas grandes encheram seus olhos. Rolaram lentamente por suas bochechas.

— Eu não sei, Whitney. Eu não sei. Eu só… eu só vim vê-lo. Tudo o que eu queria fazer era ver o meu bebê. Eu sentia tanta saudade dele. Mas ela não deixava. Ela não tinha o direito de não deixar. Nenhum

direito. — Ela movia a mandíbula enquanto falava, fazendo o possível para não desabar.

Prendi a respiração. Sem querer pressioná-la. Sem querer fazer nada para provocá-la. Mas eu queria que aquele bebê estivesse bem. Eu precisava que ele estivesse bem.

Brooke lutou para continuar. A atendente da emergência estava em silêncio do outro lado do telefone. Ela não deveria me dar instruções? Dizer o que fazer?

— O que aconteceu, Brooke? — repeti.

— Eu vim vê-lo. Eu só queria vê-lo. Segurá-lo. Dar de mamar a ele. Sabe? Você sabe como é quando ficamos longe deles, Whitney. Não sabe? Você sabe como é. — Seus olhos suplicavam para que eu entendesse, e eu assenti, porque queria que ela continuasse falando. — Ela não atendia nenhuma das minhas ligações nem respondia às mensagens. Eu não sei como nos comunicaríamos ou resolveríamos qualquer coisa comigo bloqueada. Então eu vim para cá e buzinei no portão. Eu não vim machucá-la, Whitney, juro que não. — Ela soltou um soluço sufocado. — Ninguém atendeu, mas eu sabia que ela estava aqui dentro. Então pulei o portão de segurança, e ela ficou muito brava. Ficou muito brava porque eu pulei o portão. — Ela fez uma pausa, como se estivesse vendo a cena se desenrolar na sua frente. As pupilas se moviam depressa, mas as piscadas eram lentas. — Ela ficou tão brava porque eu pulei. Mas o que mais eu deveria ter feito? Eu não sabia mais o que fazer. O que mais se pode fazer? Eu só… eu só… e se, como é que eu…

Eu tive que interrompê-la.

— Brooke, querida — disse, exatamente como se falasse com uma menininha —, Julian está bem?

Ela retrucou:

— Eu nunca machucaria o meu bebê. É isso que você não entende. É isso que ninguém entende. Eu só o queria de volta. Você não pode pegá-lo. Não pode tirá-lo de mim.

— Posso vê-lo? — perguntei, gentilmente. — Eu só gostaria de vê-lo, ok? Só para saber que ele está bem.

— Ele está bem — garantiu. Ainda brava.

Mas eu não acreditei. Nem por um segundo. Eu queria rezar. Era nessas horas que pessoas com fé rezavam. Eu não tinha nada. Nada além de uma bola fria de medo no estômago.

— Vou colocar meu telefone na pia, ok? — falei, me movendo enquanto falava.

Por que os paramédicos estavam demorando tanto? Levantei as mãos como se estivesse sendo presa, mas eu queria que ela visse que estava falando sério. Que eu havia me rendido. Eu só queria saber se Julian estava bem. Algo bom tinha que sair desse dia. Aquilo não podia terminar em aniquilação completa.

— Por favor, você me mostra ele? Eu me sentiria melhor se você me mostrasse.

Ela enfim cedeu. Se moveu dolorosamente devagar, como se não quisesse que ele se afastasse. Mas o afastou aos poucos. Os grandes olhos castanhos dele piscaram para mim, e eu soltei uma pequena exclamação de alívio.

— Eu disse que nunca o machucaria.

— O que você fez com Abby? — perguntei, com som das sirenes ao fundo.

— Sra. Gilmore — a voz da atendente interrompeu minha pergunta —, o socorro está no local agora. Você fez um ótimo trabalho. Eles estarão aí para ajudá-la em breve. Ajudar todo mundo. Você fez um ótimo trabalho.

44

WHITNEY

Agora

Eu me sentei na beirada do sofá depois que a polícia e os paramédicos saíram da casa. Estava destruída. Natasha logo viria me buscar. Eu não podia ficar ali. Não naquela noite. Talvez nunca mais. Pedi a Grace para ficar no parque com Asher e não voltar para casa. Nós o pegaríamos no caminho. Eu me sentia uma casca vazia. Toda a energia vital havia sido sugada de mim. Como minha vida podia desmoronar da noite para o dia?

Ou será que tudo foi desmoronando lentamente depois que comecei a mentir para Kiersten sobre o vício de Colin em jogos? Foi quando tudo começou? Quando inseri a primeira peça de desonestidade na minha vida? Dá para viver uma vida desonesta e ainda ter coisas boas acontecendo com você? Ou era um castigo cármico por não ter cumprido minha parte do acordo? Como se Deus tivesse me dado essa pessoa linda com quem ter um relacionamento, alguém feita sob medida especificamente para mim, e eu estragasse tudo mentindo para ela. A mentira havia posto em movimento todas as outras mentiras, até que, com o passar do tempo, tudo se tornou um castelo de cartas.

Meu Deus, que saudade eu sentia dela. Colin não estava certo sobre muitas coisas, mas tinha razão sobre uma: ela era a minha pessoa. E eu não sabia o que faria sem ela.

Meu celular vibrou com uma ligação de Tommy. Era apenas questão de tempo até que ele recebesse a notícia.

— Meu Deus, Whit, eu não sei o que fazer — disse ele, assim que eu atendi.

— Eu sei. É inacreditável. Não consigo acreditar que ele faria algo assim.

— Então você sabia?

— Não. — Balancei a cabeça, mesmo que ele não pudesse me ver. — Eu não tinha a menor ideia de que eles estavam tendo um caso.

— Quem?

— Espera. Do que você está falando? — Ele tinha que saber sobre o caso. Ele era o melhor amigo de Colin.

— Do teste de DNA do bebê.

Meu estômago revirou. Só o jeito como ele disse, a gravidade na voz dele, me fez saber que aquele dia ia continuar piorando. Eu me afundei no sofá.

— Os resultados chegaram? Já? Achei que levaria mais duas semanas.

— Foi o que disseram, mas, por algum motivo, já chegaram. Lembra quando éramos crianças e costumávamos ver o programa de Jerry Springer, onde todo mundo tentava descobrir quem era o pai do bebê? — Ele não esperou que eu respondesse. — É isso que é. Alguma piada doentia e distorcida digna de programa de auditório. — A voz dele falhou. — Eu não sou o pai biológico de Rinley.

— O quê?

Aquilo era impossível. De jeito nenhum. Kiersten não teria tido um caso, e, se por alguma remota possibilidade isso tivesse acontecido, eu teria sido a primeira pessoa a quem ela contaria.

— Você ouviu direito… Rinley não é minha filha biológica.

— Sinto muito, Tommy — falei, sentindo o peso esmagador da dor dele através do telefone.

Eu me sentia anestesiada. Ou talvez estivesse apenas em choque. Aquilo era demais. Por que ela não me contou? O pai do bebê de Kiersten estava em algum lugar por aí. Ele sabia do bebê? Que ela estava morta? Há quanto tempo isso estava acontecendo? Mas não fazia sentido. Como ela poderia ter ficado tão chateada com Jade pela traição se também estava tendo um caso? E a família significava tudo para ela. É por isso que nunca conversamos sobre o que eu fazia. Ela me amava, mas odiava o que eu fazia.

— Ah, mas fica ainda pior — disse ele, antes que meus pensamentos espiralassem ainda mais.

— Do que você está falando? — As coisas não podiam piorar.

— O bebê também não era dela. — Ele soltou a risada mais perturbadora de todas.

— Você andou bebendo? — Outra risada. Ou talvez fosse um choro. Eu não conseguia dizer.

— Você ouviu o que eu disse. O bebê não era dela.

— Isso não é possível. Ela estava grávida. — Eu balancei a cabeça.

— Sim, tive que fazer Perez me explicar umas cinco vezes. De novo e de novo até que meu cérebro conseguisse registrar. Ela usou o embrião de outra pessoa.

— Isso não faz sentido. Onde ela conseguiu um embrião? Por que ela não contou? Ela achava que você diria não? Que não deixaria? E, se for esse o caso, tudo bem. Eu entendo, mas por que ela não contaria a mim? Mesmo que ela não contasse a você, ela contaria a mim — pensei em voz alta. Minhas perguntas se atropelavam mais rápido do que eu conseguia acompanhar.

— Eu não sei, Whitney. Eu não sei quem diabos ela era nem o que estava fazendo. É isso que estou tentando dizer.

Segurei o telefone diante de mim e tentei entender tudo o que ocorrera nas últimas vinte e quatro horas. Será que tudo e todos na minha vida tinham sido apenas uma mentira? E por quanto tempo?

— Eu tenho que ir — falei, baixinho.

Não tinha mais fôlego. Estava sem ar. Sem palavras.

Desliguei e deixei o telefone cair no sofá. A única pessoa para quem eu queria ligar se fora. A única com quem eu havia processado cada grande evento da minha vida desde os seis anos de idade. Eu nunca pensei que teria que processar a morte dela. Ela tinha uma vida secreta da qual eu não sabia nada? Como pude estar tão enganada sobre as pessoas mais próximas a mim?

Balancei a cabeça. Eu me recusava a acreditar que Kiersten tinha uma vida dupla secreta. Eu a conhecia profundamente. E eu podia ser má, mas ela era uma das poucas pessoas que eram boas até a alma. O que quer que tivesse feito, ela teve uma razão. Disso eu tinha certeza, porque ela era minha melhor amiga, e se não dava para confiar na sua melhor amiga, em quem poderia confiar?

45

KIERSTEN

Antes

Corri até a mesa da recepcionista e soltei um suspiro de alívio por ser Josie. Ela estava ali na primeira vez que Whitney me deixou acompanhá-la em um de seus tratamentos. Na clínica feminina superchique.

Código para: conseguimos engravidar pessoas que ninguém mais consegue.

E conseguiam.

Era um dos poucos lugares na cidade que oferecia transferências de embriões em domicílio. Cobravam um preço que apenas alguns poucos selecionados podiam pagar, mas fazer esse tipo de coisa em uma atmosfera tão relaxada e confortável aumentava a probabilidade de implantação em doze por cento.

Era por isso que eu estava ali.

— Oi, Josie — falei, indo direto à mesa dela, sem perder tempo.

Ela olhou para cima, me reconhecendo imediatamente.

— Oi, sra. McCann.

— Como vai a faculdade? Conseguiu passar em física?

Ela era uma estudante de medicina que trabalhava como recepcionista na clínica médica em tempo parcial para pagar os estudos. Sempre parecia cansada.

— Meu Deus, você lembrou — disse ela, surpresa. — Isso foi, tipo, meses atrás.

Sete semanas, para ser exata. A primeira vez que Whitney voltou para iniciar sua primeira rodada de tratamento para o bebê número dois, que estava se mostrando ainda mais difícil para ela do que o número um.

— Claro que lembrei. Lembro como a faculdade era difícil, em especial as disciplinas de ciências. — Abanei a mão para ela. E os cílios ainda mais. — Fiz astronomia no meu segundo ano porque pensei que seria uma ciência fácil — dei a ela um olhar dramático —, e, garota, acabou sendo uma das matérias mais difíceis que já fiz. Muita matemática. Não sei você, mas eu odeio matemática. Sou péssima nisso. Enfim — continuei, sem dar a ela chance de dizer algo —, estou aqui para pegar o pacote de Whitney. Ela queria poder pegar pessoalmente, mas não está se sentindo bem hoje. Sabe como esses hormônios a afetam às vezes. Ela nem consegue se afastar do banheiro. Só quer fazer isso em casa com a parteira dela.

Ela ergueu as sobrancelhas para mim.

— A parteira vai fazer a transferência em casa?

Assenti rapidamente, para que ela não se prendesse a esse fato.

— Ela já fez assim algumas vezes antes. Eles têm todo o equipamento adequado a postos. Quer ligar para ela? — Peguei meu telefone na bolsa e fingi que estava procurando o número dela.

Josie me dispensou com a mão.

— Não, está tudo bem. Sei que a médica atende clientes particulares.

Abri um sorriso e esperei enquanto ela abria o arquivo no computador. Tinha sido tão fácil agendar a consulta. Assim como foi antes, com Rinley.

Whit e eu fazíamos tudo juntas, então é claro que começamos a tentar engravidar ao mesmo tempo também. Estávamos planejando nossa vida juntas desde o jardim de infância. Nenhuma versão incluía problemas para engravidar, mas ambas tivemos. Foi por isso que acabamos na clínica de fertilidade, como pacientes. Foi ela quem nos colocou na lista. Um dos clientes tinha um contato lá.

Fizemos os mesmos exames. Picadas de agulha. Coletas de sangue. Exames de imagem. Registramos nossos ciclos, tudo. Respondemos a perguntas intermináveis. Mas foi aí que nossas semelhanças terminaram.

Whitney conseguiria engravidar perfeitamente, só precisaria de uma mãozinha.

Meu problema era um pouco mais sério. Muito mais sério. Eu poderia facilmente carregar um bebê. Meu útero estava em perfeita forma. Eu só não tinha óvulos para colocar nele. Todos os meus estavam mortos. Meus ciclos menstruais eram falsos. É por isso que sempre foram tão leves. Quem diria que isso era possível?

Eu nunca tive a intenção de mentir. Eu não era uma mentirosa. Simplesmente fugiu do meu controle, e então, uma vez que fugiu, cresceu e ganhou vida própria. Tudo começou com Tommy.

— Você já não deveria ter recebido os resultados do seu teste de fertilidade? — perguntou ele, enquanto tirávamos a mesa depois do

jantar.

Havia se passado exatamente oito horas desde que o médico me ligou e disse que era impossível para mim ter filhos biológicos. Minhas opções eram usar um óvulo doado ou adotar. Ele explicou tudo de forma muito clínica. E tudo em que conseguia pensar enquanto ele repassava as informações era: eu não aceito isso.

Talvez seja por isso que a mentira escapou tão facilmente naquela noite.

— Meu Deus. Não acredito que esqueci de contar, mas chegaram ontem. Estou bem. Por algum motivo, só estou demorando mais para engravidar, mas o médico disse para não me preocupar — falei para Tommy.

Ele me abraçou e me fez dançar pela cozinha. Eu nunca o tinha visto tão feliz. Ele estava praticamente radiante.

Passei a noite inteira dizendo a mim mesma que devia contar a verdade a ele. Deixá-lo saber o que eu havia descoberto. Não que não houvesse opções. Havia tantas escolhas disponíveis para as mulheres, escolhas que não existiam antes, mas eu simplesmente não conseguia contar a ele. Não conseguia formar as palavras. Só queria que as coisas fossem perfeitas. Nada mais.

Whitney estava perturbada com como a gravidez seria difícil para ela. Ao contrário de mim, o problema dela era o útero. Ela tinha muitos óvulos, mas seu útero queria todos mortos. Entre nós duas, éramos um par perfeito. Ela com os óvulos saudáveis, e eu com um útero bom.

Eu poderia ter pedido a ela para fazer a doação, e eu não tinha dúvida de que ela diria sim. Whitney daria o rim dela se significasse

me ajudar. Poderíamos ter mantido segredo. Tínhamos muitos deles. Ninguém saberia a menos que contássemos, mas eu não queria que ninguém soubesse. Nem mesmo ela. Eu tinha dado às pessoas motivos para acreditar que tudo ficaria bem. Ela era a melhor amiga que alguém poderia ter. Mas teria sido estranho. Estranho demais. Estávamos juntas quase todos os dias, e será que conseguiríamos esquecer que, tecnicamente, meu bebê era metade dela? E se as duas criassem um vínculo? O que aconteceria então?

Quando ela foi me visitar no hospital depois que Rinley nasceu, todos os meus monitores cardíacos dispararam, porque minha pressão arterial subiu. As enfermeiras correram para o quarto para ver o que estava acontecendo. Pensaram que fosse algo relacionado às quedas que aconteciam no pós-parto, mas eu tinha acabado de entregar meu bebê à sua mãe biológica e estava aterrorizada com o que aconteceria. Quão profundamente os genes que identificam nossos pais estavam incorporados ao nosso DNA? Ela a reconheceria?

Mas Rinley mal se mexeu. Ela tinha apenas horas de vida. Sabe como algumas pessoas têm filhos que são uma cópia de si mesmos? Era isso que eu temia que acontecesse. E se ela fosse idêntica a Whit? O que eu faria?

Mas ela não era. Houve momentos em que eu percebia, porém, mesmo que ela tivesse apenas alguns meses de idade. Ela estava começando a sorrir bastante, e algo naquele sorriso banguela tinha a cara de Whitney. A recepcionista pegou o saco de papel pardo e o entregou a mim. Eu sabia o que fazer. Quarenta e oito horas. Agradeci a ela e corri para o carro.

Eu conseguiria fazer isso? Uma segunda vez? Estava forçando a barra? Pedindo demais?

Mas queríamos dois. Duas crianças perfeitas em nossa casa perfeita para completar nossa família perfeita. Coloquei a sacola no assento ao meu lado, posicionando-a delicadamente no pequeno cooler. Prendi o pacote com o cinto de segurança, como se fosse uma criança. Uma vez descongelados, eles tinham quarenta e oito horas antes de estragar. Uma data de validade, como leite.

Tommy sairia às cinco e ficaria fora o fim de semana todo. Ele ia com Colin para um festival de música para ver bandas das quais nunca ouvi falar. Eu tinha comprado os ingressos para o aniversário dele com as datas específicas em mente e já deixara Rinley com meus pais para passar a noite. A parteira deveria estar me esperando quando eu chegasse em casa.

E então eu tomaria um longo banho quente. Exatamente como já havia feito antes. Ficaria bem relaxada. Me prepararia.

Bebê número dois.

Dedos cruzados. Lá vamos nós.

Agradecimentos

Muito obrigada à minha equipe editorial da Thomas & Mercer e à minha agente, Christina Hogrebe. Agradeço a todos vocês, e sou muito grata por termos conseguido trazer mais um livro ao mundo. E a todos os meus leitores, novos e antigos. Eu ainda escreveria histórias mesmo que não houvesse ninguém para quem contá-las, mas fico feliz que vocês gostem delas e se divirtam sendo traumatizados. Obrigada por me acompanharem nesta jornada maluca.

Sobre a autora

Lucinda Berry é autora best-seller do USA Today, formada em psicologia e pesquisadora sobre trauma da infância. Ela escreveu inúmeros livros best-sellers, alcançando milhares de leitores no mundo todo. Entre eles estão A filha perfeita, Saving Noah, When she returned e Mentiras submersas. Suas obras tiveram direitos visuais adquiridos, e também foram traduzidas para diversos idiomas.

Se Lucinda não está por aí correndo atrás do próprio filho, você pode encontrá-la correndo por Los Angeles, enquanto se prepara para sua próxima maratona.

Saiba mais em: lucindaberry.com

Sumário

Capa

Créditos

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36

Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45

Agradecimentos

Sobre a autora